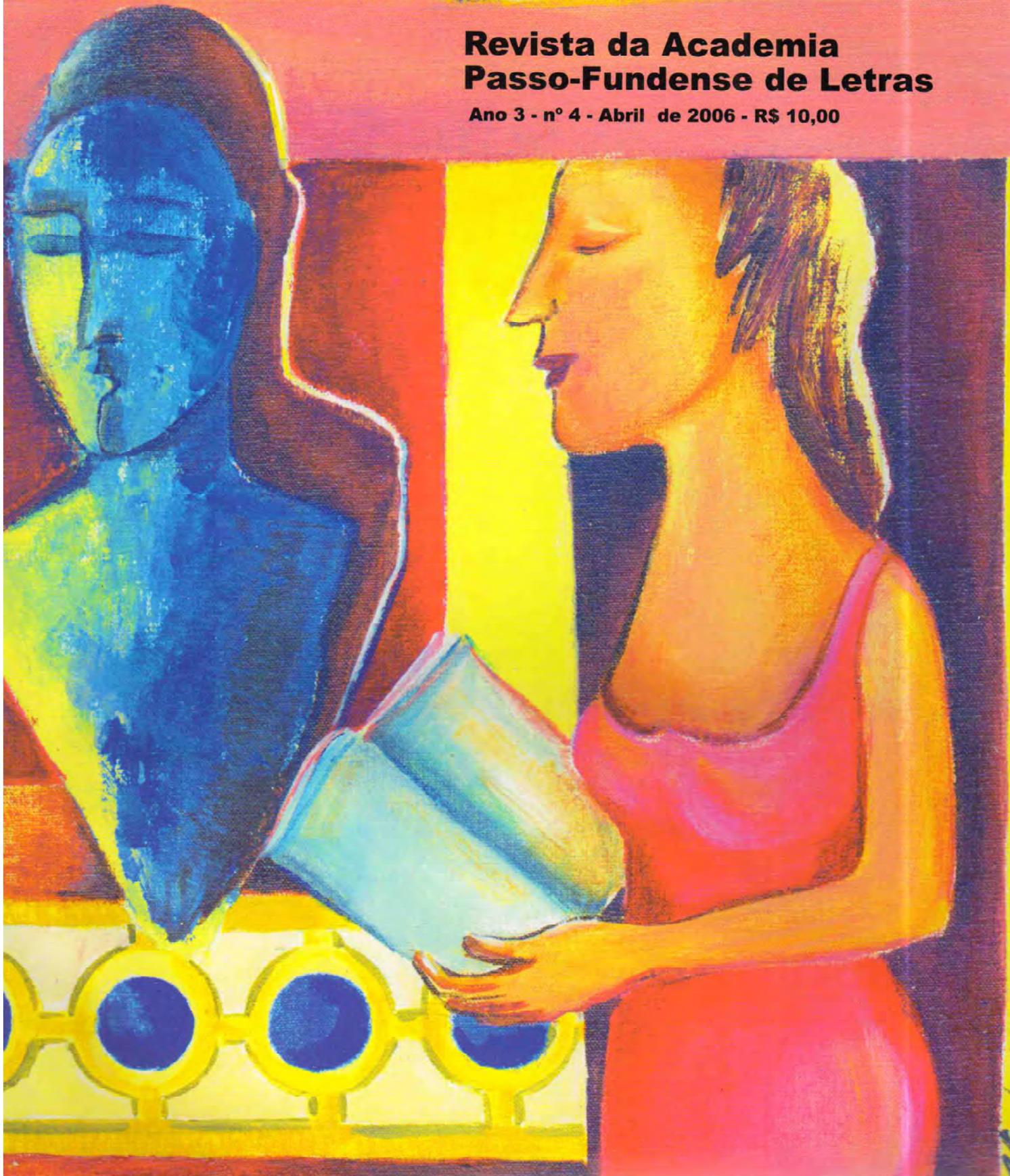


água da fonte

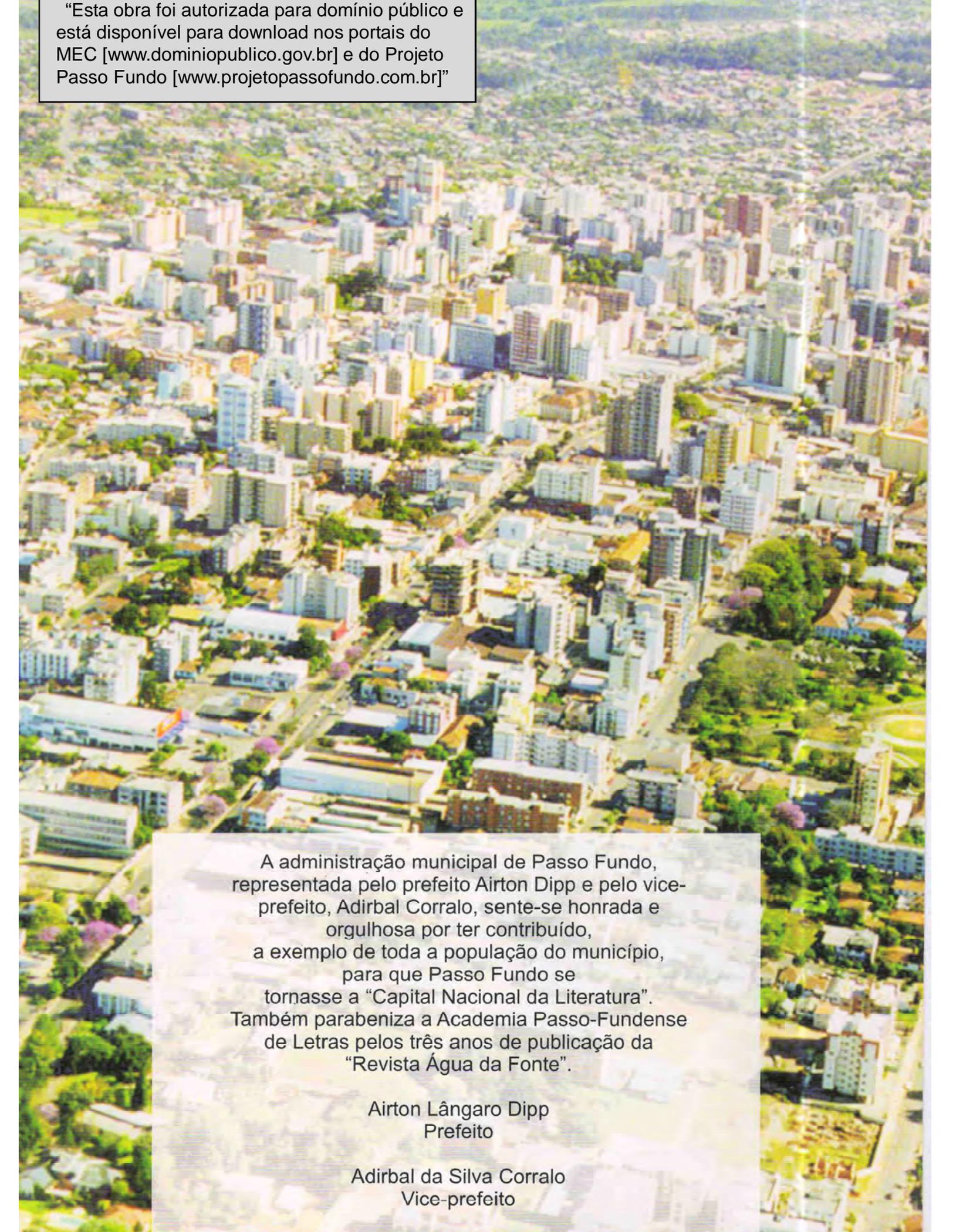
**Revista da Academia
Passo-Fundense de Letras**

Ano 3 - nº 4 - Abril de 2006 - R\$ 10,00



Maria Tereza Passato

“Esta obra foi autorizada para domínio público e está disponível para download nos portais do MEC [www.dominiopublico.gov.br] e do Projeto Passo Fundo [www.projetoportunidade.com.br]”



A administração municipal de Passo Fundo, representada pelo prefeito Airton Dipp e pelo vice-prefeito, Adirbal Corralo, sente-se honrada e orgulhosa por ter contribuído, a exemplo de toda a população do município, para que Passo Fundo se tornasse a “Capital Nacional da Literatura”. Também parabeniza a Academia Passo-Fundense de Letras pelos três anos de publicação da “Revista Água da Fonte”.

Airton Lângaro Dipp
Prefeito

Adirbal da Silva Corralo
Vice-prefeito



Fundada em
7 de Abril de 1938

Av. Brasil Centro, 792 - Sede Própria
99010-001 Passo Fundo. RS

Presidente:

Antônio Augusto Meirelles Duarte

Vice-presidente:

Paulo Domingos da Silva Monteiro

Secretária geral:

Santina Rodrigues Dal Paz

Tesoureiro:

Welci Nascimento

Membros efetivos:

Alberto Antônio Rebonatto

Alori Batista Castilhos

Ana Carolina Martins da Silva

Antônio Augusto Meirelles Duarte

Carlos Alceu Machado

Carlos Roberto da S. Hecktheuer

Craci Teresinha Ortiz Dinarte

Dilse Piccin Corteze

Daniel Viuniski

Edgar Oliveira Garcia

Elisabeth Souza Ferreira

Euripedes Facchini

Francisco M. Garcia (Xico Garcia)

Getulio Vargas Zauza

Gilberto Rocca da Cunha

Helena Rotta de Camargo

Hugo Roberto Kurtz Lisbôa

Ineiu Gehlen

Jabs Paim Bandeira

Jorge Alberto Salton

Jurema Carpes do Valle

Luiz Juarez Nogueira de Azevedo

Marco Antonio Damian

Milton Guimarães da Silva

Ney Eduardo Possapp d'Ávila

Osvandré Lech

José Antonio Machado (Pablo Morenno)

Paulo Domingos da Silva Monteiro

Pedro Ari Veríssimo da Fonseca

Ricardo José Stolfo

Rogério Sikora

Romeu Carlos Alziro Gehlen

Santina Rodrigues Dal Paz

Santo Claudino Verzeleti

Selma Costamilan

Welci Nascimento

Editorial

Capital Nacional da Literatura

A lei 11.264 (D.O.U., 3 de janeiro de 2006), proposta pelo deputado Beto Albuquerque, aprovada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, declarando Passo Fundo como Capital Nacional da Literatura é, na mais exata acepção do termo, uma conquista histórica.

Desde o "Clube Amor à Instrução", no século 19, que possuía uma rica biblioteca, da qual alguns exemplares ainda restam na Biblioteca Pública de Passo Fundo, passando pela criação do "Grêmio Passo-Fundense de Letras", em 7 de abril de 1938, hoje "Academia Passo-Fundense de Letras", até nossos dias, com destaque para a Jornada Nacional de Literatura da UPF, parece que o amor aos livros e à literatura está plasmado no sangue de nossos munícipes.

A professora Tania Rösing – e tantos quantos tenham estado ao seu lado nessas duas décadas de Jornada Nacional de Literatura – "apenas" deram continuidade a um processo histórico iniciado há cento e tantos anos. E é exatamente isso que faz a grandiosidade da Jornada e do trabalho da professora Tania, o "apenas", que tanto nos tem faltado ao longo da história. O "apenas" é o que faz a vocação histórica se realizar concretamente. O "apenas" de ontem é que se transforma no muito de hoje. E esse "apenas" feito pela professora Tania é o que de maior se fez, até hoje, para projetar Passo Fundo na área cultural, especialmente no mundo das letras.

Agora que Passo Fundo é, por força de lei, a Capital Nacional da Literatura, espera-se dos passo-fundenses e dos

agentes públicos que, com responsabilidade social, "apenas" façam sua parte. Apóiem também a literatura local, as nossas instituições culturais, entre as quais a Academia Passo-Fundense de Letras, que, de forma profissional ou amadoristicamente, visam, acima de tudo, tão somente à manutenção da nossa cultura nas suas mais diferentes formas de expressão. E foi "apenas" continuando o seu já meritório e consagrado trabalho que a professora Tania, com o apoio da UPF, legou, recentemente, à comunidade passo-fundense, um anteprojeto que, por meio de uma profunda re-estruturação dos seus espaços urbanos, caso venha a ser implementado, poderá fazer com que nossa cidade efetivamente venha a se orgulhar da honraria de ser conhecida como a Capital Nacional da Literatura. Todavia, antes de monumentos e novos espaços culturais, para efetivamente fazermos juz a esse título, talvez, o início de tudo seja a erradicação do analfabetismo que insiste em continuar persistindo na terra da Jornada Nacional de Literatura (seis mil adultos). Ou, quem sabe, melhor preservar os prédios históricos de nossa cidade, como o museu Ruth Schneider, o teatro Múcio de Castro e acabar de vez as obras de restauração do edifício sede da Academia Passo-Fundense de Letras.

Cada um fazer "apenas" a sua parte, justificando a lei que nos transformou em cidadãos e cidadãs da metrópole brasileira das letras, não é mais "apenas" um dever moral. É uma obrigação legal, senhores representantes do povo passo-fundense!

Água da Fonte

Revista da Academia Passo-Fundense de Letras
Ano 3 - nº 4 - Abril de 2006

Editores: Gilberto R. Cunha e Paulo Monteiro

Conselho editorial: Getulio Vargas Zauza, Helena Rotta de Camargo, Jurema Carpes do Valle, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Santina R. Dal Paz, Santo Claudino Verzeleti e Welci Nascimento.

Arte-final e diagramação: Everaldo Siqueira

Capa: Nadja Rossato

Tiragem: 1.200 exemplares

A Academia Passo-Fundense de Letras não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos em textos assinados.



Acadêmica Santina Dal Paz é educadora emérita



Santina Dal Paz recebe do Irmão Onorino Moresco, o título de Professora Emérita da Feira do Livro 2005

A Academia Passo-Fundense de Letras e os meios educacionais foram destacados por ocasião da Feira do Livro de 2005. Os promotores elegeram como Educadora Emérita de 2005 a acadêmica e professora Santina Dal Paz. A sua presença no magistério de Passo Fundo, por três décadas, marcou todo o seu valor, participando e dirigindo os principais estabelecimentos de ensino público da cidade. Por ocasião da entrega do título, coube ao irmão marista Onorino Moresco, diretor da Escola Marista Nossa Senhora da Conceição, a distinção de representar os organizadores da feira.

Biblioteca pública

No decorrer do ano de 2005, a Biblioteca Pública Municipal realizou diversas atividades. A diretora da biblioteca, professora Marilza Bragagnolo, sempre convidou a Academia. Esta se fez presente através de diversos acadêmicos, que realizaram palestras para alunos de escolas públicas. Ao mesmo tempo, estão sendo disponibilizadas biografias de autores passo-fundenses, para pesquisa da comunidade.

Novos acadêmicos

(FOTOS: ARQUIVO APL)



A Academia Passo-Fundense de Letras, no encerramento das atividades acadêmicas de 2005, preencheu sete cadeiras vagas, por falecimento ou transferência de domicílio de seus titulares. As inscrições ultrapassaram o número de cadeiras existentes, devendo, em 2006, ser aberta nova inscrição para mais cinco cadeiras. Os

novos acadêmicos, que tomaram posse em março de 2006, quando da abertura do ano acadêmico, são os seguintes: Alberto Antonio Rebonatto, Alori Batista Castilhos, Dilse Piccin Corteze, Francisco M. Garcia, (Xiko Garcia), José Antonio Machado (Pablo Morenno), Marco Antonio Damian e Selma Costamilan.

O novo e o velho prédio

O processo de reconstrução do prédio da Academia Passo-Fundense de Letras, que se arrasta desde 1992, fez com que o sodalício recebesse visitas de diversos secretários municipais. No dia 15 de janeiro de 2005, foi a secretária municipal de Cultura, Desporto e Turismo, Tânia Cogo; no dia 4 de março, o secretário do Planejamento, Giovani Corralo, o secretário da Saúde, Alberi Grandi; no dia 12 de março, novamente o secretário Giovani Corralo, acompanhado pelo secretário do Planejamento, Alberto Poltronieri, e o procurador geral do Município, Euclides Serapio Ferreira.

Três dias depois nova reunião, agora no gabinete do prefeito. Além dos acadêmicos Antônio Augusto Meirelles Duarte, Welci Nascimento, Paulo Monteiro, Helena Rotta de Camargo, Santina Rodrigues Dal Paz, Jurema Carpes do Valle e Santo Verzeleti, participaram os secretários Giovani Corralo, Alberto Poltronieri, César Raimundo Bilibio (Fazenda) e o procurador geral, Euclides Serapio Ferreira. A reunião foi coordenada pelo vice-prefeito, Adirbal Corralo, comunicando que as obras seriam iniciadas em breve.

História da Ortopedia

Osvandré Lech é um dos editores da obra "SBOT 70 ANOS - CONSTRUINDO A ORTOPE-DIA BRASILEIRA", lançada durante o 37º Congresso Brasileiro de Ortopedia, em Vitória, ES, em novembro de 2005. O livro oferece uma perspectiva histórica da entidade e resgata a trajetória da ortopedia no Brasil. Além de apresentar uma visão atual desta entidade médica que agrupa 8.500 membros, uma das maiores do mundo. Sob a coordenação de Osvandré Lech (RS) e Renato Graça (RJ), foi possível compilar mais de 600 fotos, 200 páginas de texto, obtidas em todo o país através de 130 colaboradores.



Autores passo-fundenses

Dentro das comemorações da Semana do Município, que lembra a instalação da Câmara Municipal no dia 7 de agosto de 1857, foi realizada, entre 1º e 6 de agosto, na sede da APL, uma exposição com centenas de livros escritos por autores de Passo Fundo. Alunos de diversas escolas prestigiaram o evento.

Cultura italiana

No dia 24 de setembro, com um coquetel e presença de grande público, na sede da APL, foi aberta uma exposição itinerante de fotografias da região do Friuli/Udine, na Itália, promovida pelo Centro Cultural Anita Garibaldi. Até 30 de setembro, quando a exposição foi encerrada, 830 pessoas registraram seus nomes no Livro de Presenças.

Histórias que fazem bem

Jorge Luiz Niederauer de Lima acaba de lançar, pela Casa do Consolador/Imperial Artes Gráficas de Passo Fundo, o livro "Histórias que Fazem Bem", coletânea de crônicas, desenvolvidas a partir de apólogos, fábulas, lendas e outros tipos de histórias, adaptadas com a própria redação do autor e de acordo com seu entendimento, baseado no kardecismo. Jorge, que já foi membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras, é autor de diversas obras, próprias ou psicografadas, e tem outros livros prontos para o prelo.

As ruas de Passo Fundo

Revestiu-se de pleno êxito o lançamento de mais um livro do acadêmico Welci Nascimento. As Ruas de Passo Fundo do Século XIX, editado com o apoio da Prefeitura Municipal de Passo Fundo, está sendo lido avidamente, em especial por professores e alunos das escolas passo-fundenses. Fartamente ilustrado, o livro também foi muito bem recebido pelos demais setores da comunidade.



Welci Nascimento (E) ao lado de Paulo Monteiro e do prefeito Ailton Dipp

Aniversário



O aniversariante (C) e seus colegas da Academia de Ciências Contábeis

Na sede da Academia Passo-Fundense de Letras, no dia 05 de novembro passado, reuniram-se, com o presidente Meirelles Duarte, membros da referida academia, e integrantes da Academia de Ciências Contábeis do RS e do Centro Cultural Ítalo-Brasileiro Anita Garibaldi. O encontro teve por objetivo cumprimentar o acadêmico Santo Claudino Verzeleti, pela passagem do seu aniversário. Foi uma confraternização entre entidades e amigos, com direito a bolo e velinhas azuis.

Lançamentos de livros

No ano de 2005, foram lançados quatro livros nas dependências do prédio-sede da Academia Passo-Fundense de Letras.

No dia 27 de julho, a jovem escritora Gabriela Rotta de Camargo lançou "Os Livros que Fazem Voar", durante um coquetel com a presença de convidados e amigos.

Exatamente um mês depois foi lançado o livro Poesias, do poeta Elisomero Moura (já falecido), que integrou os quadros da APL. Estiveram presentes acadêmicos, familiares e amigos do poeta lagoense.

"Velas ao Vento", livro de poemas, da

passo-fundense Jane Finardi Pimentel, hoje residente em Porto Alegre, foi lançado no dia 23 de outubro. Numerosa assistência prestigiou o evento,

inclusive uma delegação vinda especialmente da Capital do Estado.

Também o acadêmico Ricardo Stolfo, diretor de redação da revista Espaço & Desing, optou pelo lançamento de mais um número do periódico na sede da Academia. O fato aconteceu no dia 25 de outubro.

Encerrando o ano, em 15 de dezembro, houve o lançamento do livro "Pensamento, Opinião, Palavra...", com trabalhos de crianças especiais da APAE de Passo Fundo.

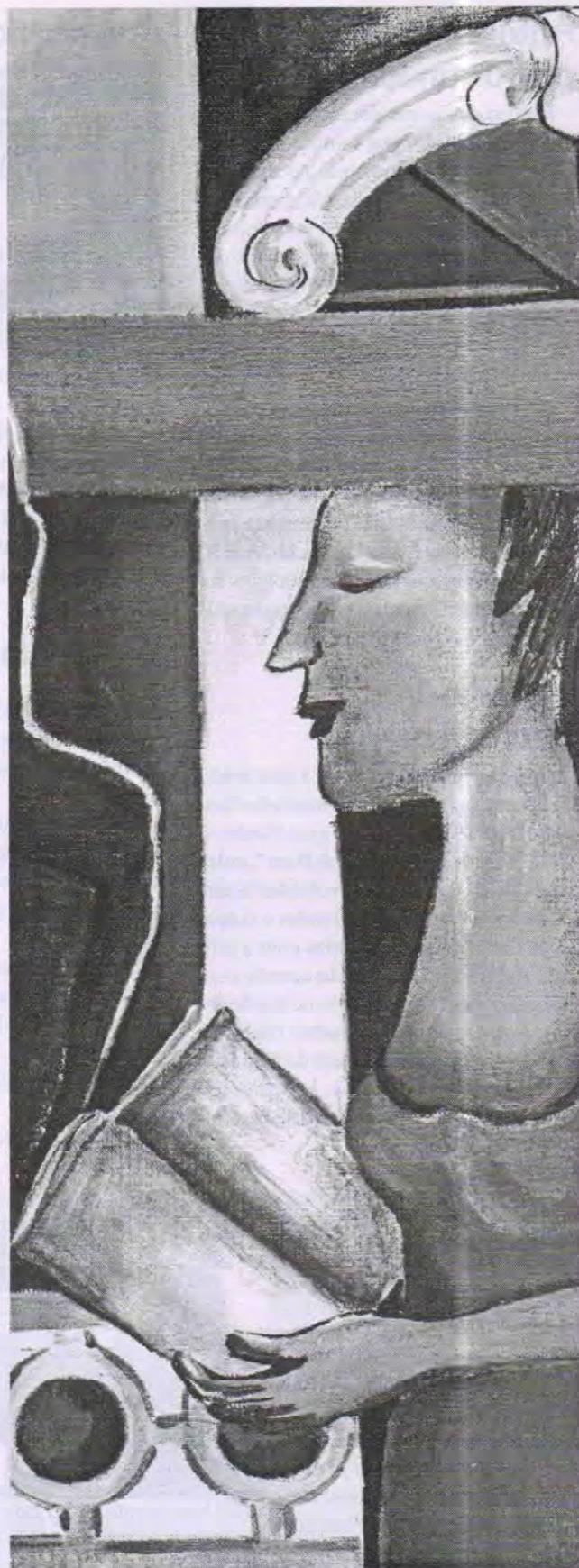
Alimentação infantil

O acadêmico Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, cada vez mais preocupado com a alimentação das crianças, desde a concepção até a formação dos órgãos vitais, lançou, em 2005, uma obra fundamental para a Puericultura brasileira. Trata-se da "Alimentação Fisiológica da Criança", que circulou como encarte do jornal O Nacional.



Sumário

Editorial	1
Informe acadêmico	2
Minha História do Pulador	5
Gabriel Bastos, poeta e prosador	8
A Atlântida	10
Aborígenes pan-americanos	11
Grêmio Literário União de Ideais	12
Grêmio Literário União de Ideais: Traços de sua breve existência	14
Inauguração oficial do Clube Hípico Gehlen	16
O início do futebol em Passo Fundo	18
O Mário dos Pampas	20
Aviso de chegada	22
O Encontro das Academias Brasileira e Passo-Fundense de Letras	23
Panegírico de Orfelina Vieira Melo: Fostes uma mulher	24
O primeiro líder comunitário de Passo Fundo	26
As formigas	30
A arte como brinquedo	31
Revisitando o discurso de posse	32
Um poeta antitético	34
Obra do acadêmico Ellsomero da Costa Moura lançada na Academia de Letras	37
A tradição do lazer entre os imigrantes	38
O casarão	40
A inteligência das elites	42
130 anos da Imigração Italiana: A façanha de nossos avós	44
O biodiesel e a saúde	45
O futebol e a pacificação de Passo Fundo	48
O segredo dos Incas	50
Sabino Santos	51
Imigração Italiana no RS: história e mito	52
A mulher colona	54
La donna colona	55
Troféu mérito Taljan	56
Personagem da nossa História: Prestes Guimarães	57
Um presépio no coração do mundo	58
Os "desenhos" e a formação da criança	60
Entrevista: José João Holzbach	61
Quase aforismos	65
A nossa vida... de transição em transição	66
Uma breve história da precaução	68
O professor como leitor	70
Aversão e amizade	71
O centenário de Túlio Fontoura	72
Mentiras	74
Vacinação contra a gripe em Passo Fundo	76
Hospitalização e o teste de gravidez	77
O tempo	78
Locatelli – Um gênio da pintura	80
A magia das tintas	81
A metamorfose do cavalo morto	82
Alcides Maya	83
Necrológico: Deoclides Czamanski "vlu" Passo Fundo crescer	84
Dados biográficos do Dr. Daniel Dipp	86
Ética na agricultura	88
A cultura gaúcha	90
Necrológico: Álvaro Vargas Junqueira da Rocha (1927-2005)	91
Orfelina Vieira Melo (1939-2005): Uma mulher, várias faces	92
Preservando a memória dos marcos históricos do Pulador	95
O gaúcho serrano	98
Necrológico: Álvaro Severo de Miranda (1921 – 2005)	101
Os escritos do General Antônio Ferrelra Prestes Guimarães: aspectos literários	102
Batalha do Pulador	106
Joões Literários Erico Veríssimo: Clarissa e Música ao longe	110
Um mundo surpreendentemente pequeno	114
Pioneirismo em Passo Fundo	116
Acadêmico Camillo Leônico Ribeiro	118
O fiscal do banco	120
Exercícios de ter esperança	122
Ícone desfeito	123
O acadêmico que escreveu números	124



Maria Divina na Academia (acrílico sobre tela - 24x30),
Nadja Rossato - 2005

Minha História do Pulador



(FOTOS: ARQUIVO LINDOLFO KURTZ)

Ruína da sede da fazenda de Antonio Mello, já sem o telhado

LINDOLFO KURTZ

Na minha infância tínhamos o hábito – meu pai e eu – de fazer longas caminhadas, aos domingos, nos matos que naqueles tempos circundavam a cidade. Apenas em dias de chuva deixávamos de fazer o passeio, o que para mim era um desgosto.

Com um bernal abastecido de galinha na farofa, rapadura e biscoito, além do guarda-chuva, bem cedo, saíamos e passávamos o dia colhendo ervas medicinais, que meu pai conhecia bem, e frutas silvestres; balançando-nos em cipós, vendo e ouvindo pássaros, tomando banho no arroio de águas límpidas e voltando para casa à noite, cansados, mas felizes. Esses passeios deram-me resistência física às caminhadas que até hoje pratico.

Certo sábado, meu pai me disse que no dia seguinte iríamos a um lugar muito importante. Saímos ao clarear do dia e horas depois chegamos numa coxilha, o que me pareceu estranho, já que nossos passeios eram invariavelmente em matos. Nesse local tinha uma laje de pedra avermelhada, implantada no solo, medindo

do mais de metro de altura por meio de largura, com inscrições gravadas, registrando que uma grande batalha ali se travara. Só pela fisionomia séria que meu pai demonstrava, naquele momento - ele que era normalmente brincalhão e risinho -, percebi que, realmente, ali havia acontecido algo muito grave. E meu pai disse-me que nesse local havia acontecido uma terrível batalha, confirmando a gravação na pedra. Em seguida fomos para outra coxilha, onde outra pedra idêntica registrava o acontecido.

À noite estávamos de volta à casa, cansados. Na verdade, eu não havia achado muito interessante esse passeio, pois criança não aprecia fatos históricos.

Passaram-se os anos e muito mais tarde fui trabalhar em Carazinho, para onde ia às segundas-feiras, pelo trem que era chamado “passageiro” e, aos sábados à tarde, voltava para Passo Fundo pelo mesmo trem. Cada vez que passávamos por aquele local, de dentro do vagão, eu via aqueles marcos na solidão das coxilhas. Foi quando me veio a idéia de fazer alguma coisa pela sua preservação, pois assim como estavam seria fácil serem retirados.

A esse tempo praticamente era des-

conhecida a Batalha do Pulador, pois mesmo nos colégios, nas comemorações do aniversário de Passo Fundo, enfim, na história de nossa terra, pouco difundida, nada se falava nem se conhecia a esse respeito. Apenas alguns moradores mais antigos ouviram falar do ocorrido, sem conhecer melhor os fatos. O Instituto Histórico e Geográfico de Passo Fundo tinha integrantes que conheciam a história desse importante combate, mas não era divulgado para a coletividade. Apenas na obra de Antonino Xavier, “ANNAES DO MUNICÍPIO DE PASSO FUNDO”, havia registro desse combate, mas sua obra, embora valiosa, não era difundida, nem a coletividade tinha interesse em conhecer a história de sua terra, como tem hoje, graças, em grande parte, ao curso de História da UPF.

Estive no Pulador muitas vezes, tirando fotografias dos marcos, bem como das ruínas da sede da fazenda de Antonio Mello, em cujas terras ocorreu o sangrento episódio. Nas primeiras fotos, a ruína ainda tinha a maior parte do telhado e todas as paredes ainda em pé, porém, tudo o que era de madeira - assoalho, forro e aberturas - não mais existiam. Foi numa dessas oportunidades que



Solenidade realizada no governo do Dr. Firmino Duro, 6 de agosto de 1981

verifiquei, nas paredes internas, amareladas pelo tempo, muitíssimas manchas escuras, que presumi serem de sangue, pois aquela casa serviu de improvisado hospital (ou enfermaria), para atendimento dos feridos da força republicana. Quando verifiquei, em uma das paredes, o sinal de uma mão ensangüentada que se apoiou nela e escorregou para baixo, deixando nítidos sinais dos dedos ensangüentados, minha suposição confirmou-se. E quando levei um médico ao local, ele me esclareceu que realmente eram marcas de sangue que penetrou nos poros da parede e, em contato com o oxigênio do ar, oxidou o ferro contido no sangue. Assim, posso dizer que pus minha mão no sangue dos combatentes, quase um século depois do triste acontecimento.

Em várias oportunidades voltei àquele local, tirando fotografias, até que um dia encontrei as ruínas sem telhado, e, poucos anos depois, já não existiam, derrubadas que foram pelo novo proprietário das terras, que colocou os escombros em uma barroca, sem se dar conta de seu valor histórico.

O que mais me preocupou foi a informação que me passou um peão da granja. Contou ele que o gerente havia dito várias vezes não gostar daquele marco, situado a uns duzentos metros para dentro da propriedade e que qualquer dia mandaria tirar e jogar dentro da barroca.

Preocupado com isso, e sem saber o que fazer para preservar o marco, dirigi-

me ao "O NACIONAL", naquele tempo na Avenida Brasil, explicando a situação ao redator da época, o jornalista Ivaldino Tasca. Este fez publicar, na edição seguinte do jornal, um alerta a respeito da ameaça que pairava sobre o marco.

No dia seguinte ao da edição, apareceu o gerente da granja, com um exemplar na mão, declarando que sua intenção não era destruir o marco, mas sim colocá-lo para o lado de fora da cerca. Alguns dias depois fui conferir e, realmente, o marco havia sido retirado de seu lugar original e colocado fora da cerca, junto à estrada, o que aumentou o risco de desaparecer.

Em junho de 1981, procurei o prefeito, Dr. Firmino Duro, e lhe informei a respeito do risco que corria esse marco histórico, tendo ele se interessado muito pelo assunto, tanto que, de imediato, me convidou para levá-lo ao local. Em chegando aos marcos, ele leu as inscrições, e, vendo que estávamos no dia 27 de junho, perguntou-me se eu o procurara nesse dia por ser o aniversário da batalha. Respondi que foi coincidência, porquanto eu nem havia prestado atenção ao dia em que nos encontrávamos.

Embora já estivesse concluído o programa de comemoração da Semana do Município, a ser festejada em agosto, pedi-me ainda o prefeito que eu fizesse um plano rápido e econômico, para melhorar a situação dos marcos, e inserir uma solenidade nos referidos locais. Na mesma oportunidade, visitamos o se-

nhor Victor Lacorte, proprietário da gleba leste, onde se situa o marco referente à posição do exército revolucionário, tendo o Dr. Firmino Duro manifestado interesse que o pequeno espaço, de 10m x 10m, fosse transferido para o Município, a fim de garantir a permanência dele sem contestações futuras. O sr. Victor Lacorte declarou que aquele espaço, a partir dali, já era do Município, sem necessidade de qualquer documento, que bastava a sua palavra e que seus filhos já sabiam disso.

Efetivamente, ao chegar a Semana do Município, o modesto, mas útil, melhoramento, fora concluído, conforme projeto que fiz, inclusive o cercamento em torno dos marcos. Realizou-se então uma bela cerimônia cívica, com a presença de autoridades, vereadores, professores e cidadãos em geral, inclusive moradores do distrito de Pulador, que eu já havia convidado pessoalmente alguns dias antes.

A solenidade constou de uma visita ao marco oeste, local onde se situaram os combatentes legalistas, retornando ao marco leste, onde se posicionou o exército revolucionário. Nessa oportunidade, a convite, usei da palavra, fazendo comentários sobre o trágico acontecimento. Momento muito emocionante foi quando o corneteiro da Brigada Militar tocou o "Silêncio", com aquele som triste do clarim ecoando pelas coxilhas e canhadas. Era o dia 6 de agosto de 1981.



Primeira encenação da Batalha do Pulador, durante a inauguração dos capitéis, em abril de 1988

No governo do prefeito Fernando Machado Carrion, com apoio da prefeitura e lojas maçônicas, foram construídos capitéis para a proteção dos dois marcos. Fez-se uma bela cerimônia de inauguração, inclusive uma simulação da batalha, com aproximadamente 200 brigadianos usando o fardamento da época, trazidos de Porto Alegre especialmente para o evento. Os revolucionários foram representados por gaúchos da região, armados de garruchas e lanças. Foram disparados tiros de festim, o que causou susto a muitos dos presentes.

Na administração do prefeito Osvaldo Gomes, foi realizada, no local, grandiosa cerimônia, comemorando os cem anos da batalha, oportunidade em que foram descerradas placas relativas à data. Na oportunidade, a convite da organizadora da cerimônia, secretária Lourdes Canelles, usei da palavra, tecendo considerações relativas ao fato histórico ali ocorrido.

Informações complementares:

- As pedras de arenito, com que foram feitos os marcos, não existem em nossa região. Devem ter sido trazidas da região do Vale do Sinos ou de Santa Rosa, no noroeste do Estado.

- Os dizeres foram gravados em 1898, por Thomaz Canfield, e foram ali colocados em 24 de fevereiro de 1900, em cerimônia da qual existe minuciosa ata.

- Além dos dizeres relativos à batalha, os marcos têm também gravados a cruz cristã e, ao lado, símbolos maçônicos. Não se sabe quem ou qual a instituição que os instalou.

- No cinquentenário da batalha, em 1944, foi realizada grande cerimônia, inclusive com trem especial levando populares ao local. Daí em diante o fato caiu no esquecimento.

- O grande bosque de eucaliptos hoje existente entre os locais dos dois marcos não existia na época da Revolução. Foi plantado na década de 1970.

- Não foi inaugurado o uso da metralhadora durante a batalha. Ela já tinha sido usada, pelo menos, no cerco da Lapa, no Paraná, vários meses antes.

- Há historiadores que denominam a Batalha do Pulador como Batalha (ou combate) do Umbu. Trata-se de uma confusão. O combate do Umbu ocorreu em 16 de janeiro de 1894. O engano ocorre porque nesse local, o Umbu, pouco adiante da capela de São Miguel, o exército revolucionário defrontou-se com uma patrulha legalista, sendo trocados alguns tiros. Dita patrulha recuou, atraindo os revolucionários até o local, no Pulador, onde ocorreu a grande batalha.

- O senador José Gomes Pinheiro Machado, organizador da poderosa Divisão do Norte, nunca esteve combatendo em Passo Fundo. Quem esteve foi seu irmão, Salvador Pinheiro Machado, que comandava um regimento legalista e governou o Estado entre 1917 e 1918.

- Manoel Nascimento Vargas, pai de Getúlio, nunca esteve combatendo no Pulador. Parece-me que a confusão se origina do fato de ter nascido no Pulador, e ter sido, aos dezoito anos, voluntário na Guerra do Paraguai, de onde nunca mais voltou.

- Em 1986 fui procurado pelo Dr. Manoel Vargas, o Maneco, filho de Getúlio

Vargas. Pedeu-me que o levasse ao Pulador, pois queria conhecer o local da mais violenta batalha da Revolução, bem como o povoado onde nasceu o avô, Manoel do Nascimento, porquanto estava escrevendo sua biografia. Tinha esperança de encontrar a casa em que nasceu o avô, o que dificilmente poderia ocorrer. Consultados diversos moradores, ninguém soube informar nada. Quanto ao combate, o Dr. Maneco me assegurou que seu avô nunca esteve combatendo aqui.

- Quanto à denominação dessa batalha, os historiadores referem-se a ela como Batalha (ou combate) do Pulador, Combate do Campo dos Mello ou, ainda, Batalha Campal de Passo Fundo.

- Há outro fator relacionado com o local da batalha, que envolve aspectos transcendentais dos quais não tenho entendimento, mas que mais tarde pretendo abordar.

Sinto-me feliz em haver contribuído com o resgate de um acontecimento tão grave e tão importante (mil vezes não tivesse ocorrido!) para a história de minha terra.

Vejo com muita satisfação que hoje são feitas pesquisas, palestras, visitas turísticas, desfile de cavaleiros em simulação de batalha. Enfim, acredito que o acontecido, embora trágico, encontra-se agora inserido na história de Passo Fundo.

(Lindolfo Kurtz, atualmente residindo em Porto Alegre, é sócio correspondente da Academia Passo-Fundense de Letras, da qual foi membro titular por vários anos.)

Gabriel Bastos, poeta e prosador

PAULO MONTEIRO

Quando estudamos a literatura passo-fundense, verificamos que existem algumas personalidades significativas em nível local, e tão desconhecidas quanto nossa própria história. Gabriel Bastos, comerciante, organizador da sociedade civil, político militante, poeta e prosador, é uma dessas figuras.

Delma Rosendo Gehn, incansável pesquisadora, afastada da vida social por uma longa e pertinaz enfermidade, dedicou-lhe um ensaio, intitulado "Valores de Passo Fundo: Gabriel Bastos", publicado em O Nacional, de 19 de junho de 1973, de onde retiro alguns dados biográficos para este artigo.

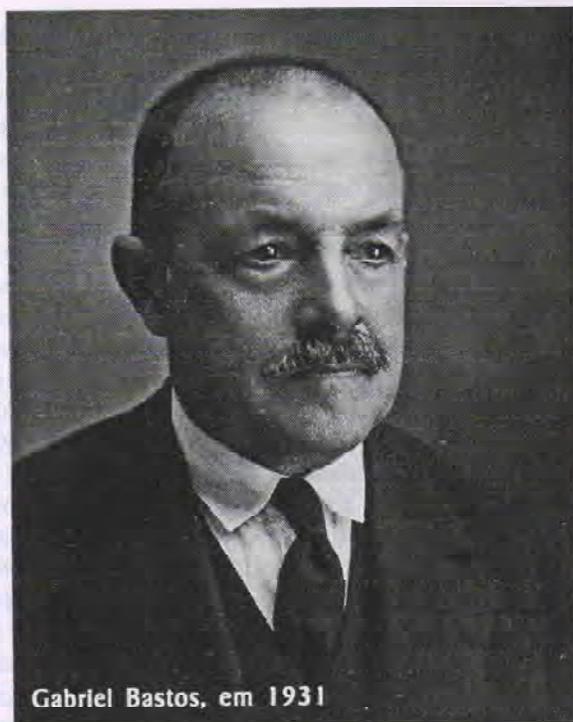
Gabriel Bastos, filho de Antonio José Pereira Bastos e de Joaquina da Costa Bastos, nasceu em Santa Maria, no dia 9 de janeiro de 1859. Ali realizou estudos primários com o professor Alfredo Calazans. Mudou para Soledade e, posteriormente, em 1885, fixou residência em Passo Fundo.

Aqui manteve casa de comércio e casou com Lucinda Araújo Bastos, com quem teve os seguintes filhos: Alzira Bastos Guimarães, Manuel Araújo Bastos, Olga Bastos de Moraes, Mário Araújo Bastos, Alcinda Bastos Rodriguez, Cecy Bastos Quadros, Brasileiro Araújo Bastos, Edith Bastos Miranda, Americano Araújo Bastos e Hiran Araújo Bastos.

Integrou-se, desde cedo, à vida passo-fundense, elegendo-se para o 1º Conselho Municipal Constituinte, logo após a Proclamação da República, desempenhando suas funções até 15 de novembro de 1891. Exerceu o mandato de intendente (prefeito), em 1893, por cerca de um mês, até 18 de agosto, quando solicitou ao presidente (governador) Júlio de Castilhos, sua exoneração. A

exemplo de tantos outros moradores de Passo Fundo, durante a Revolução Federalista, mudou-se com a família, fixando residência em Cruz Alta.

Na terra de Erico Verissimo continuou trabalhando e envolvendo-se com a sociedade. Foi presidente do Conselho Escolar, entre 1898 e 1899, estimulando a criação de um Centro Comercial, o que



Gabriel Bastos, em 1931

só seria concretizado em 17 de junho de 1900, com a criação do Clube Comercial, do qual foi eleito primeiro vice-presidente. Manteve o jornal "A propaganda" (1900) e colaborou em "O Viajante", "Cruz Alta", e "Município em Revista".

Enviuvando no ano de 1902, mais tarde contraiu segundas núpcias com Juvenília Annes Bastos, com quem não teve filhos. Nesse ano retornou a Passo Fundo, sendo um dos pioneiros da indústria madeireira. Colaborou nos jornais "Echo da Verdade", "17 de Julho", "O Gaúcho" e "O Nacional". Continuou sua atividade política no Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), exercendo diversos cargos públicos, inclusive

de vice-intendente (vice-prefeito) nos quadriênios 1908-1912 e 1920-1924.

A 7 de abril de 1938 estava entre os fundadores do Grêmio Passo-Fundense de Letras, o mais velho deles. A associação despertou a produtividade intelectual de Gabriel Bastos, culminando com a publicação de três livros.

Já quase octagenário, continuava estudioso incansável. Assim, quando os "gremistas" decidiram que os associados deveriam responsabilizar-se pela elaboração e apresentação de trabalhos literários nas reuniões, Gabriel Bastos levou a determinação como uma questão de honra. E se lançou à pesquisa sobre um tema que aguçava a imaginação humana há mais de dois mil anos: o continente perdido da Atlântida.

Em 3 de novembro de 1939, encontramos o "velho" apresentando a seus consócios uma palestra sobre "A dor como expressão estética". E não parou mais. A 12 de abril do ano seguinte, já está na terceira conferência sobre "A Atlântida". Em 16 de maio de 1941, desenvolve a quarta palestra sobre o continente lendário. Pouco mais de um ano depois, a 17 de julho de 1942, Gabriel Bastos entrega os originais de seu livro ao Grêmio Passo-Fundense de Letras.

José Pedro Pinheiro, bispo da Igreja Metodista, é encarregado de emitir parecer sobre a obra. A análise, altamente elogiosa, é lida a 28 de agosto. Túlio Fontoura, outro fundador do Grêmio, se prontifica a publicar o livro a ser composto na linotipo do "Diário da Manhã".

Antes que se concretizasse a divulgação em volume das conferências do Grêmio Passo-Fundense de Letras, Gabriel Bastos deu ao público um livro reunindo poemas de sua lavra e alguns de seu pai. "Da Mocidade à Velhice" (Tipografia Independência. Passo Fundo, 1944) enfeixa poemas tradicionais, como já tive a oportunidade de comentar em "Alguns poetas passo-fundenses" (Re-

vista Água da Fonte, da Academia Passo-Fundense de Letras, Ano 1, pp. 7 e 8), o que mostra a pluralidade de interesses culturais do Autor.

Não sabemos qual o motivo que retardou a edição de "A Atlântida", só dada a lume no ano de 1948, pelas "Of. Gráficas da CITA Editora Ltda.", de Porto Alegre. O livro, com 182 páginas, tem uma apresentação do historiador Walter Spalding (pp. 6 e 7), algumas ilustrações de Geolar Caminha e o parecer de José Pedro Pinheiro, secretário geral do Grêmio Passo-Fundense de Letras (pp. 11 a 13). Também deixou um pequeno folheto contendo conferência que pronunciou na Liga de Defesa Nacional de Passo Fundo, da qual foi presidente.

Gabriel Bastos cita autores antigos e modernos para discutir a localização desse continente que teria desaparecido sob águas oceânicas, após ter visto florescer uma vigorosa civilização. Divergindo daqueles que localizavam a Atlântida no oceano, nosso escritor a coloca "ao sul da Ásia, mais ou menos próxima à China, na direção de norte para sueste" (p. 23). Avança, ainda em considerações sobre outros "continentes desaparecidos", como a Lemúria, a Gondwana, e avança em discussões quanto

a datações geológicas e considerações astronômicas.

Como é sabido, os debates sobre os "continentes desaparecidos" são infundáveis, emergindo das sociedades secretas. Nessa mistura entre o histórico, o mítico e o religioso, é muito difícil separar o falso do verdadeiro.

Gabriel Bastos não ficaria nesse livro. Em 1950 safa dos prelos das "Of. Gráficas da Liv. Nacional - Av. Brasil, 533 - P. Fundo", um pequeno volume de 36 páginas, intitulado "Aborígenes Pan-Americanos", com uma nota introdutória do historiador Francisco Antonino Xavier e Oliveira. É, na verdade, uma continuação de "A Atlântida". Em linhas gerais defende a tese de que, as terras que constituem a Austrália, arquipélagos e ilhas do Pacífico procedam, como a América, do mesmo continente disperso, a Atlântida, enxergando, nas diferentes tribos nativas da América, restos dispersos dos primitivos moradores daquele território lendário.

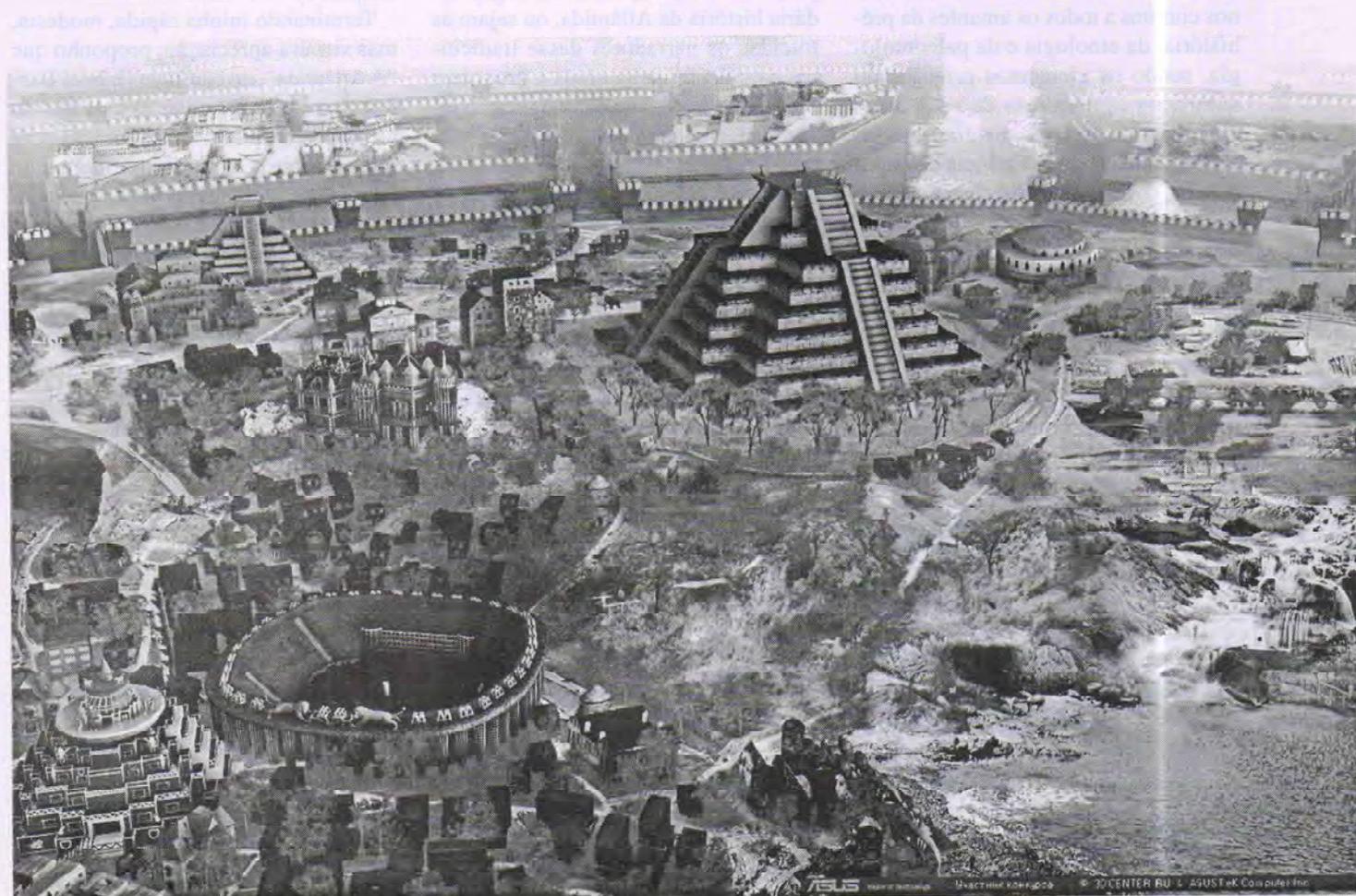
Bem escritos, embora questionáveis como todos os livros polêmicos, "A Atlântida" e "Aborígenes Pan-Americanos" ficaram como registros da ação cultural de um homem, cujas atividades

práticas, "imediatistas", da vida, revelaram-se incapazes de afastá-lo das preocupações culturais. A idade avançada em nada arrefeceu a produtividade do escritor. Antes, pelo contrário, parece que o estimulou a escrever. Ultrapassou os noventa anos de idade, estudando e escrevendo.

Gabriel Bastos faleceu a 25 de julho de 1950, no mesmo ano da publicação de "Aborígenes Pan-Americanos". Independente de qualquer juízo de valor sobre a obra literária de Gabriel Bastos, o seu exemplo de ativista cultural já o recomenda à consideração dos passo-fundenses.

Gabriel Bastos é um desmentido histórico que pode - e deve - ser lançado à face de tantos quantos usam a falta de tempo e a idade para fugirem aos compromissos com a coletividade.

(Paulo Monteiro é membro titular da Cadeira 32 da Academia Passo-Fundense de Letras, que tem como patrono o poeta e jornalista passo-fundense Comercindo dos Reis. Pertence, ainda, à Academia Literária Gaúcha e a quase duas dezenas de entidades culturais do Brasil e do Exterior.)



Atlântida na visão de Geolar Caminha

A Atlântida

JOSÉ PEDRO PINHEIRO, *In memoriam*

O confrade Sr. Gabriel Bastos houve por bem honrar-me com a escolha de meu nome para fazer a apreciação de seu trabalho denominado "A Atlântida", escolha essa que os demais confrades secundaram.

Cumprindo a tarefa que me foi cometida, desincumbo-me com alegria, traçando as linhas que seguem, depois de palmilhar numa leitura rápida, quase de um só fôlego, as 318 tiras manuscritas do próprio punho do autor.

São quarenta e cinco capítulos as três partes e mais um de Preliminares e um Epílogo, dispondo a matéria tratada, com ordem e coordenação, que muito contribuem para a boa compreensão dos assuntos ali explanados.

Muito embora o autor de "A Atlântida" diga, de início que o seu trabalho é uma imaginária digressão pelos campos da Lenda, verifica-se que os seus argumentos, imaginações e suposições estão baseados em teorias mais ou menos comuns a todos os amantes da pré-história, da etnologia e da paleontologia, sendo os elementos próprios do autor uma contribuição de valor apreciável para o esclarecimento desse assunto, lendário pela distância dos tempos, mas ressurgindo das cinzas de prisca eras, como explicações de fenômenos cósmicos e etnológicos de outra forma indecifráveis.

Já Sócrates ouvia de Critias a narração do mito da Atlântida, passando para a História, pela primeira vez, a versão da existência de um continente situado muito além das colunas de Hércules, onde um povo florescente fora, há nove

mil anos, governado pela dinastia de Atlas. Inundações e terremotos o teriam feito desaparecer, deixando como herança uma lenda fertilíssima para assunto atraente da literatura de todos os povos. E a literatura de nossa língua, particularmente de nossa cidade, se enriquece com a contribuição do venerando confrade Gabriel Bastos, cujo espírito se empolgou e peregrinou em meio à vastidão oceânica da mitologia associada aos esforços da ciência, em achar um pouco de verdade dentro do próprio erro, seguindo a divisa de S. Agostinho.

Platão, Macróbio, Strabão, Plutarco, Plínio e outros escritores de vulto do passado, todos ocuparam-se com carinho da Atlântida como um fato pré-histórico positivo, guardado pela tradição, solo fértil em que proliferam os devaneios do espírito humano.

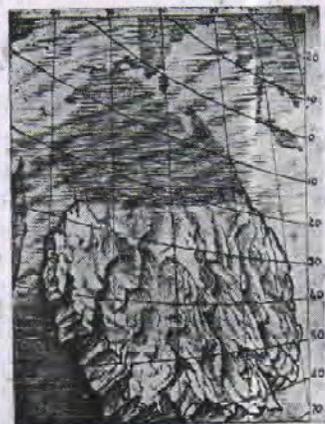
E a ciência moderna, parece, em suas conclusões, justificar a existência da suposta e ao mesmo tempo inegável terra de Atlas.

Sejam os sacerdotes egípcios do tempo de Sais (*sic*) os portadores dessa lendária história da Atlântida, ou sejam as trucidadas os narradores desse tradicional continente, paira ainda a bruxulear no distante horizonte da imaginação insaciável, o enigma indecifrável da submersa Atlante.

É esse o assunto, assim tão cheio de possibilidades para a imaginação como para o estudo, que o confrade Gabriel Bastos nos brindou em palestras neste Grêmio, e agora nos oferece para o repositório de nossos ensaios e esforços literários.

Em sua linguagem, na qual vaza os seus pensamentos e emprende a sua jornada literária e dissertativa, o autor de "A Atlântida" se assemelha a si próprio. É sóbria, adjetivando com prudência, mas dando sempre ao pensamento a cor viva das cousas e dos fatos, que se tornam atrativos, em tudo primando pela clareza do pensamento. É muitas vezes reiterado, repetindo frases e afirmações já feitas, por amor, da seqüência dos pensamentos e da relação dos tópicos entre si, sem que com isso se torne enfadonho, de vez que facilita ao leitor a memória, assim como aos ouvintes da leitura que, como plano, foi feita por partes.

Gabriel Bastos A ATLÂNTIDA



A bibliografia citada não é pequena, Jorge Bahlis, Domingos Jaguaribe, Van Loon, J. L. Campos, Spalding, Dante, Braghine, entre outros, são o contingente de tributários para o conjunto harmônico e concatenado de idéias e reflexões sobre o tema.

Além, pois, dos vãos de imaginação e do recuo introspectivo, prova também o estudo que demandou, consultando tantos autores que do assunto também se ocuparam.

Terminando minha rápida, modesta, mas sincera apreciação, proponho que "A Atlântida", do confrade Gabriel Bastos, passe a ornamentar as estantes do Grêmio e da biblioteca, sem que com isso se prive o autor do original ou de uma cópia, para uso próprio e adorno de seus sonhos de ancião em cujo peito ainda pulsa um coração jovem e um espírito vigilante.

E felicito o venerando confrade Sr. Gabriel Bastos, pelo seu trabalho, e o "Grêmio Passo-Fundense de Letras" pela contribuição valiosa que recebeu.

Nota dos Editores:

José Pedro Pinheiro, já falecido, foi membro atuante do Grêmio Passo-Fundense de Letras (hoje Academia Passo-Fundense de Letras), bispo da Igreja Metodista e líder maçônico em Passo Fundo. Os editores da Revista Água da Fonte atualizaram a grafia do texto acima, que é o parecer apresentado por José Pedro Pinheiro em sessão do Grêmio Passo-Fundense de Letras. Trata-se do parecer sobre as conferências pronunciadas por Gabriel Bastos, durante reuniões do sodalício e foi publicado no livro "Atlântida".



Aborígenes pan-americanos

GABRIEL BASTOS, *In memoriam*

Desde velhos tempos, sábios e escritores vêm fazendo largas dissertações sobre a existência dessa multimilenária lenda que, desde remotas eras traz a denominação de Atlântida.

Para nós, a lenda desapareceu concretizando-se na Oceania e nesta grande parcela que é a América, única Terra que tem o privilégio de procurar o abraço fraterno, estendendo-se do extremo Norte ao extremo Sul, como enviando seus sentimentos de concórdia ao hemisfério oposto.

A Atlântida, embora no Pacífico, teria sido assim denominada, porque prevaleceria o nome que lhe teriam dado, em velhos tempos, os adeptos de sua existência no Ocidente, próximo às Colunas de Hércules, então e antes, conhecidas pela denominação – Atlas. Daí – Atlantes e logo – Atlântida. Entretanto, o seu nascedouro, estamos convencidos, teria sido ao Oriente da África e

Sul da Ásia, onde se acha o Oceano Índico, ao Sul da Índia; e naturalmente por isso, já em época histórica, certamente, a esse oceano deram a denominação de Índico.

Conquanto as terras que constituem a Austrália, arquipélagos e ilhas do Pacífico procedam, como a América, do mesmo continente disperso - Atlântida, neste livro preocupar-nos-emos dos aborígenes pan-americanos e de assuntos correlatos. Destes, pois, procuraremos pôr à luz as relações de parentesco entre si, sua procedência e desenvolvimento em terras ameríndias que são as suas próprias terras, onde os seus ancestrais vieram em catástrofe do Sul da Ásia, trazidos no próprio solo nativo, sacudidos por ondas revoltas.

Este livro a que damos o título de “Aborígenes Pan-americanos”, elaboraremos em duas partes sob os títulos: “Generalidades Etnológicas” e “Particularidades Etnológicas”. – Na primeira parte, trataremos de assuntos relacionados com o Continente em geral, e na segunda parte, restringir-nos-emos aos casos especiais de cada país irmão, isto é, do mesmo Continente.

Conquanto estejamos convencidos de que toda a Oceania procede da mesma fonte – a Atlântida, neste livro trataremos exclusivamente da América, cuja atual mentalidade irmana seus povos nos mesmos sentimentos de recíproca fraternidade. Embora isso, visto que o plano deste livro é concorrer para a confraternização continental, é de nossa ideologia – a Paz Universal – a solidariedade humana que deve ser o excelso ideal de toda criatura que escreva e o propague, até ser esse predicado parte

integrante dos sentimentos de todo homem que pensa.

A Confraternização Universal deve ser concretizada em seguida ao estabelecimento da concórdia integral dos grupos humanos (nações) que vão fazendo desaparecer as ligeiras divergências que ainda embaraçam a completa harmonia entre os povos.

A humanidade convencer-se-á de que a concórdia absoluta, a Paz Universal são o Bem que sobre-excede a quaisquer outros interesses. É isto ideal velhíssimo, ao qual já me referi em meu livro “A Atlântida”.

Em os “Mistérios do Povo”, velho livro de Eugene Sue, uma personagem – Vitória Soldado – que combatia contra Júlio César, na conquista da Gália, proclamava, já naquele tempo, a República Universal, que é *fac-símile* da Paz absoluta.

Informados os leitores, de que consideramos os aborígenes pan-americanos procedentes da Atlântida, salientamos que as populações primitivas da América ou seus sucessores serão o principal assunto deste livro.



integrante dos sentimentos de todo homem que pensa.

A Confraternização Universal deve ser concretizada em seguida ao estabelecimento da concórdia integral dos grupos humanos (nações) que vão fazendo desaparecer as ligeiras divergências que ainda embaraçam a completa harmonia entre os povos.

A humanidade convencer-se-á de que a concórdia absoluta, a Paz Universal são o Bem que sobre-excede a quaisquer outros interesses. É isto ideal velhíssimo, ao qual já me referi em meu livro “A Atlântida”.

Em os “Mistérios do Povo”, velho livro de Eugene Sue, uma personagem – Vitória Soldado – que combatia contra Júlio César, na conquista da Gália, proclamava, já naquele tempo, a República Universal, que é *fac-símile* da Paz absoluta.

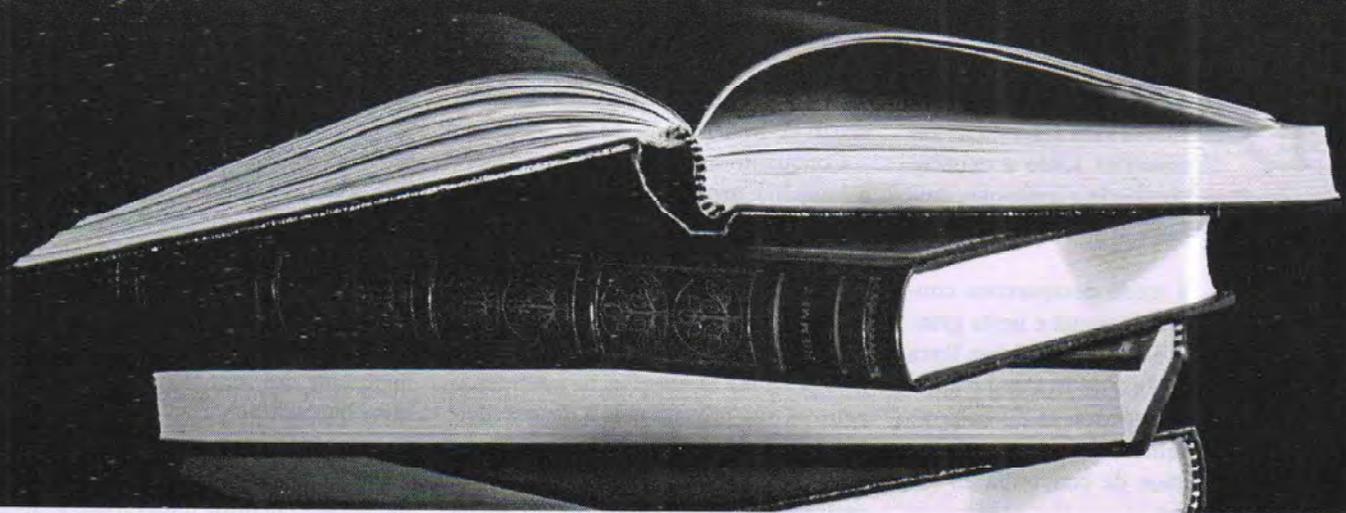
Informados os leitores, de que consideramos os aborígenes pan-americanos procedentes da Atlântida, salientamos que as populações primitivas da América ou seus sucessores serão o principal assunto deste livro.

Nota dos Editores:

O texto acima é a Introdução do próprio Gabriel Bastos a seu livro “Aborígenes Pan-americanos” (1950 – Of. Gráficas Liv. Nacional – Av. Brasil, 533 – Passo Fundo), onde consta, às páginas 7, 8 e 9. Agradecemos ao pesquisador e bibliófilo Heleno Damian, pela generosidade com que nos tem permitido usar, “por tempo indeterminado”, o exemplar de sua biblioteca particular. Essa generosidade é extensiva a outras obras raras.



Grêmio Literário União de Ideais



ALBERTO ANTÔNIO REBONATTO

A iniciativa de formar um grêmio literário partiu de um grupo de jovens interessados em aprofundar os conhecimentos sobre literatura brasileira, despertados pelo movimento cultural-literário que se registrava em Passo Fundo nos idos da década de 50. Estudantes, liderados pela UPE (União Passo-Fundense de Estudantes) e pelos grêmios literários dos colégios dedicavam especial atenção ao tema. Eventos importantes, conclaves e concursos diversos, especialmente de declamação, eram comuns e movimentavam não só o universo estudantil, mas também as equipes docentes e a própria comunidade passo-fundense.

Eram tão acirradas as discussões e as apresentações que chegavam até a criar um clima de animosidade sadia entre os grêmios dos diversos colégios. E eram tão importantes esses concursos e esses encontros culturais, que muitos aconteciam nos ambientes mais nobres e mais aristocráticos da cidade, como o Clube Comercial. Personalidades que mais tarde iriam brilhar em Passo Fundo e em outros recantos do país se alimentaram desse manancial cultural. Como exemplo, citamos Paulo Totti, João Batista de Mello Freitas e Jayme Sirotski. Outros, com nome já conhecido no mundo das letras, como Jorge E.

Cafruni e Gomercindo dos Reis, prestigiavam esses eventos, valorizando com sua presença os debates e as apresentações dos jovens estudantes. Devo ter omitido o nome de muitos outros colaboradores e incentivadores. Mas o registro foi feito para dar uma noção do ambiente propício à formação de grupos interessados em literatura, que se registrava em Passo Fundo à época da fundação do Grêmio Literário "União de Ideais". Não sei exatamente de quem foi a iniciativa ou se foi de todos ao mesmo tempo. Não participei da reunião de fundação do grêmio nem das reuniões iniciais.

Trabalhava como revisor do Diário da Manhã, sob o comando austero de Guilherme Amatus Boor, e iniciava meus primeiros passos como redator, sob a tutela de dois dos mais reconhecidos jornalistas da época: Alady Berleze de Lima e Mário Sperry Cesar. Convivia ainda com a capacidade e a competência de Jarbas Sampaio Correia, um linotipista que não precisava de texto prévio para produzir suas reportagens.

Ao me deparar com a notícia da criação do Grêmio Literário "União de Ideais", formado pela Geisa, Jane, Jurema e pelo Grazziano, redigi um pequeno artigo elogiando a iniciativa. No outro dia recebi a visita da Geisa e da Jurema e o convite para integrar o movimento, que aceitei de pronto, satisfeito e orgulhoso. Passamos a nos reunir regularmente

na casa da Jurema, gentilmente franqueada pelos inesquecíveis amigos e incentivadores Aurino e Ercília do Valle.

Vivemos e discutimos literatura e poesia por um longo período. Produzimos alguns textos publicados na imprensa local. Chegamos a sustentar polêmicas. Foi nesse período que consolidamos alguns conhecimentos que nos eram sinalizados nos bancos escolares. Mais do que isso, aprendemos a gostar da literatura, a apreciar os textos produzidos em bom português e a conhecer melhor os grandes nomes das letras nacionais.

Como se observa, já naquele tempo, e creio que antes também, se esboçavam em Passo Fundo iniciativas que visavam incentivar o gosto pela literatura e pela leitura, provavelmente fruto do interesse e da motivação dos abnegados e competentes professores da época. E não era só nosso grupo ou nosso grêmio que assim procedia. O empenho era geral e o entusiasmo também.

Eu não sei se o Grêmio Literário "União de Ideais" foi importante para muita gente. O que sei é que para mim foi uma grata experiência da qual extraí conhecimentos que me são úteis até hoje. Guardo daqueles colegas e daqueles dias a melhor recordação e uma imensa saudade.

(Alberto Rebonatto é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Ofício

Poderia ter percorrido
Outros caminhos
Mas escolhera aquele
Em que se as probabilidades
De ter eram poucas
Eram muitas as de ser.

A infância alegre
E a adolescência inquieta
Com ela diariamente
Se encontravam.

Já em pleno outono
Destes encontros saía primavera
O amor transmuta as estações.

*"Toda reforma coletiva deve
ser primeiro uma reforma
individual." Elisabeth Leseur*

Bandeiras

Fácil é carregar estandartes
O da Paz
Simulando que ela existe no coração.
O da Fraternidade
Esquecendo a própria família.
O da Liberdade
Oprimindo os mais próximos.
O dos Direitos
Olvidando os deveres.
Clamar
Contra tudo e contra todos
Afirmando que estão errados.
Difícil é largar os estandartes
Parar
Pensar
E anonimamente
Começar a Construir.

Natal

Ruas repletas
Lojas abertas
Até de madrugada
Ávidas por demonstrar
Em suas vitrines coloridas
Que as ilusões
Se não podem ser vendidas
Podem ser possuídas
Com a condição de o serem
Por um instante apenas.

Natal, será apenas isto:
Vitrines coloridas
Ruas repletas
Cartões, presentes?

Natal é muito mais:
É uma balada eterna
Que se renova há dois mil anos
No coração do pobre
No coração do rico
Do homem que tem fé.

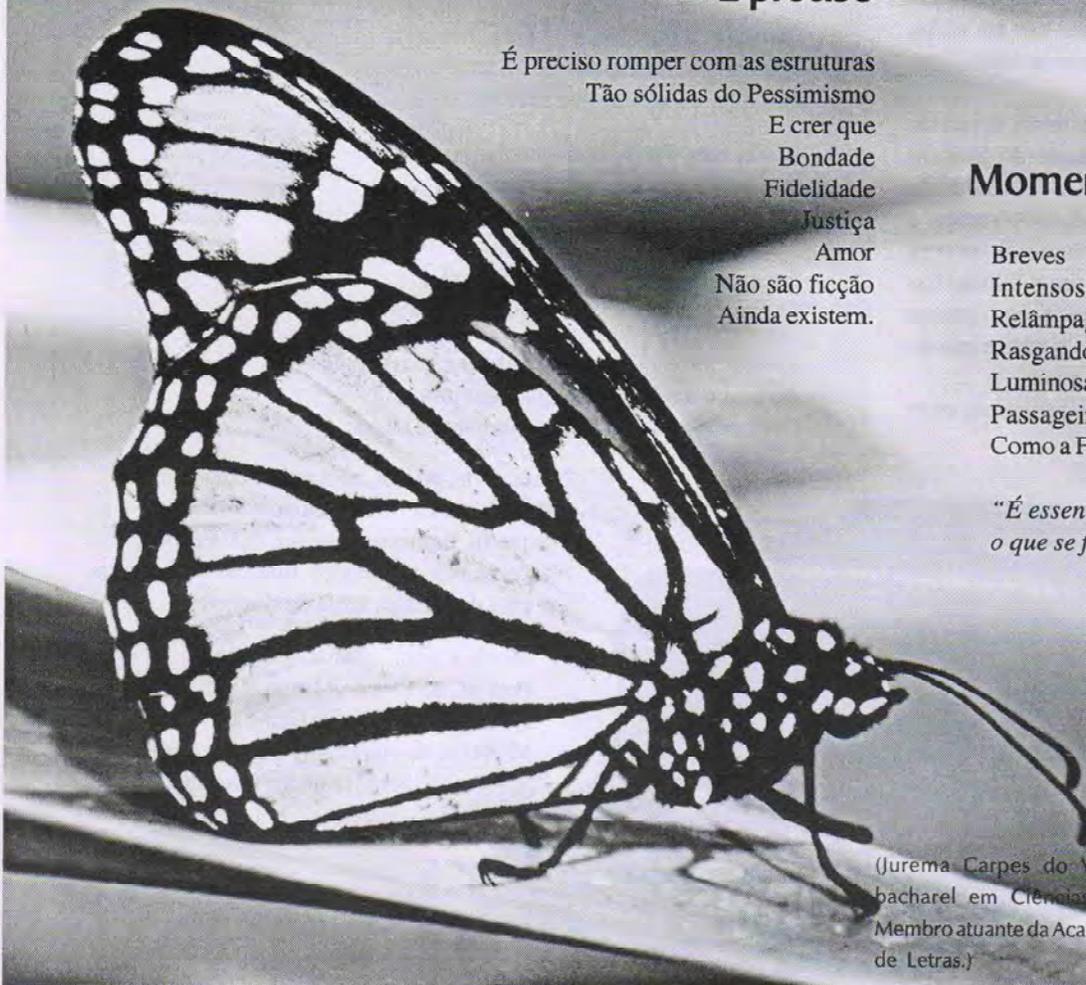
É preciso

É preciso romper com as estruturas
Tão sólidas do Pessimismo
E crer que
Bondade
Fidelidade
Justiça
Amor
Não são ficção
Ainda existem.

Momentos

Breves
Intensos
Relâmpagos
Rasgando o Firmamento
Luminosamente
Passageiros
Como a Felicidade.

*"É essencial amar
o que se faz."*



(Jurema Carpes do Valle é professora e bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Membro atuante da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Grêmio Literário União de Ideais: Traços de sua breve existência

GEISA L. BENEVENUTI

Década de cinqüenta. Não consigo lembrar, precisamente, como o movimento iniciou.

Sei é que, de repente, lá estávamos nós, sentados na vasta sala de visitas de meus avós maternos, prédio situado na Avenida Brasil, entre a então Farmácia Fontoura e a antiga Prefeitura Municipal (hoje Museu Histórico).

Era uma tarde luminosa, e todos os companheiros já haviam chegado: Jurma Carpes do Valle – poetisa amiga e colega de escola; Alberto Rebonatto – estudante e funcionário (se não me engano, redator) do jornal Diário da Manhã, mesmo com sua pouca idade; e Graziano Dallo – um rapaz chegado há poucos anos da Itália.

Demonstrávamos euforia e até bastante entusiasmo. Reuníamos-nos em nome do Grêmio Literário União de Ideais, que há pouco fundáramos.

Quanto aos objetivos dessa agremiação, poder-se-iam deduzir do próprio nome: a união de pessoas imbuídas do ideal de compor – em prosa ou verso – e divulgar esses textos literários através de nossa imprensa escrita e falada. Esperávamos também que, com o passar do tempo, outros novos poetas e prosadores viessem aliar-se a nós.

Durante os encontros semanais, cada

vez na residência de um dos confrades, costumávamos comentar sobre a repercussão dos trabalhos já publicados, líamos ou declamávamos os poemas ou artigos recentes ou inéditos. Traçávamos, também, planos para futuros empreendimentos e próximas reuniões.

Tais fatos emergem, agora, à tona da consciência, encharcados de colorido e vitalidade. E surge-nos a probabilidade de que não passávamos, na época, de afoitos jovens, quase adolescentes – com cerca de dezessete a vinte anos – tendo a cabeça repleta de sonhos...

De qualquer modo, a existência desse “Grêmio”, ainda que breve, marcou nossas vidas com alegres e produtivos momentos de confraternização, ideal e estética.

Creemos, pois, que chegamos a construir algo válido, embora quase escondido dentro do enorme acervo da história literária desta querida Passo Fundo.

Transcrevemos dois trabalhos, um em prosa e outro em verso, publicados, à época, no Diário da Manhã, como “Colaboração do Grêmio Literário União de Ideais”.

Vida ou Morte

GEISA GONÇALVES DE LIMA

(À minha mãe, como presente de aniversário.)

Quanta vez (oh! Deus!) pensei na morte...
Vez sem conta aliei-me ao enorme travo
Dos que apelam a um desvio da sorte.

- Seria ela o derradeiro leito,
O calmo abrigo, o austero peito,
- Que a tudo acolhe, e acaba e dita o fim?
- Ou será ela o paraíso eterno,
E para muitos desespero, inferno?...
- A morte é queda, é luta, ou VIDA, enfim?

Talvez que esta pergunta enferme, duvidosa,
Ao trair-me a paz, a religião, teimosa,
Continuasse, sempre, a torturar-me a alma...

Nesta noite, porém, ao meditar com calma,
Salvaste-me tu, ó minha mãe querida!
Porque tu, tu mesma que me deste a vida,
Nasceste nos momentos fundos, desbotados,
De uma derradeira tarde de finados!

Morte e vida, confusão estranha.
Pois se, no Dia da Morte, a vida é ganha,
Quem da verdade inclina o venerando porte?
MORTE, não terás por sucessão a eterna VIDA?
VIDA, não serás também filha da morte?

(Colaboração do Grêmio Literário União de Ideais - Diário da Manhã, 2 de novembro de 1956.)



Noite de Insônia

GEISA GONÇALVES DE LIMA

Foi uma noite de incombustível insônia. No silêncio sinistro, o sino da catedral parecia badalar mais repicante e agudo. Uma, duas, três, quatro pancadas. Aplique a "homeopatia" de contar "os carneirinhos" até cem... até mil...

Na realidade, porém, o sono estava mui desligado de mim. Dominava-me um desejo enorme de escrever. Não o faria, no entanto, visto não me ser permitido pelo bom senso acender luzes, quando outros dormiam no mesmo quarto.

Meu cérebro, todavia, não permaneceu inativo. Giravam em torno dele os planos mais diversos. Uma questão submetia-o: era o nosso pequeno grêmio. Sobre os princípios que o poderão reger, cheguei às conclusões seguintes, que se me afiguram claras e inteligíveis:

Diretoria

Adotar-se-á o "socialismo". A cada reunião, um dos componentes presidirá, expressando seus projetos e pareceres, os quais serão aceitos ou não, conforme a vontade da maioria. A todos os mesmos direitos. Em separado, ninguém efetuará coisa alguma. Tudo será resolvido pela comunidade.

Número de artigos por mês

Diário da Manhã - 4

O Nacional - 2

Cine Suplemento - 1

Dividir-nos-emos em grupos, por enquanto dois. Um deles escreverá somente para o "Diário", visto poderem ser aqui as publicações mais frequentes; ao outro, caberão O Nacional e o Cine Suplemento. No seguinte mês, dar-se-á o contrário.

Quanto ao futuro, os planos entusiastas transbordam, sobretudo após aquela noite. Quantos e quão belos!

Nem havia ainda raiado a aurora quando, subjugada por uma ânsia que chegava às raízes da agonia, levantei-me, dirigindo-me ao fundo de nosso comprido quarto. Lá existia uma pequena mesa, outrossim uma lamparinazinha que acendi, e sob cujos raios minúsculos e fracos redigi o que o leitor acabou de ler.

(Colaboração do Grêmio Literário União de Ideais - Diário da Manhã, 2 de novembro de 1956.)

Primeira reunião oficial do Grêmio Literário União de Ideais

Realizou-se no dia 14, penúltimo domingo do mês (...), ano de 1956, na residência de um dos componentes, o primeiro encontro do grupo. Ficou por ele estabelecido que, além das cláusulas acima, constarão mais as seguintes:

As reuniões serão mensais.

Nomeou-se um secretário que redigirá as devidas atas.

Todos os trabalhos pertencentes ao Grêmio deverão trazer, na parte superior, a inscrição: "Colaboração do Grêmio Literário União de Ideais", e serão cuidadosamente arquivados.

O número dos componentes, por enquanto, não deverá ultrapassar a dez (10).

Será vedado o ingresso a pessoas que não tenham publicação literária na imprensa.

Nota especial

Orgulha-nos levar ao conhecimento geral o fato de a nossa pequena agremiação contar agora com mais dois valiosíssimos participantes: o poeta Graziano Dallo, cujo nato lirismo embeleza seus versos, sempre infiltrados de uma profunda sensibilidade, e o jornalista Alberto Rebonatto, que vem demonstrando, já faz um bom tempo, sua evidente capacidade literária em diversos artigos impressos nesta tribuna (Diário da Manhã).

Inauguração oficial do Clube Hípico Gehlen



Coronel Edson Estivaleta Bilhalva

Aconteceu nos dias 3 e 4 de dezembro de 2005, a Inauguração Oficial do Clube Hípico Gehlen, localizado no Parque Turístico da Roselândia, concomitantemente à realização da Copa Gerda de Hipismo 2005, sob o aval e supervisão da Federação Gaúcha de Hipismo, que teve a participação de aproximadamente 40 conjuntos, e uma premiação expressiva.

A comissão organizadora – que contou com reconhecidos nomes da administração municipal e autoridades civis e militares – teve à frente o Dr. Irineu Gehlen, como presidente, seguido de membros graduados do Exército e da Brigada Militar, bem como proprietários e representantes de entidades hípicas do Estado.

O Clube Hípico Gehlen foi reconhecido pelos representantes das sociedades hípicas gaúchas presentes, e pela própria Federação Gaúcha de Hipismo, como um dos melhores e mais modernos complexos hípicos do Estado e do País.

O ato solene de inauguração foi prestigiado por centenas de pessoas, incluindo as mais altas autoridades constituídas do Município e Estado, como o excelentíssimo senhor prefeito Air-



Entrada triunfal dos Cavaleiros do Mercosul



Dr. Irineu Gehlen falando na presença das autoridades



Comissão de apoio à inauguração do CHG

ton Dipp, o vice-prefeito Adirbal Corralo, e o secretário de estado do meio ambiente, Mauro Sparta, representando o governador do Estado do Rio Grande do Sul

O pronunciamento do Dr. Irineu Gehlen foi o ponto alto da solenidade, dedicando a idealização daquela brilhante obra à cidade de Passo Fundo. Foram estas as palavras do anfitrião – que estão consolidadas na rocha, no interior do complexo hípico:

“Esta obra é o resultado de um sonho acalentado no ideal de servir. Ela expressa nosso legado de gratidão que eu e minha família devemos a esta comunidade que testemunhou nossas lutas e aplaudiu nossas vitórias, portanto, este complexo traduz nossa moeda de pagamento.

Neste local, o cavalo e o cavaleiro se completam numa parceria de vida, na troca de energia, buscando a paz no caminho da felicidade.

Temos a pretensão de construir o amanhã, apostando nos jovens, desenvolvendo este esporte no que há de mais saudável na existência: a competição.

Nessa prática, destaca-se o espírito da confraria, solidariedade e amor, na elegância de atitudes e na largueza dos gestos.

E aqui estamos nós, entre o verde do campo e o oxigênio da mata, completando esta sinfonia da natureza, com o relincho do cavalo nos transportando para um passado cuja história registra a fusão de dois seres, quando aparece em nossa imaginação o Centauro Mitológico.

Bem-vindos ao centro de promoção à vida, lar de todos nós, de equitadores e amazonas, e de cavalos”.

Cavaleiros do Mercosul, comandante Dr. Jabs Paim Bandeira



Irineu Gehlen Filho, bi-campeão gaúcho





O início do futebol em Passo Fundo

MARCO ANTONIO DAMIAN

Para falarmos do início do futebol em Passo Fundo temos que regredir no tempo, e começarmos com o futebol no Brasil. A história nos conta que Charles Miller trouxe da Inglaterra, em 1894, duas bolas, uma bomba para enchê-las, um par de chuteiras, uma camisa do Banister School e outra do St. Mary e o livro da Association Football, com as regras do jogo. A partir de então, começaram a surgir os times de futebol, o primeiro o São Paulo Athletic Club, e organizarem-se as disputas. Porém, há um consenso de que ele surgiu no Brasil um pouco antes, com a chegada em solo brasileiro dos professores da Congregação Marista, vindos da França, na primeira metade de 1880, já que na Europa o futebol começou a ser jogado por volta de 1870. Essa tese está muito bem defendida no livro *Visão de Jogo* (Santos Neto, José Moraes dos – Ed. Cosac & Naify, São Paulo, 2002), que mostra até em fotografias canchas de futebol demarcadas e traves, no

pátio dos colégios maristas do interior de São Paulo, antes de Charles Miller.

A verdade, entretanto, é que Charles Miller trouxe para nós o futebol e sua organização, para ser praticado não só por jovens estudantes, mas por todos os homens (evidentemente que não falo em mulheres, pois no final do século 19, era inconcebível para uma delas a prática de tão rude esporte) que o quisessem exercitá-lo.

Em São Paulo, os colégios particulares e clubes foram agregando o futebol ao seu rol de atividades esportivas e se defrontavam entre si mais como uma atividade lúdica. Mas, o futebol é um esporte corporal e, desta forma, o lazer às vezes se transformava numa batalha e acirrava a rivalidade entre os contendores. Por isso, o futebol apaixonou as massas, exatamente por exasperar as rivalidades.

No ano de 1900, o alemão Johannes Minemann desembarcou no porto de Rio Grande para trabalhar na empresa Thompson & Cia. Na bagagem uma bola de futebol e na cabeça a idéia de expandir o esporte pela cidade. No Clube Ger-

mânia, dia 19 de junho de 1900, ele e um grupo numeroso de alemães e ingleses, residentes na cidade, fundaram o Esporte Clube Rio Grande, o mais antigo em atividade no País.

Dois anos depois, em 1902, na cidade de Santana do Livramento, outro grupo de jovens criou o 14 de Julho. Há controvérsias sobre a origem do nome 14 de Julho. Historiadores dizem que foi em homenagem à data máxima da Revolução Francesa. E aí volta a tese dos Irmãos Maristas. Já se praticava o futebol antes de 1902, em Livramento, e no Colégio Marista. Daí a lembrança do nome do time. Outros historiadores, porém, acreditam que foi exatamente nessa data que os meninos venceram a primeira partida do time ainda sem nome, contra outro time de Rivera no Uruguai.

Seguiram-se os primeiros anos do século XX e outros clubes de futebol foram sendo criados. O Grêmio e o Porto Alegre, exatamente no dia 15 de setembro de 1903. Mais tarde, o Guarany de Bagé, em 1907, o Pelotas, em 1908, o Internacional de Porto Alegre, em 1909, Brasil de Pelotas, Lajeadense e Ameri-



14 de Julho, campeão citadino de 1925

cano de Porto Alegre, em 1911, Riograndense de Santa Maria e Esporte Clube Uruguaiense, em 1912, Juventude de Caxias do Sul, Cruzeiro e São José, de Porto Alegre, Grêmio Santanense e Guarany de Cruz Alta, em 1913 e assim por diante.

Em Passo Fundo surgiu o União Esporte Clube, em 1913, de efêmera duração. Em 1916, fez uma fusão com o Clube Comercial, que passou a se chamar Clube União Comercial, desfeita no começo da década de 20. Não há registros de participação em jogos, mas certamente deve ter jogado contra clubes de nossa região.

Em 1918, mais precisamente no dia 12 de maio, foi fundado o Sport Club Gaúcho, com as cores verde e branca, por moradores do Bairro Boqueirão. Seu primeiro campo foi exatamente onde hoje está edificado o Estádio Wolmar Salton, mas pela longa distância do centro da cidade, logo foi abandonado e o clube passou a mandar suas partidas no campo defronte ao quartel do Exército.

Seu adversário era o Grêmio Esportivo, cujo ano de fundação não se tem notícia, time de camisas brancas que no dia 26 de junho de 1921, passou a se denominar Grêmio Esportivo 14 de Julho, um novo clube e uma nova camisa, vermelha e branca.

Gaúcho x 14 de Julho, essa foi a rivalidade que começou em 1921, e perdurou por longos anos. O primeiro jogo entre ambos de que se tem registro, aconteceu em junho de 1922. O Jornal A Época realizou matéria extensa sobre a partida, falando que aquela seria a primeira a se realizar na cidade, no ano. Por essa razão faz nos acreditar que esse tenha sido talvez o primeiro ou o segundo clássico da cidade. O 14 de Julho venceu por 3 x 2. Os gols do 14 de Julho foram marca-

dos por Brasileiro, Mundica e Paco, descontando Amadeu e Deoclécio, para o Gaúcho.

No mês de outubro de 1925, mais um clube de futebol foi fundado na cidade, o Riograndense Foot Ball Club, pertencente à classe ferroviária. Era um consenso entre eles que, aqui em Passo Fundo, a Viação Férrea do Rio Grande do Sul tinha que ter seu time, pois já existia em Rio Grande, o São Paulo, em Santa Maria, o Riograndense, em Porto Alegre, o Ferroviário mais tarde rebatizado de Nacional, em Bagé, o Ferroviário. Por que não aqui? No começo de sua existência, o Riograndense só aceitava jogadores que eram ferroviários, desta forma, levava surras homéricas de Gaúcho e 14 de Julho. Alguns anos depois abriu para jogadores com outras profissões, alguns desempregados, que por serem bons de bola, arrumavam trabalho na Viação.

Nas duas primeiras décadas do século XX, as equipes de Passo Fundo jogavam entre si, contra times formados no Instituto Ginásial e no Ginásio Conceição, ou então contra a Brigada Militar ou o 8º Regimento de Infantaria do Exército. Os jogos intermunicipais eram contra o Guarany e o Arranca, de Cruz Alta, Escola do Comércio, de Carazinho, e Ítalo-Brasileiro, de Erechim. O primeiro time da Capital a atuar em Passo Fundo foi o Futebol Clube Porto Alegre, em 1926, que perdeu na sexta-feira para o gaúcho e no domingo para o 14 de Julho.

A década de 30 trouxe revoluções, brigas políticas, crises econômicas e o enfraquecimento de nosso futebol. Gaúcho e depois 14 de Julho cerraram suas portas por muitos anos.

Entrou então em atividade o Sport Club Cruzeiro, time dos integrantes da

Brigada Militar, fundado no dia 8 de junho de 1931. O Cruzeiro herdou o campo do 14 de Julho, localizado na Vila Rodrigues, área que hoje pertence à Corsan. O Cruzeiro foi bi-campeão citadino, em 1936 e 1937, batendo apenas o Riograndense, e chegou às oitavas de finais do campeonato estadual. No dia 23 de agosto de 1938, o clube foi extinto por determinação do alto comando da Brigada Militar no Estado.

Gaúcho e 14 de Julho haviam retornando às atividades normais, quando em 1941, nas dependências do Hotel Avenida, ilustres cidadãos da nossa sociedade deram vida a outro clube, o Independente Grêmio Atlético de Amadores. Na época era o clube da elite, contrapondo o Gaúcho, o time mais popular, o 14 de Julho, mais segmentado entre os descendentes de italianos, e o Riograndense, o time dos ferroviários.

Finalmente a história nos conta que uma dissidência de integrantes e associados do Gaúcho e do 14 de Julho criou o Esporte Clube Atlético, de cores azul e branca, as mesmas do IE, pois quase a totalidade dos atletas estudava naquele colégio. O Atlético, fundado em 25 novembro de 1949, durou apenas três anos, mas marcou expressivamente a história futebolística da cidade. Foi vice-campeão citadino em 1950, campeão em 1951 e novamente vice-campeão em 1952. No final desse mesmo ano foi extinto.

O campeonato gaúcho foi oficializado em 1918, com a criação da Federação Riograndense de Futebol, mas devido à propagação da gripe espanhola, no final desse mesmo ano, a competição foi cancelada. Desta forma, o primeiro campeonato gaúcho foi disputado em 1919, tendo o Brasil de Pelotas como campeão.

Os clubes de Passo Fundo filiaram-se à Federação em 1926, e aí então disputaram a competição estadual. O Gaúcho foi semifinalista em 1928 e 1939, o 14 de Julho, em 1930 e o Riograndense, em 1941. Essas foram as melhores colocações que nossos representantes conseguiram na divisão maior do campeonato gaúcho. Em divisões inferiores, o Gaúcho conquistou o campeonato estadual em 1966, 1984 e 2000 (a última na terceira divisão); o 14 de Julho, em 1968; e o Esporte Clube Passo Fundo, em 1986.

(Marco Antonio Damian é jornalista esportivo, pesquisador e historiador do esporte de Passo Fundo e do Rio Grande do Sul, além de membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



(FOTOS: DIVULGAÇÃO)

O Mário dos Pampas

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Devo reconhecer que, até no nome, ele era discreto e comum. Não seria Mário o masculino de Maria, o mais singelo de todos os onomásticos?

Já se passaram onze anos desde que a literatura gaúcha sofreu a perda de seu poeta máximo. Entretanto, ele foi e continua sendo o maior dos nossos verzejadores.

Mário Quintana foi maior no tamanho de seu sonho, na grandeza de sua alma, tangida sempre por um carrilhão de emoções, e na leveza de seu estro, capaz, ao mesmo tempo, de empolgar e divertir, criar conceitos e rasgar utopias.

São dele as célebres afirmações:

- “Para o bem das águas e das almas, assassinemos o poeta.”
- “O sol derrama na calçada, / a sua bela, matinal urinada.”
- “O tempo é o ponto de vista do relógio.”
- “Bar - o doloroso sulco lábio-nasal junto à garrafa morta...”
- “O amor é um vírus.”
- “A maior dor do mundo é pente com dor de dente.”

Dezenas, centenas de expressões inusitadas, de metáforas imprevisíveis, de jocosos trocadilhos, fizeram de seu texto um surpreendente estojó de diamantes.

Mário foi único. Na singeleza da vida. Na versatilidade dos temas. Na longevidade que, com o passar do tempo, tornou-o mais envolvente e mais amado.

Autêntico na maneira de encarar o fato poético, costumava afirmar que escrevia atendendo a uma íntima necessidade. Os versos que criava expunham uma sólida mensagem de apuro formal e denunciavam afinadíssima sensibilidade. A infância, como um paraíso perdido, ocupava lugar de relevo na sua temática.

Filho da fronteira

Natural de Alegrete/RS, nasceu em 30 de julho de 1906, numa gélida noite de inverno. Costumava afirmar que “seu nascimento foi a principal coisa que lhe aconteceu na vida”.

Era o quarto filho do farmacêutico Celso de Oliveira Quintana e de Virgínia de Miranda Quintana.

Aprendeu a ler aos sete anos de idade, através das páginas do jornal *Correio do Povo*. Foi nessa época também que recebeu as primeiras noções de francês. Em 1914, passou a frequentar a Es-

cola Elementar em sua terra. E em 1919, o Colégio Militar de Porto Alegre, em regime de internato.

Por essa época, compôs suas primeiras produções literárias, divulgadas numa revista do colégio. Em 24, como empregado, fez uma rápida passagem de três meses pela Livraria do Globo.

Mas como seu pai precisou de seus serviços na farmácia, Mário deixou a Capital e voltou a Alegrete.

Contava com 20 anos quando o infortúnio lhe bateu à porta, levando-lhe a mãe. Em seguida, viu premiado seu trabalho “*A Sétima Personagem*”, vencedor de um concurso de contos do jornal *Diário de Notícias*.

Poucos meses depois morreu também seu pai, ficando na orfandade, ainda jovem, nosso aspirante a escritor.

No caminho das letras

No ano de 1927 teve um poema publicado no Rio de Janeiro, numa revista dirigida por Álvaro Moreyra. O acontecimento abriu-lhe as portas da redação do jornal *O Estado do Rio Grande*, em Porto Alegre, no final da década de 20. É dessa época também sua colaboração na *Revista do Globo*, com escritos em vários gêneros literários.

“*Palavras e Sangue*”, de Giovanni Papini, foi sua primeira tradução, divulgada pela Editora Globo. Começava aí sua efetiva atividade como tradutor, que cobriu uma extensa lista de autores de várias nacionalidades, sobretudo em língua francesa e inglesa.

Seu livro de sonetos, “*A Rua dos Caventos*”, que veio a público em 1940, alcançou tal repercussão que vários desses poemas foram transcritos em antologias e livros escolares.

A coluna *Do Caderno H*, escrita por Quintana e tão conhecida dos gaúchos de duas gerações, começou a circular por volta de 43, na revista *Província de São Pedro*. E, dez anos mais tarde, no *Correio do Povo*, com o mesmo título, perdurando, com alguns intervalos, até o ano de 1980.

Foi nas décadas de 40 e 50 que os trabalhos de Mário passaram a ser publicados com regularidade. Eram sobretudo canções e poemas. São desse período: *Sapato Florido*, *O Batalhão das Letras*, *O Aprendiz de Feiticeiro*, *Espelho Mágico*. Mais tarde, esses poemas foram reunidos pela Globo no livro “*Poesias*”, já com o apoio da Secretaria de Educação e Cultura do RS.

Els, do livro citado: *Soneto XVII*

Da vez primeira que me assassinaram
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha...
Depois, de cada vez que me mataram,
Foram levando qualquer coisa minha...
E hoje, dos meus cadáveres, eu sou
O mais desnudo,
o que não tem mais nada...
Arde um toco de vela, amarelada...
Como o único bem que me ficou!
Vinde, corvos, chacais,
ladrões da estrada!
Ah! desta mão, avaramente adunca,
Ninguém há de arrancar-me
a luz sagrada!
Aves da noite! Asas do horror! Voejai!
Que a luz, trêmula e triste como um ai,
A luz do morto não se apaga nunca.

Prêmios e condecorações

Por interferência dos acadêmicos Augusto Meyer e Manuel Bandeira, o poeta recebeu uma homenagem da Academia Brasileira de Letras. É de Bandeira o poema "*Quintanares*", com o qual saudou Quintana naquela oportunidade.

Todavia, o primeiro grande prêmio a um de seus trabalhos veio com "*Antologia Poética*", considerado o melhor do ano de 1966. Denominou-se "Prêmio Fernando Chinaglia".

Começava assim o reconhecimento da comunidade literária ao talentoso poeta do Alegrete.

A Câmara de Vereadores de Porto Alegre concedeu-lhe o título de "Cidadão Honorário". E a Prefeitura de sua terra natal brindou-o com uma placa de bronze na principal praça da cidade.

Em co-edição do Instituto Estadual do Livro e da Editora Garatuja, e com introdução de Érico Veríssimo, veio a lume o livro de poesia infanto-juvenil intitulado "*Pé de Pilão*". É do grande romancista de Cruz Alta a referência: "Descobri outro dia que Quintana na verdade é um anjo disfarçado de homem. Às vezes, quando ele se descuida ao vestir o casaco, suas asas ficam de fora".

Ao ingressar na casa dos setenta anos, recebeu inúmeras homenagens, entre as quais a medalha "Negrinho do Pastoreio", do Governo do Rio Grande do Sul.

A partir de 1976, foram publicados, por diversas instituições, novos trabalhos do autor. Entre eles: *Apontamentos de História Sobrenatural*, *Quintanares*, *A Vaca e o Hipogrifo*, *Prosa & Verso*, *Na Volta da Esquina*, *Esconderijos do Tempo*, *Para gostar de ler* (6ª edição) – co-

leção didática em parceria com Cecília Meireles, Vinicius de Moraes e Henriqueta Lisboa.

Na Jornada de Literatura da Universidade de Passo Fundo (edição 1981), foi homenageado, junto com outros autores de renome, recebendo botões de rosas e cravos das mãos de duzentas crianças.

Foi ainda agraciado pela UFRGS com o título de "*Doutor Honoris Causa*" e, pelo Município de Porto Alegre, em 8 de julho de 1983, com a designação do antigo prédio do Hotel Majestic, como "*Casa de Cultura Mário Quintana*". O poeta foi hóspede desse hotel durante doze anos.

No ano seguinte, por várias editoras porto-alegrenses, ocorreu o lançamento de "*Nariz de Vidro*" (seleção de tex-



tos), "*O Batalhão das Letras*" e "*O Sapo Amarelo*".

A comemoração dos seus oitenta anos de idade ensejou o lançamento de "*80 Anos de Poesia*", coletânea de sua produção ao longo da vida. Também em homenagem a Mário, o Museu de Arte do RS promoveu a exposição "Quintana dos 8 aos 80", onde se desvendou a sua trajetória lírica.

"*Bau de Espantos*" é uma obra dessa fase, com versos da adolescência do poeta e alguns inéditos, compilados pela Editora Globo. A mesma editora reuniu suas crônicas do "Caderno H" (Correio do Povo), sob o título de "Da Preguiça como Método de Trabalho".

As últimas produções de Quintana, que encerram sua vasta carreira como escritor, denominam-se: "*Preparativos de Viagem*", que é um bate-papo com o leitor, com reflexões sobre o mundo; "*Porta Giratória*"; "*A Cor do Invisí-*

vel"; "*Velório sem Defunto*"; "*Diário Poético*".

E, aos cinco dias do mês de maio de 1994, às vésperas de completar 88 anos, na CTI do Hospital Moinhos de Vento, nosso amado poeta, cronista, tradutor e escritor de histórias infantis, deixou o convívio de seus milhares de fãs, não sem antes registrar, com mão trêmula sobre o papel, seus derradeiros versos.

Peculiaridades

Toda a extensa obra de Mário Quintana revela um talento irrequieto e jocoso, uma invulgar perspicácia e facilidade no manejo das palavras. Ela surpreendeu os críticos de sua época e continua despertando sonhos e paixões, como se o coração de Mário e sua verve insaciável permanecessem imunizados pelo tempo.

Quintana foi um homem temperamental, que oscilava entre o bom e o mau humor. Inveterado comparsa do cigarro e do café. Morreu solteiro, levando consigo seus amores platônicos. Amou Cecília Meireles e fez charme com a atriz Bruna Lombardi. Além delas, a eterna amada Ecilda, uma advogada porto-alegrense que foi sua paixão da juventude e perdurou até seu desenlace. Com ela se encontrava ocasionalmente na Rua da Praia, no próprio escritório da amada. Ecilda, que o conhecia mais que todos, definia-o como um "solitário na multidão".

Nos seus últimos anos, contou com os cuidados da sobrinha-neta Elena Quintana, a filha que não teve e que se tornou responsável pela preservação e organização da preciosa herança deixada pelo tio poeta.

Quanto à Academia Brasileira de Letras, sabe-se que recusou por duas vezes a companhia do gaúcho. Teria medo da sua ironia mesclada de timidez? Da singeleza beirando a displicência? Do talento impetuoso e da biografia franciscana? Ou do lirismo arguto e, por vezes, sádico?

A rejeição da ABL foi um baque jamais superado por nosso imortal escritor.

A despeito desse desprezo, pode-se afirmar, que foram raras as personalidades de nossas letras que receberam de seu povo tantas homenagens como Mário recebeu. Seu nome registrado em escolas, praças, estátuas, placas, instituições, ruas e bibliotecas, floresce pelo Rio Grande afora. E, a maior de todas as condecorações, foi certamente a desig-



nação do maior reduto cultural do Rio Grande do Sul, isto é, a *Casa de Cultura Mário Quintana*, que se orgulha de seu nome e já se prepara para as comemorações, em 2006, do centenário de nascimento desse astro da literatura gaúcha.

Para nossa leitura final, uma pérola escolhida em seu livro "*Apontamentos de História Sobrenatural*";

Bem-aventurados

Bem-aventurados os pintores
escorrendo luz...

Que se expressam em verde

Azul

Ocre

Cinza

Zarcão!

Bem-aventurados os músicos...

E os bailarinos

E os mímicos

E os matemáticos...

Cada qual na sua expressão!

Só o poeta é que tem de lidar

Com a ingrata linguagem alheia...

A impura linguagem dos homens!

"Um bom poema é aquele que nos dá a impressão de que está lendo a gente... e não a gente a ele!" – *Mário Quintana*

Referências:

LIMA, Ébion de. *Curso de Literatura Brasileira*, 3º vol., Editora Coleção F.T.D.

QUINTANA, Mário. *Textos esparsos e livros diversos*, Projeto "Palavra Viva", Casa de Cultura Mário Quintana, Porto Alegre.

AUTORES GAÚCHOS, nº 6, 7ª ed., Instituto Estadual do Livro, Porto Alegre.

(Helena Rotta de Camargo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras, Cadeira nº 36, cujo patrono é Mário Quintana.)

Aviso de chegada

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Precisamente quando o crepúsculo, com seu disfarce nada convencional de atrativas nuances se apresenta diante de nós, com a notícia de que o tempo está acabando, começam a vingar paisagens novas em nosso entorno.

A primeira reação vem das estrelas. Em vez do pisca-pisca costumeiro, tão débil que mal lhes vejo o roçar das pálpebras, elas adquirem um brilho de cometa, com direito a cauda e passeio pelo céu.

E assim começa uma procissão de carruagens luminosas, que vêm e vão, chegam e partem. Não só me acendem o caminho, mas deixam cair fagulhas, cisquinhos de ouro, que eu recolho no bernal da minha empolgação.

Ainda sinto o crepitar das faíscas, e já um conclave, de todas as flores esparramadas pelos jardins do universo, decide soltar ao vento sua fragrância. Uma pulsão rumorosa, um infinito ruflar de asas, de cores também infinitas. Embriaguez olfativa, total.

Eu vou sorvendo, enfiando pelas narinas, até a síncope dos desejos,

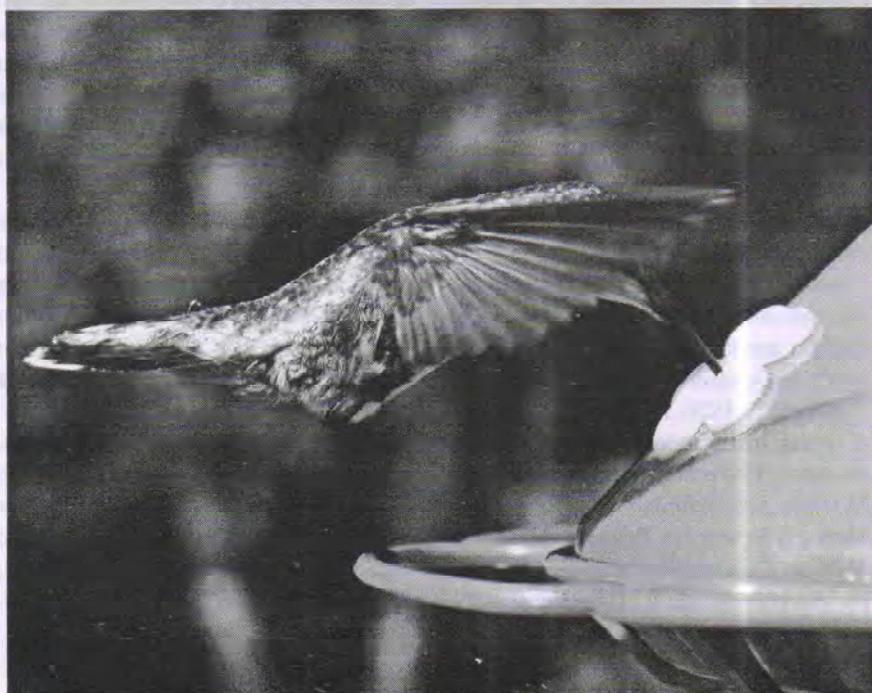
a quebra do mau-olhado. E pressinto a despedida da ferrugem, ao asomo felpudo dos aromas.

Mas a metamorfose está apenas engatinhando. É só pôr a emoção pra funcionar, abrir as comportas da sensibilidade, que logo-logo o céu passa a ser de brigadeiro. As nuvens se transformam naquele véu de comunhão, rendado, finíssimo, que cobria a cabeça das donzelas ao ingressarem no templo, no início do século XX. Os córregos inventam novos jogos de cintura. As avezinhas, sob a regência do sol, mais maestro do que nunca, fazem fila no alto dos fios, ensaiando revoadas, para delírio das minhas vidraças.

Restam os sinos da igreja, tão solenes como no término da guerra; os sorrisos das pessoas emoldurando a flacidez dos lábios; e as teias do coração se esgarçando à passagem da dama imperial.

E assim os elos da beleza universal se recompõem. A sensualidade dos afetos rebrota na calíça das almas. A androginia das mazelas e viscosidades se dissipa entre os vapores da manhã.

Na porta, o aviso do síndico: A primavera está chegando... Vem dar à luz seu mais novo rebento!



O Encontro das Academias Brasileira e Passo-Fundense de Letras

MEIRELLES DUARTE

Um dos grandes e importantes momentos vividos no dia 23 de agosto, dia em que a 11ª Jornada Nacional de Literatura promovia sua festiva, solene e alegre abertura, um fato do mais alto significado para os meios intelectuais era registrado juntamente com os demais então programadas com as personalidades que vieram prestigiar o evento. Reunidos no salão nobre da Faculdade de Odontologia, pela manhã daquele dia, acadêmicos da Academia Brasileira de Letras e da Academia Passo-Fundense de Letras registraram um encontro sem precedentes e que passa agora a figurar nos anais do Sodalício local como um dos mais significativos. Dentre os membros da Academia Brasileira, seu Presidente, Ivan Junqueira, carioca nascido no dia 3 de novembro de 1934, Sérgio Paulo Rouanet, diplomata cientista, político e ensaísta, também carioca, nascido no dia 23 de fevereiro de 1934 e o gaúcho, Moacyr Jaime Sliar, nascido em Porto Alegre no dia 23 de março de 1937. No ato de apresentação dos ilustres visitantes, falaram o Reitor da Universidade, Dr. Ruy Getúlio Soares, transmitindo as boas-vindas a to-

dos os presentes, o Presidente da Academia de Passo Fundo, Meirelles Duarte, fazendo uma rápida análise de cada um dos ilustres visitantes e, finalmente, o Presidente Ivan Junqueira. Após as mensagens, o primeiro conferencista foi o Presidente Ivan, que falou sobre as obras e vida de Manuel Bandeira. Após foi a vez de Sérgio Paulo Rouanet, que falou sobre a vida e obras de José Lins do Rego. Finalmente, Moacyr Jaime Sliar falou nas obras e na vida do consagrado escritor gaúcho, Erico Veríssimo. Todos foram muito aplaudidos e prenderam a grande platéia com muita atenção e interesse. A Academia Passo-Fundense fez a entrega de uma coleção de todos os exemplares da revista "Água da Fonte" que foi muito elogiada por todos, afirmando o Presidente Ivan Junqueira que ela seria sua leitura de bordo quando do seu regresso ao Rio de Janeiro. Destaque-se, entre os presentes, a presidente da Academia Pelotense de Letras, a Secretária da Academia de Letras de Londrina, no Paraná e a representante da Academia de Letras de Campinas, São Paulo, todas com exemplares de obras de suas autorias, tendo levado consigo vários exemplares da revista Água da Fonte, que receberam os mais largos elogios.

(FOTOS: RONALDO CZAMANSKI)



O presidente da Academia Brasileira de Letras, Ivan Junqueira, e Meirelles Duarte, da Academia de P. Fundo



Secretária Santina Dal Paz entrega exemplares da revista "Água da Fonte" ao Presidente Ivan Junqueira, da Academia Brasileira.



Moacyr Sliar recebe de Santina Dal Paz exemplares da revista "Água da Fonte"



Acadêmicos de Passo Fundo confraternizam com os da Academia Brasileira. Sentados: Moacyr Sliar, Sérgio Rouanet e Ivan Junqueira. Em pé: Romeu Gehlen, Osvandré Lech, Jurema C. do Valle, Elisabeth Ferreira, Craci Dinarte, Helena Rotta de Camargo, Santina Dal Paz, Santo Verzeleti e Ana Carolina Martins da Silva

Presidente Meirelles Duarte saúda os ilustres visitantes em nome dos acadêmicos de Passo Fundo



Panegírico de Orfelina Vieira Melo:

Fostes uma mulher

WELCI NASCIMENTO

A maternidade é muito mais do que um ato biológico. É uma condição de ser. É um estado de espírito. Uma condição de ser e um estado de espírito que são produtos de condicionamento social.

Tradicionalmente, o papel da mulher se caracterizou, em quase todas as sociedades, pela importância nela dada a qualidades como doçura, sentimentalidade, paciência, fidelidade, espírito de sacrifício.

Não é na maternidade física que a mulher se realiza plenamente. Não é a imagem da fêmea rodeada de crias. A maternidade não se identifica com o ato biológico de gerar e dar à luz.

A madre Tereza, de Calcutá, nos oferece o mais sublime exemplo de maternidade, sem ter nunca levado um filho em seu ventre.

Condicionamentos diversos parecem impor limites à maternidade física no mundo de hoje. Exige-se que se reforce mais a espiritualidade maternal, condição de ser da mulher.

Neste dia, neste momento, a Academia Passo-Fundense de Letras louva a vida de Orfelina Vieira Melo, parte ativa deste sodalício, que por muitos anos tivemos o privilégio de contar com seu convívio, enaltecendo esta casa de cultura.

A Orfelina se instruiu, se profissionalizou, tomou parte ativa e direta nos processos políticos, culturais e religiosos, ao mesmo tempo em que assumiu a maternidade.

Orfelina foi capaz de superar, pela vontade, o cansaço do seu corpo e da sua mente. Foi uma mulher na expressão física e na maternidade.

Teve muitas virtudes.

A primeira, a nosso ver, foi a de ser mãe. As filhas foram suas maiores riquezas. Com elas, na companhia delas, soube viver, apesar de estar sempre ocupada com o povo da sua comunidade.

No entanto, a mãe sempre

(ARQUIVO FAMILIA O.V. MELO)



Orfelina, a artista

encontrava tempo para educá-las, muitas vezes brincando, no dizer da sua filha Lucimar.

Orfelina foi uma eterna estudante. "Sempre há o que se aprender", dizia.

Depois de completar seus estudos, que lhe deram o título de professora, trabalhar e galgar a aposentadoria, resolveu cursar Teologia no Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo.

Fiquei surpreso, um dia, ao ver a companheira Orfelina sentada no banco escolar do Instituto. Eu, na ocasião, era professor daquele educandário. Surpreso, perguntei – O que estás fazendo aqui? Respondeu-me Orfelina, graciosamente: "Estou cursando Teologia!"

Galgou o curso até o fim, ao lado de jovens.

O magistério foi a sua vocação. Soube exercer com maestria e dignidade. Por onde passou, deixou marcas indeléveis.



Público presente à solenidade acadêmica em memória de Orfelina

Uma outra qualidade da Orfelina era o amor pelo Rio Grande do Sul. Desde a sua juventude fez parte ativa do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Nos congressos realizados nos mais distantes pontos do Rio Grande, lá estava a Orfelina, representando Passo Fundo e o seu CTG Getúlio Vargas.

Quando tive a oportunidade de dirigir os destinos da Secretaria Municipal de Educação de Passo Fundo, nos primeiros anos da década de 80, tive o prazer de convidar a professora Orfelina para coordenar um programa de implantação do ensino do folclore gaúcho nas escolas da rede municipal. Orfelina coordenou o programa e o implantou com perfeição. O sucesso do projeto teve repercussão estadual e nacional, sendo notícia no jornal O Estado de São Paulo.

Orfelina foi uma mulher religiosa, de fé. Desde cedo se fez presente nos movimentos de leigos da Igreja Católica. Ela se envolvia com a comunidade. A integração com a cidade e seu povo sempre foi a sua marca, até o final da sua vida aqui na terra.

Que o digam as pessoas da Casa Lar, do Grupo de Prevenção às Drogas, do Grupo de Portadores de Insuficiência Renal, do



(ARQUIVO APL)

Filha de Orfelina fala durante panegírico de sua mãe

Pró-Memória, da Fazenda Esperança, do Conselho de Idosos, da Pastoral da Saúde do Hospital São Vicente de Paulo, do CREATI, da Academia Passo-Fundense de Letras e tantos outros segmentos da sociedade.

Ela era uma passo-fundense orgulhosa. Sabia da história da sua terra. Quando se aproximava a Semana do Município, Orfelina se envolvia com produções literárias de Passo Fundo.

A última vez que tive contato com a companheira Orfelina foi por ocasião do lançamento do livro "Ruas de Passo Fundo do Século XIX", no gabinete do prefeito municipal Airton Dipp. Lá estava ela para prestigiar o lançamento de mais um livro. Aliás, outra qualidade que lhe era peculiar, ela testemunhava os acontecimentos da cidade.

O ingresso da Orfelina Vieira Melo nesta Academia enriqueceu nosso acervo literário. Ela era uma presença constante. Sempre. Quando menos se esperava, pois sabíamos que se encontrava constantemente enferma, em tratamento, eis que surge Orfelina, subindo as escadarias da Academia, sozinha ou acompanhada por uma de suas filhas, para se fazer presente na reunião ordinária mensal. O que alguns não fazem, regularmente.

Seu livro "Espiritualidade na Terceira e melhor idade", editado em 1992, sua primeira obra, já alcançou cinco edições em nível nacional, hoje impresso pela editora Ave-Maria, de São Paulo.

A expectativa de vida aumenta e o percentual de idosos começa a crescer no final do século 20. Mas nem sempre os idosos recebem a consideração e o respeito que merecem.

A trilogia sobre os idosos: "Espiritualidade na Terceira e melhor idade", "O Idoso Cidadão" e "Aposentadoria: Prêmio ou Castigo" enaltece as pessoas idosas. Em uma de suas obras Orfelina clama: - "Idosos, meus irmãos, meus companheiros, meus mestres, tudo por vocês..."

Dom Urbano Algayer prefaciou a obra de Orfelina. Disse: "Recomendamos a leitura deste livro, não somente aos ido-

sos, mas também a quem deseja preparar-se para uma velhice feliz".

Disse Orfelina: "Avançar na idade traz para muitas pessoas o temor da velhice e a angústia da morte que se aproxima". Ela conseguiu fazer essa caminhada com tranquilidade, naturalidade e firmeza. E concluiu: "É preciso saber viver, sofrer, amar e morrer com a certeza da ressurreição em Jesus Cristo".

O livro que agradou o mundo tradicionalista regional foi o "Resgate da Música Gaúcha em Passo Fundo", escrito em 1998.

A obra resgata o que houve de mais significativo na expressão da musicalidade regional. Conta a trajetória dos músicos de Passo Fundo que tocavam pelo belo prazer de tocar, especialmente os gaiteiros. Das duplas, trios e conjuntos musicais, desde Teixeira, homens e mulheres de Passo Fundo que fizeram sucesso divulgando a música regionalista gaúcha.

Os últimos trabalhos literários da Orfelina estão contidos na Revista desta Academia, Água da Fonte.

Orfelina Vieira Melo ocupou a cadeira n° 3, cujo patrono é o romancista e contista gaúcho Alcides Maya, nascido no final do século XIX, em São Gabriel, e falecido no Rio de Janeiro em 1944.

A cadeira n° 3 está vaga com a morte da companheira Orfelina Vieira Melo.

Ela conseguiu superar o cansaço do seu corpo e da sua mente.

Conseguiu a calma e o bom senso num mundo que delira.

Ela creu nela mesma e em Deus, com a força das grandes convicções.

Ela foi capaz de esperar sem perder a esperança.

Com sua simplicidade respeitou as pessoas e aproveitou todos os minutos da sua vida para edificar uma obra.

Fostes uma mulher.

Alegremo-nos!.

(Discurso pronunciado pelo acadêmico Welci Nascimento, durante o panegírico à acadêmica Orfelina Vieira Melo, no dia 6 de outubro de 2005.)

Poesia

ANELISE RECH

A poesia brota
Quando a alma serena...
Encontra palavras
E planta na cabeça!

Os anos amadurecem,
Os fios embranquecem.



Os olhos são espelhos d'alma
- uma janela -
Por eles se vê
O que o ser sente e fala
Mesmo calado, ao olhar...

Vazia (o) como um (a) folha de)
papel em branco.
Cheia (o) de possibilidades como
um (a) folha de) papel em branco...

Amor, paixão e poesia

Amor:
Ardor
Andor
Acalma a dor.

Paixão:
Vazia
Cega
Dependente
Ilusória
Decadente.

Poesia:
Oculta a alma
Afaga a vaga
Interior de amor.

(Anelise Rech é psicóloga e tem participado de diversos concursos literários.)

O primeiro líder comunitário de Passo Fundo

PAULO MONTEIRO

E stá em moda o título de “líder comunitário”, divisa da qual têm se servido os mais diversos tipos de indivíduos. A liderança comunitária, porém, exige algumas características especiais, para que responda aos verdadeiros interesses comunitários. Entre elas podem ser destacadas: conhecimento dos grupos políticos em ação, dos interesses em disputa, posicionamento claro em favor do segmento prejudicado, desprendimento pessoal e determinação para arcar com toda e qualquer consequência que possa advir do enfrentamento. Mas, acima de tudo, deve ser incorruptível.

Todos esses caracteres encontraremos nos anos de 1928 a 1931 reunidos em uma pessoa: Gomercindo dos Reis. Revela-nos o estudo do confronto entre a comunidade da atual Vila Rodrigues com o loteador, coronel Faustino Rodrigues, o poder público municipal, e o especulador imobiliário (ou testa-de-ferro) Brasilico Lima.

Ao investigarmos a história de Passo Fundo descobrimos que a Vila Rodrigues começou a ser povoada em 1918. Nove anos depois o loteador vendeu parte da Praça Brasil à congregação das Irmãs de Notre Dame. No ano seguinte (1928), surgiu um movimento em que os “mais de três mil moradores” se opuseram ao negócio. À frente da mobilização estava Gomercindo dos Reis, poeta, publicista, político e pesquisador da história de Passo Fundo, um dos fundadores do Grêmio Passo-Fundense de Letras, em 7 de abril de 1938.

Tudo começa em 1927, quando Faustino Rodrigues vendeu metade da praça à Congregação das Irmãs de Notre Dame, que ali pretendiam construir uma casa para ministração de aulas aos meninos das redondezas, em grande parte filhos de ferroviários.

No dia 10 de agosto de 1928, o intendente (prefeito) Armando Annes recebia abaixo-assinado rezando que “quando a vila foi organizada, o coronel Faus-



Gomercindo dos Reis pouco antes de seu falecimento

tino Rodrigues fazia questão de salientar que a vila contaria com praça arborizada, quiosque, luz elétrica, igreja, ruas abertas, etc.”. Promessas não cumpridas. O logradouro, durante uma grande festa, fora batizado como Praça Brasil, mas acabou sendo cercada e usada como propriedade particular do coronel loteador. Este se defendia afirmando que vendera a praça, mas dera parte para a construção de uma escola. Tudo isso se tornou público em matéria intitulada *Protesto contra a venda de uma praça*, na primeira página de O Nacional, edição de 15 de agosto daquele ano.

Três dias depois, um artigo sob o mesmo título (O Nacional, p. 1), assinado por “Dr. R.” dos moradores contradita-

dos. Perguntava-se-lhes o porquê de não terem protestado quando, dois anos antes, se anunciou o oferecimento da mesma área para as religiosas construírem seu colégio ou na ocasião em que a Praça da República (atual Ernesto Tochetto) foi reduzida à metade para a construção da Escola Elementar (hoje Protásio Alves) ou na época em que uma praça do Boqueirão deu lugar a um colégio metodista (Instituto Educacional).

A 22 de agosto, na primeira página, em matéria claramente editorial, intitulada *Será tão difícil compreender*, O Nacional salientava a importância do tema e que publicaria tudo o que dissesse respeito ao assunto. Nessa mesma edição, Gomercindo dos Reis, assinando G.R.,

(FOTOS: ARQUIVO P. D. S. MONTEIRO)

na primeira parte do artigo *Protesto contra a venda de uma praça*, identifica o “Dr. R.” como Octacílio Ribas, engenheiro da prefeitura municipal. Argumenta que a Praça da República, na verdade era formada por duas praças, cortadas pela Avenida Brasil. Como no centro da cidade os terrenos são muito caros, o poder público aproveitou uma delas para erguer um moderno prédio. O caso da Vila Rodrigues era diferente, pois não tinha uma única praça e os terrenos eram de pouco valor.

No Boqueirão, os metodistas edificaram um grande prédio (que até hoje ali está, diga-se de passagem) e na Praça Brasil as Irmãs de Notre Dame pretendiam construir uma casa de madeira para lecionar um grupo de meninos.

“Demais a mais – conceitua –, um erro não autoriza outro.

“O fato dos moradores do Boqueirão não terem protestado não desautoriza o protestos dos moradores da Vila Rodrigues.

“É preciso que os senhores intendentes acabem com essa mania de cederem as praças para a construção de prédios”.

O pior é que quase oitenta anos depois, a advertência de Gomercindo dos Reis continua merecendo ser ouvida pelos administradores de Passo Fundo.

O artigo do autor de “Jardim de Urtigas” continuaria no dia 25. Diz não ser contra religiosos – como o Octacílio Ribas insinuara –, mas que nas praças públicas não se deve construir colégios. Afirma dispor de documentos provando o comércio dos terrenos ao redor da praça por preço maior do que os demais do loteamento. Ameaça o coronel Faustino com verdades amargas, através da “Secção Livre” de O Nacional. Apela ao futuro intendente, Nicolau de Araújo Vergueiro, “que foi quem deixou este espinho na garganta dos moradores da Vila Rodrigues, para que o mesmo tome algumas providências no sentido de que a praça da vila não desapareça de forma alguma”.

Nessa mesma edição (*Intendência Municipal Despachos*), à página três, aparece extrato de despacho da Intendência (Prefeitura) sobre a presença da praça no mapa da vila, feito em 1918 pelo agrimensor Francisco Della Mea, situação reconhecida pelo próprio Faustino Rodrigues, que vendeu metade da praça em 1927, conforme escritura pública. A praça consta, ainda, na planta da cidade, elaborada 1922 pelo engenheiro



Representação do “presépio vivo” pelo grupo teatral do Instituto Estadual Cecy Leite Costa, durante o Natal Luz, na Praça Brasil.

municipal Arthur Souto Ribeiro.

O Executivo Municipal, baseado no Código de Posturas e no Código Civil, decide que “não pode a municipalidade prescindir dos direitos que tem sobre a referida praça, cuja venda parcial, pelas

razões expostas não pode atacar, pelo que se oporá pelos meios legais a quaisquer outros atos que impliquem em desrespeito ao domínio público da dita praça”. Nira Worm dos Reis, filha do poeta, lembra que o intendente Armando An-

nes determinou a prisão de Gomercindo, que permaneceu preso durante três dias. Ante a pressão popular sua prisão foi relaxada.

O desentendimento não terminaria aí. Voltaria à tona menos de três anos depois, através de *O Nacional* (*Surge novamente o caso da praça Brasil*, 25-02-1931, p. 2). O autor anônimo, alegando sua condição de jornalista, afirma que telefonara ao prefeito e que este “não esmiuçou o assunto, dando-nos somente a garantia de que a praça não seria tornada ao domínio particular, defendendo o município os seus legítimos direitos”. Rememora os incidente anteriores e o despacho de Armando Annes, favorável aos moradores. Estes souberam que Faustino passou procuração ao major e “advogado” Brasilico Lima para vender a praça.

Já em 1928, “Era evidente aliás que, se o sr. Faustino Rodrigues pudesse vender a praça, ficaria habilitado a vender as ruas”. Segue abaixo-assinado com nomes de pessoas cujas famílias são encontradas até nossos dias. O documento fora dirigido, a 22 daquele mês, ao prefeito Henrique Scarpellini Ghezzi, denunciando o caso.

“Temos documentos sobejos para provar que o Sr. Faustino Rodrigues não tem direito de vender a Praça Brasil”.

Na mesma edição, Gomercindo dos Reis divulga um duro artigo datado do dia anterior (*A NOSSA DEFEZA, EM CASO EXTREMO, SERÁ FEITA A PORRETE, A FACA E A DINAMITE*, *O Nacional*, págs. 2 e 3). Confirma que Faustino Rodrigues passara procuração a Brasilico Lima, em favor de quem a Madre Maria Fermina também teria desistido de sua parte na referida praça. Talvez lembrando os três dias de prisão, que sofrera em 1928, afirma que os tempos em que os caciques davam ordem já passaram. Repete os argumentos do despacho de Armando Annes e revela dados sobre o negócio. A praça era transferida por 25.090\$000 e os terrenos seriam vendidos a 3.200\$ 000 cada.

O publicista rememora que, em 1929, um grupo de moças e senhoras – elas eram importantes para os movimentos sociais daqueles tempos – pediu a Nicolau de Araújo Vergueiro a abertura e arborização da Praça Brasil. Pouco depois, Gomercindo dos Reis foi procurado por Octacílio Ribas, dizendo que a questão dependia de apenas dois contos de réis para pagar honorários do Dr. Ney de Lima Costa, advogado de Faus-



Gilmar Teixeira Lopes (Associação dos Moradores da Vila Rodrigues), Nira Worm dos Reis (filha), Neiva Bonamigo Tonial (presidente da Associação dos Moradores da Vila Rodrigues) e Lóia Worm dos Reis, em 31 de julho de 2002, durante inauguração de placa em homenagem a Gomercindo dos Reis, na Praça Brasil

tino contra o próprio Gomercindo. E sugeriu que os moradores, através de abaixo-assinado, apelassem ao advogado dispensar a cobrança de honorários. Gomercindo pensou em recorrer ao advogado, mas teve de retirar-se para Porto Alegre por motivos de saúde. Quando retornou, a cidade estava politicamente convulsionada.

Gomercindo acusa Faustino de estelionatário e o denuncia ao promotor de justiça, revelando que os terrenos ao redor da praça foram vendidos com preço 50% maior do que os demais imóveis, que era ameaçado de morte pelo acusado, que a praça fora cercada com arame farpado e que já fora processado três vezes pelo denunciado. Prepara um fecho entusiasmado. Os moradores apelariam à imprensa, iriam à praça pública, telegrafariam ao interventor federal no Estado e, se isso não bastasse, “apelaremos à força bruta – o porrete, a faca, a bala, o incêndio e a dinamite! Iremos para a cadeia como incendiários ou dinamiteiros, mas faremos respeitar os nossos direitos! Experimentem e verão!”.

No dia 28, *O Nacional* (*A propósito da Praça*, p. 1) noticia que recebera uma carta de Brasilico Lima e não a divulgava por falta de espaço. A 2 de março os editores tornam público a negativa de publicar a carta, pois “tivemos o desprazer de verificar que o signatário, num intróito extenso, cheio de insinuações a nós dirigidas e perfeitamente dispensáveis, não observou a cortesia e a consideração que lhe deveria merecer um

jornal ao qual se dirige solicitando um obséquio.

“O liberalismo tem limite, além desse está, não a tolerância sadia, mas a passividade condenável.

“Julgamo-nos dispensados, pois, de fazer essa publicação na parte editorial desta folha”.

A carta, com data de 27 de fevereiro de 1931, seria publicada na “Secção Livre”, quarta página, de *O Nacional*, a 6 de março. Critica a publicidade, como matéria paga, na “edificante” “secção livre”, que traz, no cabeço, títulos e subtítulos rebarbativos – “porrete, faca, bala, incêndio e dinamite”- indiscutivelmente atentatórios, provocantes e sumamente desrespeitosos à ação da justiça e especialmente da polícia, que tem o dever de prevenir e obstar os crimes”, censurando o periódico e ameaçando com ação criminal seu autor, que não é citado diretamente.

Brasilico Lima defende os direitos de Faustino vender a praça, sempre mantida cercada e sob uso particular. Como nunca foi escriturada pela prefeitura pertence ao loteador. Abro um parêntesis para lembrar que, ao longo da história de Passo Fundo, muitas áreas de domínio público acabaram sendo transferidas para particulares, com a conivência de detentores de cargos públicos, porque não foram escrituradas em nome do Município...

No dia seguinte, em matéria editorial de capa, sob o título de *PATRIMÔNIO PÚBLICO*, à primeira página, *O Nacio-*

nal, continuando na defesa da manutenção da área sob domínio público, se solidariza com a causa e se solidariza com a municipalidade por não aceitar acordo com Faustino.

Brasilico Lima, na "Secção Livre", a 10 de março, volta à carga (*Ao defensor oficioso do patrimônio público*, p. 4), salientando que o jornal, "órgão dos irmãos Annes, prevalecendo-se das circunstâncias transitórias e especialíssimas que caracterizam o atual momento político, arvorou-se em supremo arbítrio dos destinos desta terra".

"O seu diretor, *ex cathedra*, tudo insinua, critica e resolve sentenciosamente à sua feição, com desprezo completo a quaisquer manifestações em contraste".

O capitão e rábula continua advogando os direitos do proprietário e atacando a troca de "linha" do jornal. Lembra que, a exemplo da vez anterior, pagará pela publicação do artigo e termina advertindo: "Não tardará, entretanto, o aparecimento aqui de outra folha de publicação que agasalhe carinhosamente os desafetos de "O NACIONAL".

Era o anúncio de A LUTA, jornal de Túlio Fontoura, que começaria a circular a 1º de maio daquele ano.

Em *Contrariando um libelo* (O Nacional, 11-03-1931, p. 2), que teria continuidade no dia seguinte (*Contrariando um libelo II*, p. 1), os redatores de O Nacional contraditam Brasilico. Recorrem ao passado dele, como jornalista em Passo Fundo e que "essa lembrança arastou outras e tão nítidas a que chegamos rapidamente à conclusão de que em matéria de palavras duras e ataques fortes, o ilustre autor do sermão moral leva sozinho de vantagem não só a nós que sempre fomos infensos a esse gênero literário, mas a todos os signatários de secções livres aparecidas no O Nacional, nos seis anos e meio de vida, separados ou conjuntamente".

O periódico lembra que sempre criticou os governos municipais, mesmo o de Armando Annes, defendendo-se da acusação de "folha revolucionária". A resposta rememora que, "meses antes", Brasilico estava de acordo com O Nacional, contra a prefeitura, inclusive sugerindo alterações em editoriais, e que só mudou de opinião porque o jornal opôs-se à venda da praça.

O Nacional fazia oposição a Henrique Scarpellini Ghezzi, prefeito em exercício, que costumava fazer o oposto do que o diário preconizava e parabenizava o surgimento de um novo jornal por-



Lápide mandada colocar pela Prefeitura de Passo Fundo, no túmulo do poeta, localizado no Cemitério Municipal da Vera Cruz

que assim o prefeito quebraria o silêncio, lamentando não poder oferecer "agasalho gratuito (...) aos nossos desafetos, visto que o jornal nos custa dinheiro e muito".

O periódico encerra a polêmica no dia 17 de março de 1931, com matéria da redação (*A Praça Brasil – As providências da Prefeitura*, p. 4) contando entrevista com o "dr. Antonio Bittencourt de Azambuja", contratado pelo prefeito para dar parecer sobre a venda da Praça Brasil. O advogado manifestou sua opinião já formada: "Entendo que o município de Passo Fundo tem inconcusso direito de jurisdição sobre a área urbanizada da Vila Rodrigues". E conclui definindo Antonio Bittencourt de Azambuja como "um profissional cuja competência jurídica não pode ser negada e cuja lealdade de opinião de forma alguma pode ser suspeitada".

Impedido de continuar apresentando suas razões pelas páginas do único jornal existente em Passo Fundo, Brasilico Lima usaria um panfleto, com seis páginas, intitulado *O CASO DA "VILLA RODRIGUES" E A D' "O NACIONAL" (DEFESA NECESSARIA)*, onde fica patente a divisão dos republicanos, numa época em que ocorreram os movimentos emancipacionistas de Carazinho e Erechim, o que contribuiu para o enfraquecimento político de Passo Fundo, em nível regional.

A luta comunitária sobre a venda da

praça Brasil revela o papel importante desempenhado por Gomercindo dos Reis no episódio. Graças a essa mobilização, a Praça Brasil foi salva. Ao redor dela estão o Colégio Menino Jesus (das irmãs de Notre Dame), igrejas, clube, seminário, e até uma universidade, comprovando a importância daquela mobilização. Ali é realizada uma grande festividade natalina, recebendo milhares de pessoas.

Do ponto de vista jornalístico, insere-se dentro de uma prática da época, abrindo espaço para discussões sobre os mais variados temas. Esses debates, na maioria das vezes, acabavam nas barras dos tribunais. Lembre-se que, apenas na primeira fase do enfrentamento, o líder do movimento teria sido processado três vezes e trancafiado na cadeia por ordem do próprio intendente municipal. Ademais, vemos a presença de uma profunda divisão política entre a "elite" de origem republicana, representada pelos "irmãos Annes" e seu jornal, de um lado, e pelo grupo de Nicolau de Araújo Vergueiro, de outro. A divisão vinha de longe e continuaria mais tarde, entre trabalhistas e pessedistas, arenistas e emdebistas. E continua até hoje. Isto, porém, são outros quinhentos.

(Paulo Monteiro é titular da cadeira 32 da Academia Passo-Fundense de Letras, que tem como patrono Gomercindo dos Reis.)

As formigas



PABLO MORENNO

Há formigas invadindo a casa. Escarafuncham o encanamento elétrico, trilham azulejos, habitam um vaso, varrem a cozinha. Inócuos todos os conselhos: pó de café, pimenta, cravo e canela, alho, folhas de cinamomo. Inesperadamente, uma perninha vermelha assoma entre azulejos. Quase microscópicas e da cor das coisas, nem sempre posso vê-las. Se cochilo no sofá, sinto um estranho carinho. Me engano. São formigas em revezamento quatro por quatro entre a orelha e a nuca.

Ontem, decidi pela coabitação harmônica. Deixei uma mescla de migalhas e açúcar na área de serviço. Elas entenderam a mensagem. Hospedaram-se num velho xaxim ao lado da lava-roupas.

Não fale de felicidade nos círculos literários. Demonstre bom gosto. Finais felizes afastam a crítica. Um romance premiável precisa ter homens e mulheres dilacerados. Finais felizes são contos de fada ou, no máximo, literatura infantil.

As ciências humanas não estudam felicidade. Salvo em alguma tendência

marginal da psiquiatria ou da psicologia, a felicidade não doutora. Procuram-se leis naturais, causas e efeitos, verdades, fenômenos previsíveis e estatisticamente demonstráveis.

A religião tampouco deseja pessoas felizes. O homem precisa de salvação. Felicidade, no máximo, para depois da morte, se não abusar dos prazeres mundanos, é óbvio.

Por essas e outras eu e a felicidade vivemos um amor conturbado. Oscilo entre o ridículo e essas incessantes formiguinhas. Quando menos espero, brotam desesperadas num vão qualquer, galopam pela face. Despudoradas me desmentem entre os amigos das letras, colegas da universidade ou meus leitores crentes. Vexame certo.

Tranquilizei-me porque alguns pensadores sérios, para além de livretos de auto-ajuda, andam escrevendo sobre. E todos defendem a mesma tese estarrecedora: o consumo é inversamente proporcional à felicidade. Comprove lendo "Felicidade" de Eduardo Giannetti, "A Filosofia e a Felicidade" do filósofo francês Philippe van den Bosch e "Choosing Simplicity" (Escolhendo a simplicidade) de Linda Breen Pierce.

Em outras palavras, a economia capitalista poderá entrar em colapso com a felicidade em massa. Se pessoas felizes não consomem, se o consumo é o azeite da máquina econômica, infelicidade e insatisfação são justas salvaguardas da humanidade. Sendo claro: ninguém está interessado na felicidade. Desestabilizadora, nociva, corrosiva. Sem consumo cai a produção, aumenta o desemprego, estagna a ciência... Um caos.

Admiro as formigas ocupando a casa. Me acalmo quando se restringem à área de serviço. Estou no controle. Amanhã, desejarão uma bolacha recém-lançada, um cereal novo com vitaminas, um suco exótico da Amazônia. Criarei novas estratégias.

As formigas, como a felicidade, são teimosas e invasivas. Explicam-se os conflitos. Sempre insatisfeitos, procuramos doçura em inéditas migalhas.

Penso felicidade mesmo tentando mantê-la em área restrita. Brota em frestas. Às vezes coincide com o reaparecimento das formigas, às vezes não. A literatura, a ciência e a religião têm coisas mais importantes por fazer. A economia põe e depõe governos, inicia e acaba guerras, financia bibliotecas e escritores, ergue os templos. O que não se pode fazer é, por causa da felicidade, acabar com tudo inadvertidamente. Não! Não! Não!

Alguns amigos me dizem "precisas desinfestar a casa o quanto antes". Acho uma solução terrorista. Por ora.

(Pablo Morenno é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras, autor de Por que os homens não voam? e Um Menino Esquisito.)

Poesia

GETÚLIO VARGAS ZAUZA

Beethoven

Música! Música divina
Nascida d'estrelas o rondor
Nem sonhas quanto ela m'ensina
Me inunda de puro Amor.

Como a voz dos Deuses és imensa, grande
Meu Espírito se condensa, se comprime
Minha Alma liberta flutua, se expande
Expervive o Belo que só tu exprimes

Fugaz é tua terrena existência
Aqui és apenas breve momento
Para nossa terrena consciência
Eterna és nas estrelas no firmamento

Vens de Deus que rege o infinito
Tua origem reconheço afinal
Além do Amor és o que existe mais bonito
De todos as Artes és a mais espiritual

Tu que das celestiais esferas
Divina música ouvias
Uma encarnação de Deuses eras
És ainda o Príncipe das divinas Sinfonias.



Dedicado à memória
de Beethoven
e em homenagem ao
amigo Angelin Loro.



Nadja Rossato ou

a arte como brinquedo

(ARQUIVO APL)

Nadja Rossato, como diriam os velhos jornalistas, faz parte de uma plêiade de artistas plásticas passo-fundenses, onde se incluem os nomes de Maria Lucina Bueno e Miriam Postal, entre outras, cujo reconhecimento ultrapassou as fronteiras pátrias. Aliás, Maria Lucina e Miriam também brindaram os leitores de Água da Fonte com belíssimas capas.

Licenciada em Desenho e Artes Plásticas pela Universidade de Passo Fundo, Nadja Rossato é mãe do agrônomo João Manoel, residente em Minas Gerais, da funcionária pública Juliana, que mora em Passo Fundo, e de Larissa, que vive em Londres. Desde 1983, participa de exposições no Brasil e exterior. Destaca-se sua presença em mostras no Centro Histórico e Cultural Prof. Klinger Filho (Porto Alegre), Universidade de Passo Fundo – Instituto de Artes -, V Bienal Internacional de Gravura – Taipei Fine Arts Museum (China) -, International Small Engraving Salon Carburani (Romênia), Museu de Hannover (Alemanha), Prefectural Gallery Kanagawa (Japão), Chagal House (Israel) e Museu Nacional de Grabado (Buenos Aires).

Merece destaque especial sua participação em exposições realizadas em Londres, no final de 2004, na Embassy of Brazil, 32 Green Street London W1K 7AT, recebendo elogios da crítica especializada.

Não é à toa que um tom lúdico perpassa a obra de Nadja, cujo nome está ligado ao lituano Nadejda, que significa “esperança”. Esse ludismo encontra explicação na biografia da artista. Ainda criança, na Escola Bom Conselho, de Passo Fundo, ao entrar em contato com o lápis, entendeu que a maior utilidade daquele objeto era retratar o mundo ao redor de quem o manuseava.

“No Bom Conselho – conta Nadja – comecei a desenhar meus colegas. Para mim, era para desenhar que o lápis servia. Meu pai foi chamado à escola. Esse hábito acompanhou-me até a Universidade. Retratei muitas pessoas. No Instituto de Artes comecei a estudar piano, que toco até hoje. Acabei optando pela pintura. Na Universidade de Passo Fundo, aprendi novas técnicas de desenho, pintura, gravura, painéis e cerâmica”.

A exemplo de outros artistas, deixou sua marca em painéis que podem ser vistos, em Passo Fundo, na frente do Fórum, e no interior das igrejas católicas da Vila Fátima e São José Operário. Sua paixão é a gravura.

“Gosto da técnica da gravura, que desenvolvi por diversos anos, participando de ateliê de litogravura. A gravura é muito fiel ao traço do desenho, que é a minha origem. Consigo passear por outras técnicas. Gosto da cerâmica e da porcelana. Com a gravura, porém, você consegue democratizar o acesso

à arte, pela multiplicação de cópias numeradas. Faço um número limitado, no máximo dez cópias. A vantagem da gravura é que você pode comprá-la de nomes bons e mais sérios. Hoje há mais mercado”, confessa.

Populariza-se a arte da pintura. Meio mundo é pintor. Alguns entendidos discutem a qualidade da maioria das obras. Sobre isso, eis o pensamento de Nadja: “Vejo na pintura a óleo uma banalização. É muito fácil qualquer um comprar uma tela e pintar. Fiquei dez, quinze anos, só fazendo trabalhos de acordo com as condições objetivas de produção”.

Para ela, a qualidade da obra de arte está ligada ao dom. “O dom existe. A escola ajuda a manusear novos materiais e adquirir novas técnicas. Muito do meu conhecimento veio com ateliês de gravura, e com diversos professores, entre os quais Marta Loguércio, Anico Herskovtz e Maria Tomaseli. Se o Dom não existisse, todos aqueles que saem de um Instituto de Artes se destacariam como artistas. Numa turma de médicos todos saem médicos, mas numa turma de artes poucos saem artistas”.

E a obra por encomenda? “Acho que a obra por encomenda é muito mais técnica do que artística. Quanto maior a interferência externa, menor é o valor artístico. Quando o artista pode usar o material que quer, seu trabalho é mais artístico”. (PAULO MONTEIRO).



Os novos acadêmicos de 2001: Ana Carolina (E), Gilberto Cunha, Carlos Alceu Machado, Carlos Hecktheuer, Luís Marcelo Algarve e Paulo Monteiro

Revisitando o discurso de posse:

Uma mensagem aos futuros confrades

LUÍS MARCELO ALGARVE

O desejo de outrora de pertencer à Academia Passo-Fundense de Letras, enfim, começa a se tornar uma realidade, nesta noite, neste recinto que, em outros tempos, acolheu os mais divinos saraus de nossa cidade; neste local de pura sintonia literária, com seus bailes festivos, de onde, inúmeras vezes, brotaram histórias, cantos e poesias, e até casais que aqui se enamoraram, estabeleceram famílias e acabaram fixando residência em Passo Fundo. Muitas Letras daqui surgiram.

Em 7 de abril de 1938, fundava-se o Grêmio Passo-Fundense de Letras, hoje Academia Passo-Fundense de Letras. Mas, afinal, o que significa ser um integrante desse sodalício?

Caros confrades, agora já comprometidos, investidos e empossados, que me autorizaram a representá-los, missão esta muito nobre, mas também árdua, na qual peço o consentimento dos companheiros, para utilizar as palavras do nosso mui estimado presidente, confrade

Ironi Andrade, em verdadeira Ode à Academia, para expressar uma parcela do nosso sentimento:

“(...)Minha Academia,
que sempre te quis!
De nobres autores, és valorosa:
Do imortal Machado de Assis,
De Bilac, de Lobato, de Barbosa!(...)”

Sim. Academia de Bilac, Assis e Barbosa, mas Academia Passo-Fundense, de Francisco Antonino Xavier e Oliveira (o pai da história de Passo Fundo), de Gomercindo dos Reis, de Herculano Annes, de Ernâni Fornari, de Arthur Ferreira Filho (o historiador de província, como se auto-intitulava), de Dorival de Almeida Guedes (agraciado em 1975 com o título de eterno colaborador da Academia), de Nicolau de Araújo Vergueiro (homem que plantou a semente da educação em nossa cidade), de Daniel Dipp e muitos outros.

E hoje, também Academia Passo-Fundense de Letras de Ana Carolina Martins (com seus textos poéticos, cartas e teatro), de Carlos Alceu Machado (com

suas interrogações sobre os pactos da humanidade), de Carlos Roberto da Silveira Hecktheuer (com seus estudos de psiquiatria), de Gilberto Rocca da Cunha (com seus trabalhos sobre os mitos da meteorologia), de Paulo Domingos da Silva Monteiro (dedicado ao jornalismo literário e à literatura como um todo) e, por fim, deste jovem que vos fala (um aprendiz urbano que aprecia o dom de escrever), como diz a poesia, por mim mesmo dedilhada:

“A escrita nada mais é do que uma simples rotina humana.

Assim pensa a maioria.

Enganam-se os seguidores dessa filosofia!

Escrever é uma arte

É fonte inesgotável de prazer

É viajar por diversos mundos

É conhecer as profundezas do pensamento

É mais do que isso...

Escrever é dialogar sozinho!”

Nada mais justo e honesto do que homenagear, igualmente, por intervenção nossa, acadêmicos e academia, através da compreensão de seus próprios

vocábulo, isto é, “Academia Passo-Fundense de Letras”.

Academia que significa sociedade de artistas, literatos ou sábios, significa uma escola de instrução superior, ou ainda, segundo os dizeres de Fernando Pessoa, “refúgio das saudades de todos os deuses antigos”.

Passo-fundense significa aquele que é de Passo Fundo, ou o que adotou a terra por gosto e opção de vida, ou ainda, de acordo com Argeu Santarém, “aquele que nasceu na República dos Coqueiros”.

Letras. Seja como símbolo gráfico, seja como o conjunto de estudos sobre leitura e literatura, as letras são um modo de viver uma paixão, uma verdadeira devoção. Letras que escrevem nomes em nossa história, nomes que deixam marcas em nossos anais citadinos, homens que, como o meu querido e saudoso avô, Dr. Jurandyr Algarve, deixam seguidores de seu espólio de cultura e saber.

Todos nós - e falo por intermédio do instrumento verbal de mandato que me foi outorgado pelos ilustres pares iniciantes - estamos honrados e embevecidos em colocar nossas vidas à disposição da Academia Passo-Fundense de Letras, pois queremos não apenas fazer parte dessa sociedade intelectual, como também incentivar a participação de um número cada vez maior de pessoas nesse grupo de estudos literários de Passo Fundo, levando a todos os passo-fundenses a certeza de que - se cada poeta canta sua aldeia - nossa cidade deve ser cantada pelos passo-fundenses, seja com poesias, crônicas, artigos de jornal, artigos científicos, enfim, que em cada lugar em que um dos integrantes dessa confraria for, leve consigo a bandeira de Passo Fundo, não só como anfitrião de grandes eventos literários, mas como produtor de literatura. Que, no momento em que a Academia tem promovido o resgate de vários títulos produzidos em Passo Fundo, seja ela, ou melhor, seja-



Membros da APL

mos nós, o amálgama dessa trupe, congregando, estimulando e incentivando os escritores de nossa cidade à produção cultural. Acreditamos que essa seja a sua principal função e, para tal, colocamo-nos à disposição, pois o fim precípua deste sodalício passo-fundense é desenvolver e expandir a cultura em todos os níveis do conhecimento humano, conforme nos orienta o Estatuto Social.

Encaminhando-nos para o final desta saudação, resta-nos agradecer, pois jamais devemos ocultar e reprimir nossas gratidões. Por isso, agradecemos aos nossos pais e avós, aqueles que estão presentes, os que estão distantes, ou aqueles que já partiram para uma outra estação, porquanto foi através deles que tivemos as primeiras noções de conhecimento e de cultura, sabemos, foram nossos ancestrais que, em alguma época do passado, perfilharam nosso futuro.

Agradecemos aos nossos professores, aos nossos colegas, companheiros e amigos, aqueles com quem repartimos nossas confidências.

Agradecemos às nossas esposas, filhos, familiares próximos, pilares adorados de nosso cotidiano.

Agradecemos a Deus, bondade espiritual que nos assiste e abençoa todos os dias.

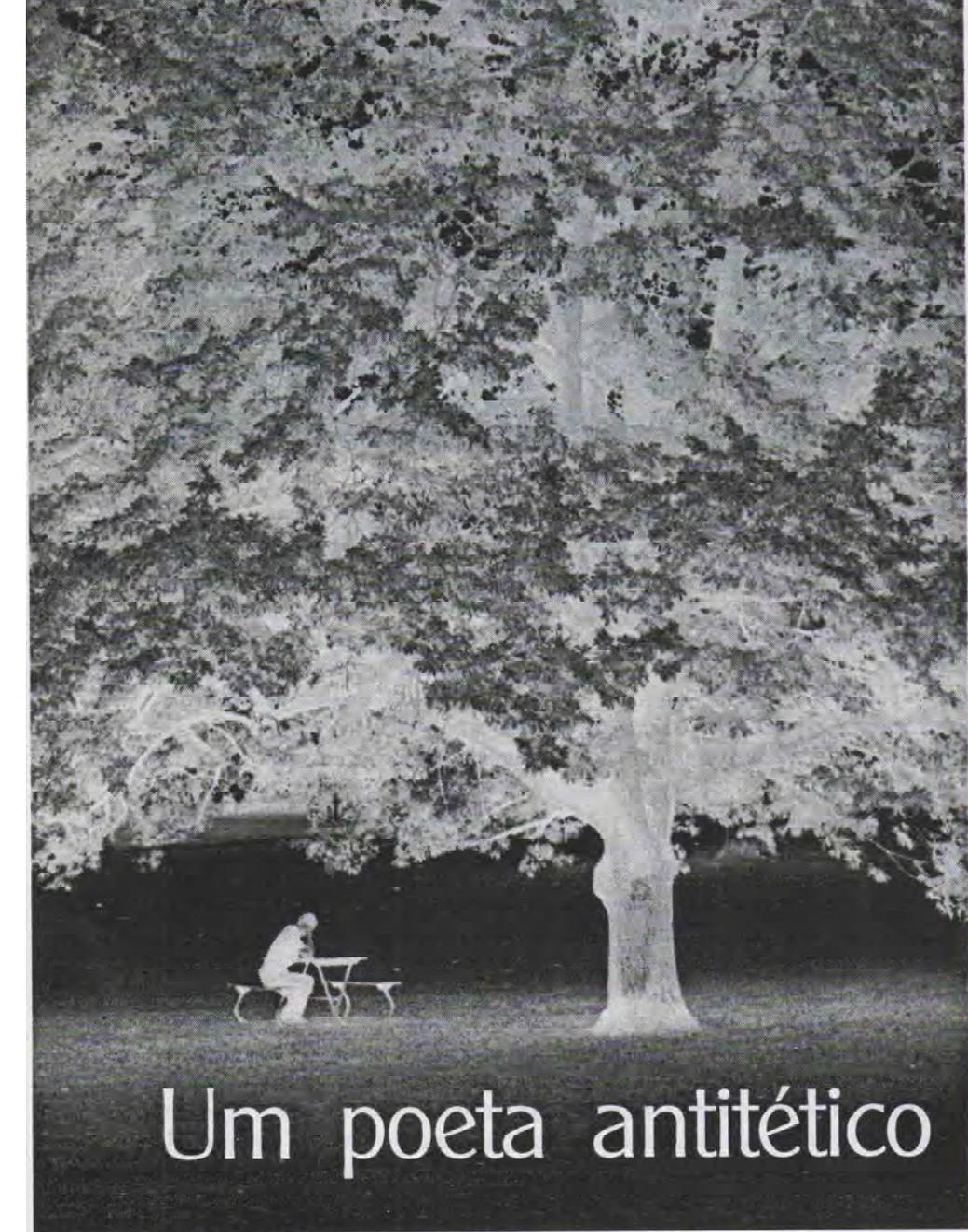
(FOTOS: DEOCLIDES CZAMANSKI)



Ao revisitar este discurso de posse, deduzida a emoção da lembrança daquele dia inesquecível, tem-se a sensação de que alguns objetivos desta confraria estão sendo alcançados com muito êxito. Exemplo atual disso é a produção desta riquíssima revista *Água da Fonte*. Nela são publicados artigos, ensaios, poemas, notícias, entrevistas com ilustres nomes da literatura local, isto é, são levadas ao conhecimento público obras individuais belíssimas, recheadas todas de muito talento e percepção. Porém, a mais incrível e importante contribuição desta via de comunicação é, inexoravelmente, o fomento à produção literária dos escritores de Passo Fundo. Por isso, entende-se que está sendo atendido um dos preceitos do discurso de chegada, ou seja, o de incentivar a participação de um número cada vez maior de pessoas no grupo de estudos literários da Academia Passo-Fundense de Letras. O mérito disso tudo, em primeiro lugar, sem pestanejo, é do competentíssimo e incansável Conselho Editorial, capitaneado pelos estimados acadêmicos Gilberto R. Cunha e Paulo Monteiro e, em segundo lugar, pelos integrantes da APL e demais colaboradores. Digo isso, porquanto, por onde passa esta *Água da Fonte*, as pessoas elogiam o seu puríssimo bom gosto de expandir a literatura.

Por fim, quero dar o meu testemunho sobre o prazer de ser um dos integrantes da Academia Passo-Fundense de Letras: trata-se de honraria sem valor pecuniário, de regozijo intelectual, de convivência com outras gerações e de contentamento que, mesmo à distância, permite contato direto com a minha amada Passo Fundo.

(Discurso de posse na APL proferido por Luis Marcelo Algarve, em 31/10/2001, no Clube Caixaerial de Passo Fundo.)



Um poeta antitético

PAULO MONTEIRO

A recente publicação do volume intitulado “Poesias”, de Elisomero da Costa Moura (impresso na Tipografia Sananduva, em Sananduva, 2005), e seu lançamento na Academia Passo-Fundense de Letras, veio constituir-se num verdadeiro evento literário, pela importância da obra do poeta lagoense.

Elisomero da Costa Moura nasceu em Bento Gonçalves, em 15 de junho de 1951. Muito cedo sua família passou a residir em Lagoa Vermelha, onde o poeta concluiu os cursos primário, ginásial e técnico em contabilidade. Mudou-se para Porto Alegre, ali trabalhando e realizando curso pré-vestibular. Transferiu-

se para Passo Fundo, cursando Direito e Letras, na universidade local.

Durante o período de residência em Passo Fundo integrou o Grupo Literário “Nova Geração”, que reuniu um elevado número de jovens intelectuais da cidade. Pertenceu ao Rotaract Club de Passo Fundo e à Academia Passo-Fundense de Letras.

Viajante insaciável, transferiu-se para o Paraná, lecionando em Curitiba e São José dos Pinhais, exercendo a profissão que iniciara no Colégio Bom Conselho de Passo Fundo.

Residiu no Japão, onde fez especialização para continuar a prática do magistério. De volta ao Brasil, reiniciou suas atividades, falecendo em Curitiba no dia 25 de maio de 1995.

Sua irmã, Izete da Costa Moura, que

também integrou o Grupo Literário “Nova Geração”, reuniu parte das poesias de Elisomero no livro que acaba de vir a lume.

Amplio, neste ensaio despretenso, conceitos que emiti quando, em nome da Academia Passo-Fundense de Letras, designado por seu atual presidente, apresentei o livro à intelectualidade local e aos amigos do poeta, que se fizeram presentes à solenidade realizada no prédio-sede do sodalício local.

Elisomero faz parte de uma espécie poética mais comum do que possa parecer: os poetas antitéticos. Em língua portuguesa, eles são encontrados facilmente, desde os trovadores galaico-portugueses até poetas contemporâneos nossos.

Na verdade parecem ser verdadeiros filhos espirituais de Heráclito, o polêmico filósofo de Éfeso, que teve seu acme há 2.500 anos. Lembre-se que polêmica é quase a transcrição do grego *pólemos*, como se lê em “Filósofos Pré-socráticos – Primeiros Mestres da Filosofia e da Ciência Grega”, de Miguel Spinelli (EDIPUCS, Porto Alegre, 2003, página 376). Num dos fragmentos mais conhecidos de sua obra, Heráclito afirma que “Pólemos [a guerra] é pai de todas as coisas, rei de tudo; a uns, os demonstrou como deuses, a outros, como homens; de uns fez escravos, de outros, livres”, na tradução de Damião Berge, à página 261 de “O Logos Heraclítico – Introdução ao Estudo dos Fragmentos” (INL, Rio de Janeiro, 1969). Ora, a guerra é exatamente uma forma particular, especial, assumida por *éris*, a luta.

A luta, porém, tanto em Heráclito quanto em outros pré-socráticos, e ao longo mesmo da história do pensamento, só apresenta sentido, do ponto de vista antropológico. Nesse aspecto é meridiana a conclusão de Miguel Spinelli: “O indivíduo, deixado a si mesmo, independente de qualquer relação, isolado, não entra em conflitos, a não ser consigo mesmo. Em qualquer circunstância, é na relação que o conflito se dá. Por ser o filósofo do paradoxo, para Heráclito o conflito é a regra, sendo que a própria Natureza necessita, e muito, de um tal conflito” (Op. Cit., p. 196). É bom que se diga: onde Damião Berge traduz *pólemos* como guerra, a leitura de Miguel Spinelli é “conflito”.

A essas alturas alguém estará perguntando: “... mas, afinal, o que o Elisomero da Lagoa Vermelha tem a ver com esse tal Heráclito de Éfeso?” E a resposta é



Reunião do Grupo Literário Nova Geração (Elisomero é o segunda à direita)

simples: "Tudo". A contradição é a base da obra de nosso poeta. E os poetas antitéticos têm plena consciência disso, ao contrário de outros poetas. Leia-se o poema abaixo, de Elisomero:

EU... ANTÍTESE

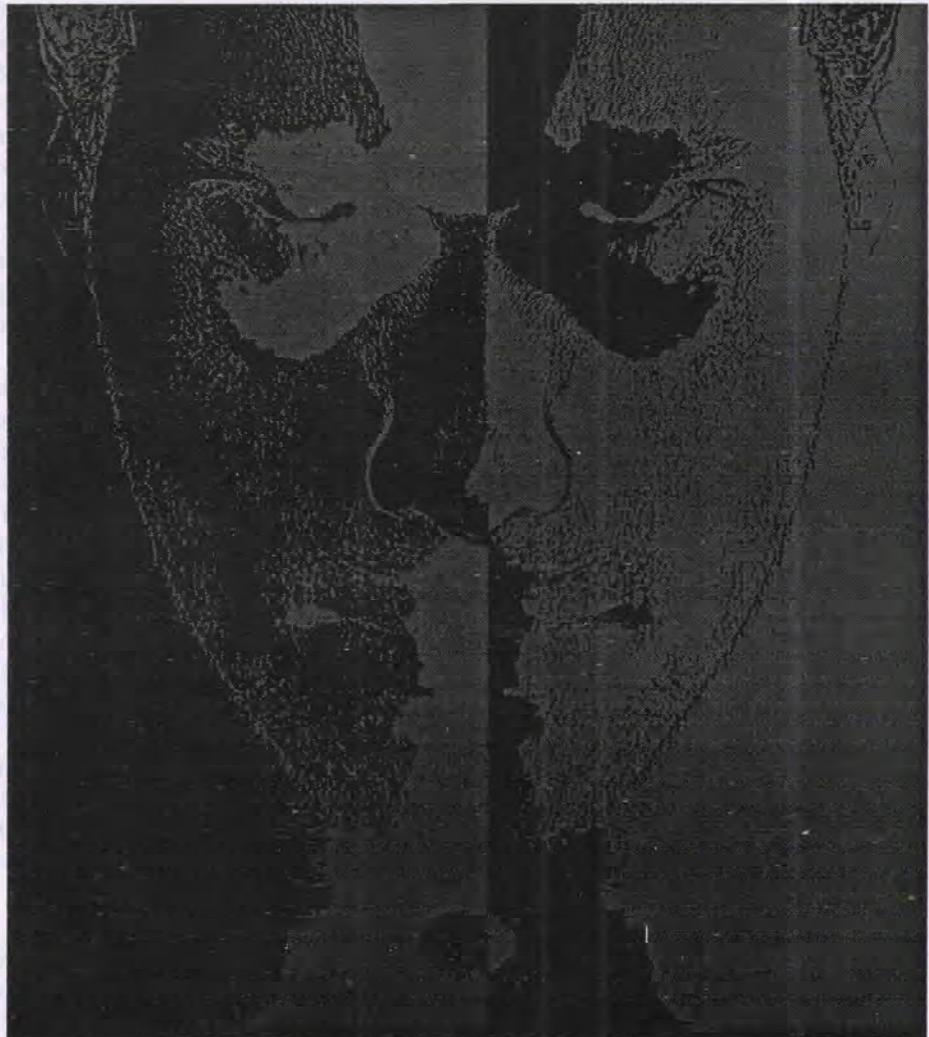
Sou o fruto
de uma imaginação maior.
Sou o sonho de um Deus
numa noite de luar.
Sou efêmero
como a partida
e constante como a volta.
Sou apenas abstrato
intocável como a lágrima
que não sai,
e concreto
como o sorriso
que se solta.
Sou o amante
do momento
do pôr-do-sol e do azul.
Do eterno,
do luar e do jasmim.
Sou o pensamento
de um Deus
e um poema de sua loucura.
Sou um silêncio... cantante.

Antonio Medina Rodrigues, num recente estudo sobre os sonetos camonianos, lembra a presença antiga da antítese na literatura de língua portuguesa, chamando a atenção para os abusos ocasionados pelo emprego excessivo dessa técnica, como define o estudioso de Camões. Este "... não pratica um mero jogo verbal, como vieram a fazer, mais tarde, alguns poetas barrocos. Camões simplesmente exprime as contradições e perplexidades inerentes à própria vida humana. Quer mostrar o homem dividido, sobretudo entre a esfera do ser e a do parecer" ("Roteiro de Leitura: Sonetos de Luís Vaz de Camões", págs. 66 e 67, Editora Ática, São Paulo, 1998).

Ora, todos os verdadeiros poetas, máxime os poetas antitéticos, ao contrário dos meros cometedores de versos, só produzem poesia porque conseguem exprimir essas contradições e perplexidades. É exatamente aquela "contradição consigo mesmo" de que fala Miguel Spinelli, o que dá vida à verdadeira poesia. O mais é mero discurso, simples oratória, e não arte poética.

Todos os verdadeiros poetas, máxime os poetas antitéticos, também, são movidos a emoção pura. Volto a Heráclito e

ao fragmento 85 na clássica obra de Damiano Berge (Ed. Cit., p. 277): "É difícil lutar contra o coração; o que ele quer, compra-se ao preço da psique". Ora, o grego *psychê*, de onde psique, significa simplesmente vida. José Cavalcante de Souza, à página 87 de "Os Pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários" (2ª Ed., São Paulo, Abril Cultural, 1978), parece verter o fragmento através do latim: "Lutar contra o coração é difícil; pois o que ele quer compra-se a preço de alma", pois esta última palavra é



originária de ânemos.

Os verdadeiros poetas, máxime os poetas antitéticos, conseguem produzir verdadeira poesia porque têm seu êthos no “coração”. Na transliteração/tradução de Miguel Spinelli (Id., p. 376): *êthos*, significa “morada, modo de habitar ou viver, índole, costume”, o que aplicado ao fragmento 85 dá no seguinte: “*êthos antrôpôî daímon*, o êthos humano é o seu daímon”. Lembre-se Damião Berge, ao demonstrar que *daímon* (demônio), na Grécia de Heráclito, não envolvia o sentido atual de *spiritus malitiosus* ou *malignus*, mas de simples divindade (Id., págs. 194 e 195).

Sendo emoção pura os poemas, máxime os poetas antitéticos, têm pago um preço muito caro, geralmente com a própria *psique/ânemos/vida*. Muitas vezes morrendo cedo ou, como tantos ao longo da história, através do suicídio. Trata-se de *éris/pólemos* contra eles mesmos, num processo autodestrutivo.

Em Elisomero Moura essa batalha íntima é claríssima. Sirva de exemplo o poema DE TI:

Fale-me de ti.

Dos jasmims que enfeitaram teus passeios,
alvos e orvalhados nos teus fartos cabelos,
e das mãos que, os colheram
e docemente te ofertaram.

Fale-me de ti.

Dos cantos, das vozes que ouviste,
do barulho do cascalho na calçada,
das mãos que te embalaram
e afastaram as minhas.

Fale-me de ti.

Dos olhos que olhaste, dos rostos
que retrataste, das cores nos pincéis.
Do novo aluno ao que ensinaste o primeiro traço,
e de outro sorriso que se esboçou na alma.

Fale-me de ti.

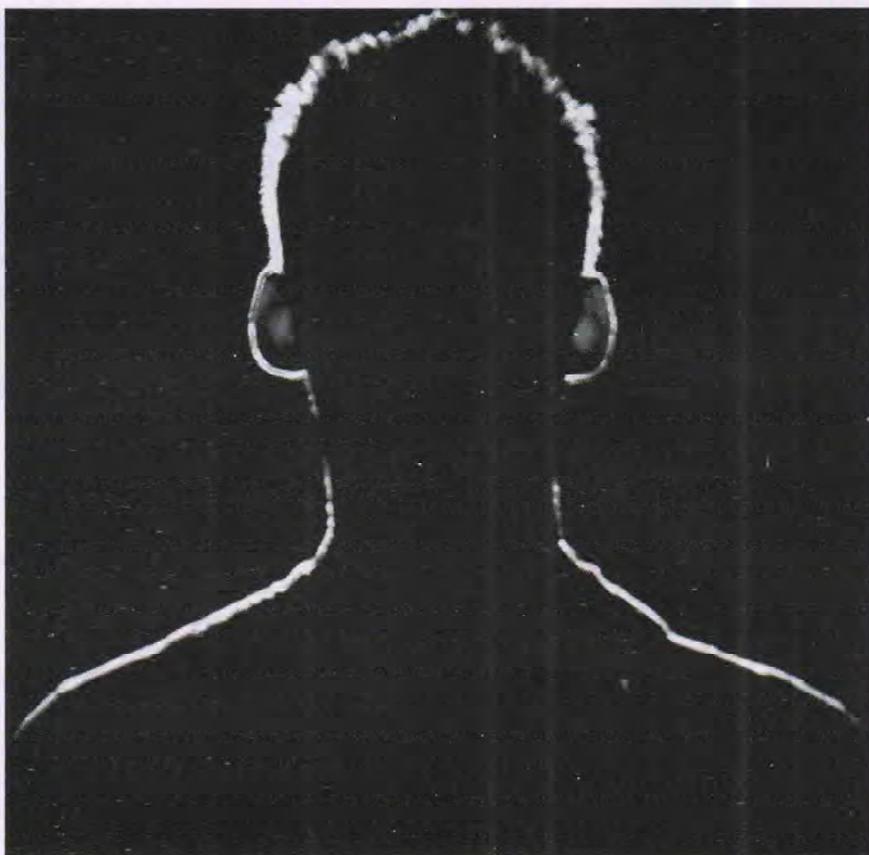
Do pôr-do-sol no rio,
da maçã com gosto de menta,
de quem te visitou nas tardes de domingo
e te levou timidamente,
uma flor campestre.

Fale-me de ti.

Dos poemas feitos;
das frases quentes que te incendiaram as faces
e te fizeram o coração pulsar descontroladamente
e tuas mãos tremerem.

Fale-me de ti.

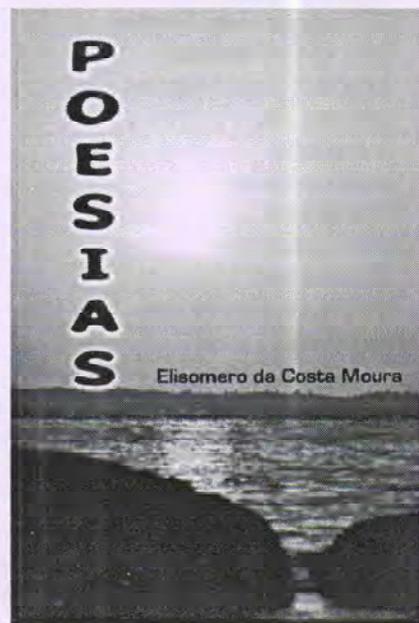
De todo este tempo que não foi nosso
que foi apenas dor, saudade e desengano.



Essa luta interior travando-se contra si mesmo, é uma violação da dialética universal. Tudo é porque há unidade e luta dos contrários, que se transformam numa nova qualidade. Sirva de exemplo a fecundação do óvulo pelo espermatozóide: o “amador”, de Camões, se transformando na “coisa amada”, que na verdade é um outro ser.

Pode, também, ser “loucura” como nos fala o poeta em “EU... ANTÍTESE”. Essa loucura é, em tantos poetas, ao longo da História, a oposição entre o *êthos* pessoal e o *êthos* coletivo, através do amor proibido. Teimo em retornar ao Efésio, no fragmento 123: “A *physis* tende a ocultar-se”, na tradução de Damião Berge (Ib., p. 123), ou “Natureza ama esconder-se”, conforme José Cavalcante de Souza (Ed. Cit., p. 91).

Poetar é brincar de esconde-esconde com *physis/natureza* humana e ler poesia ou escrever sobre ela é desfrutar o prazer de acompanhar a brincadeira, nem sempre tão inocente do poeta. E Elisomero Moura é um mestre nessa brincadeira.



(Paulo Monteiro pertence à Academia Passo-Fundense de Letras, à Academia Literária Caúcha e a diversas entidades culturais do Brasil e do exterior.)

Obra do acadêmico Elisomero da Costa Moura lançada na Academia de Letras

MEIRELLES DUARTE

Vinte e sete de agosto de 2005 marcou um dos momentos mais emocionantes da vida da Academia Passo-Fundense de Letras. Naquela data era homenageada a memória de um grande poeta que foi membro titular do sodalício e desapareceu muito moço ainda. Deixou incontáveis e belas poesias, sendo que grande parte destas foram transformadas no livro "Poesias", sua única obra, que marcou sua passagem nos meios poéticos e literários brasileiros. Elisomero da Costa Moura, nascido no dia 15 de junho de 1951, na cidade de Bento Gonçalves, residiu, com seu pai militar, em Lagoa Vermelha, Passo Fundo, Porto Alegre e Curitiba. Faleceu na capital paranaense no dia 22 de maio de 1995. No tempo em que aqui viveu, ingressou na Academia Passo-Fundense de Letras, na cadeira de Darcy Azambuja, no dia 22 de novembro de 1975. Foi professor de renome, tendo lecionado no Colégio Bom Conselho, seguindo após para Curitiba. Na capital paranaense continuou como professor e aperfeiçoou seus conhecimentos na área das letras de forma destacada. Recebeu bolsa de estudos para o Japão. Com sua morte, sua irmã, Dra. Izete da Costa Moura, selecionou suas poesias e escolheu a Academia onde Elisomero ingressou para o lançamento oficial. Isto aconteceu no dia 27 de agosto de 2005, perante seleta presença e um número altamente expressivo de acadêmicos que acorreram à convocação para esta solenidade. No lançamento, os trabalhos foram dirigidos pelo presidente, Antonio Augusto Meirelles Duarte, e secretariados pela acadêmica Santina Dal Paz. A convite do presidente, o acadêmico Paulo Monteiro não só apresentou a obra que estava sendo lançada como fez um apanhado da vida do autor com o qual conviveu por muitos anos, nos movimentos literários da cidade. Sob os aplausos de todos os presentes, tivemos o agradecimento da família do homenageado através da Dra. Izete da Costa Moura, que disse da sua emoção por

viver aquele momento tão significativo. A todos os presentes foram entregues exemplares do livro, sendo que a Biblioteca Municipal e a Academia de Letras ficaram com um número maior para poder distribuí-lo nos meios estudantis da cidade. O acadêmico Jorge Salton foi o autor da apresentação da obra em suas páginas iniciais, tendo-se referido a tudo que escreveu, enaltecendo o valor do homenageado. Além do presidente e da secretária, já referidos, prestigiaram o ato, os acadêmicos: Paulo Monteiro (apresentados da obra), Jorge Salton (autor da introdução), e ainda, Welci Nascimento, Jurema Carpes do Valle, Osvandré Lesch, Craci Dinarte, Santo Verzeleti, Helena Rotta de Camargo, Elisabeth Ferreira e Gilberto R. Cunha. O Colégio Bom Conselho esteve presente com sua diretora, a Irmã Leonila, e coordenadora, Irmã Inês. A Biblioteca Municipal esteve presente com sua diretora, Marilza Bragagnolo, e todos os membros. Além de um grande número de amigos e colegas, os familiares do homenageado vieram das seguintes cidades: de Erechim, Dr. Homero Paulo da Costa, Vanessa Cristina, Simone Raquel Moura, Diogo Francisco Milioki. De Lagoa Vermelha: Dra. Iza de Lourdes Moura, Dra. Izete da Costa Moura, Mary Elizabeth Cairi, Cassiano dos Santos. Muitos Capões: Ivony Rodrigues.



As irmãs do Bom Conselho, Leonila e Inês, recebem exemplares de "Poesias" das mãos da Dra. Izete da Costa



Dra. Izete da Costa Moura agradece em nome da família, vendo-se na foto os acadêmicos Osvandré Lech e Craci Dinarte



Paulo Monteiro recebe da Dra. Izete Moura exemplar da obra de Elisomero



Família e alguns amigos de Elisomero, presentes ao ato de lançamento do seu livro



Acadêmicos com o exemplar da obra lançada



A tradição

do lazer entre os imigrantes

Passo-fundenses preservam o jogo da mora

SANTO CLAUDINO VERZELETI

O Centro Cultural Ítalo-Brasileiro Anita Garibaldi, integrado na comunidade passo-fundense e cumprindo com seus objetivos específicos, se destaca pelas iniciativas de semear a cultura e resgatar os usos e costumes de seus ancestrais.

Com o apoio de Sérgio Rigo e Fernando Roveda, o Centro procura salvaguardar, entre outros usos, os jogos e diversões que trouxeram alegria às comunidades, no início da colonização, e se destaca pelas iniciativas de semear a cultura, as tradições e costumes dos que vieram d'além-mar.

Ao chegarem ao Brasil, os imigrantes italianos tiveram que começar, praticamente do nada, sua nova vida.

Segundo Ribeiro (2002), "na serra gaúcha, o imigrante começou a viver uma experiência inteiramente nova de agrupamento espacial, de adaptação ambiental, de relacionamento social,

de proprietário rural, e de convivência com camponeses provenientes de outras províncias e regiões da Itália".

A vida social e cultural do imigrante foi sendo reconstituída, tendo como ponto de referência, quando organizada, a capela, onde se desenvolviam atividades religiosas, lúdicas, sociais e políticas.

A ausência de recursos para a prática de esportes e atividades recreativas, nas primeiras décadas, fez com que o lazer, sob forma de encontros familiares, se centrasse especialmente no *filó*.

Como institucionalização do lazer, o *filó* era uma reunião de famílias, para conviver, conversar, comer, jogar e cantar. Nesses encontros, floresceram a música, a poesia, o humorismo e, sobretudo, os jogos e brinquedos próprios da sua cultura.

Entre os diversos tipos de jogos, destacavam-se: o baralho (bisca, tressete, quatrilha, canastra, escova e escovão), a bocha e, o mais tradicional de todos, o jogo da mora, com suas diversas ver-

sões (a morina, a mora cantada, a mora corrida, a mora lenta e a mora muda).

Tanto durante a semana, no final da tarde, como aos domingos, após a missa ou o a reza do rosário, italianos e descendentes se reuniam para o entretenimento dos jogos.

O *jogo da mora* foi trazido da Itália, especialmente do Vêneto, e, no decorrer do tempo, se manteve entre os hábitos de recreação não só dos imigrantes, mas também dos seus descendentes.

Segundo Frei Aquiles Bernardi, autor de *Nanetto Pipetta*, "a mora consiste em acertar a soma dos dedos que os contendores expõem sobre a mesa, entre gritos e batidas, para encanto e emoção da torcida". É indispensável também que o jogador perceba que fez o ponto, e o diga em voz alta, caso contrário, o adversário continua (*el da sora*) e não se efetua a marcação do ponto.

A mora exige dos participantes movimentação rápida dos dedos e mãos, num alternar que encolhe, abre, fecha e bate, enquanto se ouve um veloz pronunciar

dos números, de zero a dez: *muta, uno (un), due (du, un per un, un per uno), tre (trr), quattro, cinque (sinque), sei (ces), sete, oto, nove, dieci (diese, o tuta)*.

Entre todos os jogos, o da *mora* era o preferido. Ele exige raciocínio rápido, cálculo matemático, agilidade e grande esforço físico, pelos movimentos repetitivos das mãos sobre a mesa.

Basicamente, o mecanismo do jogo se dá na soma dos dedos entre os jogadores, que os expõem na mesa, cantando em voz alta o número desejado.

Quem acerta a soma proposta, juntando seus dedos com os dedos do adversário, marca o ponto.

Em seguida, inicia-se com outro jogador a disputa de um novo ponto. As jogadas e trocas de jogadores se repetem sucessivamente, até chegar a 12, 15, 16 ou 21 pontos, que é a quantidade estabelecida para se ganhar uma partida.

Uma característica da *mora* é o barulho feito na mesa de jogo, quase sempre de madeira, tanto pelas batidas fortes, como pelas chamadas dos números em alto tom de voz.

Outro aspecto interessante é a chamada dos números pelos jogadores que, freqüentemente, substituem o número 3 (três) e o número 6 (seis) por um simples grito, sem referi-los especificamente.

A marcação do ponto também acarreta uma forte dose de comemoração, vibração e emoção.

Mas, o que mais distingue esse tipo de jogo é o exercício do raciocínio e da observação, uma vez que utiliza o processo da adição, exigindo alta concentração e reflexos para acompanhar as jogadas, às vezes realizadas em centésimos de segundo.

A *mora* é ainda hoje usada como diversão em praticamente todos os municípios do Rio Grande do Sul onde há comunidades italianas, tais como: Antônio Prado, Bento Gonçalves, Garibaldi, Caxias do Sul, Flores da Cunha, Santa Maria, Serafina Correa, Silveira Martins, Veranópolis, Vila Flores, São Roque, Passo Fundo, Sarandi e Rondinha.

Gaetano Massa, de Roma, assim a descreve: "A *mora* era um dos jogos preferidos que caracterizavam os filós. Então, depois da reza do terço, reuniam-se em torno de uma mesa e jogavam. Fazia pontos quem acertasse o número sugerido, somando, vez-por-vez, os seus dedos abertos com os dedos do adversário. A habilidade consiste em, rapidamente, prever os cálculos".

O vinho alegra o ambiente, e os participantes se revezam em um jogo que é pura diversão, não sendo disputado por dinheiro. No máximo, limitam-se ao pagamento de uma rodada de vinho ou cachaça, ou com inofensivos ioiôs e caramelos.

O desafio apresentado pela *mora* é tão simples quanto o cenário que exige. São pessoas jogando de pé, com apenas uma mesa entre elas e, opcionalmente, um ou dois juizes e/ou marcadores dos pontos.

O mais comum é a disputa entre duplas, mas o jogo pode envolver trios, quartetos e até quintetos.

Quando jogado entre pessoas experientes, ganha um ritmo quase violento para quem ouve e/ou observa, porque, se um jogador é bom, ele deve, sempre que possível, chamar antes do seu adversário. Daí a batida forte na mesa, marcando velozmente o compasso, e até, eventualmente, fazendo sangrar os dedos dos competidores.

Síntese do jogo

Eis, em resumo, como transcorre a jogada da *mora*:

- duas pessoas frente a frente, com um objeto plano entre elas, normalmente, uma mesa;
- cada jogador aproxima o braço do peito e dá a largada direta ou bate uma ou duas vezes na mesa, antes de começar a chamar;
- cada jogador aponta de 0 a 5 dedos, concomitante com o adversário e, cada um chama um número;
- a mão fechada, normalmente (a combinar), vale *um dedo*, pois o polegar poderá causar dúvidas;
- faz o ponto o jogador que adivinhar a soma dos dedos apresentados sobre a

mesa (se os dois chamarem número igual, mesmo que acertem, não é ponto e segue o jogo);

f) os pontos são marcados pelos próprios jogadores, ou por juiz/contador de pontos. (O mais normal é um juiz, mas, às vezes, são solicitados dois juizes. Neste caso, um para marcar os pontos e outro para cuidar da palavra cantada);

g) é comum o juiz fazer a contagem com os dedos apenas;

h) ao fazer o ponto, o jogador grita: *mio* ou *sa la mora*, ou *alla mora*, recolhendo o braço contra o peito, ou levantando-o e já se dirigindo ao outro adversário;

i) vence o confronto o jogador ou equipe que obtiver 12, 15, 16 ou 21 pontos. No caso de chegarem aos 11 pontos empatados (ou 12), param o jogo e combinam se será disputado só o ponto que falta, ou se serão acrescidas mais 5 ou 7 jogadas.

A morina

Uma variante do jogo da *mora* é a denominada *morina*.

Esse jogo começa com um dos jogadores chamando sempre o número 6 (seis).

O adversário poderá chamar os números do 2 (dois) ao 10 (dez), menos o 6 (seis).

O jogador que chama o jogo, marca o ponto, quando os dedos de sua mão, somados aos da mão do seu contendor, resultarem na soma 6 (seis).

O adversário, por sua vez, marca o ponto, quando a quantidade de dedos colocados por ele e seu oponente, resultar no número chamado, passando a partir dessa jogada a ter o direito de chamar o jogo com o 6 (seis).

O jogador que marca o ponto e não



está chamando o jogo, passa a chamar com o número 6 (seis).

O ponto com o número 6 (seis) só poderá ser marcado por quem estiver chamando o jogo, que segue assim até um dos jogadores marcar. Quando os dois chamam o mesmo número, nenhum marca ponto.

Exemplo:

Tomamos o jogador da esquerda para o mando de jogo, que chamará, cantando sempre o número 6 (seis).

A mão do jogador da direita chamará os números de 2 (dois) a 10 (dez).

Se o jogador da esquerda chamou o 6 (seis) e colocou na mesa 5 (cinco) dedos, e o da direita chamou o número 10 (dez) e apresentou também 5 (cinco) dedos, a soma resulta em 10 (dez).

Nessa jogada, o jogador da direita marcou o ponto, que lhe dará o direito de passar a chamar o jogo com o número 6 (seis).

Outras versões do jogo da *mora*

Mora cantada - Os versos são introduzidos no jogo, como: *cinque la mora, cia; sei la mora, cia; mora la mora...* continua-se assim até fazer o ponto, quando se canta o estribilho do início. Às vezes os concorrentes expõem os dedos, uma vez com a palma da mão para cima, outra para baixo.

Mora corrida - É a mais comum. Dois jogadores oponentes chamam qualquer número: *due, sei, tr...* - Ao fazê-lo, o jogador grita: *Mio* ou *sa la mora*, ou *sei la* ou *alla mora*. Troca então de adversário, passando a jogar com outra dupla.

Mora lenta - Também conhecida como *punto-parola* (ponto-palavra), os dois jogadores oponentes chamam indistintamente qualquer número - *due, sei, tre...* Antes de chamar, batem uma ou duas vezes na mesa. E segue como a anterior.

Mora muda - Uma dupla escolhe (ou sorteia) **par** e a outra **ímpar**. Nessa competição, a cada batida, tem-se um ponto.

A Revista *Água da Fonte* tem o prazer de levar ao conhecimento de todos as regras do jogo da *mora*, e de outras brincadeiras que tanto alegraram o povo italiano, durante os 130 anos que marcam sua presença no Brasil.

(Santo Claudino Verzeleti é membro das academias Passo-Fundense de Letrase e de Ciências Contábeis do Rio Grande do Sul; e Secretário geral do Centro Cultural Ítalo-Brasileiro Anita Garibaldi.)

O casarão

HELENA ROTTA DE CAMARGO

A casa se erguia, larga e fleumática, nas suas linhas neoclássicas. Janelas altas, portas solenes. Tudo em madeira de lei.

As varandas, onde se revelava o busto emproado das donzelas, eram a vitrine das jovens casadouras.

Nada que prenunciasse as grades modernas, as cercas eletrificadas, com seu cenho carrancudo de cárcere. Liberdade solta. Alegria e cor despencando das guirlandas de três-marias.

O ar e a luz, abundantes e castos, atravessavam os umbrais, se enrolavam na renda das cortinas, percorriam todos os cômodos.

Da cozinha, como de uma botica de múltiplas fragrâncias, exalava o cheiro bom das panelas, borbulhando, ao crepitar da lenha, ruidosa e seca.

A mesa de cedro, as cadeiras torneadas. Os consoles e espelhos, impecáveis na sua elegância de mármore e cristal.

E que dizer dos leitos de dosséis indecifráveis? Das cômodas abarrotadas de mistérios e requintados enxovais? daquelas garbosas bacias de louça e seus jarros não menos imponentes, de conluio com os urinóis, vigias das madrugadas, sempre a postos?

Divinamente ladrilhados, os lustres refletiam a opulência dos palácios medievais.

Tudo solene, retaco, distintíssimo.

Um prazer morar ali, naquela miniatura de castelo, encimada sempre por um sobrado, esbanjando - ou escondendo? - bugigangas: retratos de família, acessórios fora de moda, fantasmas de assustar crianças, e uma poeira respeitosa protegendo tudo...

Infelizmente, para alegria de alguns e tristeza de muitos, o transcórrer frenético dos anos, e mesmo dos séculos, se encarregou de esmaecer toda essa pompa, essa magia das casas ancestrais, com seus adornos e arabescos.

O tempo e sua voracidade predatória não pedem licença nem mandam aviso. Simplesmente se instalam e põem-se a garimpar. O trabalho é lento, mas persistente e impiedoso.

Ora é um pedaço de reboco que se desprende, ora uma viga que esmorece, ora o cupim que se aloja no assoalho.

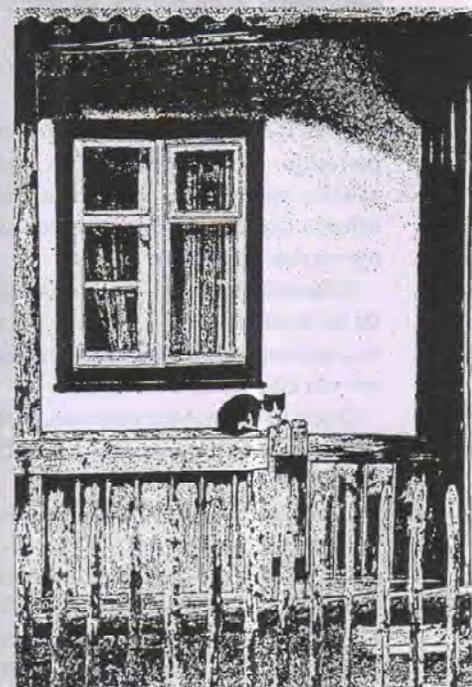
A decadência está prestes a brandir sua marreta criminosa. Não por acaso, como poderia parecer. Mas por descaso e desinteresse. A preservação da memória não figura na sua lista de valores.

E nós passamos, olhamos, lastimamos, e seguimos, remoendo um sentimento dúbio de dó e impotência.

De repente, a surpresa: terra arrasada!...

Restos de lembranças, cacos de vida, nada mais. Nem um naco de saudade gemendo entre os escombros.

Ao comando da urbanização, da modernidade, da incorporação dos espaços nobres, num piscar de olhos, sepultou-se para sempre a fidalguia do velho casarão. Um enterro gélido, sem lágrimas nem condolências...



Anjos unidos

Olhe para mim e verá quem sou...
 Olhe para mim e verá minha força...
 Olhe para mim e esqueça a dor...
 Olhe para mim e sinta meu calor...
 Olhe para mim e deixe o sofrimento para trás...
 Olhe para mim e não chore nunca mais...

Sou eu mesmo,
 Sou seu anjo...
 Vim para salvá-lo,
 Nunca o abandonei.
 E nunca vou abandoná-lo...

Apenas agora você me sente, porque só agora me chamou...
 Estendo minhas asas sobre você...
 Esta é a minha missão.

Somos, na verdade, um só,
 Unidos por um laço de amor.

Quando você estiver pronto... Liberte-se!
 Deixe as amarras da existência na Terra...
 Deixe que cresçam suas asas...
 Voe... Vá em busca de si próprio...
 Você é muito mais do que pensa que é.

(Carlos Javel do Vale, analista de sistemas, 21/11/1970 – 7/7/2005.)

(FOTOS: ARQUIVO JUREMA CARPES DO VALLE)



Carlos Javel e Natascha

Primícias

NATASCHA LONGHI DO VALE

Pai...

Você é legal,
 É meu amigo,
 E você é especial.
 E nunca o meu inimigo
 Você me fez nascer,
 Você me fez viver,
 Você me fez crescer,

Você me ensinou a ler
 Você fez o Ryan,
 Você fez o Raí
 Você encontrou
 A minha mãe,
 E fez três lindas sementinhas
 Você me olhou,
 Você me amou,
 Você me fez carinho.
 Você me fez sorrir
 Nas horas tristes.

(Natascha Longhi do Vale, 9 anos.)



Natascha Longhi do Vale



A inteligência das elites

GETULIO VARGAS ZAUZA

Na linguagem corrente e, principalmente, nos meios eruditos, o termo elite é utilizado para designar a pequena parcela da humanidade que detém o conhecimento (a cultura) e ou o poder econômico, em oposição ao povo trabalhador e inculto. Em suma, a elite seria constituída por aqueles que são considerados, ou se consideram, competentes para administrar, orientar, educar e dirigir os destinos da humanidade, ou seja, os que saberiam conduzir as questões relativas ao Bem da humanidade.

Pelo acima dito, pressupõe-se que seriam as pessoas INTELIGENTES, a Flor da Humanidade. Aliás, com outras palavras, os dicionários dizem o mesmo, pois, consultando dicionários etimológicos, encontramos o vocábulo inteligência como originado do Latim (intelligentia), faculdade de compreender. Ora,

quando se compreende algo, isso significa que o significado desse algo se revelou para a consciência daquele que o contempla (ouve, lê, investiga, etc...), o que também possibilita apreender (reconhecer) a natureza da coisa. E quem tem faculdade de reconhecer a NATUREZA de algo tem também a aptidão de antever quais efeitos ou conseqüências da ação baseada em tal algo podem advir no futuro ou mesmo imediatamente, ou então, pelo menos, ser cauteloso quanto a fazer uso de coisas de cujas conseqüências não tem certeza.

O dicionário Etymologico, Prosódico e Orthographico da língua portuguesa (é assim mesmo que está escrito) de J. T. da Silva Bastos, edição de 1928, nos dá a palavra ELITE como de origem do francês, significando o melhor, o escol. No entanto, o vocábulo tem sua origem na língua grega e refere-se explicitamente à parcela da sociedade (humanidade erudita, ou culta), inteligente. Enfim, trata-

se, de qualquer modo, do mesmo significado: entender aquilo que os sentidos físicos, visão, audição, tacto, olfato e paladar não estão aptos a fazer, quer dizer, o que somente a faculdade de pensar faz.

Considerando como verdadeiro o anteriormente dito, da classe dirigente (elite), devemos supô-la inteligente, tanto nos domínios político, econômico e cultural, como religioso e educacional. Enfim, todos aqueles que, de alguma forma, influem significativamente no acontecer dos fatos da sociedade humana, e portanto, na vida de cada um de nós, deveriam reconhecer que a maneira como têm agido vem conduzindo a humanidade para o caos social, espiritual e mesmo biológico, e a catástrofe se mostra iminente.

Vejam alguns fatos que desabam à vista de qualquer um que se considere não estar dormindo ou sonhando. Por exemplo, fatos históricos inegáveis dos

últimos séculos. Começemos pela assim chamada "Santa Inquisição". Quando se lê os Evangelhos, mesmo que não se possa reconhecer o sentido oculto (esotérico) neles contido, qualquer um que se considere realmente alfabetizado pode reconhecer o bátrio existente na relação do homem com Deus expressa no Velho e no Novo Testamentos. Percebe-se claramente de que forma essa relação é proposta pelos guias espirituais da humanidade. Em ambos os testamentos, é levado em conta o estado de evolução da consciência humana no passado, antes do acontecimento do Gólgota e após, e como deveria vir a ser no futuro.

Enquanto no passado (época A. C.) a relação do homem com o Deus Jeovah era, e assim precisava ser, de obediência incondicional ao Mandamento, na mensagem do Cristus-Jesus é de libertação e amor a Deus.

A partir do acontecimento do Gólgota, a humanidade, que há aproximadamente seiscentos anos A. C. havia começado a desenvolver a faculdade de pensar e, por conseguinte, de reconhecer a verdade, por empenho e esforço pessoal, pois já Pherekides (de Siros ou Tiros) havia lançado os primeiros germes do que veio a ser a Filosofia (arte de pensar), também a partir desse tempo se iniciara a interiorização do Eu (um Eu personal). Em razão do nível de desenvolvimento da consciência e da faculdade de pensar, a humanidade viria a poder reconhecer e aceitar a doutrina do Cristus pela compreensão, pelo amor à verdade e ao Criador. Mas aqueles que deveriam agir segundo a doutrina dos Cristus encontrada nos Evangelhos, seguiram, talvez propositalmente, ou por não tê-la entendido, um caminho que, por assim dizer, era e ainda é um prolongamento da acepção javística. Cultivaram o medo a Deus, embora na palavra falassem em amor. Essa forma de propagar a religião até certo ponto conseguiu impedir a evolução da consciência e, como consequência, obliterar a construção da liberdade interior, a qual certamente facilitaria o nascimento do amor entre as pessoas, a liberdade espiritual, a igualdade nos direitos sociais e a fraternidade.

Quando se volta o olhar d'espírito para o domínio sócio-econômico-cultural, percebemos que as assim chamadas elites fazem tudo o que podem para manter as classes não privilegiadas na mais abjeta das penúrias.

A classe dirigente, detentora do poder econômico, político e intelectual, com raras exceções, é conservadora e até mesmo retrógrada, e se esforça ao máximo para nada conceder que permita a ascensão dos desfavorecidos. Somente quando sente sua vida terrivelmente ameaçada, e não tem mais como se proteger, é que concede migalhas, tentando assim amainar a pressão, afugentar o perigo iminente e evitar por algum tempo que o pior lhe aconteça. A não ser premida pelo medo, nada concede, só o fazendo quando nem mesmo o poder da repressão policial consegue estancar a avalanche. É assim na situação atual de nosso país. As pessoas que desfrutam de uma condição sócio-econômica confortável clamam por paz, fazem passeatas, reivindicam a proteção do Estado, querem mais policiais nas ruas. Enfim, criam e transformam um sério problema de humanidade, social, econômico, espiritual, que seria resolvido pela fraternidade, em um caso de polícia.

É espantoso o estado de alienação das pessoas abastadas e das que detêm o poder!

Há exemplos sem conta na história da humanidade, em que, pela inépcia e alienação dos dirigentes de todos os domínios e tempos, o povo teve que apelar para a violência, como a única forma de conseguir algum avanço, na conquista de direitos que deveriam ser reconhecidos e não só concedidos, mas favorecidos por aqueles que detinham o poder para tal. Quantas trágicas consequências teriam sido evitadas! Quanto sofrimento! Quanta dor! Quanto atraso no desenvolvimento do ser humano por causa da insensatez das "elites"!

Uma das trágicas conseqüências da inépcia e insensatez foi a restrição até mesmo da liberdade de pensar. Tal como fez o comunismo e fizeram certas igrejas de várias confissões, ao determinar o que poderia ou não ser lido, prática que, embora muitas vezes veladamente, outras abertamente, fazem determinadas seitas. Ainda hoje há seitas que determinam como seus seguidores devem vestir-se, quais medicamentos não podem tomar, quais procedimentos terapêuticos não lhes são permitidos, etc...

Considere-se ainda o que o poder econômico está fazendo com o meio ambiente. Ou seja, lançar produtos sabidamente tóxicos no ar, no solo e nos mananciais hídricos; ou ainda pôr no mercado produtos designados como medicamentos, os quais não foram suficientemente pesquisados para se ter certeza de que não são danosos ao organismo humano, tais como a Talidomida, a Lipobay, o Vioxx, etc... que geraram mal-formações em fetos, ou mataram seres humanos, quando deveriam curá-los. Há ainda o caso de cientistas subornados para falsificarem, inventarem dados não pesquisados, ocultarem efeitos prejudiciais, tanto diretamente à saúde humana, como indiretamente, pela ação destruidora do meio ambiente.

É evidente que a maioria dos pesquisadores são corretos e querem proceder corretamente. No entanto, grande parte das pesquisas, especialmente as referentes às biociências, são patrocinadas por grandes empresas, cujo maior interesse é o econômico - aquela economia que não visa o progresso de todos, o bem do ser humano, mas apenas satisfazer o egoísmo pessoal, a posse, o poder a qualquer custo.



O pesquisador, na sua generalidade, é honesto. Porém, porque é apto e quer seguir sua vocação, se sujeita às pressões das organizações, tanto privadas como dos governos, para poder trabalhar naquilo que sabe e ama fazer.

Penso que qualquer pessoa de mediano nível de bom senso, nem precisa ser inteligente, poderá compreender que a chamada elite é imediatista, e quer apenas as vantagens egoístas, pessoais, do momento, ignorando que assim procedendo está cavando a sua própria ruína e de toda humanidade. E se não tem a mínima consideração com os seus descendentes, quanto menos terá com as futuras gerações. É uma mentalidade que se rege pela "moral" expressa na sentença: "Depois de mim, o dilúvio".

Os detentores do poder, em todos os domínios da ação, não se dão conta de que criaram e estão alimentando o monstro da violência em todas as suas formas. Do alto do pedestal da soberba se crêem inteligentes. Mas agora não sabem o que fazer com a criatura que ameaça devorá-los. E acreditam que somente respondendo com a mesma violência que usaram para criá-la, conseguirão destruí-la.

Ledo engano! O caos está aí não só batendo à porta da "inteligente elite", mas já pondo-a abaixo.

E agora, senhores inteligentes, como saireis dessa?!

Dorme! Sonha! Sonambula!

Dorme! Dorme o teu sono descuidado.
Dorme o sono do insciente alienado.
Sonha! Sonha o teu sonho acordado.
Sonha como se nada fosse acontecer.
Sonha o teu sonho de fortuna e poder.
Sonambula! Sonambula,
age como inconsciente.
Sonambula, continua,
age pior que um demente.
Pratica quanto podes todo o mal,
Aos outros e a tí mesmo.
Continua na inconsciência
agindo a esmo.
Cego, não vês que corres
para o abismo,
Que te espera com sua escancarada
boca infernal,
Até que sejas devorado
por teu próprio egoísmo.

(Getulio Vargas Zauza é psicólogo-clínico e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)



130 anos da imigração italiana

A façanha de nossos avós

RICARDO J. STOLFO

Recordar é viver, diz o provérbio popular. A história é a mesma da vida, ensinam os mestres. Seja como for, o certo é que, ao completar cento e trinta anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul, muitos voltam ao passado para descobrir algum motivo dessa façanha de nossos avós ou bisavós.

Sim, houve uma razão histórica, segundo se sabe, suficientemente forte, que levou os imigrantes italianos a largarem sua pátria-mãe para trás. A Itália, naquela época, vivia momentos duros, difíceis. A divisão, entre os que tinham e os que não tinham nada, era simplesmente abismal. Se, de um lado, os palácios guardavam o ouro, de outro faltava pão, o mínimo indispensável para a sobrevivência.

O Imperador do Brasil, o sábio e viajado Dom Pedro II, e o governo italiano vinham trocando idéias a respeito. Este tinha consciência da situação. Aquele procurou tirar proveito, a fim de ocupar o nosso imenso e despovoado país, sobretudo no sul.

Para o governo italiano tudo indicava que existia urgente conveniência (por pouco não se arrependeu). Mais que conveniência, para o Brasil havia necessidade de gente, de mão-de-obra produtiva e, de alguma forma, comprovadamente poderosa e criativa. A causa, portanto, da vinda dos italianos para cá correspondia à vontade de ambos os governos.

Aqui, o Imperador, com a imigração

alemã em Nova Friburgo (RJ) e São Leopoldo (RS), percebera o êxito de seu projeto. Com certeza os italianos não falhariam, pois trariam consigo não apenas o desejo de serem donos de terras e senhores do seu nariz, mas, acima de tudo, estariam livres das opressões e trabalhos mal pagos em sua velha pátria.

Daí, a partida para a América foi uma questão de recolher as tralhas, juntar famílias e famílias, enfim, uma multidão que, de várias partes, do Vêneto, da Lombardia e do Tirol, tomaram a direção do porto de Gênova.

O número exato de imigrantes talvez nunca se conhecerá. Por obra, no entanto, de um diário que registrou as primeiras viagens de navio rumo ao Brasil, restou um apontamento de cinquenta navios (dois mil imigrantes por viagem). Havia um planejamento inicial de cem navios.

De posse da serra gaúcha dividida em lotes por agrimensor oficial, as famílias, com obstinação e criatividade, logo saborearam os frutos da terra: pão e vinho em abundância.

A paisagem selvagem mudaria de fisionomia como por encanto. O escritor brasileiro Plínio Salgado, ao visitar o lugar anos mais tarde, contemplaria os parreirais como "lagos suspensos". A fartura (la cucagna in Mérica) deixaria de ser um sonho para se tornar uma palpável realidade.

Um brinde, Imperador!

(Ricardo J. Stolfo é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

O biodiesel e a saúde

VERÍSSIMO DA FONSECA

D o jacaré ao biodiesel

Os mais antigos escritos sobre saúde, encontramos a gordura do crocodilo como medicamento. Como não havia crocodilo nas coxilhas do Rio Grande de São Pedro, usou-se a graxa do lagarto e da seriema. O jacaré gaúcho foi poupado, até pela culinária. Certamente porque havia muita capivara, cuja gordura é excelente e a carne saborosa. Ainda assisti gente pedindo para abater seriema para tirar-lhe a graxa. Remédio muito indicado para curar crianças "fracas do peito" - portadoras de catarro crônico, juntamente com o sebo de rim de ovelha, passado sobre o peito. O sebo do rim de ovelha e a graxa de capivara ainda continuam soberanos para tratar o chio no peito de velhos e crianças. Com a volta da população das capivaras, nos dias atuais, a graxa de capivara reina absoluta. Diga-se de passagem, com a introdução do leite de vaca integral no primeiro ano de vida, e as restrições à gordura do porco em todas as idades, a graxa de capivara é indispensável para dar resistência às infecções e prevenir as alergias das vias aéreas.

Na área das graxas e gorduras, interessante é o caso da manteiga. O povo não a usa como unto. Algumas tribos africanas usam-na como unto, mas não

a comem. Eles não comem nada de gado vacum. Da vaca só aproveitam a manteiga. Daí a expressão folclórica - *Engraxar as canelas*. Negro de canela engraxada, negro sadio, pele bonita.

Em todo o universo, por mais antiga que seja a civilização, encontramos os hominídeos, quebrando os ossos longos da caça, para comer-lhes o tutano. Quando eu era criança, na mesa, o tutano era dado às crianças - *Coma, isto é o que cria!* Eu comia tutano cru com pão. E até cru e puro. Tutano não se bota fora. Atestam a excelência das gorduras contidas nos ossos, em dias atuais, o óleo e a geléia de mocotó, facilmente encontrados no comércio. Desde a era pré-homo sapiens até hoje, nada mudou. Pés de galinha na sopa, pés de porco no feijão. Pés de porco, prato típico no reino da Áustria, era servido com pompa no palácio real.

Atualmente, na Medicina, usa-se triglicérides de cadeia média no tratamento de queimaduras extensas e na cirurgia plástica. Os triglicérides de cadeia curta e média, cadeias de carbono de C2 a C10, estão sendo ingeridos pelos atletas antes das competições. Estas gorduras queimam-se rapidamente, gerando energia física.

Há milênios as parteiras untam as mãos para higiene, e para a lubrificação do trajeto vaginal da mulher. O unto ainda não perdeu a função. Ungir a cabeça do re-

cém-nascido e batizá-lo em casa, enquanto aguarda a hora do batismo com os santos óleos, ainda é praticado. Não sei quem inventou o batismo, mas quando Jesus nasceu, o batismo já era costume milenar.

O cheiro da gordura exalado dos altares de sacrifícios era agradável ao olfato de Jeová. Os gregos ofereciam uma hecatombe aos deuses da guerra, antes de uma grande batalha. Hecatombe era o abate de cem vacas. Parte era queimada para agradar os deuses, outra parte era aproveitada para o churrasco dos soldados.

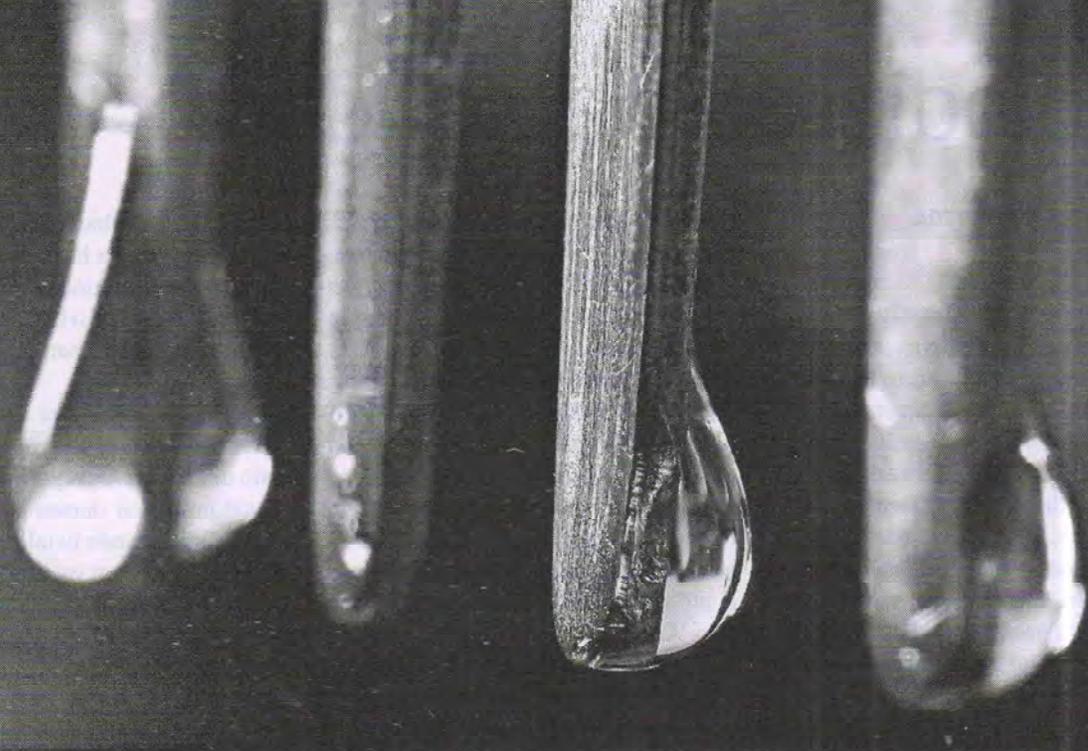
A graxa no transporte

Na área do transporte sobre eixos, após a invenção da roda, continuam atuantes e atuais a zorra para o transporte terrestre em terrenos íngremes e acidentados, o trenó para o transporte no gelo e a jangada para o transporte na água. A roda é a maior invenção de todos os tempos. A carreta surgiu no período neolítico, não se sabe onde. Foi o transporte elegido em todas as planícies da terra, com eixos girando engraxados com sebo. Sebo de boi, firme, resistente ao calor do atrito gerado pelo rodar do eixo girando a roda. O nome carreta foi introduzido no Brasil por Portugal, mas a origem é grega. O Brasil teve seu berço forrado de couro de boi e iluminado pelo sebo. No Rio Grande de São Pedro, foram o sebo e o couro que fixaram o homem nestas lonjuras. A necessidade do sebo era imensa no continente europeu. A carne ficava no campo, servindo de pasto a imensas matilhas de milhares de cães chimarrões, que vagavam nas vacarias de onde tiravam o alimento, juntamente com os carnívoros locais. As carcaças abandonadas durante as coureadas e sebeadas atraíam toda a classe de carnívoros. E tivemos no Rio Grande de São Pedro a praga dos cães e a praga dos tigres (onças e pumas).

Recentemente, o eixo de madeira engraxado com sebo de boi foi substituído pelo eixo de ferro, lubrificado com o betume - parte sólida do petróleo -, já usado por Noé para calafetar a arca. Com o advento do petróleo - betume líquido - o mundo deslizou sobre eixos de ferro e graxas minerais.

Até aí, tudo ia bem. Os produtos





graxos usados pelo homem, para todos os fins eram reconhecidos pela natureza. Uma vez utilizados, voltavam ao seio da terra, e novamente a ela se incorporavam.

O mesmo ocorria na alimentação humana. O organismo humano é apto para digerir a gordura do porco a partir da 16ª semana de vida intrauterina. A posição estereoquímica sn-2 da gordura do porco, é semelhante a do leite da mulher. O porco foi criado para os humanos, e o organismo humano é apto para tirar do porco tudo o de que necessita.

O início da catástrofe

Em 1929, um grupo de engenheiros sintetizou óleos minerais lubrificantes, perenes, que não se gastam, não incendiam e não sofrem a ação do tempo, nem se incorporam à natureza. Inicialmente, foram 209 tipos de lubrificantes artificiais criados pela adição de átomos de cloro a uma molécula com dois anéis hexagonais de benzeno ligados, que receberam o nome de bifenilos policlorados - PCBs. O sucesso dos novos óleos lubrificantes sintéticos foi mundial e a catástrofe para a vida foi universal. Os PCBs contaminaram toda a vida vegetal e animal. Levados pelas águas e pelos ventos, atingiram os lugares mais distantes e isolados do mundo. Os órgãos de reprodução animal foram danificados, e algumas espécies, como os ursos polares, estão a caminho da extinção. A infertilidade continua aumentando. Este é o núcleo do problema. Além dis-

so, desencadearam transtornos no comportamento humano.

Antes tarde do que nunca

A revista CONSELHO – CREA-RS, nº 13, setembro de 2005, publica: "...ficam expressamente proibidos os descartes de óleos lubrificantes no solo, subsolo, nos rios ou córregos, no mar, no sistema de esgoto e drenagem".

Achei que a revista foi muito modesta ao afirmar que um litro de óleo lubrificante sintético jogado ao solo contamina um bilhão de litros de água. Eu seria menos modesto, aumentaria esse percentual/projeção para um trilhão de litros de água. Grandeza desse porte, para cima, foge à compreensão do povo. Mas a contaminação ambiental, no caso dos bifenilos policlorados (PCBs), revelam números bem superiores à proporção um para um trilhão. E não é só a esterilidade que esses óleos desencadeiam, também anomalias congênitas do cérebro, do aparelho reprodutor e câncer.

A história mal sucedida das gorduras polinsaturadas

Em meados da década de 1950, um grupo de cardiologistas estadunidenses, por consenso, sugeriu que os problemas cardiovasculares eram agravados, e até mesmo provocados, pelas gorduras saturadas de origem animal. O consenso foi aceito pela Medicina e o uso da gordura de porco foi condenado na alimentação do dia-a-dia. Naquela época, a Medicina ainda não sabia que a arteriosclerose era de origem inflamató-

ria, e que a gordura de porco tinha uma composição estereoquímica única no reino animal, a qual lhe dá independência em relação às demais gorduras – além do merecido lugar de destaque a ela concedido pela experiência humana milenar.

Os óleos vegetais de sementes tiveram aceitação em todo o mundo ocidental. Substituíram a gordura de porco e a de coco. Ao mesmo tempo, a proteína vegetal resultante da extração do óleo substituiu a proteína de origem animal nas rações. Apesar de muito tóxicos, os resíduos das gorduras polinsaturadas, resultante da culinária de restaurantes, supermercados, lancherias, hotéis e do uso doméstico, foram desastrosamente adicionados às rações. Hoje essas adições se encontram proibidas, com exceção das rações para cães e gatos. Os óleos de culinária domésticos são jogados no ralo, contaminando as águas.

Em seqüência, a indústria partiu para a produção de gorduras sintéticas, a partir das gorduras polinsaturadas, sintetizando as margarinas e as gorduras hidrogenadas. Essas gorduras são tóxicos perenes, indestrutíveis pelo tempo, não incorporados pela mãe terra. Por outro caminho, outros meios, chegou-se ao mesmo resultado funesto dos óleos minerais sintéticos, dioxinas, PCBs e hidrocarbonetos aromáticos (policíclicos HAP) gerados pela fritura.

O resultado, no ser humano, do uso na alimentação, das gorduras polinsaturadas, mesmo sob a forma prensada, e principalmente sob a forma sintética, foi o agravamento dos processos inflama-

tórios no organismo humano. Na minha especialidade, Pediatria e Puericultura, é fato indiscutível que as doenças inflamatórias das vias aéreas, rinites, rinoconjuntivites, rino-otites, chio no peito de repetição, bronquites de repetição e asma; na pele, eczemas pruriginosos e dermatite atópica, têm origem no consumo das gorduras polinsaturadas de sementes (PUFAs), assim como elas são apresentadas para o consumo. O vilão é o ácido graxo linoléico contido nas PUFAs (Graham Devereux, MA, M.D., Ph.D, FRCP, and Antghony Seaton, M.D., FRCP FmedSci, Aberdeen, United Kingdom, J. Allergy Clin. Immunol., Vol. 115 N o. 6. Jun. de 2005 - Diet as a risk factor for atopy and asthma.).

A solução

A solução vem da Unidade Européia. A partir de 1º de janeiro de 2006 os resíduos dos óleos de culinária usados estão proibidos de ser lançados no meio ambiente. A UE estimulou e financiou as pesquisas no sentido de as gorduras de culinária serem usadas como bio-diesel. Nesse sentido, o Governo brasileiro emitiu a Medida Provisória nº 227, criando o bio-diesel, em seu artigo primeiro. E autorizando a importação das gorduras dos óleos de culinária usados, em seu artigo 2º.

No original da MP 227 não há nenhuma

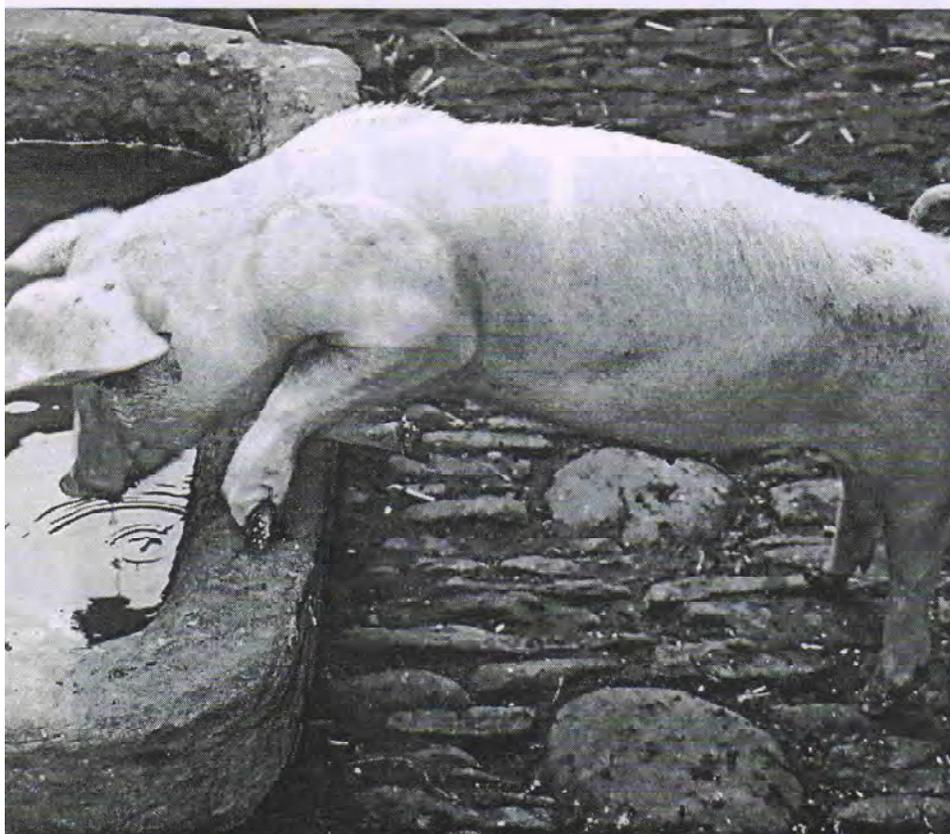
menção de salvaguarda sobre a toxicidade destes óleos que serão importados para uso como biodiesel.

É urgente que a referida revista baixe outra norma, substituindo ou acrescentando a palavra óleos lubrificantes, por óleos de culinária, tão ou mais tóxicos que os óleos combustíveis sintéticos, antes que a primeira usina de biodiesel comece a funcionar nas cabeceiras do rio Jacuí.

Não há nada mais presente na vida do que o passado. O inofensivo betume usado na Arca por Noé ainda pode e deve ser usado em todos os transportes; a gordura animal que tanto prazer dava ao olfato dos deuses, que sustentou o homem por milênios, precioso produto das graxarias nas antigas charqueadas, hoje é produto sem valor comercial, resíduo das casas de carnes; as preciosas gorduras saudáveis e não poluentes da polpa de oliva, abacate, coco, dendê, babaçu e outras muitas, são valorizadas apenas por algumas etnias.

Na Antiguidade, dizia-se: "cego é aquele que tem olhos, mas não vê". No mundo moderno, "analfabeto é aquele que lê, mas não compreende o que lê".

(Pedro Ari Veríssimo da Fonseca é médico e pertence às Academias Passo-Fundense de Letras e de Medicina.)



Poesia

LEONILA VERZELETTI GASPARETTO

Paixão

Eu estou apaixonada
Por seu corpo bronzeado
E você não me vê.
Sinto um calor imenso,
Quando passo por você.

Amo você como ninguém.
Quando olho nos seus olhos
E em sua boca linda,
Meu coração pulsa,
Quase explode de paixão.

Quando a chuva cai do céu,
E a chuva de mel
Escurece meus olhos,
Não vou negar
Que só penso em você.

Estou querendo beijá-lo.
Pois você é uma flor rara
Que floresce em meu jardim,
Pra que meu amor
Jamais tenha fim.

Paixão que arde...
Saudade que aperta...
O gosto do meu baton
Quero deixar em seus lábios.

Ao estudante

Você, jovem estudante,
Que luta para alcançar
Um objetivo na vida,
Espero que tenha forças
Para lutar sempre mais.

Se você enfrentar o mundo,
Com amor, força e coragem,
Será recompensado
No dia de sua majestade.

Lutar é ultrapassar
Os obstáculos da jornada,
Que não nos impede jamais
De buscarmos a felicidade.

Ao alcançar o sucesso,
Você mostrará com orgulho,
Para o mundo todo ver,
Que já sabe caminhar sozinho.

O futebol e a pacificação de Passo Fundo

JORGE ALBERTO SALTON

O que fez Passo Fundo depois de ser dividida ao meio pela maior guerra civil do Brasil? A metade era Federalista, os maragatos, liderados por Prestes Guimarães. A outra metade, Republicana, os chimangos, liderados por Gervásio Annes. A metade com as cores verde e branca dos republicanos, a outra metade com as cores vermelhas dos federalistas, com o famoso lenço vermelho.

O que fazer com o ódio acumulado? Com o desejo de vingança?

Do outro lado da rua "eu" via o homem que matou meu sobrinho, meu pai. Na igreja, eu percebia a presença dos filhos de alguém que eu ferí. A cidade era pequena, pisava-se os mesmos lugares, o mesmo cemitério. Gervásio Annes e Prestes Guimarães estão enterrados a dez passos um do outro, no cemitério da Vera Cruz.

O que fazer com o ódio acumulado? Quando Tania Rösing, há alguns bons

anos, me convidou para participar da mesa redonda intitulada "Futebol e Literatura", na 7ª Jornada Nacional de Literatura, voltei-me com afincio para a pesquisa que realizava há tempo: o futebol como pacificador.

Conservava material colhido por meu avô, Armando Annes, e por meu pai, Wolmar Salton. O primeiro, vinculado aos acontecimentos de 93, por ser filho de Gervásio Annes. O segundo, do mundo do futebol, patrono do S.C. Gaúcho. Em relação ao tema, inclusive, já havia publicado o romance Milan Miragem.

Os fatos por mim coletados foram revelando a forma discreta como nossos antepassados lidaram no pós-conflito, e o papel que o futebol desempenhou. Não se falava na revolução de 93. Porém, de forma indireta e sutil, procuravam civilizar as disputas dela herdadas.

Alberto Helena, jornalista (atualmente participa do programa Bem Amigos, de Galvão Bueno, no Sport TV), abordou, na mesa redonda da 7ª Jornada, o futebol como simulação de um campo

de batalha de uma guerra. De minha parte, focalizei o futebol em seu papel de pacificador.

Em 1918, um grupo de pessoas funda o S.C. Gaúcho, curiosamente com as cores verde e branca dos republicanos. Em 1922, um grupo de pessoas funda o 14 de Julho, curiosamente com a cor vermelha dos federalistas.

E a cidade passou quase cem anos sem falar na guerra civil. Nossos bisavós, avós e pais não falavam no assunto. Nas escolas não se mencionava os republicanos e federalistas. Mas se falava o tempo todo no Gaúcho e no 14 de Julho.

Durante todo esse tempo em que a cidade não falou no lenço vermelho e no lenço verde e branco, ela falou, falou e falou no Gaúcho e no 14 de Julho. Na bandeira vermelha do 14, na bandeira verde do Gaúcho.

As disputas eram acirradíssimas. A cidade se dividiu entre esses dois clubes. Todos participavam dos intermináveis debates e enchiam os estádios. Os homens da guerra civil saíram de cena e



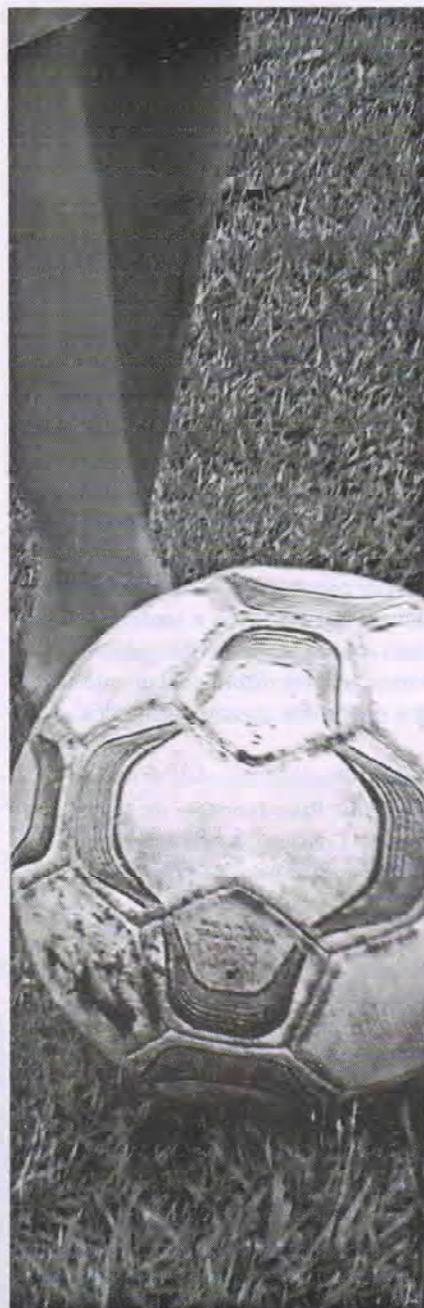
(ARQUIVO MEIRELLES DUARTE)

deram lugar aos homens do futebol.

No romance Milan Miragem, a certa altura, eu promovo o encontro de Pedro Nassar, coureiro, homem de várias mortes, que carrega consigo a faca que seu avô usou nas degolas da guerra civil, com Artur Jorge, técnico de futebol. O encontro do homem da revolução com o homem do futebol.

Lutam. Pedro Nassar tem o técnico sob seu domínio. Resolve fazer o que sabe, degolá-lo. Manda-o tirar a roupa, como faziam antigamente, para que ela não se sujasse de sangue, já que passaria a ser sua propriedade.

Degola é boa de sangue quente. Uma troteada. Artur Jorge, pelado e de sapato, corre ao lado de Pedro Nassar, vestido, com revólver no coldre e a famosa faca na cintura, nas costas.



A certa altura, de forma totalmente inesperada, Pedro Nassar inicia queda para frente. O técnico, ex-jogador de futebol, batera com o pé esquerdo no pé direito do coureador, bem no momento em que este, levantado, iria cruzar pelo pé de apoio. Tranco sutil e eficiente de zagueiro curtido no futebol do interior gaúcho. Artur Jorge, esticando rapidamente o braço, conseguira alcançar o cabo prateado. Bem... a lâmina penetra por entre as costelas. O homem da revolução sai da cena histórica, eliminado pela chegada do homem do futebol.

Artur Jorge, antes de ir embora, reúne folhas e gramas e faz um travesseiro sobre o qual deposita, com cuidado, a cabeça morta de Pedro Nassar. Um gesto! O reconhecimento de que Pedro Nassar era também seu passado. O homem do futebol é a continuação atenuada do homem da revolução das degolas.

Gaúcho e 14, verdes e vermelhos, continuaram a ser depositários de nossos demônios. Sartre dizia: "os demônios são os outros". Enquanto existiram as disputas acirradíssimas entre nossos dois clubes, nossa cidade vivia uma rivalidade mais intensa do que a de Grêmio e Inter.

Quando o 14 de Julho terminou, a disputa terminou, o futebol de Passo Fundo esfriou. Prova de que sua pujança e sua força não eram motivadas apenas pelo espetáculo esportivo, havia outra função bem mais profunda.

Sabíamos onde estavam os demônios. Para alguns, os demônios eram verdes e estavam lá no estádio da montanha. Para outros, os demônios eram vermelhos e se alojavam onde hoje é a rodoviária, no Estádio Celso Fiori.

Milan Miragem não deixa de ser um pequeno estudo de caso que revela a função forte do futebol, organizando e civilizando o desejo competitivo dos seres humanos dentro de uma mesma comunidade.

No futebol, ensaiamos a vida, treinamos a vida. Aprendemos a tolerar as frustrações nas sofridas derrotas. Ele conduz nossos bons sonhos adolescentes. E, acima de tudo, ajuda a organizar nossas disputas sociais.

E não esqueçamos que o futebol também nos ensina a viver as alegrias desta vida como devem ser vividas: com urras e foguetórios.

(Jorge Alberto Salton é médico-psiquiatra, escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Poesia

HELENA ROTTA DE CAMARGO



Ano Novo

Nas velhas taças
escorre a vida
filtrando os passos
dos novos sonhos.

O tempo freme
no caos do infarto.
O tempo grita
sua dor de parto.

Morrem os anos.
Nascem os dias.

Velhice

No tálamo do tempo,
o estupor engravida
a nostalgia donzela.

E ela, de barriga,
ainda corre no encaicho
da utopia rarefeita
que, ao sonho esgarçado,
se une
e se atrela.

Renovação

Um dia me cansarei
de ser prudente,
cordata, benevolente.

Hei de triturar minhas crenças,
debulhar a espiga das tensões,
e desabotoar,
sem trégua,
a camisa dos segredos.

Esfregarei então
nas cicatrizes do medo,
o unguento da alegria,
trocando minhas penas,
renovando-me.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

(O vale santo dos Incas. Ollantaytambo. Lenda de Pacoritambo)

O segredo dos Incas

SANTO CLAUDINO VERZELETI

E stávamos a quatro mil metros de altitude. Num trajeto de 112 km, descemos 1.800 metros. Em todo o percurso, surpresas e mais surpresas. Sobretudo pela falta de segurança dos passageiros, uma vez que os roubos eram constantes.

De qualquer maneira, o trem deslizava montanha abaixo, até o último refúgio de Manco Capac.

Trata-se de um vale verdejante, oposto a tudo quanto se viu até aquele momento. É a verde bacia do Anta, antigo campo de batalha em que se defrontaram Incas e conquistadores. Ela se lança no Vilcomayo, que vai se perder, a milhares de quilômetros dali, nas águas do Amazonas e do Atlântico.

Lá o tempo não importa. História e calendário são noções desconhecidas. Constantes são as fontes de águas termais ao longo do caminho, por um cimo de 6 mil metros de altitude. Esse é o vale sagrado dos Incas, onde o Viracocha criou a planta mais preciosa da América, planta essa de nossa referência nos dias de hoje, ou seja, o milho, que em nenhum outro lugar do mundo brota com igual vigor. Constatamos pés de milho com mais de 4 metros de altura, dentre 32 espécies cultivadas pelos Incas.

Perto dali, nas encostas, existem muitos diques de correção do curso do Rio Vilcomayo (ou Vilcanota, ou

Amazonas), com águas turvas e violentas, que desce com uma força incomum, levando detritos de toda espécie, polindo seu curso de pedras, às vezes invadindo as plantações. O vale do Vilcanota perde-se nas florestas impenetráveis das baixadas, onde talvez se esconda o mistério da origem de seus primeiros habitantes.

Por fim, alcançamos a estação que dá acesso à montanha. Após uma pequena ponte, um microônibus nos aguardava, para levar-nos às obscuras origens de Ollantaytambo. O ar se mostrava carregado de umidade, espesso de odores da floresta virgem bem próxima dali. O calor era opressivo e zumbiam milhares de insetos. Os vales, segundo informação dos nativos, eram infestados de mosquitos, bichos venenosos, aranhas e serpentes.

Da estação Machu Pichu, beco sem saída onde os vales se unem, surgiam gargantas de toda espécie. Um fulgor de coisas diferentes e uma sensação

estranha nos dominaram. Para observar o cimo da montanha, era necessário quase virar-se de costas. Muitas nuvens carregadas investiam contra a montanha.

Uma avalanche de idéias logo nos assaltou, à vista de Tiahuanaco. Como se explica a invasão de Machu Pichu pelos espanhóis, sem nunca terem ouvido falar desse lugar? Talvez Machu Pichu fosse residência inca, e como os povos que viviam ao redor odiavam os Incas, pelos pesados tributos que lhes impunham, cogita-se que eles tivessem prazer em revelar aos espanhóis o esconderijo dos seus desafetos. Verdade é que nenhuma dessas tribos ouvira falar em Machu Pichu, que já se encontrava abandonada quando da dominação inca. Isso nos leva a concluir que esse reino Tambo alcançou seu apogeu na época em que as civilizações de Chavin e de Tiahuanaco estavam no zênite.

Por fim, rumamos morro acima, até alcançar o cimo da montanha. Do alto, deslumbramos uma visão fantástica entre a neblina parecendo um véu. A impressão era de um lugar proibido. Mas continuamos subindo, até a crista, e fizemos uma parada em frente ao restaurante, portal de entrada da magnífica cidade de Machu Pichu.

Depois de pagarmos sete mil pesos cada um, seguimos em fila por uma trilha estreita. Tivemos então uma visão do panorama geral, cercado de montanhas por todos os lados, e o sol espiando-nos entre elas. Nosso desejo era chegar a Inti-pampa (campo do sol), mas alguém informou que, para isso, era preciso descer por patamares e escadarias que conduzem aos edifícios e jardins situados mais abaixo, no bairro dos palácios e dos fortes, lugares reconhecidamente sagrados e, por isso mesmo, proibidos.

(Santo Claudino Verzeleti é membro das academias Passo-Fundense de Letrarse e de Ciências Contábeis do Rio Grande do Sul, e Secretário geral do Centro Cultural Ítalo-Brasileiro Anita Garibaldi.)



Sabino Santos

LINDOLFO KURTZ

Na condição de titular (em 1998) da Cadeira 35 de nossa Academia, Cadeira essa que tem como patrono o imortal Sabino Ribas dos Santos, com satisfação e orgulho apresento sua biografia. Naturalmente que a exigüidade em termos de espaço me obrigará a restringir-me ao absolutamente mais significativo. Que essa contingência, contudo, me seja perdoada, por ele e pelos leitores.

Sabino Ribas dos Santos nasceu em 30 de dezembro de 1919, em Alegrete, filho de José Joaquim dos Santos, do comércio, e de Lydia Ribas dos Santos, professora.

Órfão de pai desde os seis anos de idade, fez seus estudos primários no Colégio Alfômega, de Alegrete, pertencente à Igreja Metodista. Aos nove anos, menino pobre, transferiu-se para Porto Alegre, onde passou a trabalhar denodadamente, para dar continuidade a seus estudos.

Dentre as muitas funções a que se dedicou, ainda como estudante, destaca-se a de guarda-noturno, junto ao Instituto Porto Alegre, o IPA. Lá ele estudou entre 1926 e 1934. Passava as noites vigiando o colégio e, durante o dia, freqüentava as aulas, dormindo não mais do que duas ou três horas por dia.

Não obstante essas dificuldades, ainda achou tempo e energia para a prática de esportes, especialmente atletismo e luta-livre, vindo a sagrar-se campeão estadual de atletismo.

Em 1930, quando prestava serviço militar, integrou-se às forças revolucionárias que levaram, Getúlio Vargas ao poder.

Após ter concluído o curso secundário no IPA, ingressou no Curso Normal daquele educandário, concluindo-o com brilhantismo, acentuando-se sua vocação para o exercício do magistério.

Em 1935, recebeu convite do Instituto Mackenzie, do Rio de Janeiro, e do Instituto Gymnasial de Passo Fundo, antiga denominação do conhecido Instituto Educacional, o IE. Optou,

felizmente, por Passo Fundo, onde pretendia ficar pelo período de apenas um ano. Aqui, porém, veio a encontrar a prendada jovem Noemy Sperry, originária de Nonoai, com quem contraiu núpcias e de cuja unia nasceria Paulo Santos Sperry.

Na longa lista de títulos e funções exercidas por Sabino Ribas dos Santos, destacamos as seguintes: Licenciatura no Ministério da Educação e Cultura para as disciplinas de Português, Ciências Físicas e Naturais, História Geral e do Brasil, Geografia Geral e do Brasil; professor do IE por 30 anos, tendo sido diretor do curso secundário; diretor do Curso Dom Pedro II, que preparava candidatos aos exames vestibulares; sócio correspondente do Centro Cultural Euclides da Cunha, de Ponta Grossa, Paraná; foi um dos fundadores do Grêmio Passo-Fundense de Letras (hoje APL), tendo ocupado a cadeira que tem por patrono Erico Verissimo; ex-presidente do nosso sodalício em 1955 e 1956; foi um dos fundadores da Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo; foi secretário da Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo e secretário da Faculdade de Direito; membro da Comissão Educacional da Inspeção Seccional de Ensino Secundário, Diretor de Ensino Municipal; vereador; suplente do Juizado de Passo Fundo; membro da Legião Brasileira de Assistência; chefe do Conselho Municipal de Desportos de Passo Fundo; professor da Escola Normal



Sabino Santos

Oswaldo Cruz; sócio fundador do CTG Lalau Miranda; presidente do núcleo local da Liga de Defesa Nacional; radialista e jornalista; secretário do Instituto Superior de Pesquisas Científicas de Passo Fundo.

Em reconhecimento à sua dedicação às causas comunitário-sociais, foi-lhe outorgado, em 1º de setembro de 1973, o título de Cidadão Passo-Fundense Honorário, pelo Poder Legislativo, numa concorrida solenidade na sede da Academia Passo-Fundense de Letras.

Foi autor das seguintes obras: Os Imortais de Passo Fundo, Academia Passo-Fundense de Letras, Nossos Vultos e No Palco da Vida.

Esse cidadão desprendido veio a falecer no dia 29 de maio de 1987. Sua esposa, dona Noemy faleceu no dia 23 de dezembro de 1991.

(ARQUIVO P. D. S. MONTEIRO)



Sabino Santos (C) entre líderes do Grêmio Estudantil do Enav (1973)



(ARQUIVO D. P. CORT)

Família de Angelo Stefanello e Maria Dalcin, imigrantes italianos que chegaram no Brasil em 25 de dezembro de 1887 (bisavós de Dilse Piccin Corteze)

Imigração italiana no RS: história e mito

DILSE PICCIN CORTEZE

No ano de 2005 comemorou-se os 130 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Entre 1875 e 1914, mais de oitenta mil famílias de imigrantes estabeleceram-se no Rio Grande do Sul, a grande maioria durante o período imperial. Os colonos chegavam sobretudo da Lombardia, do Vêneto e do Tirol, atraídos pelo sonho da terra. Durante esse tempo, o governo imperial fez muito em prol da imigração.

A colonização da encosta da serra gaúcha, com colonos originários do nordeste italiano, teve conseqüências profundas para a história sulina. Nos relatos de imigrantes, assim como das auto-

ridades brasileiras e diplomáticas italianas, é recorrente a referência aos sofrimentos conhecidos durante a travessia atlântica; às dificuldades passadas quando do estabelecimento nas glebas coloniais; ao isolamento vivido nos seios das densas matas serranas, etc.

Essas narrativas apresentaram o processo migratório como epopéia humana que teria tido conclusão feliz devido, essencialmente, à vocação do homem itálico ao trabalho. Essa leitura mítica simplifica, caricaturiza e empobrece a rica, complexa e dinâmica história da colonização italiana no Rio Grande do Sul.

O Mito

Nas fontes primárias – relatórios con-

sulares, cartas e memórias – são abundantes as afirmações sobre a excelência e a superioridade do imigrante; sobre o esforço heróico do colono; sobre a luta sobre-humana do camponês itálico que transformou a natureza americana selvagem em natureza civilizada e domesticada.

A memória da imigração está igualmente cheia de fatos trágicos, fantasiosos e genéricos sobre dificuldades enormes vencidas graças à superioridade e vocação do colono para o trabalho. Não raro, nesses relatos, repetidamente, o caboclo sulino e colonos de outras origens são desqualificados e inferiorizados nas comparações feitas com o imigrante itálico.

As narrativas da memória da imigra-

ção sobre tragédias acontecidas durante a travessia – mortes, doenças, naufrágio, etc. – são repetitivas e se referem habitualmente a fatos imprecisos, repetindo-os incessantemente. Em geral, ao se referirem à viagem atlântica, os descendentes de imigrantes relatam fatos impressionantes ocorridos durante aquele momento extraordinário: doenças e mortes, corpos jogados ao mar, doentes sacrificados vivos, etc.

A historiografia étnica enfatizou habitualmente as promessas enganosas a que foram submetidos os emigrantes; as dificuldades da travessia atlântica; os perigos oferecidos pela mata virgem, animais ferozes, bugres selvagens. Descreveu o terrível isolamento conhecido pelos imigrantes ao se estabelecerem no sul e seu abandono pelas autoridades italianas e brasileiras.

A religião seria o grande eixo organizador da experiência imigratória. Ela teria impedido que o colono se transformasse em um caboclo de raízes itálicas.

Também é significativa a explicação do sucesso colonial como devido à excelência étnica do colono italiano, em geral, e do colono vêneno, em especial. Devido a sua vocação nata ao trabalho e à disciplina, ele haveria vencido ali onde fracassaram o caboclo e imigrantes de outras nacionalidades.

A História

Para o camponês italiano, a partida da terra natal foi solução para contradições em que se encontrava, sobretudo se podia conseguir a propriedade da terra, deixando de ser parceiro ou assalariado rural. No Novo Mundo, conquistaria melhores condições para poder sustentar a si e a sua família, difícil na Itália devido à situação econômica e social. A despedida da aldeia natal dava-se no contexto de grande tensão e expectativa.

As condições higiênicas precárias e o abarrotamento dos navios, a falta de experiência dos passageiros nesse meio de transporte, a tensão com o desconhecido e o semiconhecido, etc., contribuiriam sobremaneira para transformar a travessia em momento de grande tensão e dificuldades. A mortalidade na travessia manteve-se relativamente baixa, referindo-se sobretudo a crianças de pouca idade e velhos fragilizados.

A fauna da serra pouco perigo oferecia e oferece ao homem e era, sobretudo,

fonte de recurso alimentar para o recém-chegado. A caça e o desmatamento realizado, à medida que os colonos tomavam conta de seus lotes, levavam os animais de maior porte a recuarem assustados para o interior das florestas.

No Sul, foram igualmente pouquíssimos os choques dos nativos com os colonos italianos. Escorraçados de seu *habitat* natural, atacados e agredidos, caçados e dizimados, não tiveram nem mesmo seu drama histórico reconhecido sob a forma de tema historiográfico.

A transferência de milhares de famílias de imigrantes italianos para o Sul foi processo programado pelo governo imperial e, a seguir, republicano, e executado dentro de relativa organização, para que fossem satisfeitas as necessidades



de ocupação, programa da Encosta Superior da Serra. Foi ditada uma ampla legislação, alocados importantes recursos, nomeados numerosos administradores.

Não procede, igualmente, a proposta de um colono movido essencialmente pelo *pathos* religioso, sob a influência indiscutida de sacerdotes, verdadeiros depositários da palavra divina, personagens sempre presentes e acima de toda e qualquer contradição.

Os imigrantes alocavam sentido social e político à experiência religiosa. A capela servia como local de congregação de vizinhos, de festas, de lazer. Alguns colonos professavam uma profunda fé; outros praticavam religião sobretudo exterior; alguns não dividiam as crenças religiosas.

O colono era um homem de carne e ossos, com as qualidades e defeitos próprios a todos os homens. A proposta da fé exacerbada ou de qualidades étnicas excepcionais como essenciais responsáveis do seu sucesso na nova terra não corresponde à realidade histórica. Nos fatos, ela desloca o foco da análise dos dois elementos verdadeiramente integradores da experiência colonial: a terra e o mercado.

As propostas apologéticas sobre a qualidade do trabalhador itálico eram retomadas e reelaboradas pelas autoridades italianas no Brasil e pela própria comunidade itálica. Os cônsules, em seus relatórios, conclamavam espírito de economia e assiduidade, a constância incomparável, a inteligência, a grande mobilidade, a moralidade, etc., do colono italiano.

Esses dois elementos centrais, e não a religião ou a qualidade étnica, impediram que a comunidade colonial se acaboclasse. Não foram poucos os colonos alemães, italianos, poloneses, etc., que, em terras pouco férteis ou, sobretudo, longe dos mercados consumidores, terminaram estagnados economicamente, tornando-se verdadeiros caboclos, pouco dependendo, nesse fenômeno, o grau de sua devoção religiosa ou sua qualidade cromossômica.

Jamais existiu a tão conclamada superioridade étnica do imigrante sobre o caboclo. O que existiu foi uma superioridade tecnológica, determinada por uma tradição camponesa mercantil já quase milenar e, sobretudo, a possibilidade do acesso à propriedade da terra, garantida ao colono.

O mito historiográfico efetua a simplificação dos acontecimentos históricos e sociais, comumente totalizados, naturalizados ou antropomorfizados. As visões apologéticas, sobre a superioridade ética e vocação ao trabalho dos italianos, escondem as razões profundas e complexas do sucesso da imigração, ou de seus fracassos pontuais.

(Dilse Corteze é professora da UPF e Mestra em História Regional, pela UPF, desde 2002. Pós-graduada em Metodologia do Ensino e Metodologia da Pesquisa, pela UPF, em 1986. Graduada em História, pela UPF, em 1983. É autora de: *Ulisses va in America: história, historiografia e mitos da imigração italiana no RS (1875-1914)*. (Passo Fundo: EdiUPF, 2002.) E membro da APL.)

A mulher colona

GIOVANA PORTARELLI, *In memoriam*

Apenas cursei até a terceira série primária. Meu pai viu que os meus braços eram muito mais importantes para o serviço na colônia, que a minha cabeça para a escola.

Aos onze anos de idade, passei a usar a enxada e o cabo do arado, o qual era tracionado pelos bois. Trabalhava toda a semana. No domingo, minhas irmãs iam à missa, meus irmãos iam caçar, pescar, correr com os carros de lombo. Mas eu, mocinha, não podia fazer nada disso. A minha diversão era apenas matar pulgas nos lençóis das camas, varrer a casa, carnear o frango para o almoço, passar o macarrão na máquina, aprontar os baldes cheios d'água e, finalmente, aprontar também o almoço para todos.

Ao retornarem da roça, os homens sentavam-se, esperando a refeição, comiam e em seguida faziam um soninho.

Eu, minha mãe e minhas irmãs lavávamos a louça e limpávamos a casa, passando um pano úmido. Também passava-se a roupa a ferro de brasa, alimentava-se as galinhas e se cortava lenha para o fogão. Depois do merecido sono, os homens iam até a igreja, quando aproveitavam pra jogar bocha, carta, mora, e beber na bodega.

Às quatro horas, todos se dirigiam ao rosário, na igreja. Os homens, à direita. As mulheres, à esquerda. Terminada a reza, eles continuavam a jogar. E nós, as mulheres, íamos para casa, a fim de tratar os animais, tirar o leite, fazer a polenta e aprontar tudo para o jantar. Os homens chegavam apenas para sentar à mesa.

Após a janta, nós lavávamos a louça, fazíamos a trança para as sacolas, preparávamos palha para os cigarros. O di-

nheiro da venda desses produtos ia sempre para o bolso de nosso pai. Era assim a vida dos colonos. Para comprar alguma coisa na venda, se precisava vender a trança ou então a palha do milho para o cigarro.

Quando alcançaram a adolescência, meus irmãos iam, com os amigos, às festas e aos bailes. Nós, mocinhas, nada disso podíamos fazer.

Mas cresci, e um dia me apaixonei por um vizinho. Ao meu pai, esse rapaz parecia um sem-vontade de trabalhar. Então ele escolheu pra mim outro moço, de quem eu não gostava. Mas, para que não acontecesse uma guerra dentro de casa, casei-me com ele e me acostumei a lhe querer bem.

Quando saímos da casa paterna para a nossa, tínhamos apenas o fogão, a cama e algumas roupas mais, que não chegaram a encher uma carroça. Fomos residir nas terras novas, num casebre no meio do mato. Lá, senti-me uma verdadeira mulher!... Sem horta, sem galinhas, sem vacas, sem chiqueiro, sem poteiro e sem dinheiro!... Já com um filho na barriga e muito mato pra derrubar. Roças a serem preparadas, milho para colher... E o tempo passava... Fazíamos apenas o necessário e o principal. E quanto trabalho!

Com cinco filhinhos, eu era capaz de fazer tudo: dar de mamar ao menorzinho, cuidar dos maiores, mandá-los para a escola e ao catecismo. Preparava a comida, cuidava dos animais, lavava e remendava a roupa, levava comida até a colônia, com o nenezinho ao colo. Enquanto a gente trabalhava, colocava o num cestão de taquaras, que pendurava numa árvore e, quando ele chorava, eu ia dar-lhe de mamar.

Às onze horas, voltava para casa para aprontar o almoço, fazer os trabalhos domésticos, e depois retornava para a

roça e lá ficava até o escurecer. Voltava da roça já de noite, tratava todos os animais, ia apanhar água, fazer a polenta e preparar o jantar. Depois da janta, deixava tudo arrumado, rezava o terço, fazia trança e, mesmo morta de cansada, me entregava totalmente ao meu marido, por momentos de amor, em nossa própria cama, por tanto tempo quanto ele desejasse.

Enfim, o sono!... Mas, logo o pequeno chora. Levanto, dou-lhe de mamar e o faço dormir. Outro começa a chorar de dor de barriga. Acordo-me, com o nenê ainda pendurado no meu peito. Vou fazer um chá e faço dormir o chorão. Os galos começam a cantar... Já é hora de levantar.

Assim foi a minha vida. Os meus treze filhos ficaram grandes e casaram. Eu fiquei velha, trabalhando. Esqueci de passear, de divertir-me, de fazer-me bonita, de pentear meus cabelos de uma forma melhor.

Hoje, resido na cidade. Olhando para o passado, sinto-me feliz. Jamais vivi somente para mim. Agora, espero só a morte chegar, para que eu seja recebida por Deus.

Luta, trabalho, fé, dedicação e esperança de vencer. Essas virtudes sempre as tive comigo, assim como as aprendi da minha mãe italiana. Então, sou mesmo uma verdadeira italiana, como a minha mãe.

Nota

Giovana Portarelli residia no interior de Serafina Correia. A carta foi encontrada após a sua morte e divulgada por uma professora universitária de Porto Alegre. Seu objetivo foi homenagear a memória de todas as "mulheres colonas", de origem italiana, heroínas que lutaram sem trégua, no anonimato de sua coragem e dedicação à família.

La donna colona

GIOVANA PORTARELLI, *In memoriam*

Son ndata a scola fin al terso libro. Ma me pupà el ga visto che i me brassi i era depi importanti tea colonia, che la me testa a scola. Ai 11 ani go ciapà la sapa e dopo le manete del vassor tirà para i boi. Laorea tuta la stimana. A la doménega, me sorele le ndea a messa, me fradei i ndea cassar, pescar, correr co i caretini riva in zo... Ma mi, toseta, no podea far gnente de questo. La me diversion la era strucar i puldi tei nissoi, spassar la casa, copar el gal par el disnar, parar a torno el bigolar, ndar tor àgua e pareciar la magnar.

Ritornando dea rossa i omi i se sentea, i magnea e i fea el so soneto... Mi, me mare e me sorele lavéino i piati, se passea un strasso moio tel soaio, se soprassera la roba, se ghe da magnar a le galine, e se taiea la legna. Dopo de soneto i omi i ndea a rosario via a la

cesa, quando i zughea le boce, le carte, la mora, e i bevussea tea budegà... Le done le ciacolea. Parea strànio una dona hever, zugar...

A le quatro, tuti al rosario tea cesa. I omi a la drita, le done a la sanca. Finio el rosario i omi i continuea a zugar; noantre done se ndea a casa par darghe da magnar a le bestie, mondar le vache, pareciar la polenta e la sena. I omi i rivea par senar. Dopo sena, noantre done se lavea la lossa, se fea dressa, paie par i sigari, parché i soldi dea venda dei prodotti i ndea sempre in scarsela del pupà. Par comprar qualcosa bisognea vender la dressa o le paie de milio.

Quando i diventea tosati, i me fradei i ndea, co i amighi, a balar... Noantre tosete, nò. Ma go cressesto e me son passionada de un visin. Al me pupà el ghe parea lazaron e el me ga catà nantro, chel me pisea mia. Ma, parché no sucedesse na guera, me son maridada e me go costumà a volerghe bem. Semo

ndai via casa col fagon, leto e un par de robe che no le ga gnanca impienio la careta. Semo ndai star a le tere nove, te un cancelto in meso el mato. Là, me son catada na vera dona...! Senza el orto, senza galine, senza vache, senza staloto, senza potrero, senza soldi...! Co un bambin in pansa e mato par rebaltar. Rosse da far, milho par catar su...! E el tempo el passea. Ndeino fando quel che bisognea. E quando laorar...!

Com sinque fioleti, mi era bona de far tuto: argue da ciuciar al pi cò, ténderghe ai pi grandi, mandarli a scola, a la dotrina... Pareciar da magnar, ténderghe a le bèstie, giustar, lacar, portarghe da magnar in colònia, col pi p'colo in brasso intanto se laorea, lo metea tel seston de tacoare, lo pichea te na pianta e ghe dea da ciuciar quando el piandesse.

A le 11 ore, tornea indrio para prontar el disnar, far i laori de casa e dopo ritornea in colonia fin el scurir. Ritornea de note, ghe dea da magnar a le bèstie, ndea tor àgua, fea la polenta e parecea la sena. Dopo sena, fea la netissia, prghea la corona, fea la dressa e, se anca morta de tanto stufa, ghe *tendea al me omo* a leto, quanto e comeel volesse. In fin el sono...! Ma sító el p'colo el piande. Levo su e ghe dao da ciuciar e lo indormenso. Quelatro el piande del ma de pansa, me sismissio co el ceo incora picà tea téta. Vao far um sià, meto a posto el piandon tel leto, e i gai i canta... I'è ora de levar su.

Cosita la è stata la me vita. I me 13 fioi i è vignisti grandi, i se ga maridà... Mi son diventada vecia laorando. Me son smentegada de ndar a spasso, de divertirme, de farne bela, de pentear i cavei. Incoi son de star tea sità. Vardando indrio, me sento felice, no go mai vivesto par mi. Adesso speto solo la morte rivar, e esseer ricevesta par Dio.

Lota, laoro, fede, dedicassion e speranza de vinser, le go sempre bio, com mi, come go imparà dea me mama taliana. Allora, sarò, pròpio, na vera Taliana come mama.

Nota

Texto traduzido para o dialeto vênето por Cláudio Chiaradia, membro da diretoria do Centro Cultural Ítalo-Brasileiro Anita Garibaldi.



(DIVULGAÇÃO)

Troféu mérito Talian

Em razão das comemorações dos 130 anos da imigração italiana no Brasil, realizou-se, em Serafina Correa, nos dias 18 e 19 de novembro, um Encontro de Radialistas de Talian (dialeto falado pelos imigrantes oriundos da região do Vêneto, na Itália).

O evento foi organizado pela Assodita (Associação dos Difusores do Talian no Brasil), e teve a participação dos passo-fundenses Santo Claudino Verzeleti e Cláudio Chiaradia, que mantêm um programa semanal na Rádio Diário da Manhã, utilizando o referido dialeto como meio de comunicação. Na oportunidade, são divulgados relatos, notícias, canções, músicas, depoimentos e outros assuntos de interesse da comunidade de origem italiana.

A efetivação, em Serafina Correa, do IX Encontro Nacional dos Radialistas e Meios de Comunicação do Talian no Brasil, bem como do VIII Encontro do Movimento Cultural Italiano, revestiu-se de total sucesso, com a participação de representantes de várias localidades do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Através de palestras, exposições e painéis de discussão, possibilitou a divulgação do trabalho que vem sendo realizado, e defendeu a especificidade lingüística do dialeto que se mantém vivo até hoje em comunidades ítalo-brasileiras, sobretudo em regiões tipicamente coloniais.

Fizeram-se presentes no evento, como painelistas, Francisco Turra (Deputado Federal), Rovílio Costa (escritor), Roque Jacoby (Secretário da Cultura/RS), Egídio Pistore (Diretor do Vêneto - Itália), Darcy Luzzatto (escritor e editor), Oscar De Bona (Secretário do Estado do Vêneto - Itália, Representante da Secretaria



Cláudio Chiaradia e Santo C. Verzeleti, ao receberem o troféu

ria da Educação/RS, Paulo Massoleni (Presidente da Federação das Associações Ítalo-Brasileiras do RS - Fibra).

Os painéis desenvolveram os temas: *Talian - patrimônio histórico-cultural do Brasil*; *Talian no intercâmbio Institucional*; *Missão Técnico-cultural da Radiodifusão*; *Radio em Talian - maniera de farlo*.

O conclave também propiciou aos participantes momentos de arte e lazer, com apresentações do coro *Oltrepiaive de Vigo*, de Cadore/Itália; e dos grupos *Amicci Della Cantoria* e *Speranza*, da cidade anfitriã.

Compareceram ainda a Federação das Associações Ítalo-Brasileiras do RS e a Federação dos Vênetos do RS (FeVêneto).

A implementação de parcerias culturais e comerciais entre Itália e Brasil, com o fim de difundir cada vez mais o ensino do talian, característico da Lombardia e do Vêneto, foi também discutida e enfatizada.

Outro momento de grande significação para os participantes, foi a homenagem prestada aos comunicadores de rádio em língua taliana. Entre eles se in-

cluem os dois de Passo Fundo citados acima, que levam ao ar, semanalmente, o programa mais antigo do Rio Grande do Sul. Verzeleti e Chiaradia receberam, além de um Diploma, também o Troféu do Mérito Talian, que será destinado ao Centro Cultural Anita Garibaldi.

Tais premiações representam trinta anos de difusão radiofônica dos usos e costumes dos imigrantes. O programa, que é realizado ao vivo, foi iniciado por Eugenio Zibetti, na antiga Rádio Passo Fundo, com o título *Passo Fundo italiano canta*. Além dele, participavam também o Scotton, o Mavilio Benvegno, e, esporadicamente, alguns outros.

O início do programa se deu em 1975, por ocasião do centenário da imigração italiana. É o mais antigo do estado e conta com a abnegada participação de alguns colaboradores, cujo patrocínio possibilita a sua continuidade. E trinta anos após a sua inauguração, continua propiciando, aos ouvintes da Rádio Diário da Manhã, momentos agradáveis de entretenimento, cultura e conhecimento do talian.

(HELENA ROTTA DE CAMARGO)

Poesia

Nada

Somos um nada.
Nada somos
Dentro do universo infinito;
E nada poderemos fazer.
Nada significamos.
Nada nos pertence.



Mas que nada,
O que nos leva a nada
É quando pensamos que
Nada somos.

Já que nada somos
Melhor viver a vida,
E vivê-la como
Se tudo somos.

LICIANE D. T. BONATTO

Personagem da nossa História: Prestes Guimarães



Prestes Guimarães

WELCI NASCIMENTO

Uma das pessoas mais ilustres da história de Passo Fundo foi Antônio Ferreira Prestes Guimarães. Sua conduta, retilínea, fez com que ele desempenhasse os mais altos cargos na Estância Gaúcha, inclusive o de presidi-la.

Prestes Guimarães era um puro sangue passo-fundense, pois era neto do fundador da cidade, Manoel José das Neves, que aqui chegou no ano de 1827, segundo consta nos anais da história de Passo Fundo.

Ele nasceu no dia 13 de junho de 1837 e, desde moço, desempenhou funções importantes no contexto de Passo Fundo. Com 27 anos de idade já secretariava o comando da Guarda Nacional, sendo logo guindado à suplência de delegado de polícia. Entre 1870 e 1873, Prestes Guimarães exerceu a suplência de juiz municipal, sendo ainda guindado ao pos-

to de capitão da Guarda Nacional.

Na Câmara Municipal de Passo Fundo foi secretário. E na qualidade de secretário e professor, enviou um relatório à presidência da Assembléia Provincial, lamentando, profundamente, o atraso da instrução pública em Passo Fundo, sugerindo solução e solicitando providências.

Entre 1883 e 1889, exerceu a presidência da Câmara Municipal. O cargo de presidente da Câmara, no regime monárquico brasileiro, correspondia à condição de chefe do Poder Executivo.

Prestes Guimarães era uma figura proeminente do Partido Liberal. Foi eleito, pela Região Serrana, deputado para a Assembléia Legislativa, em três legislaturas.

Em 1889, foi nomeado um dos vice-presidentes do Rio Grande do Sul, tendo exercido a presidência no período de 25 de junho a 8 de julho daquele mesmo ano. Portanto, um passo-fundense já exerceu o cargo de governador do Estado do Rio Grande do Sul.

Com a deposição de Júlio de Casti-

lhos do Governo do Estado, em 1891, grande líder do Partido Republicano Rio-Grandense, Prestes Guimarães ocupou a cidade de Passo Fundo, assumindo o poder e se envolvendo nas lutas civis da Revolução Federalista de 1893.

Até 1895, quando foi celebrada a paz, Prestes Guimarães exerceu o comando maragato na região serrana, sendo um dos mais ardorosos adversários do sistema implantado no Rio Grande do Sul pelo líder republicano Júlio de Castilhos.

Na luta armada, Prestes Guimarães assumiu o comando da 1.ª Divisão do Exército Libertador, apoderando-se da cidade de Alegrete.

Um dos mais ilustres filhos de Passo Fundo, registra a nossa história, gozava de real acatamento, face ao seu espírito lúcido, íntegro e ponderado.

Dotado de natural inteligência e dedicação aos estudos, elaborou sábios pareceres e proferiu inflamados discursos, na qualidade de advogado e político da facção maragata.

Os anais da história de Passo Fundo informam que Prestes Guimarães morreu pobre, recolhido a sua terra natal, onde, depois de lutas sangrentas, reabriu a banca de advocacia, assumindo o comando do Partido Federalista.

Em 19 de setembro de 1911, faleceu, com 74 anos de idade. Seus restos mortais estão no cemitério municipal da Vila Vera Cruz, em Passo Fundo. Ele era filho de José Ferreira Prestes Guimarães e de Maria Nascimento Neves.

(Welci Nascimento é professor, historiador e membro efetivo da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Aparício Saraiva e seu inseparável lenço branco

Um presépio no coração do mundo

WELCI NASCIMENTO

“Graças ao sim de Maria é que a humanidade passou a conhecer o rosto do Pai”, inseriu num texto o bispo de Florianópolis, Murilo Krieger.

Diz o prelado que, neste Natal, o mundo se transforma num imenso presépio. Num mundo com muito medo, o Anjo diz: “Não tenhais medo. Eu vos anuncio a Boa Nova, que será uma grande alegria para todo o povo. Hoje, na cidade de David, nasceu para vós um Salvador, que é o Messias, o Senhor”. É o que relata o Evangelho de São Lucas, no capítulo dois.

A essência do anúncio do Natal é esta: Deus está presente no meio de nós. “Sobre aqueles que habitavam nas sombras da morte brilhou uma luz...” disse o profeta Isaías. E ele continua: “Porque um menino nasceu para nós, um filho nos foi dado. Ele traz sobre os ombros o manto de rei e seu nome é admirável, Deus Forte, para sempre. Príncipe da Paz”... Por causa da inveja dos homens Ele foi perseguido e crucificado, mais tarde.

Natal é uma festa. A festa da comunidade, a festa da família. Os profetas anunciaram a vinda do Salvador. Não sabiam dizer quando Ele viria. Mas Ele veio. Quando Ele chegou, os anjos, enviados do Pai, cantaram glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens que ele ama. O céu lhe dá uma estrela: “Eis que a estrela, que tinham visto no Oriente ia à frente deles até parar sobre o lugar onde estava o Menino”. Os Magos do Oriente, lhe dão ouro, incenso e mirra, reconhecendo, assim, a sua realeza”. Os pastores de Belém fazem de sua própria visita um presente. A mãe-terra lhe dá uma gruta, os animais lhe dão sua manjedoura. Nela, “envolvido em panos, o Menino é colocado, logo

que nasce”.

E nós o que damos? Qual é o nosso presente? O que temos a oferecer ao Menino? A humanidade ofereceu a mãe. Maria é, antes de tudo, nossa irmã. Graças ao seu SIM é que a humanidade passou a conhecer o rosto do PAI.

“Já é hora de despertar”! Com estas palavras São Paulo nos convida à conversão e a realizar em nossa vida um processo de conversão permanente.

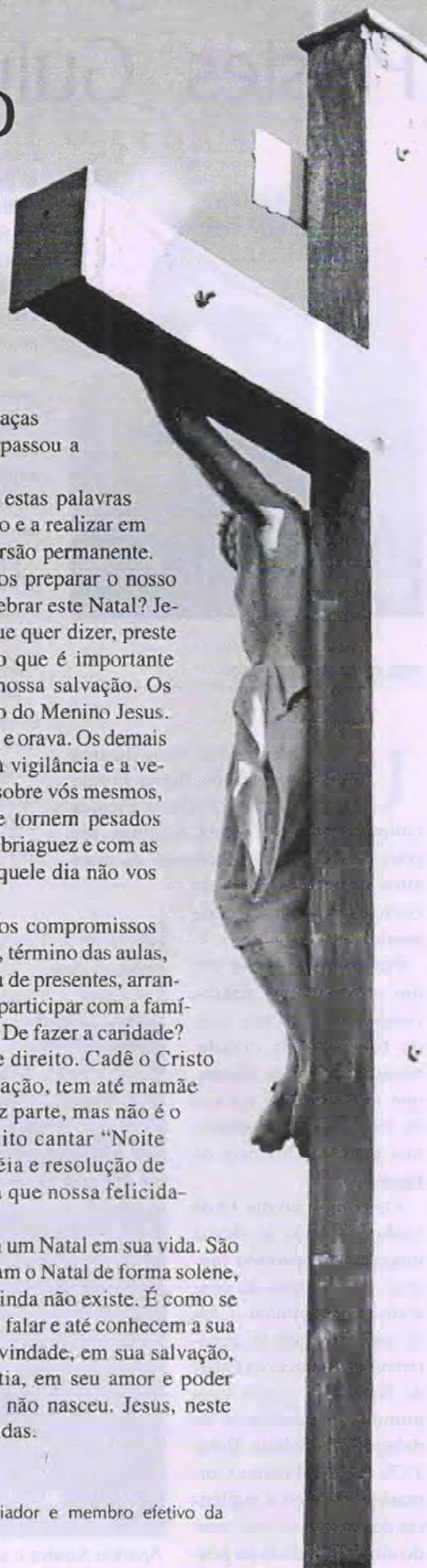
Já nos perguntamos como vamos preparar o nosso coração e a nossa família para celebrar este Natal? Jesus nos recomendou: “Vigiai!”, que quer dizer, preste atenção aos acontecimentos, e ao que é importante para o Reino de Deus e para a nossa salvação. Os profetas anunciavam o nascimento do Menino Jesus. Quem tinha fé e acreditava, vigiava e orava. Os demais faziam orgias. Jesus nos convida à vigilância e a velarmos sobre nós mesmos: “Velai sobre vós mesmos, para que vossos corações não se tornem pesados com o excesso de comer, com a embriaguez e com as preocupações da vida, para que aquele dia não vos apanhe de improviso”(Lc 21).

Muitas são as preocupações e os compromissos no final do ano: correrias, agitação, término das aulas, excesso de trabalho, férias, compra de presentes, arranjos de Natal. Há preocupação para participar com a família da Celebração da Santa Missa? De fazer a caridade?

Papai Noel tem tudo o que é de direito. Cadê o Cristo no seu Natal? Na era da globalização, tem até mamãe Noel. Luzes não faltam. Tudo faz parte, mas não é o principal. “Não vai adiantar muito cantar “Noite Feliz” se não tivermos a feliz idéia e resolução de assumir o Menino, que veio para que nossa felicidade seja plena”.

Há muitos que ainda não tiveram um Natal em sua vida. São aqueles que, talvez, sempre celebram o Natal de forma solene, bela e rica, mas para quem Jesus ainda não existe. É como se Ele não existisse. Ou dele ouviram falar e até conhecem a sua história, mas não crêem na sua divindade, em sua salvação, em sua presença viva na Eucaristia, em seu amor e poder salvador. Para esses, Jesus ainda não nasceu. Jesus, neste Natal, precisa nascer em nossas vidas.

(Welci Nascimento é professor, historiador e membro efetivo da Academia Passo-Fundense de Letras.)



O sentido da vida

A vida muda de direção ao menor sinal do tempo.
 Às vezes, basta um toque de dedos nas águas para o mar tornar-se revolto.
 Muda-se por escolha, por circunstância ou por imposição.
 Podemos mudar a direção dos nossos sonhos, do nosso trabalho, mudar a configuração da nossa família. Mudar a posição dos móveis dentro de casa.
 Mudar a posição das coisas faz com que as vejamos por outro ângulo.
 Altera também o seu significado, a sua representação na nossa vida.
 Somos seres mutantes e camaleões.
 Mudamos de cor, forma, humor a cada momento, dependendo da experiência e da emoção.
 Somos peregrinos em busca da certeza que nunca teremos.
 Somos andarilhos em busca de algo que nos complete, sabendo que a falta sempre existirá.
 Queremos ser únicos, mesmo sabendo que não existe exclusividade.
 Buscamos incessantemente a felicidade e perdemos os momentos felizes.
 Visionários da finitude que nos aguarda, nos lançamos em frente a cada novo desafio, esperando fazer o melhor que sabemos para nos tornar melhores do que somos.

Recado

Porque você me deu
 um motivo para sonhar,
 a vida se fez
 com mais encanto.

E assim, busco conquistar
 seu mundo
 com calorosa afeição.

A vida é um porto,
 onde navios
 vêm e vão.
 Mas, neste movimento,
 sempre nos deixam
 uma promessa.

O querer

Querer
 como um barco
 singrar no teu coração
 para devassar os porões
 da tua solidão

Querer
 inflar o balão
 dos risos omitidos
 das verdades aprisionadas
 para desenhar teu momento
 mais íntimo e verdadeiro.

Querer
 como vertigem
 devolver
 na tua profundidade
 olhares, cenas e expressões
 do teu fanático mistério.

Querer
 descer em ti
 como o sol
 saído de trás das nuvens
 para poder
 finalmente conhecer-te.

Descrença

Há um Tempo
 Em que os sonhos
 Se perdem
 Se extravijam
 Por esse mundo afora?

Há um Tempo
 Em que os sonhos
 Adoecem
 Simplesmente
 Por serem Tristes.

Há um tempo
 Em que os sonhos
 Se ferem
 Inevitavelmente
 Uns aos outros
 Ficando suspensos no ar
 Como marcas no espaço Solitário.

(Simone Müller Cardoso é psicóloga, membro correspondente da Academia Passo-Fundense de Letras e reside em Montenegro, RS.)

Os "desenhos" e a

formação da criança

GABRIELA ROTTA DE CAMARGO

É inegável a apelação que se evidencia nos desenhos infantis transmitidos em certos programas de televisão. A deturpação dos valores permeia as histórias e induz os pequenos telespectadores a falsas verdades.

Vivemos um tempo em que a insegurança em relação ao futuro nos deixa ansiosos e preocupados. A ameaça é maior para as crianças, vítimas indefesas da massificação das mensagens e dos comportamentos.

Em vista disso, entendo que não se deveria permitir a transmissão, em horários nobres, de programas deseducativos, como os que se apresentam, diariamente, na telinha, para a diversão da criança. Alguns desses programas se caracterizam por imagens violentas, banais e até repulsivas, sobrepondo a força à inteligência e à bondade. Outros incentivam comportamentos indefensáveis, como o uso de palavrões, a trapaça, o desrespeito aos companheiros, levando à inversão dos conceitos que a formação da cidadania requer.

Por que não se criam desenhos e personagens que estimulem um aprendizado sadio? Por que não se apresentam fatos da história do Brasil? Peculiaridades da nossa geografia e da matemática? Exemplos do uso correto do idioma? E a beleza revelada através das artes?

É lamentável que, em pleno século XXI, de tantas e tão velozes transforma-

ções e descobertas, nas áreas técnica e científica, ocorra nos meios de comunicação tamanha pobreza cultural e espiritual, importada e jogada dentro de nossos lares, para consumo diário.

Os programas destinados às crianças e adolescentes, que poderiam e muito contribuir para a sua sensibilização, enfocando a solidariedade, o amor, o respeito, a ética, as boas e verdadeiras formas de arte, e tantos outros aspectos importantes para a humanidade, estão propondo exatamente o contrário.

Como classificar, por exemplo, as letras das músicas denominadas *funck*?

Trata-se, sem dúvida, de apelação grosseira, com a banalização do sexo e do corpo, que leva seus espectadores a um delírio coletivo onde vale tudo, exceto a preservação de valores fundamentais ao ser humano e à convivência digna.

Perplexa diante do tipo de lazer que a mídia televisiva oferece aos nossos filhos, convenço-me de que algo precisa ser feito, para reverter essa desconcertante situação.

Nesse sentido, e com o intuito de enriquecer a presente reflexão, cito Alcione Araújo (2004, pág. 239): *Eu sonho com um Brasil, no qual a educação e a cultura sejam entendidas como fruto da mesma árvore sagrada do conhecimento...*

E por que só raramente isso ocorre?

Certamente, porque vivemos numa sociedade consumista, que prima pelo ter ao invés do ser. Nela o que importa é a quantidade, o lucro, e não a qualidade.

Uma sociedade que vem evoluindo, técnica e cientificamente, mas envolvendo em criatividade e sensibilidade. Ela dita normas, impõe padrões, exclui, manipula, mercantiliza as relações sociais, sufocando e desvirtuando, pela superficialidade, os conceitos de bem-estar e integridade que deveriam norteá-la.

Os meios de comunicação são ainda massificadores, desprezando os valores da família, da educação e da moral, tão importantes na formação integral do indivíduo.

Aproveito também para referir Ostrower (1987, pág. 12): *...inata ou até mesmo inerente à constituição do homem, a sensibilidade não é peculiar somente a artistas ou a alguns poucos privilegiados. Ela é um dom em potencial...*

Se não for estimulada, a sensibilidade cairá no vazio. Daí a importância de aproveitar a mídia para instigá-la nas crianças, desenvolvê-la e aprofundá-la. Oferecendo-lhes programas educativos, estaremos auxiliando os cidadãos do futuro a perceber as transformações do meio externo e interno, a reagir adequadamente às mudanças e ampliar o conhecimento de si e do mundo.

Só assim estaremos contribuindo para um país mais justo, formado por homens e mulheres críticos, sensíveis, conscientes do seu papel na sociedade e capazes de contribuir na construção do conhecimento e da cidadania.

(Gabriela Rotta de Camargo é formanda de Pedagogia - UPF.)

O comerciante e os ambientalistas

“Incomodei-me demais, me desgostei, tive imensos prejuízos e acabei decidindo por encerrar as atividades da empresa, inclusive o setor de confecção, e junto se foram aproximadamente 500 empregos diretos.”

José João Holzbach, mais conhecido com J. J. Holzbach, chegou a Passo Fundo, em dezembro de 1944. Associou-se ao tio José Pedro Kieling, proprietário da loja “jóta-pê-kilígue”, a Casa Kieling, situada na Rua Bento Gonçalves, ao lado do Hotel Franz, defronte ao Banco Nacional do Comércio, num empreendimento que viria a se constituir na empresa J. P. Kieling & Cia.

J.J. Holzbach iniciou seus estudos em Getúlio Vargas, onde nasceu em 10 de março de 1926, sendo filho de Albino Holzbach e Maria Altmeier. Frequentou a escola em Erechim e concluiu o curso de guarda-livros no Colégio Conceição, em Passo Fundo, no ano de 1945, formando-se contador aos 20 anos. No Colégio Conceição, acabaria lecionando, gratuitamente, durante sete anos, no curso noturno. Está casado com Maria Terezinha Matte, filha do madeireiro Marico Matte, com que teve os filhos Maristela (enfermeira e professora da UPF), Marco Aurélio (químico, residente em Passo Fundo), Margarete (enfermeira, em Roraima) e Maria Elisabeth (empresária, em Miami/USA).



Comerciante, industrial, exportador e importador, J. J. Holzbach transformou um pequeno curtume em duas sólidas unidades industriais da CIPLAME – Companhia Industrial Planalto Médio, que além do beneficiamento de couro de porco também produzia roupas de couro para exportação. A empresa que,

segundo o entrevistado, chegou a ter 505 empregados, encerrou suas atividades em meados da década de 1990, após uma longa demanda envolvendo os órgãos responsáveis pela proteção ambiental, associações de moradores e a Defesa Comunitária (órgão especializado do Ministério Público Estadual).

Além de suas atividades empresariais, J. J. Holzbach sempre teve inserção na sociedade passo-fuendense, como membro atuante do Rotary Club de Passo Fundo e colaborador de diversas entidades assistenciais da cidade. O empresário, hoje aposentado, concedeu esta entrevista especial aos membros da comissão editorial da **Revista Água da Fonte**, na sede da APL, no dia 15 de outubro de 2005, contando com a presença dos acadêmicos Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Santo Claudino Verzeleti, Helena Rotta de Camargo, Santina Rodrigues Dal Paz, Jurema Carpes do Valle, Getúlio Vargas Zauza, Gilberto R. Cunha e Paulo Monteiro.

APL – Onde o senhor nasceu?

J.J. Holzbach – Eu nasci em Getúlio Vargas no dia 10 de março de 1926. Na época Getúlio Vargas pertencia a Erechim. E Erechim se chamava Paiol Grande. Aliás, hoje tem toda uma discussão se Erechim se escreve com “x” ou com “ch”. Eu costumo dizer que para os italianos deve ser escrita com “ch”, mas como é uma palavra de origem indígena deve ser escrita com “x”, como todas as outras palavras tupi-guarani. Depois de Paiol Grande, teve os seguintes nomes: Boa Vista do Erechim, José Bonifácio (durante a II Guerra Mundial) e o nome atual.

APL – E a origem de sua família, no Brasil?

J.J. Holzbach – Meu bisavô saiu da Alemanha para uma colonização no Paraguai. Ali meu avô nasceu. Mudou-se

para o Brasil, só falando guarani. Veio aprender alemão no Brasil, onde se casou com uma alemã. Um irmão dele foi para o Mato Grosso, diretamente do Paraguai. Eu consegui localizá-lo, já velho. Meu pai, nascido no Brasil, foi um dos primeiros colonizadores de Getúlio Vargas. Tanto que minha irmã mais velha, que já tem 90 anos, nasceu ali. A povoação começou no alto do morro, depois mudou para a parte mais baixa.

APL – Seu pai foi um dos primeiros industriais de Getúlio Vargas?

J.J. Holzbach – Sim. Meu pai começou com um curtume: o “Curtume Erê”. Curtia couro de porco. No começo curtia de tudo e fazia trabalhos de selaria. Perdi meu pai muito cedo, quando eu tinha nove anos. E a empresa já contava com uns cem empregados. Todo o couro ia para o Rio de Janeiro e São Paulo, para forro de calçados.

APL – O que o senhor sabe sobre a colonização de Getúlio Vargas? Havia índios e posseiros caboclos? E a Revolução de 23?

J.J. Holzbach – Não tinha mais índios da região. Também não existiam posseiros. As terras eram devolutas e foram colonizadas por um órgão do governo chamado Comissão de Terras. Quanto à Revolução de 23... contavam muitas histórias. Falavam que degolaram muita gente no alto do morro, onde havia muito poço abandonado. Dizem que um tal de Trajano levava os presos para lá, onde eram degolados e jogados dentro dos poços.

APL – Havia outras indústrias em Getúlio Vargas?

J.J. Holzbach – Sim. Foi criada uma espécie de cooperativa para o beneficiamento da banha e da carne de porco. Havia também o Curtume Padaradz. Tinha a Cervejaria do Bramati, que foi vendida para a Brhama. Quando esta fechou as portas, o prefeito Plácido Scussel liderou um movimento. As pessoas se cotizaram, compraram a existência da Brhama e fizeram a Serramalte.

APL – Como foram seus estudos?

J.J. Holzbach – Comecei meus estudos em Getúlio Vargas mesmo, onde fiquei até os 13 anos. Depois fui estudar em Erechim, onde havia uma escola de guarda-livros, no Colégio Medianeira, dos irmãos Maristas. Me formei em 11 de dezembro de 1944 e dois dias depois vim para Passo Fundo.

“Eu acho que falta apoio do poder público municipal, em todos os setores. Os “fanatológicos” é que impedem a instalação de empresas em Passo Fundo.”

APL – O senhor veio trabalhar aqui?

J.J. Holzbach – Meu pai tinha um cunhado, José Pedro Kieling. Juntos haviam montado uma loja de artigos de couro na Rua Bento Gonçalves, ao lado do Hotel Franz. Vim visitar meu tio e ele me convidou para trabalhar com ele, como contador da empresa. Eu não tinha um tostão no bolso, mas disse que só ficava trabalhando se ele me aceitasse como sócio. Topou. Algum tempo depois meu tio resolveu se mudar de Passo Fundo. Comprei a parte dele. Ampliei a empresa. E como sempre tive paixão pelo comércio exterior, comecei a fazer negócios com o estrangeiro.

APL – Como começou essa paixão?

J.J. Holzbach – Eu tive dois professores que eram franceses. E um deles falava muito sobre a importância do comércio exterior. Isso ficou na minha cabeça. Li muito sobre o assunto. Tornou-se quase uma idéia fixa. Logo depois da

(ARQUIVO J.J. HOLZBACH)





(ARQUIVO APL)

J.J. Holzbach sendo entrevistado pelos membros da APL

Segunda Guerra a Brahma trouxe um técnico alemão. Ele pediu que eu lhe desse aulas de português. Como eu vendia agulhas para máquina de patente elástica (uma máquina de fabricação alemã, com uma espécie de braço, usada até hoje para costurar cano de bota) e essas agulhas eram escassas devido à guerra, ele me falou que conhecia pessoas da empresa fabricante. Entrei em contato com elas. Cada agulha custava trezentos réis e eles só vendiam o mínimo de mil agulhas. Fiz os cálculos e encomendei 100 mil agulhas. Chamaram-me de louco. Em pouco tempo vendi quase todas, a novecentos réis cada uma, para outros comerciantes. Tive um bom lucro. Comecei a importar máquinas para sapateiros. E isso é uma coisa que me chamou muita atenção. A Alemanha, arrasada pela guerra, atirou-se imediatamente à produção.

APL – E o ensino era muito diferente?

J.J. Holzbach – Era. Em Erechim, no meu último ano de estudos, eu aprendia na prática, durante a semana, trabalhando no Banco do Brasil, na prefeitura e na Pagnonceli, e nos sábados, discutíamos com os professores nossas experiências. Cheguei a receber proposta do Banco do Brasil para ingressar no seu quadro funcional depois de concluir meus estudos.

APL – O senhor, como comerciante, chegou a vender em outros estados?

J.J. Holzbach – Eu tinha vendedores que cobriam todo o Rio Grande do Sul e o Oeste de Santa Catarina e do Paraná. Vendíamos couros e equipamentos para sapateiros e seleiros. Cheguei a fabricar

tamancos e chinelos coloniais durante uns dez anos. As cepas dos tamancos eram feitas de açoita-cavalo, que eu importava do Paraná. Depois só me dediquei à intermediação de couros.

APL – Mas aqui, em Passo Fundo, o Sr. foi professor de Contabilidade?

J.J. Holzbach – Eu já era formado guardalivros e fui fazer o curso de Contador no Colégio Conceição. Na época era na frente do Hospital São Vicente, onde hoje é o Campus II da UPF. Depois de formado, faltou professor de Contabilidade, para o turno da noite. O colégio já estava onde hoje se localiza atualmente. O irmão Cipriano, que era o diretor, me convidou para lecionar. Só aceitei com uma condição: não receber salários. Trabalhei durante sete anos. E só parei quando me casei. Mesmo tendo pago meus estudos, como sempre fui bem atendido pelos irmãos maristas, e o colégio tinha muitas dívidas com a construção do novo prédio, entendi que deveria dar essa minha colaboração.

APL – E como o senhor começou a exportar?

J.J. Holzbach – Na década de 1960, a maior empresa de Passo Fundo se chamava Lago & Iaione. Tinha moinho e atacado, comprava todo tipo de cereal e ainda possuía um curtume, perto da atual Vila Planaltina. Estava construindo até um frigorífico. A empresa entrou em crise e foi nomeada uma junta interventora. Eu nem estava em Passo Fundo e meu nome foi incluído entre os interventores. Eu não queria assumir essa responsabilidade, mas como tinha muitos amigos que eram avalistas da empresa e eles insistiram comigo, assumi.

Conseguimos pagar todas as dívidas. Como a Lago & Iaione possuía um pequeno curtume que estava sucateado, terminei por adquirir esse curtume e reorganizá-lo com o nome de CIPLAME – Companhia Industrial Planalto Médio Ltda., no começo dos anos 1970. À época só existia a unidade da Planaltina, mais tarde abri outra unidade na Vila Ricci, adquirindo um pequeno curtume que pertencia a Sinval Bernardon. Fiquei com o curtume até nove anos atrás, quando fechei por imposição dos órgãos do meio ambiente. Cheguei a fazer investimentos, mas o então delegado regional de Saúde, Júlio Teixeira, não concordou com os equipamentos. Chegaram expedir ordem para me prender. Como eu não estava, prenderam meu filho, que era gerente. Logo ele foi solto. A CIPLAME chegou a ter até 505 empregados.

APL – A CIPLAME trabalhava com que tipo de couro?

J.J. Holzbach – Trabalhava só com couro de porco. Para modernizar a empresa importei maquinaria. Consegui esses recursos junto ao BRDE – Banco Regional de Desenvolvimento, devido à credibilidade pessoal, pois a equipe que veio fazer levantamento na empresa deu parecer contrário. Fui a Porto Alegre, falei com os diretores do Banco e consegui CR\$ 1.100.000,00. Depois, obtive junto ao Banco do Brasil mais CR\$ 100 mil para aquisição de matéria prima, o que dava para trabalhar durante uns três meses. Comecei a desenvolver a empresa e paguei tudo. Aí é que entrei efetivamente para o comércio exterior. Conheci um importador da África do Sul, em Porto Alegre, que gostou dos nossos produtos e comecei a exportar para aquele país. Logo depois participei de uma feira em Paris. Fiz contatos com diversos importadores. Realizei alguns negócios muito bons. E comecei a realizar viagens para o exterior, abrindo novos mercados. Chegamos a exportar 90% de nossa produção.

APL – E era grande a quantidade de couro negociado?

J.J. Holzbach – Eram seis toneladas por dia, o equivalente a dois mil couros de porco salgados. De cada couro se faz dois, pois é dividido ao meio. O couro é curtido em fulões (grandes tambores de madeira onde o couro gira lentamente, umedecido com água e produtos químicos).

cos). O couro para exportação era mais para vestuário.

APL – Como começou a fabricação de roupas de couro?

J.J. Holzbach – Comecei a observar como eram feitas as confecções de couro. A maior parte dos clientes me visitava aqui. Eu também os visitava no exterior. Victor Massa, um cliente italiano veio ao Brasil e decidiu fazer uma sociedade comigo para fabricar roupas no Brasil. Insistiu que a fábrica deveria funcionar em Canoas. Montamos lá. Depois de poucos meses consegui convencê-lo a transferir o negócio para Passo Fundo. Os técnicos eram um casal de italianos. A mulher não se adaptou e eles voltaram para a Itália. Aí veio um técnico solteiro, que durou mais tempo. Meu sócio teve problemas com grevistas. Perdeu muito dinheiro e me vendeu sua parte na sociedade. Fui procurar mercado no Canadá. Como não havia transporte aéreo direto para lá, fazia escala em Nova Iorque. Certa feita resolvi parar alguns dias naquela cidade norte-americana. Fiz alguns contatos com empresas. Conheci um empresário judeu que gostou dos produtos que lhe mostrei. Ficou de vir a Passo Fundo para conhecer as instalações da empresa. Veio, viu e gostou. De início me pediu dois mil casacos femininos. Mandou os moldes. Fiz um, de amostra, e enviei para ele. Gostou e comecei a fornecer entre dois mil a três mil casacos por mês. Um dia ele me passou um fax para que fosse urgente a Nova Iorque, pois tinha uma proposta muito importante para me fazer. Peguei uma pasta e viajei só com a roupa do corpo. Acabei detido no aeroporto de Nova Iorque. Como não levava roupas pessoais, desconfiaram de mim. Tive que me despir e revistaram até meus sapatos. Fiz inúmeras viagens ao Exterior e essa foi a única vez que isso me aconteceu.

APL – Mas o negócio acabou dando certo...?

J.J. Holzbach – Quase não deu certo por meio dólar por peça. Acabei negociando 60 mil casacos de um modelo em quatro cores, para entregar em cinco meses. Tive de aumentar o número de funcionários da confecção, para 140 empregados, mas cumpri o contrato. Na época a CIPLAME era a maior produtora de roupas de couro do Brasil. Hoje tem muita empresa no ramo, a maioria delas pequenas. Eu nunca usei intermediário. Negociava



Casamento de J. J. Holzbach e Terezinha Matte

direto com os importadores. Quando a empresa fechou, eu vendia quase só para a América do Norte.

APL – Por que a CIPLAME teve de importar couro de porco?

J. J. Holzbach – Nos anos 1980, o governo federal proibiu que o couro de porco fosse retirado. Uns diziam que era anti-higiênico. Para mim anti-higiênico é comer couro de porco, com a raiz dos pelos. Aí tive de importar couro da Alemanha, Itália, Estados Unidos e até da Rússia. Só que o couro russo entrava através da Itália. Fui ao Japão e comprava entre 160 a 170 toneladas por mês de couro de porco. Era o couro de melhor qualidade. Lá eles abatem o porco com seis meses de idade. O couro acaba saindo com uma fibra mais homogênea. Nos outros países, devido às diferenças de idade entre os porcos, os couros não são homogêneos. O Japão cria mais porcos do que o Brasil. E consome mais também. Conheci um dono de frigorífico que criava porcos num edifício com vários andares. Ele beneficiava o couro, conseguindo películas muito finas que eram usadas nos hospitais. Os médicos colavam essas películas sobre os locais de cirurgia, melhorando na recuperação da pele humana e até em casos de pessoas que sofriam queimaduras graves. Os japoneses não apenas criam mais porcos, mas consomem mais carne suína do que os brasileiros. Nessas minhas viagens cheguei até a União Soviética. Encomendei 500 toneladas de couro, que nunca recebi. Segundo o agente alemão que me acompanhou é porque não paguei propina. Na União Soviética até os motoristas de táxi cobravam propina. E eu não dava propina. Aprendi que, no estrangeiro, a gente não deve ferir ne-

nhuma lei do país. E também não estava a fim de ter problemas com a polícia secreta soviética... a temida KGB. Na época eu tinha a idéia de montar uma fábrica de gelatina, aproveitando os refugos dos frigoríficos.

APL – Em Passo Fundo os empresários são apoiados?

J.J. Holzbach – Aqui, em Passo Fundo, eu acho que falta apoio do poder público municipal, em todos os setores. Acho que os “fanatológicos” é que impedem a instalação de empresas em Passo Fundo. São um ou dois que fazem uma encrenca desgraçada. E isso reflete em todo o mundo. Carazinho já está muito mais industrializado do que Passo Fundo. Os jornais daqui dão cobertura a tudo isso. Nunca vi os poderes públicos de Passo Fundo, nestes 60 anos, dar qualquer apoio.

APL – O senhor idealizou o primeiro edifício de apartamentos de Passo Fundo?

J. J. Holzbach – Minha mulher queria morar num prédio de apartamentos, mas não existia esse tipo de construção na cidade. Comentei o caso com um grupo de amigos. E surgiu a idéia de construção. Conseguimos negociar o terreno com o Dr. Frederico Dauth, desde que a prefeitura retirasse uma ação de desapropriação. Procurei o prefeito Mário Menegás. E ele me propôs isenção de impostos municipais de um ano para cada andar do edifício. Foi em 1964. Construímos o Edifício Planalto, com 12 andares, e ganhamos 12 anos de isenção. Dos construtores do edifício sou o único que ali mora até hoje.

Definição de um escritor

Tenho passado a maior parte do meu tempo escrevendo mensagens em garrafas e as lançado ao mar em busca de socorro. Mas através dos anos - ignoro quantos - não tenho obtido sucesso apesar de todos os meus esforços. No entanto, encontrei no ato de escrever estas mensagens um prazer que não conhecia, um prazer que não se vincula tanto a necessidade de pedir socorro como ao de produzir histórias. A solidão a que fui constringido pelo naufrágio tem me proporcionado o ambiente ideal para este tipo de atividade. Tenho passado a maior parte do meu tempo neste labor.

Atualmente estou escrevendo a história da minha vida nesta ilha, o

que tem absorvido todos os meus esforços durante o dia. E já planejo para breve uma outra história com ingredientes mais picantes, histórias de piratas, tesouros escondidos e as descobertas incríveis de um naufrago numa ilha deserta...

Enfim, as possibilidades são muitas!

Todos os dias lanço um capítulo novo ao mar na expectativa de resposta.

Até o momento não obtive sucesso.

Mas também isso já deixou de ter importância para mim.

Fila sem fim

Começou a atender a fila, cheio de certeza de que a acabaria, próprio de todos os começos quando tudo anda bem. Mas as horas passaram, passaram os dias e a fila interminável não tinha fim. Chegou mesmo a supor ter visto passar por si as mesmas pessoas: uma fila em círculo, pensou. O inferno dos atendentes.

A princípio relutou em crer, mas depois de meses e do primeiro ano, convenceu-se de uma vez que aquela fila não tinha mesmo fim. Era inútil a pressa, era inútil se esforçar: a fila não acabaria nunca e ele precisava achar seu ritmo como um mar definitivamente contido em seus limites. Era preciso adquirir aquela profundidade de som cavo que vem das profundezas e que só o mar sabe ter quando bate nas rochas. E anos e

milhares de anos foram necessários para ele adquirir essa sabedoria e profundidade, escavando as suas margens, esmigalhando-as em pó, como agora o atendente tinha que fazer consigo: explorar sua própria profundidade, descobrir em si o mistério das metamorfoses diante da fila sem fim - suas margens imaginárias.

O outrora ele pensou que ela tivesse um termo. Apressou-se em atender a todos o mais rápido que pode. Esfalfou-se e noutro dia estava ela lá, inteira de novo, incólume a lhe desafiar. Tinha que fazer um novo esforço para a acabar de uma vez. Mas depois que aquilo se revelou inútil, como o oceano, ele começou a marulhar baixo, explorar suas próprias profundidades e a ter calma diante do inevitável.

Conversa entre amigos

Dois amigos que cresceram juntos se encontram depois de muito tempo separados. Hoje, velhos, recordam com saudade seus tempos de juventude. O mais extrovertido deles e que, em geral, dava-se melhor com as mulheres diz ao outro que dedicou a vida ao trabalho e ao estudo:

- Tu tinhas razão, a vida requer mesmo hábitos mais contidos, valores como os teus. Hoje tens motivo para te orgulhares e te entreteres com a tua sabedoria e com o que juntaste esses anos todos de trabalho. Já eu... nada tenho se não boas recordações.

- É verdade, "hoje" eu tenho razão, mas naquele tempo tu a tinhas.

Rio morto

Homenagem (triste)
ao Rio Passo Fundo

Marulhas
mas não enganas:
estás morto!
Rio de todas as águas,
profundidade comezinha
de quem atulhado
mal consegue ver o caminho,
através das águas turvas
nas curvas que faz.
Juntas todo o rebotalho
que o trabalho
- a faina inútil de todos os dias -
acumula e faz de ti lixeira.

Tuas pedras
se confundem com latas;
tuas margens incertas
têm capim
- até demais.
Sobre as quais
às vezes avança,
ponta de lança,
a alcançar quem o maltrata
o malbarata
com túneis, canais e desvios
enquanto o que há de bom nos rios
- peixes e água limpa -
ninguém consegue ver.
Pescar de tuas margens,
namorar molhando os pés,
lavar em ti a roupa
que de tão pouca
não consiga te poluir,
antes nos faça cheirar à natureza,
das profundezas de onde vens,
cantando desde as fontes
habitando a distância de ermos montes
onde os momentos...*

E como criança avança
cidade adentro.
Vais de todos recebendo o que há de pior
- incurável desamor de quem até os filhos
sabe desamar.

Nos longes da cidade
de onde sai e te vejo passar
já não vai mais cantando
nem marulhando.
Vais embora a chorar.

*Trecho de um poema de Fernando Pessoa.

A nossa vida... de transição em transição

OSVANDRÉ LECH

Um dos provérbios chineses mais conhecidos é aquele em que o velho ensina ao jovem sob a sombra da cerejeira: *"Deseja que o teu inimigo viva em constante transição"*. Isso nos ensina que são exatamente os momentos de transição da vida os mais difíceis, pois partimos de uma relativa estabilidade para um momento que não conhecemos bem. Isso traz instabilidade, dúvida, indecisão. Os mais fortes vencem, os mais fracos sucumbem. Passado o período de transição, um novo momento de estabilidade acontece. Portanto, na visão do velho chinês, os períodos de estabilidade na vida são os mais prósperos; ao contrário, os de transição são os mais estressantes e difíceis. Se analisarmos nossa vida, este balanço ocorre de fato: no nascimento,

nos primeiros passos independentes, nos primeiros dias de escola sozinho, na entrada da adolescência (ou em toda a adolescência), na vida sentimental com suas aproximações e distanciamentos, no primeiro emprego obtido ou naquele recém-perdido, na perda de uma pessoa próxima, no vestibular, para citar alguns. A formatura é também um destes momentos de transição, talvez o mais importante. É bem conhecida a expressão entre os formandos: *"me transformei de estudante universitário em desempregado, e isto não é engraçado...!"*

Embora a formatura seja um momento de júbilo para o formando e todas as pessoas que lhe querem bem, já que uma sacrificada etapa da vida foi vencida, para muitos o dia seguinte não é nada confortável. Enfrentar o mercado de trabalho já quase saturado de bons profissionais é mais difícil do que estudar para provas e exames. Instalar-se com boas

condições para receber pacientes custa mais caro do que os pequenos gastos durante a faculdade. Obter credenciais para trabalhar com os convênios que pagarão muito pouco é bem mais difícil do que os papos-cabeça nos botecos universitários, onde a reforma do mundo é tão fácil...

Manter-se atualizado profissionalmente requer muito mais do que simplesmente prestar atenção às aulas teóricas e práticas. Não é por acaso que a formatura encanta e assusta ao mesmo tempo.

Já que o protocolo de formaturas da UPF não prevê qualquer manifestação oral do patrono da turma, e eu não pretendo quebrar nenhum protocolo, embora fosse apropriado, optei por antecipar o que falaria no púlpito. Na prática, é uma pequena última aula que não foi dada no programa curricular. Ela é curta e poderá, eventualmente, ser útil:

(DIVULGAÇÃO)



1) Do meu professor de cirurgia da mão e microcirurgia Harold Kleinert, em longas conversas durante o nosso convívio, aprendi que o mais importante na vida profissional é: amability (ser amável), availability (estar disponível), e ability (ser hábil, capaz). Nesta ordem. *Lembrem-se que o paciente quer um profissional amável e disponível. Depois sim, pode ser um cientista, alguém muito bem preparado intelectualmente.*

2) Do gerente de Tecnologia de Informação da Telemar, Roberto Motta, aprendi via internet, os motivos que diferenciam os trabalhadores de países desenvolvidos dos não-desenvolvidos: a) o governo não resolve nada, quem resolve são as pessoas e a sociedade; b) faça o que eu digo e faça o que eu faço; c) se você acha que pode, você pode; d) tudo o que vale a pena ser feito, vale a pena ser bem feito. Isto parece simples, mas não é...!

3) Da revista The Economist, de 2001, nas leituras da madrugada, anotei os itens mais importantes para o sucesso em qualquer profissão: velocidade, gente excelente ao teu redor, abertura para o mundo, cooperação para detectar oportunidades, disciplina, boa comunicação, relevância à informação, gestão pelo conhecimento, liderança pelo exemplo, entusiasmo e paixão profissional como se fosse o teu primeiro dia de trabalho.

Incorporei estes ensinamentos ao meu trabalho no IOT e em outros locais e tenho obtido frutos deles. A turma de vocês já está iniciando a vida profissional com conquistas especiais, pois o livro escrito por todos vocês ao longo do curso "Membro superior - Abordagem fisioterapêutica das patologias ortopédicas mais comuns" é hoje um dos mais vendidos desta área, no país.

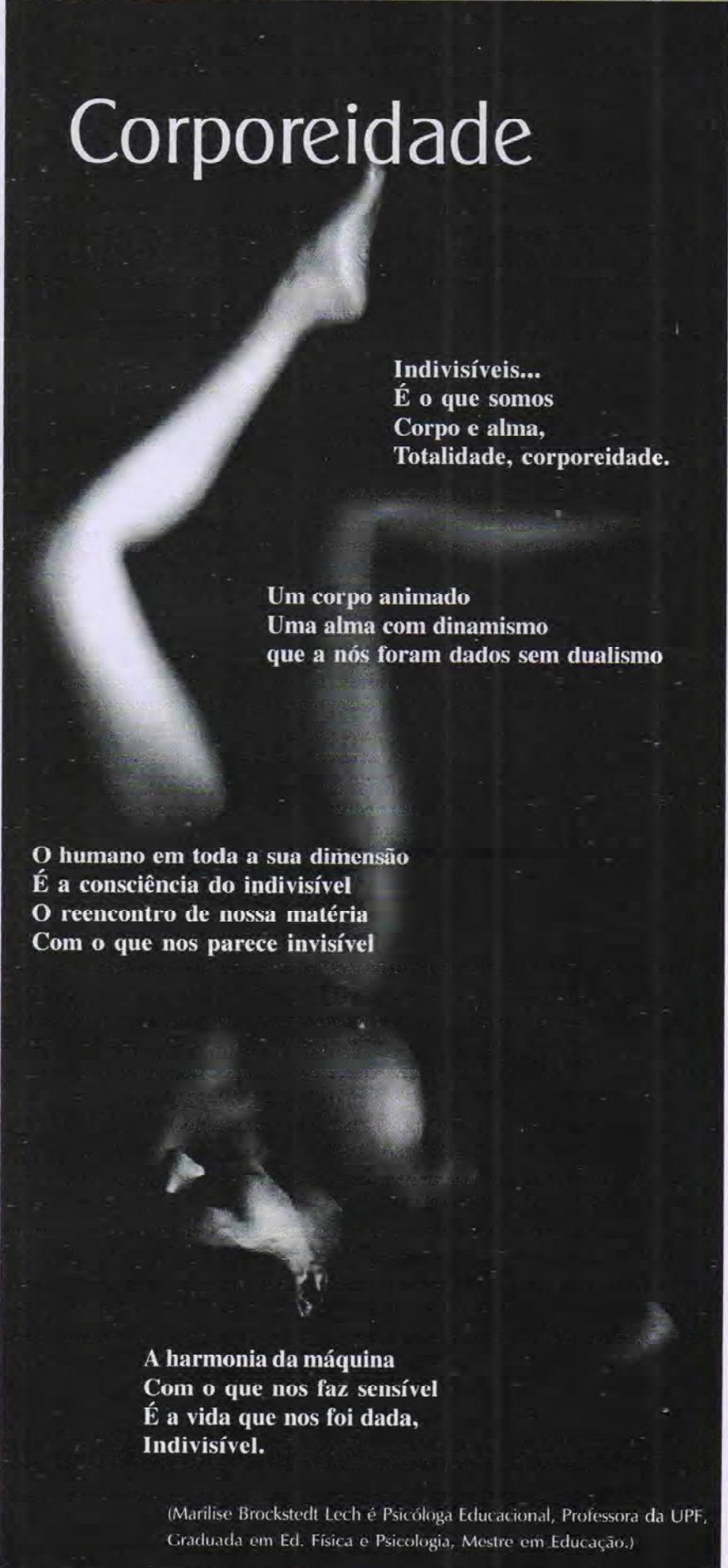
Como professor, fico satisfeito por ter colaborado na formação profissional e espero que esta nova transição seja o mais fácil possível. Como amigo, pude ver em vários de vocês o acadêmico que cursou os mesmos bancos universitários da UPF há 25 anos. Foi como uma reprise daqueles bons tempos.

Como patrono da turma, vejo recompensada a minha tardia entrada no corpo de professores da UPF.

Sucessos para todos!

(Osvandré Lech é ortopedista, professor da disciplina de Ortopedia do curso de Fisioterapia da UPF e membro das Academias Passo-Fundense de Letras e de Medicina.)

Corporeidade



**Indivisíveis...
É o que somos
Corpo e alma,
Totalidade, corporeidade.**

**Um corpo animado
Uma alma com dinamismo
que a nós foram dados sem dualismo**

**O humano em toda a sua dimensão
É a consciência do indivisível
O reencontro de nossa matéria
Com o que nos parece invisível**

**A harmonia da máquina
Com o que nos faz sensível
É a vida que nos foi dada,
Indivisível.**

(Marilise Brockstedt Lech é Psicóloga Educacional, Professora da UPF, Graduada em Ed. Física e Psicologia, Mestre em Educação.)

Uma breve história

da precaução

GILBERTO R. CUNHA

Desenvolvimento econômico não pode ser buscado a qualquer custo. Especialmente, às expensas da degradação do ambiente e com riscos para a saúde humana. Esta última assertiva, possivelmente, serviu de base para o surgimento, no começo dos anos 1970, de um princípio de direito germânico, que se transformaria em ícone dos ambientalistas e em desafeto número um dos tecnocratas: o “Princípio da Precaução”. Afinal, que é esse princípio? Quais as suas bases epistemológicas? Muitos o invocam e outros o execram, aparentemente, sem um maior conhecimento de causa.

O Princípio da Precaução é um instrumento jurídico que regula a adoção de medidas de proteção ao ambiente (na sua forma mais ampla, englobando também os seres humanos), em casos que en-

volem ausência de certeza científica e ameaças de danos sérios ou irreversíveis. No ordenamento jurídico brasileiro, esse princípio encontra-se positivado em pelo menos três diplomas: (1) na Declaração do Rio de Janeiro de 1992, (2) na Convenção sobre Diversidade Biológica e (3) na Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima. No texto da Rio 92 (Convenção das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, em 1992): “... onde houver ameaça e dano sério ou irreversível, a ausência de absoluta certeza científica não deve ser utilizada como uma razão para postergar medidas eficazes e economicamente viáveis para prevenir a degradação ambiental.” Ou no preâmbulo da *Convenção sobre Diversidade Biológica*: “...quando existe ameaça de sensível redução ou perda de diversidade biológica, a falta de plena certeza científica não deve ser usada como razão

para postergar medidas para evitar ou minimizar essa ameaça.” *Eno artigo 3º da Convenção Quadro*: “Princípios - 3. As partes devem adotar medidas de precaução para prever, evitar ou minimizar as causas da mudança do clima e mitigar seus efeitos negativos. Quando surgirem ameaças de danos sérios ou irreversíveis, a falta de plena certeza científica não deve ser usada como razão para postergar essas medidas, levando em conta que as políticas e medidas adotadas para enfrentar a mudança do clima devem ser eficazes em função dos custos, de modo a assegurar benefícios mundiais ao menor custo possível”.

Internacionalmente, a versão mais difundida do Princípio da Precaução é a que consta na declaração de Wingspread (Wisconsin/USA, 1998), criada por consenso em reunião com cientistas, legisladores, advogados e ambientalistas: “Quando uma atividade gera ameaças de dano à saúde humana ou ao

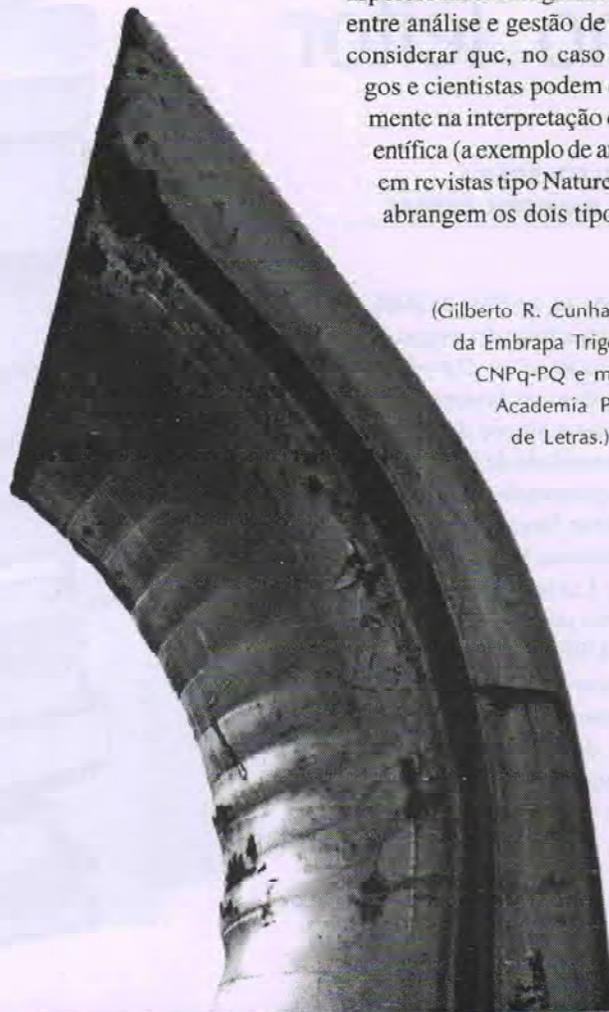
meio ambiente, medidas de precaução devem ser tomadas mesmo se algumas relações de causa e efeito não são completamente estabelecidas cientificamente. Nesse contexto, o proponente de uma atividade, mais do que o público, deve ter o ônus da prova”.

Pelo exposto, depreende-se que o Princípio da Precaução deveria ser aplicado em situações de ameaça de danos (quando há certeza de danos deveria ser usado o Princípio da Prevenção), não podendo a falta de certeza científica justificar a postergação de medidas. E quando houver certeza de que não há dano ou ameaça de dano, não se aplicam nem prevenção nem precaução. Aparentemente algo lógico e simples, não fosse pelas controvertidas e diferentes interpretações dos elementos que compõem esse princípio. Começando com a dita “certeza científica”. Embora todo conhecimento cientificamente embasado seja, a priori, melhor que qualquer outro, pairam dúvidas sobre a existência dessa tal “certeza científica”; particularmente nas ciências empíricas (experimentais), que é o caso da agricultura, cujas conclusões baseadas em inferências serão sempre acompanhadas por um certo grau de incerteza. Ainda, tem-se a eterna discussão sobre a aceitação, pela jurisprudência e com base em princípios doutrinários, de inversão do ônus da prova. Com base nisso, por um predomínio de vi-

sões pessimistas, tem sido admitido o “culpado até provar que é inocente” em vez do “inocente até que se prove a culpa”, popularmente falando. Além de que,

a aplicação do Princípio da Precaução deveria ser efetivada pela realização de estudo prévio de impacto ambiental (e aí começa uma outra discussão sobre aspectos metodológicos e diferenciação entre análise e gestão de riscos). E sem considerar que, no caso de riscos, leigos e cientistas podem diferir radicalmente na interpretação da literatura científica (a exemplo de artigos que saem em revistas tipo Nature e Science, que abrangem os dois tipos de leitor).

(Gilberto R. Cunha é pesquisador da Embrapa Trigo, Bolsista do CNPq-PQ e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Poesia

MARA DA GRAÇA CARPES DO VALLE

A Tela

Olho. Parece vazia...
Observo melhor, estou equivocada.
Vejo imagens, caminhos, cores,
Jardins, lagos, mares, pássaros, pessoas, moradias...
Lindo é o azul do céu!
Nuvens branquinhas... e, lá longe, o arco-íris.
Que riqueza de cores!
Encantada, admiro a paisagem:
Uma nuvem cinzenta surge,
Empanando a bela cena que me extasia.
Já sei, vou recorrer ao guache.
Afinal, posso usar todos os matizes;
Não deixarei que meu quadro perca o colorido.



Não posso impedir essa nuvem de prosseguir seu curso...
Chove em abundância
E minha fantástica paisagem se esconde.
Lagos, jardins, pássaros, mares, pessoas não as vejo mais...

Aquieto-me e continuo feliz.
Ainda posso lembrá-los, senti-los...
Após a tempestade o colorido será ainda mais intenso.

O céu, as flores, os pássaros, você e eu
Necessitamos de mudanças para renovar e colorir
A tela de nossa vida.

(Janeiro de 2004.)

O professor como leitor

LUCIANA LHULLIER ROSA e
MARIA LÚCIA BANDEIRA VARGAS

Encerrou-se, ao final de 2005, a primeira edição do projeto *Teachers as Readers - O professor-leitor*, que envolveu professores de línguas estrangeiras e alunos do curso de Letras da Universidade de Passo Fundo em encontros quinzenais voltados para o debate de obras literárias, coordenados pelas professoras Maria Lucia Bandeira Vargas e Luciana Lhullier Rosa. Esse trabalho foi desenvolvido na Sala de Leitura da UPF Idiomas, que conta com um bom acervo de livros em língua estrangeira, principalmente em inglês, e de adaptações de originais, os chamados *readers*, cujo objetivo é justamente proporcionar o desenvolvimento da leitura em LI.

O projeto é uma adaptação de uma experiência relatada no livro *Teachers as Readers - perspectives on the importance of reading in teachers' classrooms and lives*¹ (Os professores como leitores - perspectivas sobre a importância da leitura na vida e no trabalho dos professores). Nesse livro constam artigos que descrevem a experiência de vários profissionais da educação ligados à área de ensino de leitura, em uma disciplina de pós-graduação em que os mesmos deveriam, semanalmente, trazer ao grupo relatos de leituras por eles escolhidas. Esse não é um procedimento comum no meio acadêmico, onde as leituras efetuadas pelos alunos, mesmo de textos ficcionais, são normalmente indicadas pelos professores. Assim, já reside aí um primeiro aspecto inovador da proposta, o de que leitores experientes - no caso do referido projeto tratava-se de uma disciplina de pós-graduação - pudessem trazer suas preferências pessoais para a sala de aula e vê-las acolhidas pelos seus pares. O exercício do acolhimento das preferências de leitura de outrem é fundamental para a construção de uma comunidade literária, pois as subjetividades evocadas por aque-

las leituras são reveladoras da personalidade de quem as faz que, ao declará-las, aceita o desafio de mostrar - ainda que parcialmente - um pouco de seu interior, em público.

O segundo aspecto inovador dessa experiência acadêmica norte-americana está na reflexão, por parte desses profissionais da educação, de como essas escolhas de leituras e a sua auto descoberta como leitores influenciavam sua prática docente. Em seus relatos, muitos até admitiam que não gostavam de ler, porque julgavam - equivocadamente, como constataram ao fazer parte do projeto - a leitura como uma atividade puramente individual, em que é necessário saber o que o autor "revela" nas páginas do livro. Pouco a pouco, no entanto, esses professores foram observando que ao ler com os seus alunos e compartilhar com os mesmos suas experiências de leitura, não só estreitavam seus vínculos com os educandos, mas

também contribuíam para a formação de sua autonomia e independência, ao criarem um ambiente de confiança e cumplicidade, essenciais para o amplo desenvolvimento do aprendizado.

No caso de professores de língua estrangeira, o encontro de dois mundos mediados pela literatura depende muito da intervenção positiva do professor. Se o professor não é um leitor, o ensino da língua passa a ser simples instrução, sem um aprofundamento necessário para que haja produção e comunicação. Se o aluno não aprende, através do exemplo e da orientação do professor, a pensar e sentir e, conseqüentemente, a se expressar e produzir conhecimento na língua que está estudando, não há aprendizado, há apenas um treinamento que vai pouco além de repetição e reprodução.

No grupo que se constituiu na UPF em 2005, muitos dos professores e alunos já se consideravam leitores, pois



eram egressos de licenciaturas (o que para eles era um pressuposto para a leitura), mas, no decorrer das sessões, com a evolução do grupo para uma comunidade leitora, seus conceitos de leitura, leitores e ensino de línguas foram se expandindo. Através do prazer vivenciado no compartilhamento de suas leituras naquela comunidade acolhedora, os professores puderam perceber a importância da presença do texto literário na sala de aula de línguas estrangeiras para além do uso estrutural do mesmo. Assim, sentiram-se incentivados a desenvolver, junto aos seus alunos, projetos de formação do leitor que ultrapassassem a mera relação formal com o texto, procurando construir uma relação de intimidade entre o estudante de línguas e o texto ficcional na língua-alvo, chegando mesmo a poder desenvolver o hábito da leitura, em uma língua estrangeira, em educandos que não o possuíam em língua portuguesa.

Nota

COMMERYS, M. BISPLINGHOFF, B. OLSON, J. *Teachers as readers – perspectives on the importance of reading in teachers' classrooms and lives*. Newark, Delaware, USA: International Reading Association, University of Georgia, 2003.

(Luciana Lhullier Rosa é mestre em Letras pela PUCRS e Maria Lúcia Bandeira Vargas é mestre em Letras pela UPF.)



Aversão e amizade

ELISABETH SOUZA FERREIRA

A pessoa que mais nos irrita é a que mais se nos assemelha, porque funciona como um espelho. Reflete tudo o que somos e o que, inconscientemente, queremos eliminar da nossa vida. Mas, o objeto da nossa aversão nunca nos é colocado, por acaso, a nossa frente.

Quando gostamos de alguém, sentimos que a outra pessoa nos completa – que tem tudo de bom para nos oferecer – encaixamo-nos perfeitamente a ela como se fôssemos peças de um mesmo quebra-cabeça. E, é aí que nos enganamos, achando que somos iguais. Mas, na verdade, somos bem diferentes, porque o que falta lá, excede aqui e o que excede nela, falta em nós. Por isso, temos a satisfação de ficarmos juntos. Estas pessoas nos fazem bem. Massageiam nosso ego o tempo todo, porém não nos tornam melhores do que somos. No entanto, as pessoas que detestamos, pelo fato de terem muitos aspectos da personalidade semelhantes aos nossos, parecem nos fazer mal, causando-nos desconforto – até o simples olhar delas nos incomoda; a presença delas é um estorvo – parecem não ter nada para nos acrescentar à vida e não têm nada mesmo além do que já temos. Elas apenas refletem o que somos – são elas que se parecem conosco – o que tem do outro lado também tem aqui deste lado. E isso nos irrita. É o mesmo que nos observar no espelho pela manhã: os cabelos despenteados, os olhos inchados – isso nos incomoda. Contudo, é assim que somos. Os nossos “inimigos” nos fazem ver como realmente somos e não como gostaríamos de ser. Passamos a odiá-los, entretanto, estamos sentindo repulsa pelos aspectos negativos que temos. Quando damos as costas para essas pessoas, estamos perdendo uma valiosa oportunidade de crescimento. Se os encontros são esporádicos é o mesmo que observarmos a nossa imagem refletida nas vitrines por onde passamos, muitas vezes sem prestarmos a devida atenção. Estamos apenas dando uma olhadela no que não gostamos. O que temos em nosso coração nos está sendo mostrado como um trailer de filme.

Se tivermos que conviver com alguém de quem não gostamos, não só precisaremos saber o que precisa ser corrigido em nós mas também deveremos aprender a nos corrigir. Somente essa pessoa poderá nos ensinar – ela nos mostrará como realmente somos. Não aprenderemos a lição se nos afastarmos dela. Não será com agressões que a eliminaremos da nossa mente. Ela até poderá ir embora para muito longe, deixando assim de cumprir o seu papel de nos ensinar a aprender conosco. Porque essa lição é mútua. Não somos apenas nós que devemos aprender, mas ela também, porque nós temos algo para ensinar-lhe. Quando temos conexões cármicas, o carma só se elimina ficando junto. Quanto maior for a antipatia, mais coisas temos a aprender com quem antipatizamos.

Poderemos ter a certeza de que estamos aprendendo a nos corrigir, quando começamos a ver que o outro não é tão ruim quanto os nossos sentidos nos faziam perceber anteriormente, quando perdermos a vontade de falar mal dele, quando não desejamos mais vê-lo pelas costas. O importante é ver que esse alguém que detestamos é igual a nós, por mais que não identifiquemos de imediato as semelhanças e que, como nós, também tem direito de seguir em frente, aprendendo sempre mais com os prazeres e os dissabores que cada nova existência tem para nos apresentar.

(Elisabeth Souza Ferreira é membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras.)

O centenário de Túlio Fontoura

SANTINA RODRIGUES DAL PAZ

Celebramos em 2005 o centenário de nascimento de Túlio Fontoura, motivo pelo qual tributamos à sua memória as homenagens a que faz jus, pelo seu desprendimento, pela sua postura diante do ser humano, pelo exemplo de trabalho, lutas e conquistas, pelo seu amor à nossa pátria.

Túlio Fontoura, conhecido jornalista, foi um ser humano bondoso, simples, não fazia distinção entre rico e pobre, raça ou religião, suas atenções eram voltadas para todos. Figura destacada entre os intelectuais de Passo Fundo, na imprensa teve seu papel importante, desenvolvendo um trabalho com dedicação em defesa dos interesses da coletividade. É este homem que completou, no ano de 2005, cem anos de nascimento.

Foi um dos fundadores do Grêmio Passo-Fundense de Letras que, em 1961, passou a chamar-se Academia Passo-Fundense de Letras, onde ocupou cargos de destaque. Como presidente do sodalício buscou soluções beneficiando a comunidade. Isto porque na Academia, com grandes pensadores influentes na cidade, surgiram muitas tomadas de decisão em prol do nosso município. Túlio Fontoura é patrono da cadeira nº 33, na APL.

Durante os seus 56 anos de atividades, criou páginas escritas e publicadas sobre assuntos variados, especialmente na área complexa da sociologia, economia e política. Intelectual de sólida cultura, com invejável conhecimento, penetrou também pelos caminhos da história e da literatura. Produziu, com incrível fertilidade e substância, milhares de comentários e mais de mil editoriais, alguns ensaios literários, trabalhos biográficos, entre os quais a biografia de seu amigo e correligionário Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, servindo para pesquisa em diversos educandários de nos-

sa cidade. Foi pelos seus méritos de jornalista e literato que ingressou na Academia Passo-Fundense de Letras, a que o acolheu com orgulho.

Pertenceu aos quadros de sócios da Associação Rio-Grandense de Imprensa; e foi membro da Diretoria do Sindicato dos Proprietários de Jornais e Revistas do Rio grande do Sul. Foi primeiro vice-presidente do Aero Clube de Passo Fundo, sócio benemérito e patrão de honra dos centros de tradições gaúchas Osório Porto, Lalau Miranda e de várias entidades sociais, recreativas, esportivas, educacionais e culturais da Capital do Planalto.

Esta é uma pequena pincelada da vida de Túlio Fontoura.

Prestou relevantes serviços à comunidade, ao Estado e ao Brasil, entre os quais a direção da Imprensa Oficial do Rio Grande do Sul, convidado que foi pelo governador do Estado, Dr. Ildo Meneghetti, tendo feito uma administração digna dos melhores elogios.

Em 1946 foi eleito, por expressiva votação, à Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo, mas atendendo ao convite do prefeito Arthur Ferreira Filho expirou seu mandato como Diretor do Ensino Municipal, quando teve oportunidade de colaborar e prestar serviços aos filhos desta terra.

Pelo espaço de dois anos (1962-1964) Túlio Fontoura dirigiu a Rádio Universitária, imprimindo novos rumos à publicidade e à parte artística da emissora com a criação de excelentes programas. Este trabalho foi a título de colaboração com os seus amigos, irmãos Dr. César Santos e Dr. Reissoly José dos Santos, então reitor e vice-reitor da Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo, hoje UPF.

Túlio Fontoura, além de intelectual, militou ativamente na política, como já vimos, tendo sido um dos grandes líderes do PSD no Rio Grande do Sul. Foi candidato a deputado estadual por duas vezes. Mesmo prejudicado ainda conseguiu votos que o colocaram

na suplência, e foi convocado pela Assembleia Legislativa do Estado, onde teve oportunidade de prosseguir, ainda com mais vigor, atendendo os interesses de seu eleitorado e das comunas que o apoiaram em convenções partidárias. Mas sua passagem foi rápida pela casa do povo porque, a convite do governador, assumiu a direção da Imprensa Oficial.

O certo é que seu gosto pelo jornalismo foi mais forte, começando ainda jovem na tarefa que a sorte lhe premiou. E acertou... Nesta caminhada, que não foi fácil, foi acumulando experiências até chegar ao ápice de sua carreira. Mas teve uma trajetória a cumprir, como todo ser humano inteligente, trabalhador, com objetivos a atingir.

Iniciou sua carreira no jornalismo aos 17 anos, na Capital do Estado, como repórter do jornal "A Manhã", e, quando este fechou, passou para "A Federação". Conheceu experientes jornalistas. Ingressou mais tarde no "Correio do Povo", onde atuou por mais de um ano.

Transferiu residência para Passo Fundo no ano de 1926, acreditando em um futuro melhor, com mais segurança, e apostando em sua capacidade e dedicação. Assim chegou Túlio Fontoura à terra dos passo-fundenses. Com 21 anos de idade, em meados de 1926, foi convidado para gerenciar o semanário "A Gazeta", cujo diretor e proprietário era o major João Carlos de Araújo e Silva (1924-1930).

Seu desejo era ter o seu jornal, então lançou "A Luta", em 1º de maio de 1931. Era, portanto, o proprietário, o diretor e o redator. A partir de agosto de 1931, a janeiro de 1932, o jornal teve como redator J. S. Camargo. Em maio de 1932, a direção e redação ficou a cargo de Rossauo Tavares. Foi um órgão político, independente, até 10 de fevereiro de 1932, quando passou a ser republicano. Era órgão da Frente Única da Serra. O jornal "A Luta" era semanal, com 4 páginas, formato

46X33cm, impresso na impressora "Marioni", vinda da França para a papeleria "A Luta" (Gen. Neto, 584).

Em comemoração ao primeiro aniversário de "A Luta" foi lançada uma edição especial, com 16 páginas. O jornal custava \$200, sua assinatura anual era de 15\$000, semestral 9\$000 e trimestral 5\$000.

Os principais colaboradores da "A Luta" foram Dr. Ney de Lima Costa, Dr. Rossauro Tavares dos Santos, Dr. Noé Freitas, Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, João Baptista de Carvalho, Jefferson de Carvalho Dantas, Pedro Silveira Avancini, Dr. Pedro dos Santos Pacheco e Floaldo Maia. Esses escreveram um texto dando explicações aos leitores sobre a ausência do seu diretor e o motivo por que iam interromper a publicação (31 de dezembro de 1932 a 7 de janeiro de 1933). "FORÇA MAIOR" – "Nem sempre basta a boa vontade para vencer obstáculos; há circunstâncias que se impõem perante as quais devemos ceder, embo-



Reunião do Grêmio Passo-Fundense de Letras - 1951

(FOTOS: ARQUIVO APL)



Dr. Mário Hoppe (E), jornalista Túlio Fontoura, escritor Arthur Ferreira Filho, Dr. César Santos e João Dêntice - Aniversário do Diário da Manhã, 1969

Um editorial do jornalista Túlio Fontoura

Justificando que a Academia Passo-Fundense de Letras era o lugar das grandes decisões, transformando em realidade os sonhos, como aconteceu com a Universidade de Passo Fundo, o Dr. César Santos, grande idealizador e condutor de idéias, com seu entusiasmo contagiou seus companheiros e criou a Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo. Estiveram presentes na reunião e assinaram a Ata Nº. 1, em 24 de janeiro de 1950, os acadêmicos Dr. César Santos, presidente, Dr. Rômulo Cardoso Teixeira, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Dr. Celso da Cunha Fiori, Irmão Paulo Maria, Revdo. Sady Machado e Dr. Verdi De César. Túlio Fontoura, como bom jornalista, não perdeu a oportunidade em divulgar, mais tarde, a criação da Universidade. E para bem informar a população escreveu o que segue, no editorial que publicava diariamente, enfocando as notícias do momento. Era 6 de abril de 1968:

"Está criada a Universidade de Passo Fundo. O ato, por certo, mar-

ca o término de lutas de há muito travadas em prol da implantação do ensino superior em nossa cidade. O idealizador da obra, professor César Santos, pretendeu criar uma universidade federal, com ensino gratuito, a exemplo das inúmeras existentes no País.

Lamenta-se que a conjuntura econômica não tenha permitido a criação da universidade sonhada, mas devemos aplaudir o ato que criou a universidade, mantida por uma entidade de direito privado, que por certo receberá importantes verbas do poder público para a construção de prédios apropriados, na nossa Cidade Universitária, nos quais deverão funcionar, no futuro, as atuais e as faculdades que vierem a ser criadas, as de Engenharia e Medicina.

A criação da Universidade vai exigir de seus dirigentes, para o fiel cumprimento de sua missão, para com o futuro ensino em nossa cidade, muito equilíbrio, muito trabalho e muita dedicação, principalmente no começo que exige o imediato afastamento da influência do primarismo e dos agentes da politicagem que tanto entravaram e ainda pro-

curam entravar a marcha do ensino superior.

O professor César Santos e seu irmão, desembargador Reissoly José dos Santos, que foram, incontestavelmente, os líderes do movimento pela interiorização do ensino superior e sua implantação na cidade de Passo Fundo, os que conseguiram criar a Faculdade de Direito, a Faculdade de Economia, a Faculdade de Agronomia e o Instituto de Belas Artes, sonhavam em ver funcionando em nossa cidade uma universidade federal com ensino gratuito, com professores pagos pela União, mas já que isso não foi possível, devem estar satisfeitos com o ato que criou uma universidade mantida por uma entidade de direito privado.

Devemos lutar, agora, para a criação das duas faculdades de há muito pleiteadas, a de Engenharia e a de Medicina, ato que por certo não se fará tardar, de vez que ambas as faculdades precisam existir para completarem o ato de criação da universidade agora praticado pelo presidente Arthur da Costa e Silva e pelo seu ministro da Educação."

ra com a maior relutância e até com tristeza. E este momento doloroso chegou para “A Luta” que, por motivo da prisão prolongada de seu diretor proprietário, se vê obrigada a suspender temporariamente sua publicidade”. Túlio Fontoura aderiu ao movimento revolucionário paulista contra o Governo de Getúlio Vargas, ocupando o posto de tenente-coronel.

“A Luta, assim esperamos confiantes, não será este o seu último número, senão apenas o descanso de uma máquina, da qual falta sua peça principal. Esta peça que falta, é a ausência forçada de seu diretor que, por causa da política, se acha preso, na capital da República. Então, “A Luta” se vê na contingência de suspender hoje por um ou dois meses a sua publicidade, o que aliás será levado a crédito de nossos assinantes”.

Túlio Fontoura, retornando a Passo Fundo, não esmoreceu. Coragem e otimismo não lhe faltaram. Seus amigos estavam prontos a ajudá-lo para recomeçar seu trabalho tão desejado.

Registramos estes dados para que conheçam um pouco deste nosso confrade e grande jornalista Túlio Fontoura, que comemorou, há pouco, seu centenário de nascimento. Homem que deixou história gravada em seus feitos e que passou incólume em sua trajetória terrena, pois, soube com habilidade vencer muitos e muitos obstáculos que se apresentaram em sua caminhada.

Em 1935, exatamente no dia 28 de novembro, lançava para nossa cidade o jornal “Diário da Manhã”, que veio para engrandecer o jornalismo da nossa comunidade e demais municípios da região. Foi crescendo graças à capacidade do jornalista e à colaboração de sua família e de seus leitores. Segundo pesquisa feita por um jornalista historiador de Pelotas, sobre Túlio Fontoura, diz o seguinte: “foi o único gaúcho que fez a façanha de fundar e dirigir um jornal desde 1935 como é o caso do “Diário da Manhã”, ainda em plena circulação em Passo Fundo”.

Essa empresa jornalística se fortalece e se projeta também fora do Rio Grande do Sul. Completou, em 2005, setenta anos de vida com intenso trabalho em prol da cultura e do desenvolvimento de nossa Pátria.

(Santina Rodrigues Dal Paz é professora e membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Mentiras

GUSTAVO PIMENTEL

Muitas vezes enganamos a nós mesmos sem perceber. Desafio alguém que já não tenha dito: “é meu último porre”; ou “vou perder esta barriga”; ou ainda “vou matar meu chefe”; ou, esta é recordista, a melhor, “não vou mais votar para deputado”. São palavras ditas em momentos de desespero, quando estamos sob o efeito da droga chamada CCNC (Cansaço de Correr e Não Chegar), que assoberba grande parte das pessoas.

Será mentira? Analisemos.

Manhã de segunda-feira, a cabeça como se tivesse uma broca de furadeira girando crânio adentro, não podendo nem abrir os olhos, a luz machuca, mas, no próximo final de semana, não tem erro, festa, noite, paixões passageiramente instantâneas e, inevitavelmente, bebedeira.

Em frente ao espelho que, por sinal, a cada dia que passa é um exercício dos mais cruéis a se fazer, a barriga pendendo flácida como gelatina, pelancas que se multiplicam como praga em lugares que antes nunca pensávamos que poderiam criar-se e cabelos que crescem em lugares que não são para crescer e, onde são para crescer, caem. Mas as churrascadas, as cervejinhas e os chocolates teimam em percorrer nosso sistema digestivo sem fundo.

Mas, se os dois tópicos discutidos não fazem parte do rol das desventuras da vida, esse certamente faz. Chatos, pentelhos e ranzinzas existem em todos os lugares. Por que diabos en-

tão, mistérios da natureza, esses adjetivos recaem sobre pessoas que têm por título “chefe”? Em nossos íntimos, assassinamos esses desafortunados das formas mais hediondas possíveis e infundáveis vezes, nunca cansamos, nossa diferença com um “serial killer” é, tão-somente, que não colocamos tais atos em prática, mas vontade não falta.

E, por último, desta mentira ninguém escapa: as benditas eleições. A obrigatoriedade do voto é que nos faz cometer esse desvario, caso contrário não sei não se não passaríamos ilesos. O slogan “o voto é dever de todo cidadão” é de dar nojo. Quando, enfim, após horas na frente da TV assistindo ao hilarian-te horário político obrigatório, encontramos a pessoa que irá salvar o sofrido povo brasileiro, não é que o infeliz fica hipnotizado pelo canto da sereia (ou seria canto do dinheiro?) e se vende como se fosse produto “made in China”, em uma banca vagabunda de um camelô ordinário. Mas uma nova eleição surge para nos livrar das garras do mal, e a esperança nunca acaba. Aliás, se a esperança tivesse cor, ela seria branca, branca como a cor do botão da urna eletrônica que temos a opção de apertar.

Mas, afinal de contas, Luís Inácio outrora não avisou? Sobre uma tal história de “lobby”? Conchavo? Propina? Ou congressistas “picaretas”? Corrupção endêmica? Luís Inácio no passado tinha razão e, continua tendo.

(Gustavo Pimentel é engenheiro mecânico e escritor.)



A formiga

Amiga,
olhe a formiga,
como passeia,
e se ladeia,
dengosa
e charmosa,
em seu laço de tule,
em sua jaqueta de vento.

Ela faz trejeitos,
ao recolher no canteiro
um raminho suspeito,
um naco de cheiro,
que a flor vaporosa
esqueceu ao relento.

Adeus, sonhos

Na quermesse dos sonhos
o artesão
de esmerado talento
expõe bugigangas
em tabuleiros de vento.

Passam nuvens
passam borboletas
fadas e ninfetas.

E os sonhos
talhados em névoa
brisa e perfume
se evolum com elas.

Vão enfeitam as lapelas
de sutis vaga-lumes.

Noturnos

O luar se insinua
sobre a rua.

Nos poros insípidos
dos paralelepípedos.
Entre as moléculas da pedra
a noite medra.

Serpente viperina
dobrando a esquina.

Saudade materna

Eras feliz, ao percorrer o bosque,
filosofando com os periquitos;
e, mais ainda, ao vê-los coloridos,
rasgando o silêncio com seus gritos.

Pitangas maduras como sangue
escorriam por teus dedos encardidos.
No chute ao gol eras um craque
E, no braço, um guerreiro destemido.

A corda do circo improvisado
percorrias, com ares de campeão.
E, no salto mortal, de bicicleta,
Assumias a audácia de um leão.

Um gato xucro, sem medo do perigo,
o corpo rasgavas nos espinhos.
Mas voltavas, sempre criancinha,
para a bênção da mãe e seus carinhos.

Quero a paz

Não vale
ser inimigo
ter ódio
fazer maldade.
Não vale
pôr de castigo
nem semear
falsidade.

Nos marcos
da trajetória
semeada
de desconfianças
quero a leveza
dos barcos
e quero a paz
da esperança.

O perdão
banindo o ódio
fé e amor
como fanal.
O amor subindo
no pódio
para o abraço
universal.

Sedução

Fio magnético
unindo os pólos
explodindo a luz.

Âncora jogada
ao mar de dentro
em louca procura.

Seduzida
voa a alma
numa branca
doce ave.

Salvos sobem.
Anjos descem.
Tangem sinos.

Faz-se a paz.

*(Premiado no Concurso
Poemas nos Ônibus/
Coleurb – 2005)*

Vacinação contra a gripe em Passo Fundo

HUGO ROBERTO KURTZ LISBÔA

A história da gripe é antiga. Desde 1781, sabe-se que epidemias de gripe provenientes da Rússia e Ásia afetaram o mundo, com grande mortalidade entre as populações. A mais importante pandemia talvez tenha sido a da gripe espanhola de 1918, que matou mais de 40 milhões de pessoas em todo o mundo. Comenta-se que, em Passo Fundo, nos finais de tarde, passava uma carroça pela rua principal para recolher os mortos daquele dia.

A Espanha levou a culpa e o nome até hoje usado para definir a gripe é a palavra espanhola "influenza". Possivelmente não seja a Espanha o local de origem. Atribui-se que esse vírus mutante veio a parasitar a raça humana durante a Primeira Guerra Mundial, quando milhares de soldados conviveram em situações precárias dentro de trincheiras imundas, onde combateram por quatro anos. Devido às péssimas condições de higiene desses imensos aglomerados humanos,

foi fácil que um vírus, possivelmente parasitário de outros animais, se instalasse no homem.

O reflexo da gripe espanhola em Passo Fundo foi a criação do Hospital São Vicente de Paulo, no local onde hoje funciona a Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro, justamente no ano de 1918, para atender as vítimas daquela epidemia.

Não sei se ainda como reflexo daquela época, quando alguém espirra, imediatamente ouve-se um: "saúde!". Talvez o espirro fosse o prenúncio da doença grave. O mesmo não acontece quando alguém tosse.

A gripe influenza é uma virose sistêmica que deve ser diferenciada do resfriado comum. Aquela cursa com febre, dores no corpo, prostração, falta de apetite, e é caminho para a instalação de doença bacteriana, geralmente pneumonia, que é uma das principais causas de morte entre pessoas idosas. O resfriado é causado por um adenovírus cujos sintomas se restringem às vias respiratórias superiores, não sendo fator de risco para doenças bacterianas graves.

Felizmente, surgiu nos últimos anos uma vacina que previne o aparecimento da gripe em cerca de 75% dos casos. No Brasil, as campanhas de vacinação de idosos começaram em 1999. Milhões de

pessoas são vacinadas todos os anos no país. Segundo o Ministério da Saúde, em 2004, o país superou a meta, vacinando 85% da população com mais de 60 anos, e conquistou uma das melhores coberturas vacinais em todo o mundo. Mais de 80% dos municípios brasileiros superaram a meta de vacinação estabelecida pelo Ministério da Saúde, nos anos de 1999, 2001 e 2003.

Isso diminuiu sobremancira as interações e a mortalidade entre pessoas da terceira idade, com o que houve uma diminuição de gastos hospitalares e um aumento da expectativa de vida.

Infelizmente muitos indivíduos criticam a vacinação levantando dúvidas sobre a sua eficiência. Há boatos de que a vacina seria "uma maneira que o governo encontrou de matar os velhos para parar de pagar a aposentadoria". O mais interessante é que muitos médicos também acreditam e apregoam estas bobagens. Como a cobertura é de 75%, teremos um porcentual de vacinados que contrairão a doença e há também aqueles que, vacinados, adquirem um resfriado comum e acreditam não ter sido protegidos. São esses casos que alimentam a crença de que a vacina não é eficiente.

Há, entretanto, que se basear nos dados concretos da literatura médica. Um artigo de dezembro de 2005, do Journal of the American Medical Association



(Alicia M. Fry et al. Trends in hospitalizations for pneumonia among persons aged 65 years or older in the United States, 1988-2002. *JAMA*, 2005; 294:2712-2719.), dá conta de que nos Estados Unidos da América houve um aumento de internações por pneumonia, entre indivíduos com mais de 65 anos, entre 1988 e 2002, e uma das principais recomendações para mudar esta tendência é a melhor cobertura vacinal em idosos, junto com uma melhora das vacinas. Quando Oswaldo Cruz decidiu terminar com as epidemias de doenças infecciosas que grassavam no Rio de Janeiro, no início do século passado, instituiu as Brigadas de Mata-Mosquitos que desinfetaram as ruas e casas. A população achou uma maluquice responsabilizar um mosquito pela febre amarela. Quase toda a imprensa ficou contra Oswaldo Cruz e ridicularizou sua campanha. Em novembro de 1904, explode a revolta contra a vacinação compulsória contra a varíola. Por mais de uma semana, as ruas do Rio de Janeiro vivem uma guerra civil. A Escola Militar de Praia Vermelha, comandada por altos escalões do Exército, alia-se aos revoltosos. Militares insatisfeitos com o presidente Rodrigues Alves armam um golpe de Estado. O governo reage. Tropas leais atacam os revoltosos. No centro da cidade, pelotões disparam contra a multidão. O número de mortos da Revolta da Vacina é desconhecido. O de feridos ultrapassa cem. Mais de mil pessoas são presas e deportadas para o Acre. As medidas sanitárias continuam. Em 1903, 469 pessoas morrem de febre amarela. No ano seguinte, este número cai para 39. Em 1904, a varíola havia matado cerca de 3.500 pessoas. Dois anos depois, esta doença faz apenas 9 vítimas. A cidade fica livre das epidemias.

Penso que em Passo Fundo, cidade universitária que abriga uma importante Faculdade de Medicina se deveria estimular a cobertura vacinal da gripe, de pneumonia e de todas as doenças infecciosas passíveis de prevenção com a vacina. Idealmente, a meta deveria ser acima de 95% da população, e penso que poderíamos ser o exemplo para todo o país. Já fomos ousados e pioneiros em tantas coisas. Porque não ser numa área em que o instrumento da mudança é barato e os resultados são inquestionáveis?

Hugo R. K. Lisboa é médico e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

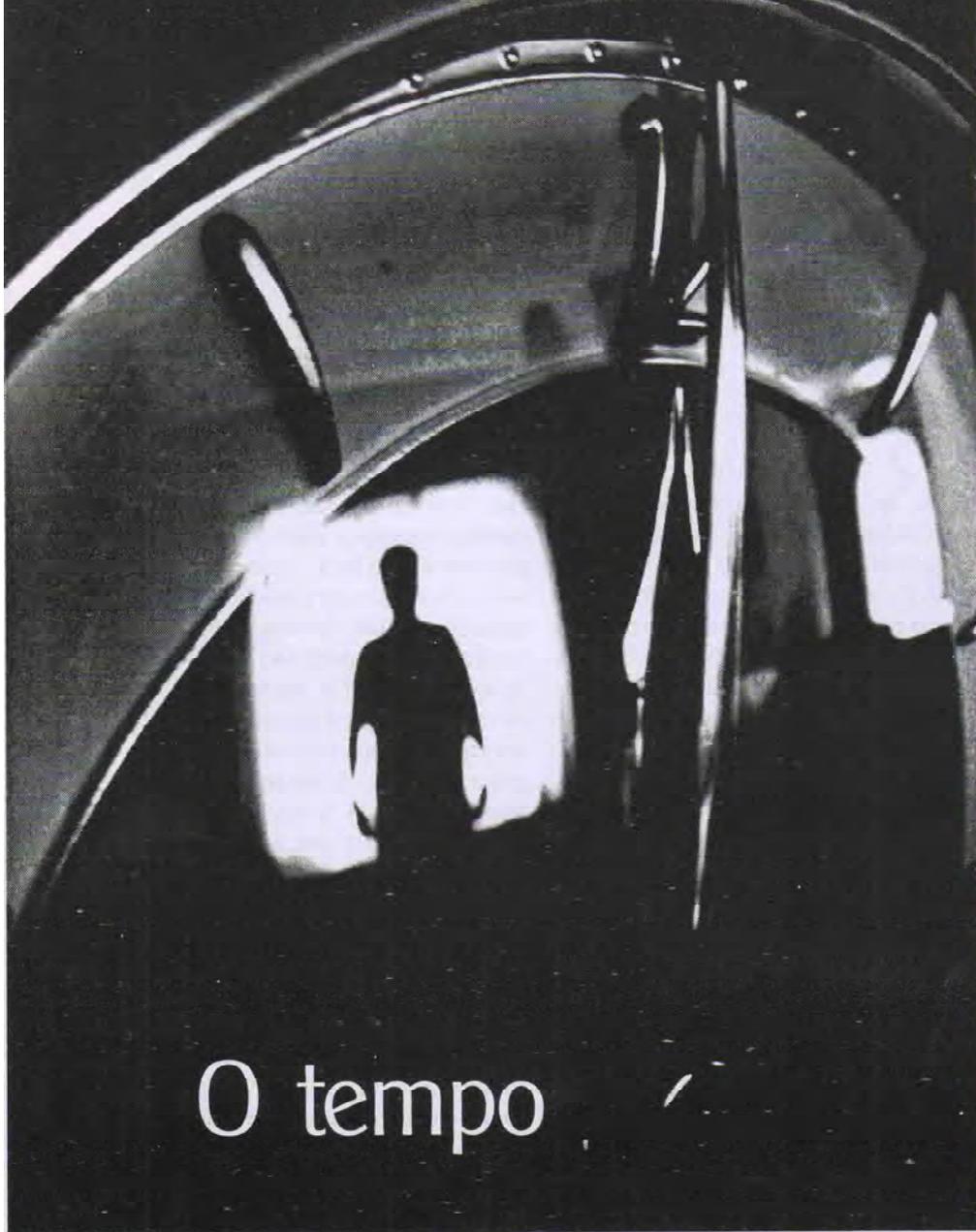
Hospitalização e o teste de gravidez...

DANIEL VIUNISK

Recentemente, acometido de uma insuficiência respiratória, associada a outros problemas de saúde, fiquei hospitalizado durante oito dias. Com a dedicação dos médicos, enfermeiras e familiares, pronto foi o restabelecimento. Na verdade foi constatado que a certidão de nascimento estava ficando mais amarela, sendo a causa principal da enfermidade. Não poderia esquecer o carinho de dezenas de telefonemas e visitas de amigos, todos desejando um pronto retorno à vida normal. Enquanto ficava no leito do nosocômio, recordei da minha primeira profissão, ou seja, a de farmacêutico. E, em especial, de um exame que se fazia na época. Na década de 60, havia uma reação conhecida pelo nome de Galli Mainini. Tratava-se de diagnóstico da gravidez realizada com o sapo. A maioria dos bioquímicos da época tinham no pátio de seu laboratório um ranário, ou seja, um depósito de sapos. O animal empregado para o referido teste era o nosso sapo comum, o *Bufo Arenarum hensel*, com mais de 100 g de peso. Tinha que ser o sapo macho. Não muito freqüente para a época, uma ou outra senhora e, de vez em quando, "moçoilas", vinham até o laboratório, trazendo um pouco de urina, para diagnosticar eventual gravidez. O farmacêutico injetava no dorso ventral do sapo 10 cm³ da urina. Três horas após se colocava o animal em posição dorsal e lhe introduzia a ponta de uma pipeta em sua cloaca, retirando um pouco de sua urina. Depositava-se uma gota sobre lâmina e a mesma era examinada ao microscópio. A reação era considerada positiva se apareciam numerosos espermato-

zóides móveis no campo microscópico. Os sapos usados podiam servir para novos exames, após um descanso de uma semana. O fundamento da técnica era bem simples. A urina da paciente grávida contém hormônio específico que provoca a ejaculação do sapo, daí porque tinha que ser o macho. Resultado negativo ocorria quando a urina era de senhora não grávida. Interessante dizer ao estimado leitor que não é fácil reconhecer se um sapo é macho ou fêmea. A diferença anatômica diz respeito ao tamanho do animal. O macho é maior. Também este tem na base do pescoço uma zona de pigmentação esverdeada. Mas o principal teste era feito apertando com dois dedos o ventre do animal. A natureza é fantástica e qualquer semelhança não é mera coincidência. O macho fecha as extremidades anteriores como num abraço e coxa fazendo cruac, cruac. A fêmea abre as pernas e não reclama... E o que é que tem o teste de gravidez com meu internamento? É que muita coisa mudou nos últimos anos. A técnica hoje é bem mais simples e prática. Basta colocar uma gotinha de urina em um líquido-teste ou em uma fita, comprados em qualquer farmácia e, dependendo da coloração, o resultado é obtido na hora. A tecnologia está em toda parte. Os aparelhos e os exames se multiplicam, saindo de um simples Raio-X para testes científicos, modernos, atualizados e confiáveis. Os profissionais cada vez mais se especializam. No entanto algo não mudou. O ser humano ainda dedica atenção, dedicação e carinho. Isto é bom. Repito, sou grato por toda a atenção a mim dispensada e que o ser humano continue sendo assim.

(Daniel Viunisk é advogado e membro da APL.)



O tempo

FRANCISCO MELLO GARCIA
(XIKO GARCIA)

A poesia e a cantiga contribuem para a formação de atitudes em relação à concentração, à compreensão, o respeito aos outros. A música comunica mensagens diversas com emoções necessárias ao equilíbrio individual. As artes favorecem a satisfação da necessidade de expressão, de comunicação de idéias, de imaginação e fantasia, de percepção visual e auditiva. As atividades de expressão criadora oportunizam o ato de explorar o meio ambiente, de descobrir, de observar, de discriminar, de julgar e de decidir-se.

Uma coisa é citar versos, outra é crer neles, segundo Machado de Assis. Entre imaginação e crença, poesia e música

servem também como intervenção terapêutica. Com isso será sugerida a possibilidade da intervenção poética como um ato essencial na terapia das artes expressivas. Como reflexão, define-se como cada ser pode disponibilizar o seu tempo, em momentos diferenciados de sua existência.

A poesia propicia diferentes entendimentos, tais como turnos da realidade, ligações, viradas no tempo, gerando paradoxos, polaridades, moderações e exageros, o que se faz necessário para que ela possa ter suas próprias características. Leva o leitor a uma "realidade irreal", a realidade artificial que ironiza o nosso senso de espaço e de tempo, numa cronometria de pensamentos, para interpretação entre o que é certo ou errado. Existe um espaço no mundo repleto de vãos, onde podemos identificar

sons, subentendidos os que cedo partiram, favoritos da fortuna ou não, esbanjando belezas, evaporação, o vazio balçante e as noites de distúrbios intermináveis nos passando a compreensão de que nada fica parado. A pré-história se funde em um momento, e tudo de uma só vez está entre um tempo sem tempo.

Entre obras de outros autores que também escrevem poesias para refletir, a psicóloga Mirna S. V. Camejo, tendo a necessidade de fazer trabalho de integração entre grupos, escolheu do livro "Vivência", de minha autoria, o tema "O Tempo", quando também fui convidado a interagir com grupos de pessoas que ouviram, leram e interpretaram o especificado tema, dentro do procedimento que segue.

Para ratificar a idéia da profissional, e de outros autores, o significado do tempo, na realidade de cada ser humano, tem colorações relativamente bem diferentes. Porém, quando colocadas numa reflexão em grupo, as aparentes distâncias ficam muito próximas. Nisto apenas estou sendo coerente com o que já presenciei, entre tantas vezes que apresentei este trabalho na forma de poesia e música. Abaixo, a aplicação da psicóloga.

Eu já perdi tanto tempo...
Tanto tempo eu já perdi ...
E de repente pensei:
o que estou fazendo aqui?...

Questão para reflexão e partilha:
Por que chegou hoje aqui?

Apenas por não ter tempo...
Ele passou que nem vi ...
Esqueci que o próprio tempo
nos leva um dia daqui ...

Questão para reflexão e partilha:
Como você, hoje, sente o não ter
tempo?

Para tudo existe tempo
é comum se comentar...
Mas no tempo que passou
ninguém vai retornar...

Questão para reflexão e partilha:
O que significou para você esse tempo
que passou?

Tem quem nunca perde tempo...
Mas não tem tempo pra amar...
Quando não tiver mais tempo
não adianta nem chorar...

Questão para reflexão e partilha:
Como você experimentou isto na sua vida e na vida de outros?

Meu amor, lembrei do tempo e também lembrei de ti...
Por achar que tinha tempo pois no tempo te perdi...

Pra apontarem nossos erros pra muitos o tempo vem...
Pra verem nossas virtudes são poucos que tempo têm...

Questão para reflexão e partilha:
Como você mudaria isto: em vez de apontar, ver...?

Parece que o tempo volta mas isso não é verdade...
é alguém que por um tempo sai de nossa intimidade.
Se retorna é um lindo tempo, é o prazer que nos invade...
Pois o tempo não retorna quem retorna é a saudade...

Questão para reflexão e partilha:
Confronte isto com a sua vida...
Quais são as suas "saudades maiores"...?

E faz a gente andar...
Noutros tempos, noutra idade...
Como é bom nos velhos tempos reaver a mocidade...
Às vezes voltar no tempo tem jeito de realidade...
Quantos que tornam presentes quem já está na eternidade...

Questão para reflexão e partilha:
Partilhe velhos tempos...
Como foi essa realidade...?

Meu amor lembrei do tempo e também lembrei de ti...
Por achar que tinha tempo pois no tempo te perdi...

Todos nós temos um tempo que usamos ao nosso intento...
Uns ocupam com a paz, o amor e o ensinamento...
Outros acham que o importante é destruir e ser violento...
Tem quem faz o próprio tempo se terminar num momento...

Mesmo que já tão pequeno, é como a chuva, é igual ao vento.
até nos tempos de guerras há o mau e o bom momento, e usam pra deixar na terra tipos e temperamentos...

Questão para reflexão e partilha:
Interprete este texto...
Como você entende utilizar o tempo na nossa realidade social, política e religiosa?

Há quem se adona do tempo e ninguém pode intervir...
Por julgá-lo tão importante tem medo de repartir...
Esse é um moderno jeito de não ver o tempo sumir...
E à solidão, com orgulho também dá pra resistir...

Questão para reflexão e partilha:
Reflita esta passagem...
Na nossa realidade social, política e religiosa, onde estará o Bom Tempo a ser vivido...?

Meu amor lembrei do tempo e também lembrei de ti...
Por achar que tinha tempo pois no tempo te perdi...

Hoje temos menos tempo amanhã vai diminuir...
Quero viver o meu tempo tendo amor pra dividir...
Pensar isto em nossos tempos, é difícil admitir...

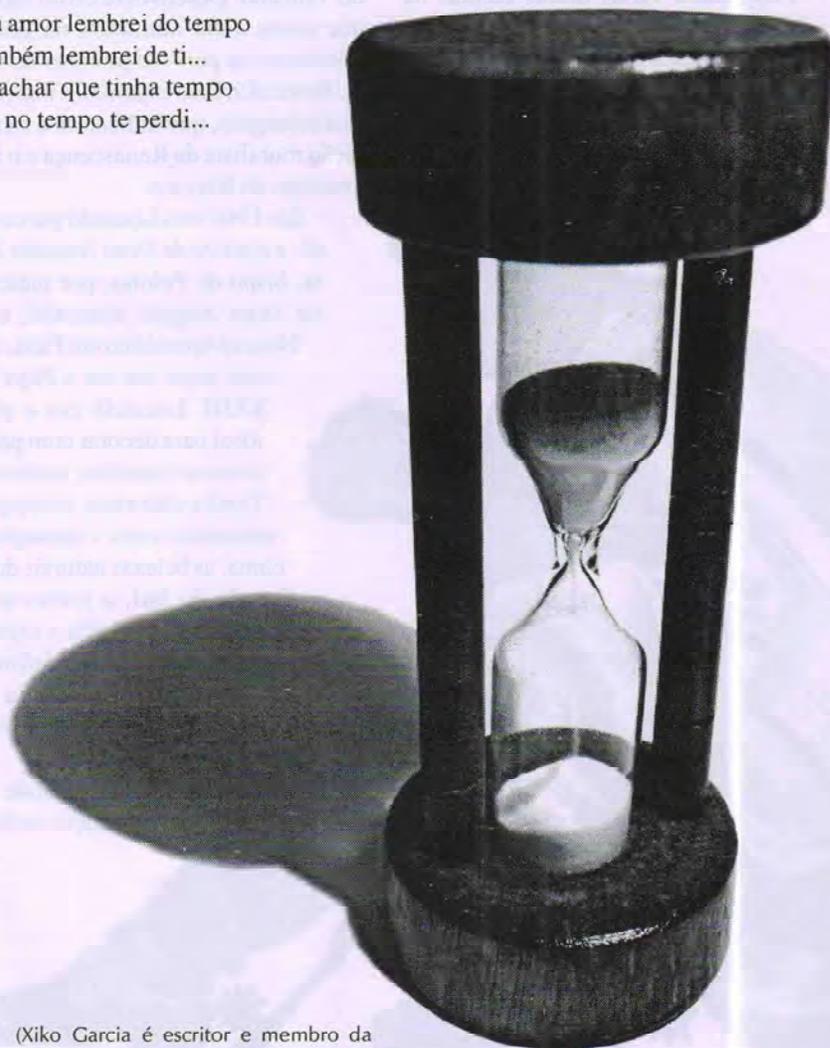
A maioria só tem tempo, pra gastar com progredir...

Questão para reflexão e partilha:
Você faria isso possível..., como?
E..., por que não se faz?

Pare um pequeno tempo...
Pare pra refletir...
Pra chorar o tempo vem...
Temos que achar pra sorrir...

Questão para reflexão e partilha:
Como você faria isso e por quê?

"Meu Senhor, lembrei do tempo que de ti, eu esqueci, ainda bem que tive tempo e vi que nunca te perdi..."



(Xiko Garcia é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Locatelli – Um gênio da pintura

LINDOLFO KURTZ

Nasceu a 18 de agosto de 1915, na Vila d'Almè, Bérgamo, norte da Itália, o menino Aldo Locatelli, filho do modesto mecânico Luigi Locatelli e de Anna Marzapane, o qual viria a ser um verdadeiro gênio da pintura, consagrando-se com extraordinária obra pictórica na Europa e no Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul.

Menino ainda, passa a dedicar-se de corpo e alma à sua vocação artística, ingressando no Curso de Decoração e nos Cursos Livres de Instrução Técnica Andres Fantoni e na Escola de Arte Aplicada à Indústria de Bérgamo.

Freqüentou várias outras escolas na Itália, começando a destacar-se como talentoso artista, sendo requisitado para vários trabalhos de grande importância,

tais como o restauro da Via Crucis do Santuário da Estrada de Malatiera, ao norte da Itália. Nessa época também dedica-se ao estudo dos afrescos de Michelangelo, na Capela Sistina.

Sua intensa atividade artística foi interrompida pela Segunda Guerra Mundial, quando foi convocado para as fileiras combatentes. Em batalha no norte da África foi ferido, sendo desmobilizado e, em plena guerra, em 1943, é contratado por Dom Camilo Salvi para executar três afrescos para a Paróquia de Santa Croce, em Bérgamo, na Itália, onde trabalhou até 1945. Casa-se com Mercedes Biancheri, em 27 de abril de 1946, e passa a receber encomenda de obras de várias instituições da Europa, inclusive do Vaticano. Desenvolve estilo especial que passa a ser admirado na Europa. Conheceu de perto as pinturas de Rafael, Botticelli, Fra Angelico, Tintoretto e Michelangelo, que indicaram a rica tradição muralista da Renascença e o ilusionismo do Barroco.

Em 1948 veio Locatelli para o Brasil, a convite de Dom Antonio Zattera, bispo de Pelotas, por indicação de Dom Angelo Roncalli, então Núncio Apostólico em Paris, e que mais tarde iria ser o Papa João XXIII. Locatelli era o pintor ideal para decorar com painéis a nova catedral pelotense. Tendo calorosa recepção e encantado com a paisagem, o clima, as belezas naturais do Rio Grande do Sul, o jovem artista mandou vir da Itália a esposa e aqui se radicaram definitivamente, vindo a ter os dois filhos do casal: Roberto e Cristiane.

De grande produção artística,



Aldo Locatelli

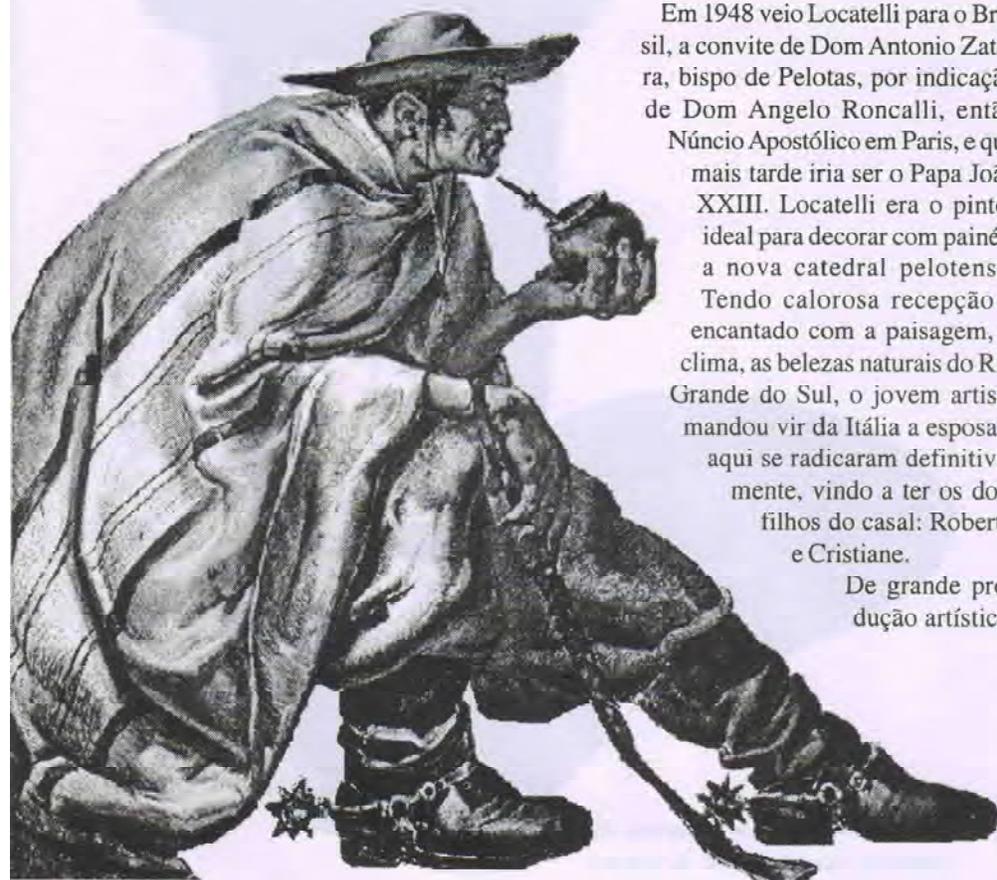
Locatelli foi autor de extraordinárias obras, além de lecionar no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Citamos a seguir apenas algumas de suas obras no Brasil:

- Catedral S. Francisco de Paula, em Pelotas, um conjunto de 34 afrescos.
- Em Porto Alegre, o mural "A Conquista do Espaço", do Aeroporto Internacional Salgado Filho.
- O quadro "O Desolado", óleo sobre tela, na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul.
- Pinta a Igreja Santa Terezinha do Menino Jesus, no Bairro Floresta.
- Painéis no Palácio Piratini, com motivos gaúchos.
- Pinta o painel do altar central da Catedral Metropolitana.
- Em São Paulo pinta painéis para o City Bank e numerosos outros quadros, sob encomenda do Governo de São Paulo, obras relacionadas com a história do estado paulistano.

Impossível citarmos em números a totalidade da obra de Locatelli no Brasil, porquanto em sua biografia são citados "conjunto de óleos" ou "conjunto de afrescos". Mas de quantas unidades se compõe cada conjunto? Sabe-se que sua bagagem artística é muito grande. Merece destaque especial a sua mais primorosa obra: a Igreja de São Pelegrino, em Caxias do Sul.

A liberdade de criação e o estímulo à experimentação, hoje praticados como recurso didático já consagrado no campo das artes, eram para Locatelli normas quase como instintivas.

Para aceitar a encomenda para pintar a Igreja de São Pelegrino, em Caxias do Sul, o artista impôs uma condição: de que lhe fosse dada inteira liberdade para



retratar, a seu modo, o sofrimento e a tragédia do Filho de Deus.

Durante a execução dessa maravilhosa obra, tivemos a oportunidade de ver o artista em ação, em várias ocasiões, elaborando o esboço no teto da igreja, onde imprimiu impressionante representação de passagens bíblicas, como a Criação do Mundo, Criação do Homem, Expulsão do paraíso e O Juízo Final.

Um fato que causou muita polêmica quando o artista entregou sua obra ao bispo de Caxias, Dom Benedito Zorzi, foi uma surpresa: no 2º ou 3º quadro (estações), Cristo passando entre a multidão, carregando a cruz, sobre ele estão sendo atirados um sapato velho e, surpreendentemente, uma lata de Nescafé. Esclarecemos que quando esse produto foi lançado no Brasil, era oferecido em latas de cor marrom, redondas, tendo uma pequena tarja branca sobre a qual, em vermelho, constava o nome do produto. O bispo não quis aceitar esse quadro e, perguntado ao artista o porquê daquilo, teria Locatelli respondido que não tem que explicar a sua obra. A ceileuma ocasionou desgosto em certas áreas católicas da cidade, enquanto outras áreas davam a interpretação de que a lata de Nescafé simbolizava a modernidade e que se Cristo aparecesse hoje, seria igualmente maltratado. Uma interpretação pouco convincente como se vê. Passado algum tempo, quando o assunto perdeu atualidade, o bispo – contou – contratou um pintor da própria cidade que, facilmente, cobriu a tarjeta com



pincladas de tinta marrom, da mesmíssima cor da lata, desaparecendo, portanto, o nome do produto. Esse fato, de autoria do renomado artista, não foi e nunca será devidamente explicado. Será um enigma para sempre.

Aldo Locatelli faleceu em Porto Alegre, no Hospital Ernesto Dornelles, vítima de câncer no pulmão, no dia 3 de setembro de 1962, aos 47 anos de idade.

Dono de uma criatividade solta, Aldo Locatelli tem nos painéis da Igreja São Pelegrino a expressão maior de seu acervo artístico. A seu respeito, o político e pintor Guido Mondin, assim se expressou: “Sua pintura se caracterizou como cheia de energia, contraste, movimento, audácia, rasgos de dramaticidade que, não raro, vão à teatral exuberância dos gestos e dos efeitos incontrolados”.

Classificados por Mário Gardelin como “autênticos poemas de fé”, sua trans-

bordante vitalidade revela o espírito e o caráter da pintura barroca, com marcas do Renascimento, leves inclinações antecipando o Expressionismo”.

Algumas características fundamentais dos murais de Locatelli, segundo seus estudiosos, são: fundos escuros, salientando os motivos principais – pés e mãos com destaque, realismo e espiritualidade mesclados, pulsação constante de vida.

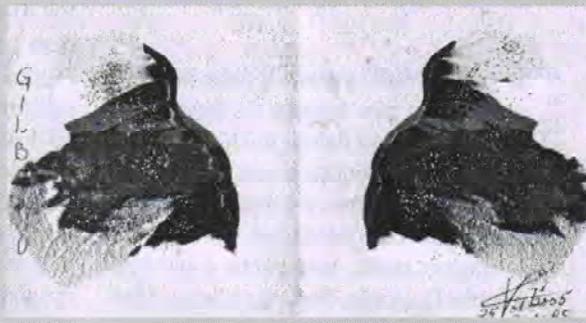
Manoelito de Ornellas assim se expressou sobre a obra do grande artista: “há uma força humana, esmagadora e brutal na figura do Cristo padecente. Cada estação da Via-Sacra é um grito de libertação do artista. Eu admirava em Locatelli o coração. Ele sabia ver pelo coração.

(Lindolfo Kurtz foi membro efetivo atuante da Academia Passo-Fundense de Letras e atualmente reside em Porto Alegre.)

A magia das tintas

Gecy Terezinha Albuquerque Vieira é uma passo-fundense formada em Belas Artes. Hoje apresentada como professora, lecionou no ensino médio e na Universidade de Passo Fundo. Apaixonada por Geometria, estudou o filósofo grego Pitágoras, descobrindo relações entre números e cores.

Para ela a grande coincidência entre números e cores é que ambos são sinais. E como tal adquirem universalidade. O vermelho quer dizer perigo; o verde, tranquilidade; o



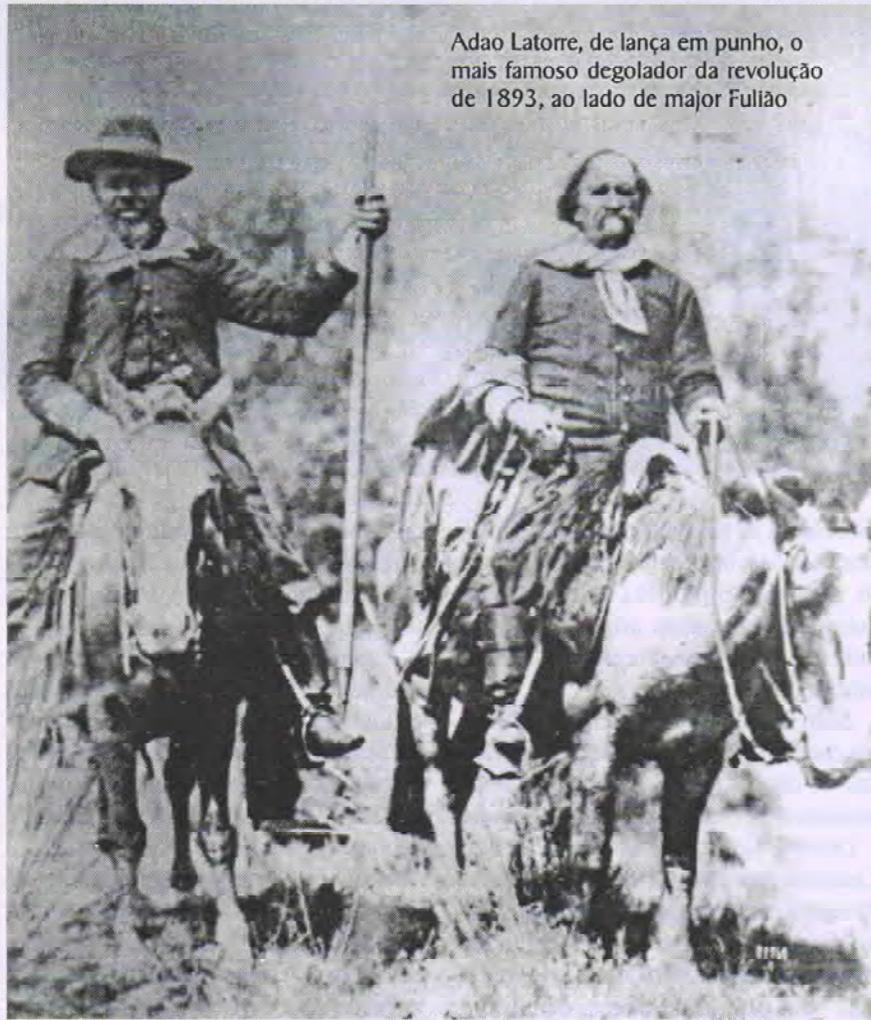
amarelo, despertar; e assim por diante, como se pode ver num simples semáforo.

Avançando em suas pesquisas, onde reconhece um cunho científico portando um conteúdo espiritu-

al, chegou aos dísticos, agrupamento de cores, texturas e vibrações. Aplicando técnica própria, chamada de texturoterapia, a partir do nome das pessoas, já produziu 80 mil cartões.

Vó Gecy ou Vó Gy, como prefere ser chamada, preferiu palestras para grupos de terceira idade, no Rio Grande do Sul e em São Paulo. Recentemente, visitou a Academia Passo-Fundense de letras, brindando os acadêmicos e o próprio sodalício com seus cartões personalizados. Neles – assegura – estão registradas as potencialidades dos intelectuais passo-fundenses e da casa maior das letras locais. (PAULO MONTEIRO)

Adao Latorre, de lança em punho, o mais famoso degolador da revolução de 1893, ao lado de major Fullão



A metamorfose do cavalo morto

Heróis foram aqueles que, no pós-conflito da Batalha do Pulador, conseguiram lidar com tudo aquilo sem voltar à metralhadora e às degolas.

JORGEALBERTO SALTON

Ao ouvir o sinal de carga eu corri para a coxilha e ali vi o espetáculo mais lugubrememente grandioso que só a presença e a vista podem dar idéia.”
Ângelo Dourado
em Voluntários do Martírio.

As carroças davam saltos e, em cada salto, os gritos dolorosos dos infelizes feridos, amontoados, sem cobertores, sobre tábua dura colorida de vermelho-sangue. Frio intenso cobria os campos

de geada. Muita pressa. Recém acabara a maior e a pior batalha da Revolução Federalista. Mais de seis mil homens tentaram, por seis horas, matar uns aos outros. Fora eficiente a estréia da metralhadora na América do Sul.

Viagem triste, nos conta o médico Ângelo Dourado. Fuga do horror. Mas o horror nunca fica para trás. Breve parada. O que se vê? Sepultura rasa com vários corpos. Uma mão para fora da terra agarrada à raiz mais próxima. Enterrado vivo.

Outra parada. Para deixar quem geme demais, quem sofre demais com os solavancos. Ninguém quer ficar. Preferem

morrer sofrendo nas carroças junto aos companheiros, com os malditos solavancos, a sentir o pânico de serem alcançados vivos pelo inimigo e, pouco a pouco, mutilados até a morte. São muitos os que morrem nas carroças.

Assim segue aquela viagem triste iniciada na tarde do dia 27 de junho de 1894, em seguida ao término da Batalha do Pulador (também chamada de Campo dos Mello e de Passo Fundo).

Mais uma parada. Onde andarás Nunes? Ângelo Dourado lembra-se do primeiro ferido – mal começara a peleia, nem chegara a amanhecer por inteiro e já lhe trazem Nunes. Uma bala atravessara sua garganta, tirando-lhe o uso da palavra. Aplica, com urgência, um aparelho, e ele ainda volta para comandar por meio de acenos. Nunes... Nunes viaja?

Acampam. O lugar está cheio de esqueletos. O estado do coronel Brasil é desesperador (pneumonia?). Ângelo cuida dele antes de deitar à mercê do sereno da noite gelada. Uma pequena cerração. O cansado médico vê numa volta do caminho uma diligência. Mas como podia ser uma diligência? Não, não era uma diligência. Era uma casa. Ou já tinha muito viajado uma viagem alegre na diligência e alcançara a tão desejada casa? Casa era tudo o que podia querer. Observa satisfeito: é uma bela casa, aconchegante casa. Nova, pela cor do telhado.

Desfaz-se a pequena cerração. Não era diligência, não era casa, era um cavalo morto na beira da estrada. Pobre Ângelo Dourado e seus companheiros da tragédia do 27 de junho. Metidos naquele emaranhado de morte e insensatez ainda conseguem metamorfosear morte em vida.

A viagem segue... segue por muitos dias, meses... seguiu por mais de cem anos. Gerações sucederam-se. Agora é a nossa vez. Andamos doze quilômetros a partir do centro de Passo Fundo, alcançamos o distrito de Pulador e contemplamos os marcos onde ficaram naquele amanhecer lúgubre as tropas inimigas... Inimigas?! A questão útil é: o que agora devemos/podemos fazer de tudo aquilo? Nada? Recordar para esquecer? Só recordando com sentimento temos chance de esquecer uma tragédia? Isto é pouco? Só sei que qualquer coisa é mais e melhor do que transformar destruição em louvação.

Quando me debrucei sobre este tema ao escrever o romance *Milan Miragem*,

passai a perguntar a uns e outros que por aqui vivem: aquela tragédia afetou seu bisavô, avô, mãe...? E você sentiu seus reflexos? Muitos não o sabiam e aqueles que respondiam "sim" falavam sempre em marcas pesadas.

Assim como nós, os personagens de *Milan Miragem* não lembram aqueles tempos como tempos heróicos. A negação não chegou ao ponto de transformar destruição em louvação. Pudera, não foi tragédia pouca. Passo Fundo, no período da Revolução Federalista, viu sua população ser reduzida de vinte e cinco mil para quinze mil habitantes. Um rebanho de cerca de cento e cinquenta mil cabeças de gado desapareceu.

E não tem medida o quanto desapareceu de bons sentimentos nas famílias que sobraram. Muita dor de perda e muito desejo de vingança. Que fazer de todo aquele ódio, já que se teve de continuar a compartilhar as mesmas ruas, as mesmas praças, os mesmos bancos escolares com os matadores de seus pais, irmãos...?

Heróis foram aqueles que, no pós-conflito da Batalha do Pulador, conseguiram lidar com tudo aquilo sem voltar à metralhadora e às degolas. Sobre estes, modesta e ficcionalmente, trata *Milan Miragem*.

Antigamente, as revoluções prosperavam, por vezes, das discussões embaladas a álcool nos tradicionais churrascos. Na sociedade complexa de hoje, muitos mediadores foram sendo criados para burilar, desviar e apaziguar o instinto destrutivo que explode nas competições. Há cem anos não havia o futebol.

Mas, cuidado: uma guerra civil é perigo permanente nas sociedades humanas. Nossa história é rica em exemplos a não serem seguidos. A guerra civil de 1884 é apenas um deles. Há muito "cavalo morto" à beira da estrada.

Por outro lado, há um dado positivo: observando o cotidiano do povo que aqui vive, vemos quanto seguimos capazes de metamorfosear o "cavalo morto" de cada dia. Continuamos construindo as necessárias miragens. Somos valentes. Pois só valentes constroem miragens.

(*"A metamorfose do cavalo morto"* foi originalmente publicado no Segundo Caderno de Zero Hora, em 25/06/1994. Jorge Alberto Salton é médico-psiquiatra, escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Alcides Maya

MARCO ANTONIO DAMIAN



Alcides Castilho Maya foi jornalista, político, contista, romancista e ensaísta. Nasceu em São Gabriel, no dia 15 de outubro de 1878 e faleceu no Rio de Janeiro, no dia 2 de outubro de 1944. Filho de Henrique Maya de Castilho, funcionário federal, e de Carlinda de Castilho Leal, filha de estancieiros nos municípios de Lavras do Sul e São Gabriel.

Alcides passou a infância na Fazenda Jaguari, em Lavras do Sul, cenário de muitas de suas páginas regionalistas, sobretudo no romance *Ruínas Vivas*, que é, de certo modo, a região nostálgica da estância Avoenga.

Antes de concluir o curso primário, Alcides foi levado a Porto Alegre, onde fez os estudos de humanidades. Com 18 anos ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, curso que foi abandonado pelo jornalismo militante, atividade que exerceu ao longo de sua vida.

No jornalismo distinguiu-se sempre pela preocupação eminentemente cultural e pelo engajamento político. Iniciou em *A Reforma*, órgão federalista, mas logo foi "lutar ao lado dos batalhadores da República".

A partir de 1897, passou a integrar a redação de *A República*, chegando a ocupar a direção do jornal. Seu primeiro livro tinha o título *Pelo Futuro*.

Em 1903, foi conhecer o Rio de Janeiro, onde seu nome já era bastante conhecido. Passou a residir, ora no Rio de Janeiro, ora em Porto Alegre. Na Capital da República, residia numa "república de intelectuais", situada na Rua das Laranjeiras, onde recebeu, um dia, a visita de Machado de Assis. Desde então foi levado a entrar na intimidade do mundo machadiano.

A partir de 1905, passou a militar na imprensa carioca, profissionalmente, assinando artigos em *O País*, *O Imparcial*, *Correio da Manhã* e *Jornal do Comércio*. Três anos depois, retornou para Porto Alegre, levado por uma motivação bastante ambiciosa: a fundação do matutino *Jornal da Manhã*. Esse jornal durou apenas um ano, mas ficou na sua coleção uma parte valiosa do acervo jornalístico de Alcides Maya.

Em 1910 publicou o romance *Ruínas Vivas*, que compôs com os livros de contos *Tapera* (1911) e *Alma Bárbara* (1922), a sua trilogia regionalista, que reflete a poesia dos pampas, buscando no passado as raízes do seu povo.

Alcides Maya representou o Rio Grande do Sul na Câmara dos Deputados, no período legislativo de 1918 a 1921. Embora integrado na representação do Partido Republicano, a sua atividade parlamentar se fez sentir pela preocupação com os problemas da educação e cultura.

Depois, voltou a residir em Porto Alegre, onde foi Diretor do Museu Júlio de Castilhos e colaborador do jornal *Correio do Povo*.

Alcides Maya faleceu no Rio de Janeiro, mas cinco anos depois seus restos mortais foram trasladados para o Panteão Rio-Grandense, em Porto Alegre.

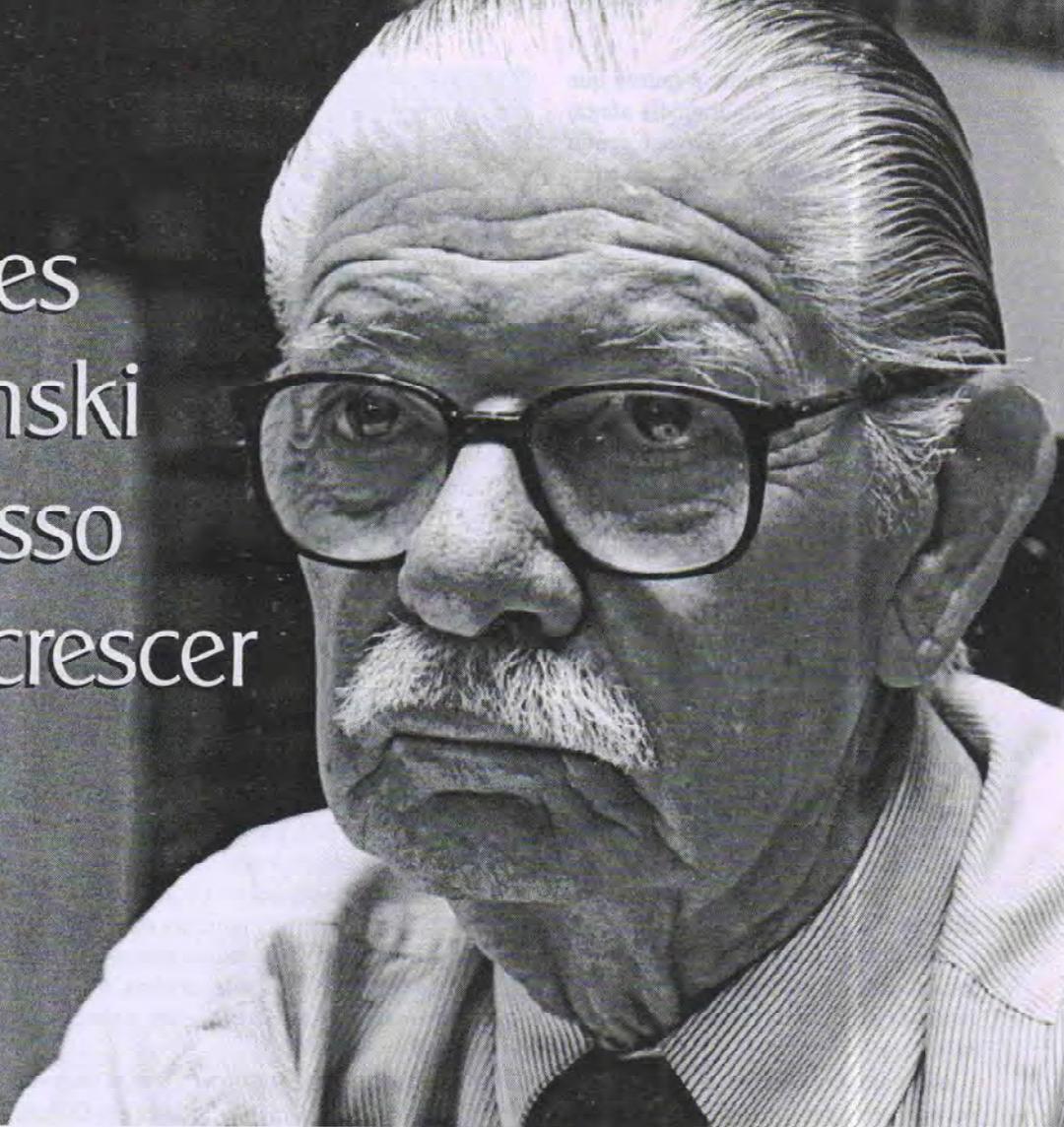
Alcides Maya foi eleito para a Cadeira nº 4, da Academia Brasileira de Letras, na sucessão de Aluisio de Azevedo, em 6 de dezembro de 1913.

Outras de suas obras: *Pelo Futuro*, ensaio (1897); *O Rio Grande Independente*, ensaio (1898); *Através da Imprensa* (1898-1900); *Jornalismo* (1900); *Machado de Assis - Algumas Notas Sobre o Humor*, ensaio (1912); *Crônicas e Ensaíos*, jornalismo (1918); *O Gaúcho na Lenda e na História*, ensaio (1922); *Lendas do Sul*, folclore, publicadas na *Ilustração Brasileira* (1922) e *Romantismo e Naturalismo na Obra de Aluisio Azevedo* (1926).



Necrológico:

Deoclides Czamanski “viu” Passo Fundo crescer



OSVANDRÉ LECH

Formaturas, bailes de carnaval infantil e adulto, casamentos, velórios, aniversários, batizados, passeatas, visitas ilustres à cidade, acidentes e crimes, fotos dos contadores de chamada da CRT, prédios antigos, festas deslumbrantes, festas modestas, festas religiosas, fotografia aérea, paisagismo, eventos importantes, a simplória foto 3x4, o encontro de amigos, os prédios históricos, o cotidiano da cidade.

Assim foi a vida de Deoclides Czamanski nos últimos 50 anos. Ele, literalmente, “viu” Passo Fundo crescer pelas lentes das suas Rolley-Flex, Kodak, Nykon, e dezenas de outras máquinas que tão bem soube manusear. Com elas, Deoclides congelou emoções, eternizou sorrisos e lágrimas, replicou momentos de glória, de tristeza, de suspense, de vida simples. Com seu jeito discreto, educado, elegante e se-

reno, o “seu” Czamanski era uma pessoa íntima de toda a comunidade. Em cada evento de que participava ele era testemunha ocular, literalmente. Ouvia sempre e falava pouco.

Ele se valeu de todas as modalidades que a fotografia produziu nos últimos 50 anos: preto-e-branco, colorido, monóculo, foto 3x4, foto postal, pôster, filmagens em super 8mm, em vídeo. Testava ultimamente o formato digital, a nova linguagem da fotografia. Passear pelo seu estúdio fotográfico era uma viagem sentimental ao passado. Tinha gosto por manter as coisas naquele lugar, mesmo que não mais precisasse delas. Não cobrava por seus serviços já prestados, pois entendia que seus clientes teriam o compromisso de pagar-lhe em breve. Nobres costumes do passado.

Deoclides Czamanski nasceu em Santo Ângelo, em 06 de janeiro de 1922, sendo um dos 12 filhos, 9 mulheres e 3 homens, todos fotógrafos. Chegou em Passo Fundo em 1929, onde estudou no

Protásio Alves por alguns anos. Foi alfaiate entre 1936 e 1950. Casou-se com Iracema Gil. O casal teve um filho, Ronaldo, também fotógrafo, que casou com Julieta Pegoraro e teve dois filhos, Giselle e Rafael, também fotógrafo.

A tradicional Foto Moderna foi fundada por Benjamin D’Agnoluzzo, em 1928 e vendida para Armando Czamanski, o irmão mais velho, em 1937. O outro irmão, Daniel Czamanski, foi o proprietário entre 1946 e 1952, quando a vende para Deoclides, o mais novo dos irmãos. A Foto Moderna teve dois endereços: na rua Moron (nos prédios onde hoje funcionam a Vivo e a Maré Alta) e na Capitão Eleutério, desde 1954. O filho Ronaldo iniciou na fotografia em 1962 e o neto Rafael em 1998.

Deoclides foi pioneiro da fotografia aérea nesta região do Estado. Tinha especial interesse por fotografar automóveis e o paisagismo da cidade. Não é possível aprender sobre Passo Fundo antigo sem o auxílio das milhares de imagens produzidas por ele.

Nos momentos de lazer apreciava a caça, então abundante nesta região, corridas de automóvel, e aviação. Recebeu inúmeras homenagens, dentre elas duas especiais: da Associação dos Laboratórios Fotográficos do RS (1997), por ser o fotógrafo mais velho em atividade no estado, e da Câmara de Vereadores (1998), como cidadão honorário de Passo Fundo, pelos relevantes serviços prestados à cultura e cidadania da nossa cidade.

Em 1999, foi publicado o livro "Passo Fundo – Memória e Fotografia", baseado na sua coleção de fotos antigas, em co-autoria com o filho Ronaldo e o amigo Osvandré Lech. Deoclides plantou muitas árvores, teve um filho e escreveu um livro. Sinais da sapiência do "seu" Czamanski.

"Não morrerei todo", disse o satirista e pensador Horácio, séculos atrás. Este é o caso de Deoclides Czamanski. A sua obra permanecerá conosco por um longo tempo.

Requiescat in pace.



(FOTOS: ARQUIVO FOTO MODERNA)



Dados biográficos do Dr. Daniel Dipp

SELMA COSTAMILAN

Daniel Dipp é natural desta cidade, tendo nascido no dia cinco de fevereiro de 1915. É filho de Isa Dipp e Salinia Dipp, naturais da Síria. Foi casado com Helena Lângaro Dipp, filha de Aparício Lângaro e Noemi de Lima Lângaro, e tiveram três filhos: Gilson, Hamilton e Airton, respectivamente ministro de STJ em Brasília, advogado em Porto Alegre, e engenheiro civil, deputado estadual, deputado federal, ex-prefeito e prefeito de Passo Fundo.

A família Dipp sempre foi relacionada e entrosada em todas as entidades sociais de nossa cidade.

Daniel Dipp ingressou na vida política de Passo Fundo, tendo sido prefeito municipal, deputado estadual e federal.

Em todas essas ocasiões, sua aten-

ção e seu interesse estiveram voltados para a sua cidade que muito lhe deve.

Na prefeitura de Passo Fundo, Daniel Dipp substituiu Armando Araújo Annes, de quem já fora companheiro de chapa como vice-prefeito.

A sua administração foi pautada pelo cunho do partidarismo (PTB), mas ainda assim deixou grande saldo de realizações positivas.

Preocupou-se com a instrução pública, com o problema rodoviário, com a remodelação da cidade e dispensou particular atenção à melhoria de condições da população do interior.

Podemos ainda citar três obras, das mais importantes, na sua administração, como prefeito municipal:

1º - Criação da Rádio Municipal de Passo Fundo.

2º - Instalação do Hospital Municipal.

3º - Legalização dos terrenos da zona



Daniel Dipp

urbana de Passo Fundo, solucionando assim uma pendência quase centenária, que existia ente a prefeitura municipal e a Mitra Diocesana.

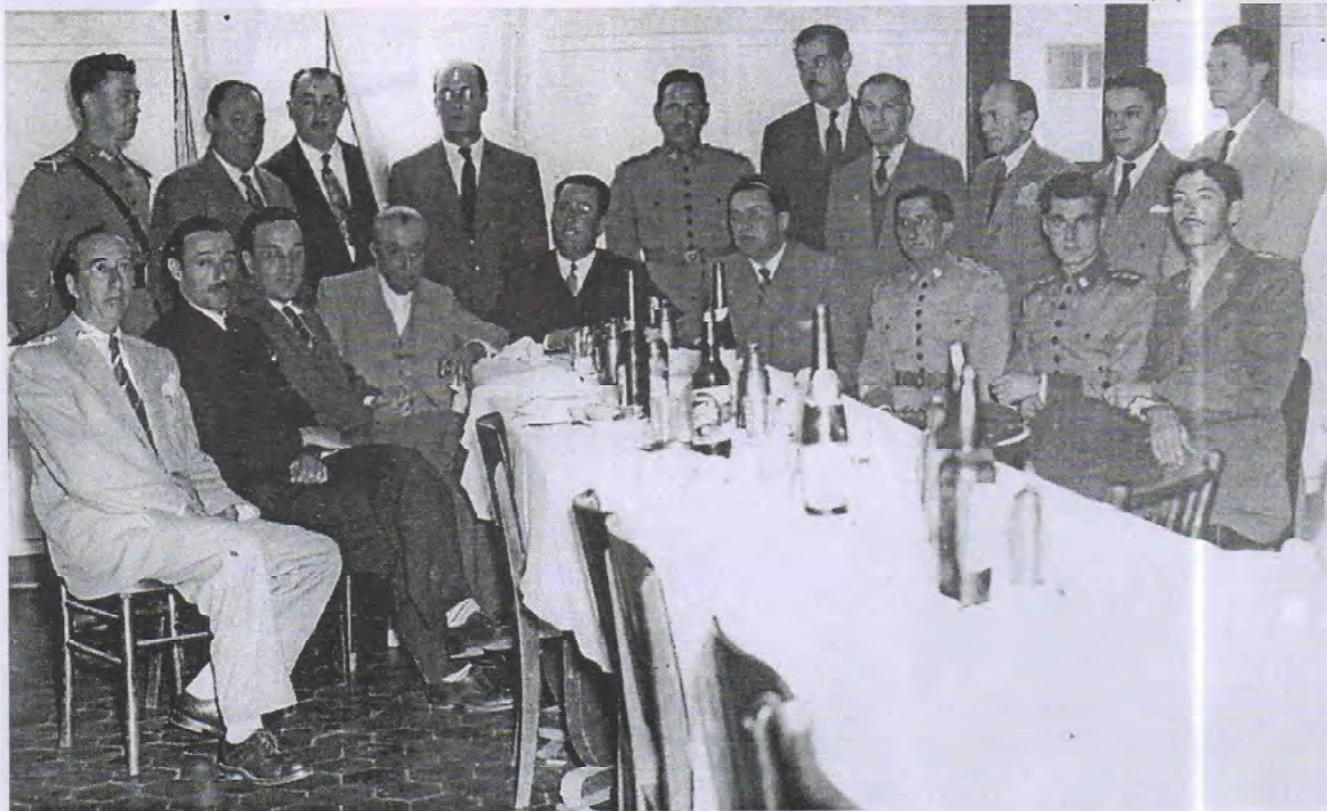
Veio a falecer em vinte e seis de novembro de 1987.

Daniel Dipp e sua administração

Cada grande causa tem, sempre, um homem à sua altura. E esse homem na grande causa foi Daniel Dipp, uma das figuras de maior relevo entre os grandes homens públicos que surgiram em Passo Fundo.

Foi vice-prefeito, de 1947 a 1950, na então administração do prefeito Arman-

(ARQUIVO FAMÍLIA SALTON)



1942 - Instalação do Corpo de Bombeiros em Passo Fundo: Armando Annes, prefeito, Daniel Dipp, vice-prefeito, Volmar Salton, vereador (1º mandato), e outras autoridades, além de oficiais da brigada e do exército

do de Araújo Annes.

Foi deputado estadual de 1950 a 1951. Foi prefeito de 1951 a 1954, quando realizou uma notável obra administrativa, abarcando todos os setores, sendo prodigiosa e inegável a sua atividade. No decurso de apenas um ano e três meses de sua gestão, processou-se uma extraordinária transformação na situação do município.

Esse milagre operou-se, verdade seja dita, porque o governo do município não se estribava em joguete de ambições

personais, de combinações partidárias, de interesses demagógicos, mas se transformava em objeto de consciência, servida pela firme energia de uma vontade que soube dirigir e que soube realizar. Na administração do município, Daniel Dipp não se deteve um só momento. Pouco lhe importava que o honrassem ou censurassem.

Foi uma fé que não vacilou nos seus princípios e uma inteligência temperada de bom senso e retidão, uma calma serena nas crises graves e nos momentos mais difíceis.

De corpo e alma se consagrou à administração de sua terra natal. Fica a assinalar como o mais expressivo testemunho da grande obra que realizou, destacando-se a área da educação, com 40 escolas construídas no interi-

or do município. Em apenas 15 meses de sua gestão, contratou a execução do Plano Diretor da Cidade e asfaltou o centro. Remodelou completamente a Avenida Brasil.

Obras magníficas de sua gestão foram a construção do Hospital Municipal César Santos, a instalação do S A N D U e do Centro de Saúde em nossa cidade.

Promoveu a instalação de luz elétrica, dentro e fora das casas, nos principais subúrbios e vilas.

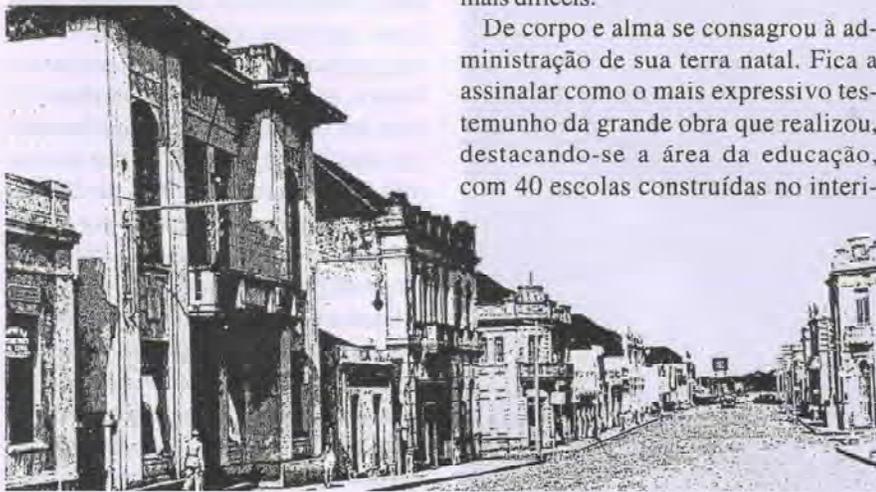
Foi o criador do Departamento Municipal de Estrada de Rodagem.

Durante apenas um ano e três meses de governo municipal, o Dr. Daniel Dipp realizou extraordinária obra administrativa.

Ocupou, com brilhantismo, a Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul.

Foi deputado federal durante o período de 1954 a 1962, cuja brilhante atuação lhe agradece o povo de Passo Fundo.

(Selma Costamilan é professora, escritora e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Poesia

JENAÍNE FACHINI GASPARETTO

E você que não passa

(Jenaíne Fachini Gasparetto é licenciada em Letras, com especialização em Pedagogia gestora e ênfase em Psicopedagogia.)

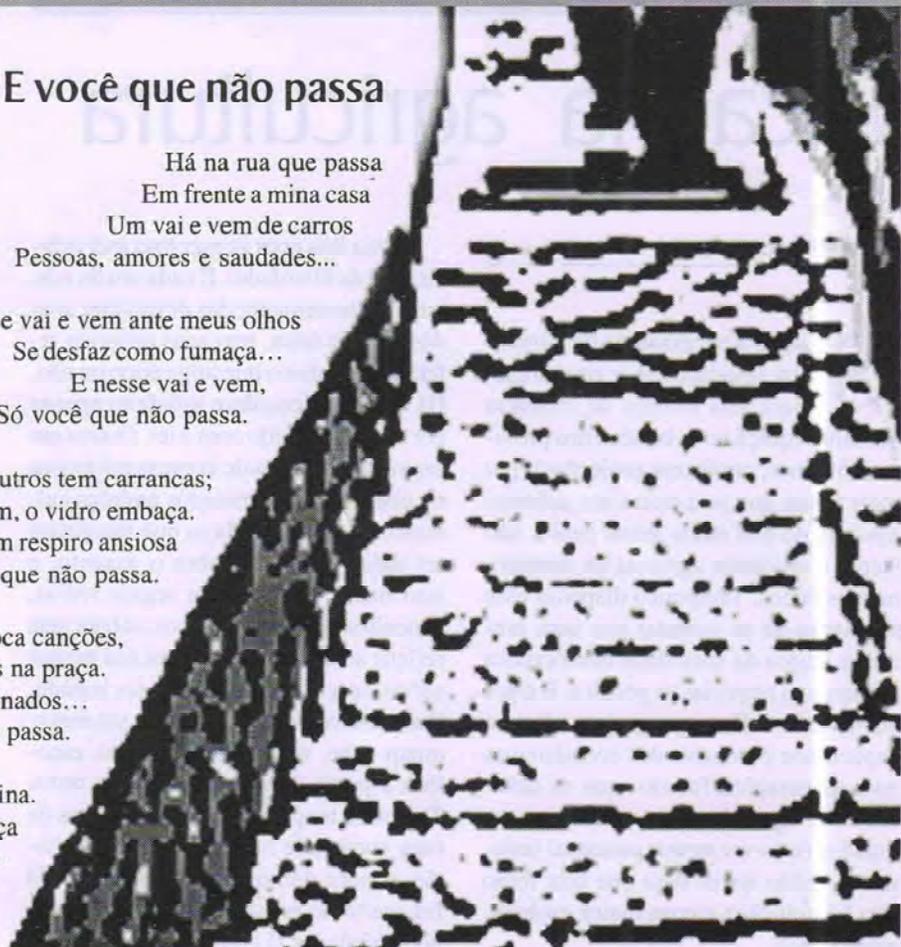
Há na rua que passa
Em frente a minha casa
Um vai e vem de carros
Pessoas, amores e saudades...

Esse vai e vem ante meus olhos
Se desfaz como fumaça...
E nesse vai e vem,
Só você que não passa.

Uns sorriem, outros tem carrancas;
Pessoas respiram, o vidro embaça.
Eu também respiro ansiosa
Esperando você que não passa.

O rádio toca canções,
Há casais na praça.
Trocam beijos apaixonados...
Só você que não passa.

A garoa cai, fria e fina.
E eu aqui bebo a minha taça
De dor, de saudade e de desejo
De ver você que não passa.





Ética na agricultura

GILBERTO R. CUNHA

Suprir a necessidade de alimentos (quantidade e qualidade) para seis bilhões de criaturas humanas (quicá nove bilhões nos próximos 50 anos, conforme projeções), por mais nobre que isso possa ser, diferentemente do que muita gente pensa, não isenta a atividade agrícola de compromissos éticos. Tampouco dispensa esse segmento de se orientar por uma premissa básica da sociedade democrática moderna: a negociação política. E é por envolver escolhas que podem afetar a capacidade produtiva dos ecossistemas para as gerações futuras, que os debates sobre agricultura deveriam ser conduzidos de forma menos passional (mesmo havendo quem diga que sem tesão não há solução) e com maior embasamento ético.

A ética lida com as escolhas individuais (uso da liberdade). E cada um de nós, independentemente das definições acadêmicas de ética, tem seus próprios referenciais sobre o que julga ético ou não. Há quem se considere satisfeito apenas por atuar de acordo com a lei. Outros em seguir orientações de crenças religiosas ou obedecer determinados padrões culturais. Havendo ainda os que imaginam ter idéias próprias sobre o assunto, e isso basta. Melhor que seguir idéias, conceitos ou modelos fixos, talvez seja refletir sobre as implicações das nossas ações (escolhas) sobre a sociedade. Reexaminar nossas crenças e valores e, quem sabe, reconsiderar nossas escolhas a partir de uma perspectiva nova. Temos de ter presente que os valores de uma sociedade não são imutáveis. Estão aí para demonstrar: escravidão (já foi aceita no passado), eutanásia (muitas sociedades já começam a pensar di-

ferente, mesmo não a aceitando), pena de morte (aceita em alguns países democráticos, caso dos Estados Unidos, e em outros não), etc. E a perspectiva nova (ou nem tanto assim) em agricultura parece ser a substituição (ou transição) do modelo de produtividade a qualquer custo, a ética ocidental do utilitarismo, para o modelo de sustentabilidade.

O produtor rural não é o único que faz escolhas em agricultura e que, portanto, deveria se preocupar com considerações éticas. Tem muito mais gente: autoridades governamentais, legisladores, cientistas agrícolas, extensionistas rurais, empresários do agronegócio, ambientalistas e, por último, os consumidores. E cada um desses atores tem, quase sempre, uma forte rejeição em reexaminar (ou refletir) sobre suas escolhas, particularmente quando questionados por quem tem uma visão de agricultura diferente do paradigma dominante.

Quando se trata da introdução de uma nova tecnologia em agricultura, considerações de ordem ética não podem ser deixadas de lado. Uma nova tecnologia pode ter consequências inaceitáveis. E é aí que a ética do utilitarismo (julgando ações e resultados apenas sobre a perspectiva dos seres humanos) tem falhado em ouvir e entender outras posições. O valor da produção tem sido usado como escudo para rebater posicionamentos e opiniões divergentes do pensamento dominante. A agricultura não é apenas uma mera substituição de um ecossistema natural por campos cultivados. Há custos no processo: perda de biodiversidade, poluição de águas, erosão de solos, etc. E minimizar esses custos deveria ser uma prioridade dos atores que estão envolvidos com a produção agrícola no mundo.

Agricultura e desenvolvimento são possíveis, desde que não se perca de vista uma dimensão mais ampla de sustentabilidade (social, política, ecológica e econômica). A ética dos cientistas agrícolas, por exemplo, deve ir além do mero debate OGMs X não-OGMs. Há a responsabilidade com a exploração econômica e social das novas tecnologias. Deve existir a consciência que o desenvolvimento tecnológico pode resultar em vencedores e perdedores. Os desafios (e os questionamentos também) para as novas tecnologias agropecuárias são muitos. O custo ambiental da produção de alimentos tem que ser minimizado. As exigências dos consumidores (uso de pesticidas e qualidade dos ali-



mentos, por exemplo) tendem a aumentar. Além de, nos países em desenvolvimento (pobres), haver a necessidade de superação dos obstáculos dos subsídios à produção praticados pelos ricos, e da sua justa reclamação dos direitos sobre propriedade intelectual em agricultura.

Para quem não entendeu a necessidade da ética na agricultura, parafraseio Rachel Carson (sem tradução): "It's about sustainability, stupid!"

(Gilberto R. Cunha é pesquisador da Embrapa Trigo, Bolsista do CNPq-PQ e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Ipê

Muito cedo da manhã
Rua deserta, molhada,
Dourada.
Ontem chovia.
Caíam as flores,
Uma após outra.
Aqueles flores!

Ontem chovia
flores,
Hoje
Encantamento.

O amarelo era lindo.
Lindas eram as flores,
E atapetavam um pedaço daquela rua,
Que passava embaixo daquela árvore

E naquele momento.
Eu também passava
e lembrava...

Foi uma hora única,
Em que o frescor das flores
Me rejuvenescia.

Gosto daquela árvore,
Daquela rua,
Daquele momento
que lembrei de você

E eu, dentro daquela paisagem,
Por poucos minutos,
Mas pra sempre
Na minha vida.

Cada ano o ipê repete suas flores,
Não tão lindas
Como as da estação passada,
Porque ontem eu ainda tinha você

Mas imensa foi a alegria
de ter podido florescer.

Tudo

Tudo já foi dito...

Sobre a vida,
a morte, o sol
e a lua;

Sobre as flores
os amores,
as mulheres,
os pássaros
e os aviões;

Sobre todas as coisas
Já foram escritos
Versos.

Tantos versos
Que versaram
No verso ou
Reverso das páginas
da vida.

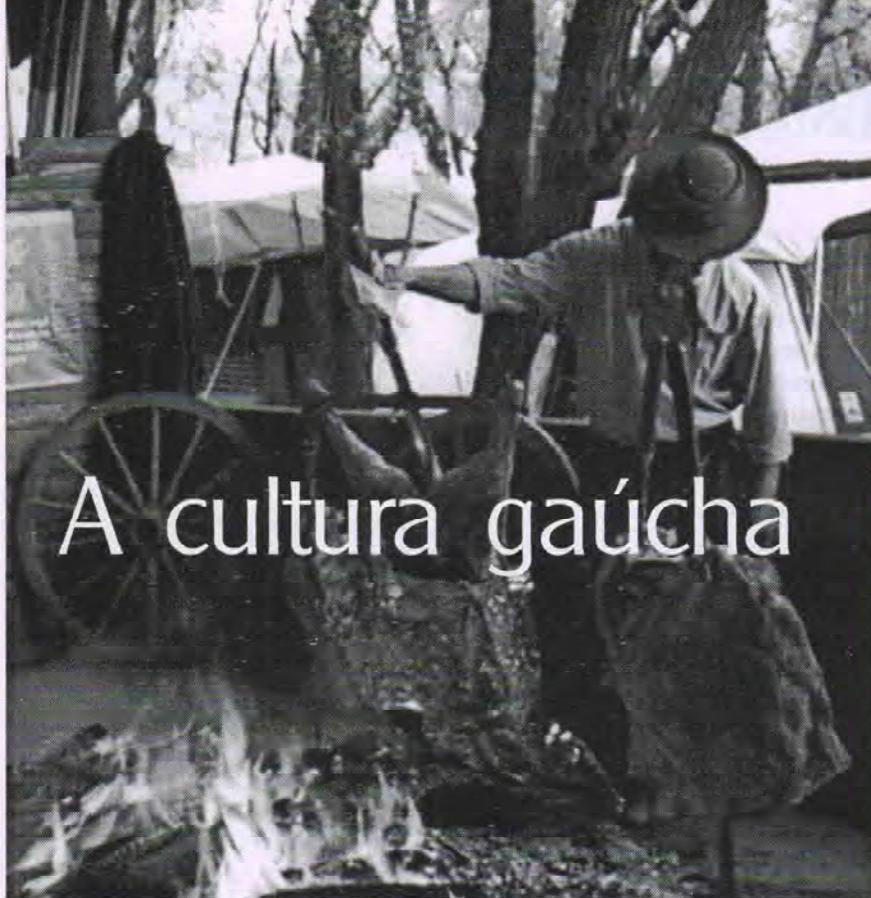
Tudo já foi dito
Nada mais poderemos dizer;

A não ser mudar o sentido
a cor, a melodia, o ritmo,
os sentimentos, a norma.

Nada mais poderemos dizer,
Mas muito poderemos fazer.
Cada qual a cada dia
Reinventar a sua própria vida.

(Liciane Toazza
Duda Bonatto é
artista plástica e
poeta.)





A cultura gaúcha

WELCI NASCIMENTO

Hoje em dia chama-se *gaúcho* àquele que nasceu no Rio Grande do Sul ou àquilo que diz respeito ao Rio Grande do Sul. Historicamente, porém, gaúcho é o homem das estâncias pastoris. A palavra originou-se do espanhol “gauche” e deve ter surgido na metade do século XVIII, como maneira pela qual os europeus indicavam os naturais da região pampeana, à margem oriental do Uruguai (Rio Grande do Sul e Uruguai ainda indefinidos), nessa época entregue às correrias de caçar o gado. Também eram chamados *gaudérios*, na expressão de gente vagabunda, sem pouso. Dedicavam-se também ao roubo de gado das estâncias jesuíticas e ao contrabando de couros. Talvez a mais antiga citação aos *gaudérios* seja a do padre jesuíta Tadeu Xavier Henis, em 1754, ao assim defini-los: “Paulistas que têm a propriedade e o costume de vender o que não é seu, e que são chamados *gaudérios*”. A definição consta do “*Diário Histórico de la rebelión y guerra de los pueblos guaranis situados en la costa oriental del rio Uruguay*”.

O Estancieiro e os Peões

No tecido social rio-grandense sem-

pre foram as estâncias as verdadeiras células. Os estancieiros, suas famílias e seus peões constituíam uma unidade que tinha alguma coisa da organização patriarcal. Mas não se confundia com esta porque não possuía grau de parentesco. A solidariedade que se formava dentro das fazendas, em torno dos chefes das mesmas, explica-se pela inexistência da pequena propriedade. Os que não tinham terras deviam viver agregados aos donos dos latifúndios. Entre chefes e empregados pela natureza de ligação amistosa que os unia, a unidade é a estância. O gaúcho rio-grandense não se une ao estancieiro por um sentimento de temor, como acontece com as populações do centro. O rio-grandense é mais independente, mais individualista. O gaúcho é mais um amigo do que um subordinado do seu patrão. A estância é o latifúndio, a célula social no Rio Grande do Sul.

Tudo sofria a sua influência. Quem não tinha estância era chefe de família e aqueles que não possuíam grandes extensões de terras eram forçados a separar-se dos filhos no momento em que alcançavam a adolescência. E surgiam os trabalhadores pobres, buscando ocupação em campos distantes, onde faltassem braços para sofrer a influência da família do patrão. Os pobres, devido à inexistência da pequena propriedade, e não

podendo, em regra geral, permanecer ao lado dos filhos, em terras alheias, deveriam separar-se deles; seus descendentes, ligados aos novos patrões, pela vida fraternal das lides pastoris, iam com seus chefes constituir novas famílias.

Os lares rio-grandenses

Os historiadores avaliavam muito bem os lares rio-grandenses. A ligação de pais e filhos mantinha-se sempre entre os possuidores da estância, ao passo que, entre aqueles que não possuíam terras, era freqüente a separação e a dissolução das famílias.

Os pais, senhores bem consideráveis, longe de se separarem dos filhos, mantinham estes sob sua vista, dando-lhes terras para trabalhar, dirigindo-os nos seus negócios, assistindo-os com seus conselhos e benefícios, razão por que se não afrouxavam os laços que os uniam.

Bento Gonçalves, em carta, dizia que não deixaria de escrever ao pai todas as vezes que houvesse portador. Até 1806, contando 18 anos, trabalhava em um dos campos de seu pai, sob a orientação imediata deste que, apesar de estar longe, era consultado em tudo e fornecia até as menores necessidades ao desenvolvimento do trabalho.

Assim, numa das citadas missivas lemos: “O portador desta, Francisco Correa, o qual me pediu o dinheiro do tempo que tem trabalhado este ano nesta fazenda, e como eu não o tenho, o envio para Vmcê lhe dar o dito dinheiro, que são 14\$980. Vmcê não se descuide de mandar roupas para os negros, pois estão muito nus, tanto faz pequenos como grandes”. ... Se Vmcê puder mandar pelo portador uma camisa e ceroula para mim, não será mau, pois já tenho bem falta delas”.

A sede da estância

De um modo geral, as primeiras estâncias foram construções modestas, constituídas pela residência do proprietário, um galpão para o fogo dos peões, chiqueiro para os terneiros de meia dúzia de vacas leiteiras, a mangueira de pedra ou de moirões (mais tarde com cerca de arame), pequeno poteiro para conter os cavalos de lida campeira e as vacas tambeiras, e, em torno, a imensidão das pastagens. A casa residencial era geralmente feita de taipa ou de pedras cortadas regularmente, sempre com caiação branca. As paredes não eram pintadas. Quando muito a parede frontal apresentava

um rodapé de cor preta até a altura de meio metro, mais ou menos. Os galpões eram de pau-a-pique ou costaneiras. Tanto na residência como nos galpões, a cobertura era de palha santa-fé ou telhas portuguesas. São sempre construções térreas.

Os grandes negócios de charqueadas é que propiciaram aos estancieiros acumular riquezas que permitiram, na segunda metade do século XIX, um viver menos desconfortável, ou mesmo um viver de ostentação. Em 1871, um viajante francês, Roberto Avé-Lallemant, assim descreve a estância de David Pereira Soares, nos campos de Rio Pardo: "O proprietário não estava, mas uma negra me trouxe uma cuia de mate; recebi-a e tomei um sorvo da bomba, declarando, com isso, que desejava ficar. Então ela abriu um quarto de hóspede, bonito e asseado, com três espaçosas camas, como se a residência de um estancieiro fosse ao mesmo tempo um hotel. E, junto ao primeiro quarto de hóspedes, descobri mais dois outros".

A uns 40 metros ou mais, do lado da casa-grande, existia enorme galpão com dependências para arreios, hóspedes, creches dos pequenos escravos, peça para oficina de carpintaria, ferraria e funilaria, estrebaria, etc. Atravessando de lado a lado a parte central do telhado desse galpão estava o mirante, uma só e enorme peça, forrada e assoalhada, com vidraças de guilhotina, que era o dormitório da rapaziada.

Noutro grupo de casas estavam o paiol, a senzala, o depósito de couros e cabelos. Aos fundos existiam muitos ranchos, independentes, de escravos casados, de confiança.



(Welci Nascimento é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Necrológico:

Álvaro Vargas Junqueira da Rocha (1927-2005)

OSVANDRÉ LECH

(A vida é a arte
de desenhar sem borracha.
J. Christian)

Aqueles que viveram em Passo Fundo, nos últimos 50 anos, foram certamente beneficiados pela impressionante lista de contribuições prestadas pelo "Dr. Álvaro". Líder nato, destacou-se em diversas atividades, sempre com brilhantismo. Formado em odontologia em Pelotas em 1950, foi professor-fundador da UPF e titular da disciplina de Prótese até o jubileamento em 1997. Formou-se em Direito em 1983, na UPF, aos 56 anos, o que demonstra sua inquietude intelectual e busca de renovação. Na vida profissional manteve ativo consultório dentário, sempre com espírito ético, carinho e competência dedicados aos pacientes. Prestou concursos na Brigada Militar, no SESI, no SENAI, na CAPASEMU, no Instituto Educacional, no INSS e no Centro de Saúde. Recebeu honrarias pelo notável desempenho profissional, como o "Mérito Odontológico Sesquicentário da Revolução Farroupilha", e a "Medalha Mário Ascanio Frediani, pelo Jubileu de Prata da Fac. de Odontologia da UPF". Uma sala ostenta o seu nome no novo prédio da Fac. De Odontologia, no Campus I da UPF. Exerceu liderança associativa, como Delegado na Associação Brasileira de Odontologia, dentre outros.

Como líder passo-fundense, o "Dr. Álvaro" foi incansável, sendo fundador do Patronato de Menores, em 1971; membro do Conselho Diretor de Desenvolvimento Integrado, na gestão de Edu Villa de Azambuja (1974-77); e presidente do Clube Caixerai (1983).

Iniciou-se como membro do Rotary Club em 1967, e cumpriu com êxito 38 anos de companheirismo e contribuição social. Foi Governador do Distrito 466 (1985-86); recebeu a medalha Paul Harris (1986), o Prêmio Distrital (1991), e o Prêmio Safira, do Rotary Club Internacional (2004).

Com Deocella Laranjeira da Rocha, sua companheira de toda a vida, teve quatro filhos, que lhe deram seis netos. Ângela, odontóloga, casada com Nelson Zambrano (Gilherme e Alexandre); Antônio, advogado, casado com Vera Piccinini (Rafael e Juliana); Anamaria, psicóloga, casada com Sérgio Schelp (Fernanda e Theodoro); Maria Luiza, a "koka", jornalista.



Marido, pai e avô exemplar e presente, profissional competente nas áreas da saúde e das leis, cidadão consciente da necessidade de ajudar a cidade onde nasceu e viveu, líder rotariano, professor universitário dedicado e respeitado pelos seus pares, ele exerceu como poucos a seriedade, temperança, austeridade, e respeito ao trabalho das famílias Vargas e Junqueira da Rocha, sólidos esteios sobre os quais se estratificou a sociedade passo-fundense.

O "Dr. Álvaro" foi importante na vida de muitas pessoas. Especialmente na minha. Lembro-me dos anos 60, quando sentava na sua cadeira de dentista do consultório da rua General Osório, no segundo andar do prédio da Ford. A temível broca era movida por um sistema de cabos que ficavam expostos. Lembro-me também dos anos 80, quando contribuiu para a minha bolsa de estudos pela Fundação Rotária. Um grande cidadão com jeito de pai.

Resquiecat in pace.



Orfelina Vieira Melo (1939-2005):

Uma mulher, várias faces

LICEMAR VIEIRA MELO

Quem teve o privilégio de conviver com Orfelina Vieira Melo (1939-2005) sabe que é difícil defini-la. Ela foi a menina de infância pobre, a estudante aplicada, a professora apaixonada pelo ofício, a escritora, a viajante entusiasta, a tradicionalista, a religiosa, a voluntária, a amiga, a mãe dedicada e guerreira. Uma mulher única, sim, mas de várias e interessantes faces.

A infância

A infância foi simples, pobre, com di-

ficuldades. Orfelina Vieira Melo nasceu em agosto de 1939, em São João, interior de Passo Fundo. Era a mais nova entre os cinco irmãos da família Mattos Vieira (Arthur, Oswaldo, Antônio Carlos e Carmelinda). Uma menina que, desde cedo, optou por escrever a própria história a olhar a vida passar.

A estudante

A distância da cidade nunca foi impedimento capaz de acabar com o desejo que tinha de estudar, pois, como ela mesma dizia: “sempre há o que aprender”. Sem recurso disponível, para uma menina pobre, mas com bastante vontade, percorria, a pé, diariamente, a longa

distância entre a casa, no interior, e o Colégio Notre Dame, onde cursou o Normal e fez amizades sólidas com as colegas e as irmãs religiosas.

Depois, fez Pedagogia, na Universidade de Passo Fundo, para ser professora de muitos.

Estudar era sua sina, motivo de muito entusiasmo. Especializou-se em Tradição e Folclore, em Gerontologia Social e, depois de aposentada, resolveu fazer outro curso superior: Teologia, no Itepa – Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo, aos quase 60 anos.

A professora

O Magistério foi a vocação que Orfelina exerceu com orgulho e maestria. O começo profissional foi em Carazinho, no Colégio Nossa Senhora da Glória, onde ela ia de trem para exercer seu ofício. Depois trabalhou em várias escolas de Passo Fundo, na Faculdade de Educação da UPF, e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, de Palmas, no Paraná, onde assumiu a direção. Encerrou sua carreira como professora estadual, mas o ânimo que tinha de ensinar a acompanhou, mesmo depois de aposentada.

A tradicionalista

Tradição vem de berço, já diz o velho ditado. Na vida de Orfelina foi assim. Filha de tradicionalistas (Nestor e Anna Cristina de Mattos Vieira), só poderia mesmo ser amante da cultura gaúcha, que tanto defendeu. Desde jovem, fez parte de internadas de dança, foi Primeira Prenda do CTG Getúlio Vargas e defendeu amplamente a bandeira do tradicionalismo. Foi Conselheira do Movimento Tradicionalista Gaúcho e, no início dos anos 80, implantou o projeto Tradição e Folclore nas escolas do município. Por mais de 10 anos publicou, semanalmente, a coluna “Cultuando a Tradição” no Jornal O Nacional, de Passo Fundo, sob o pseudônimo de *Vieira*. Nos anos 90, integrou o Grupo Chamamento do Pampa, promotor de festivais nativistas em Passo Fundo.

A religiosa

A vocação religiosa sempre esteve presente, isso, desde os tempos da juventude, quando participou do Jec – Juventude Estudantil Católica. Depois foram os movimentos leigos da Igreja, como o Cursinho de Críandade, e, mais recentemente, era Ministra da Eucaristia, na Paróquia Nossa Senhora de Fátima. Também atuou na Pastoral da Saú-



Escola normal no colégio Notre Dame (1959)

de do Hospital São Vicente de Paulo, servindo como um sacrário, para levar o Deus Vivo ao encontro dos cristãos. Ela também coordenou o núcleo de Passo Fundo do Conic – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil, em que a bandeira defendida era a união das igrejas cristãs.

A escritora

O seu dom de escritora a Academia Passo-Fundense de Letras bem conheceu. Os três primeiros livros que lançou: “A Espiritualidade na Terceira e Melhor Idade” (1992), “O Idoso Cidadão” (1993), e “Aposentadoria: Prêmio ou Castigo?” (1995), foram dedicados aos idosos, como forma de reivindicar mais respeito com aqueles que, depois de uma vida inteira de trabalho, merecem valorização. Já seu último livro, “Resgate da Música Gaúcha em Passo Fundo” (1998) foi uma pesquisa histórica, jamais antes feita por aqui. E ela fez com um único interesse: fazer o registro das informações que colheu, pois, conforme dizia “o que não se registra, se perde...”.

Os serviços comunitários

O envolvimento com a comunidade, em trabalhos voluntários, foi marca registrada na vida da Orfelina. Ela participou da Casa Lar, entidade que acolhia mães solteiras. Também contribuiu no Giep – Grupo Integrado de Estratégias de Prevenção ao Uso de Drogas. Também participou, com testemunho de vida,

em 2003, do Encontro Gaúcho de Portadores de Insuficiência Renal, que aconteceu em Caxias do Sul. Há dois anos colaborava com a Fazenda da Esperança, onde toda semana, mesmo com a saúde fragilizada, fazia questão de levar uma palavra de apoio, suas orações, seu incentivo para aquelas que ela considerava as suas meninas, vibrando com o trabalho e as conquistas pessoais de cada uma delas.

A passo-fundense orgulhosa

Orfelina tinha orgulho de ser passo-fundense. Sabia da história do município e fazia questão de preservá-la, e uma das formas era participando, através da coordenação, do Grupo Pró-Memória de Passo Fundo. Nesse sentido, reunia, periodicamente, pessoas que testemunharam importantes momentos históricos do município, para registrar suas memórias. Quando se aproximava o mês

de agosto, em virtude das comemorações da Semana do Município, ela fazia questão de se envolver na produção do Jornal Passo Fundo Conta sua História. E, atualmente, já se programava para ajudar a planejar as grandes comemorações que devem marcar o sesquicentenário de emancipação do município, em 2007.

Idosos

O envolvimento com os idosos a motivava. Há 15 anos ela ajudou a criar o Creati, onde gostava de participar da Oficina Literária, de Dança, de Artesanato e de Ginástica. Também integrou o Conselho Municipal do Idoso, para fazer valer os direitos dessa população.

A mãe

Orfelina teve cinco filhas: Analice (36, professora), Mariluci (35, professora), Licemar (33, jornalista), Marlise (32, administradora) e Marisol (30, professora).



Formatura de Pedagogia na UPF

Foi mãe dedicada, conseguindo conciliar o lar, o trabalho e todas as atividades com as quais se envolvia. Apesar de sempre muito ocupada, ela encontrava tempo para brincar com suas crianças. De pequenos objetos, que fizessem barulho, ela inventava brincadeiras lúdicas que cativavam suas filhas e divertia com as cantigas de roda. Era daquelas mães que até a falta de luz era motivo para brincadeira, pois era a oportunidade de dar formas e gestos a sombras na parede, motivo para inventar histórias. Nas suas filhas despertou o desejo de viajar, foi com elas, ainda crianças, para o Mato Grosso, uma aventura de três dias, com direito a atoleiros de areia que, para as viajantes, virou uma diversão. Era sempre de carro, ela motorista, que, com ousadia, ultrapassava as fronteiras, apreciava as paisagens, sem se apegar a horários e roteiros fixos. Foi assim que conseguiu mostrar às filhas as Sete Quedas do Iguaçu (antes da criação de Itaipu), Brasília, o Uruguai e a Argentina. Sempre de carro lotado, com as suas meninas, criava o ambiente propício de aventura, diversão e boas risadas. Além do desejo de conhecer lugares, ela, reiteradas vezes, defendeu que a maior herança que se pode deixar aos filhos é o estudo, por isso incentivou as suas meninas a estudarem (todas tem curso superior e pós-graduação).

A guerreira

Orfelina lutou, muitas vezes, para viver, carregou a cruz do sofrimento, nas inúmeras sessões de hemodiálise que fez, desde 2001, e nas complicações que viriam ao longo do tratamento, que foram muitas. Silenciosamente suportou, com bravura, as dores insistentes que acometeram o seu corpo frágil. Era só melhorar um pouquinho e lá estava ela

na ginástica, no Creati, na Fazenda da Esperança, na igreja, confeccionando suas colchas de retalho ou dando vida a bonecas.

Um desejo que fica

Ela tinha um sonho, de construir aqui, em Passo Fundo, a exemplo do que viu em *La Plata* (Argentina), um Museu de Bonecas Típicas, uma forma de valorizar, de maneira lúdica, as diferentes manifestações folclóricas dos povos. Para isso, contava com o apoio do CIOFF. Em casa ficaram as bonecas que fez para se juntar a outras, que lhe foram doadas, nos Festivais de Folclore ou por pessoas amigas. Esse sonho, que começou a ser concretizado, requer implementações, para que, divulgando as diferentes culturas dos povos, possa atrair muitos visitantes.

A estrela

Era uma pessoa simples, desapegada das coisas e apegada às pessoas. Ela não media esforços para ajudar seus parentes, amigos, e até os desconhecidos. E fazia isso de forma gratuita, generosa.

Orfelina fazia questão de visitar seus conhecidos, saber como estavam, levar um abraço, conversar, incentivar e apoiar em caso de dificuldade, de qualquer ordem que fosse.

Com todas as suas faces, ela foi mesmo uma estrela, daquelas com brilho próprio, que veio para este mundo iluminar muitas vidas.

A Orfelina, com certeza, vai continuar iluminando a todos... na companhia de Deus.

(Licemar Vieira Melo é jornalista e filha de Orfelina Vieira Melo.)

(FOTOS: ARQUIVO FAMÍLIA O. V. MELO.)



Desfile do Creati

Rapidinhas

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Para que o pássaro da liberdade venha pousar em ti, é necessário que lhe prepares o ninho e lhe assobies seu canto.

A vida se resume nisto: um jogo de xadrez com o destino.

E o xeque-mate, sempre uma incógnita.

Antes de matar o amor, contrate um coveiro.

Oh! como folgaria ser comparsa dos peixes, que não sofrem sede nem morrem atropelados.

Ser amado soa na alma como a cantilena do vento nos cabelos do trigo. Como o gemido da cachoeira no torso nu da pedra.

Onde será que pernoitam as estrelas nas noites de vendaval?

Tirei meu time de campo, quando a bola do ostracismo furou minha verdade.

Falta-me aprender a ler mundo de cabeça pra baixo.

Quando a gente parte para a guerra, nada pesa mais no alforje do que a esperança.

Se o diabo existe mesmo, deve estar caquético e subnutrido. Ninguém vive tanto tempo digerindo caveiras e bebendo sangue envenenado.

Quando a madrugada começa a escrever seus primeiros versos, os meus já estão prontos para o almeço.

Amar é espelhar-se. É refletir-se. Projetar-se. O amor irradia, duplica e reconstrói.

Preservando a memória dos marcos históricos do Pulador

DILSE PICCIN CORTEZE e
VERA LÚCIA DALBOSCO

Por ocasião de mais um aniversário da Batalha do Pulador, ocorrida em 27 de junho de 1894, é importante resgatar outros aspectos do referido enfrentamento onde federalistas e republicanos lutaram por longas horas, do que resultou em grande número de mortos e feridos. Os marcos históricos estão no local para preservar a memória desse acontecimento, de um período onde o então Estado do Rio Grande do Sul se organizava politicamente sob o novo governo republicano. São dois marcos, construídos alguns anos após o término da batalha, um de frente para o outro e idealizados por grupo de elites dominantes na época, e representam as duas facções envolvidas no conflito, para que o fato jamais seja esquecido.

Em Pulador, local onde ocorreu uma das grandes batalhas da Revolução Federalista de 1893, encontram-se dois marcos históricos. Conforme observações, ambos estão localizados em pontos estratégicos, voltados para si e representando as duas forças revolucionárias que combateram, por mais de 6 horas, no antigo Campo dos Mellos.

Na referida batalha se chocaram as forças de Gumercindo Saraiva e as de Prestes Guimarães, pela parte do governo, contra os soldados do General Lima, Firmino de Paula e Coronel Santos Filho, representando as forças federalistas. Restaram deste combate mais de 1.000 mortos e outros tantos feridos (cf. Gehm, 1977, p.133, 3 vol.). Segundo historiadores, esta foi uma batalha sem vencidos nem vencedores.

Um dos marcos, voltado para o oeste, contém as seguintes inscrições: "Grande batalha de 27 de junho de 1894 - Posição forças revolucionárias - Thomas Canfield - 22-03-98". Junto às inscrições há alguns símbolos: uma cruz e esquadro sobre um compasso. No outro monumento, voltado para leste, está escrito: "Grande batalha de 27 de junho de



1894 - Posição forças do governo - Thomas Canfield - 24-02-98". Na lápide encontram-se, como no marco anterior, os símbolos: cruz e esquadro sobre o compasso.

Conforme o historiador Ney D'Ávila, estes marcos foram inaugurados oficialmente em 1900 e em dias diferentes. Um, no dia 23/02 e o outro no dia 24.02.1900. Esta diferença de data de inauguração, segundo o historiador, é compreensível pois "os mútuos ódios e ressentimentos ainda eram muito fortes naquele momento". Abaixo da base de cada monumento teria havido, conforme D'Ávila, um depósito selado por uma pedra contendo documentos e jornais da época, além de vários textos tratando do significado do evento (D'Ávila, 1998). Resta saber onde este material está, com quem se encontra e se ainda existe.

Hoje, os dois marcos históricos localizam-se a mais ou menos 100 metros do local onde foram originalmente colocados. A troca do local deu-se em 15 de maio de 1988, durante o governo de Fernando Machado Carrion, com a colaboração da Maçonaria e do Exército. O motivo da troca de local, segundo entrevista concedida pelo Pe. Moisés Mocellin, em 11/06/2004, foi por razões práticas. Estavam localizados no meio



de uma lavoura e para preservá-los foram colocados num ponto mais próximo da estrada.

Os monumentos originalmente esculpidos por Thomas Canfield, em pedra de arenito, após a mudança de lugar, foram abrigados cada um em uma capelinha. Junto aos monumentos encontram-se duas placas. Na primeira está escrito: "Obra realizada na administração Eng. Fernando Machado Carrion, com a colaboração das lojas maçônicas Luz do Planalto, Concórdia do Sul, Antônimo Xavier e Estrela do Planalto. Pulador, 15 de maio de 1988". A segunda placa, colocada por ocasião dos 100 anos da batalha, contém os seguintes dizeres: "Governo Municipal, a Universidade de Passo Fundo e a comunidade, registram o centenário dos 'dias tristes' da Batalha do Pulador. 1894 - 1994, Governo Municipal: Osvaldo Gomes, Júlio Teixeira, Reitor de UPF, Pe. Elydo Alcides Guareschi. Passo Fundo, 27 de junho de 1994".

Com relação aos símbolos existentes no marcos históricos, após entrevistas e leituras bibliográficas, pudemos concluir que o esquadro e o compasso, com certeza, representam a maçonaria, apesar de haver algumas divergências historiográficas quanto à ligação destes

(ARQUIVO D. P. CORTEZE)

com os maçons. Canfield, autor do marco, tinha origem maçônica comprovada. Eliane Colussi, em sua obra *A maçonaria gaúcha no século XIX*, salienta que, a partir de Morivald Calvet Fagundes, a maçonaria teve relacionamento íntimo com o movimento revolucionário de 1893. Para a autora, os marcos localizados no município de Pulador e inaugurados pela Loja Maçônica Concorde do Sul, seriam um exemplo da ligação deste grupo com os símbolos. Referindo-se aos marcos, Calvet na obra: *Os Maçons: vida e obra*, diz que a “maçonaria local vem preservando e reverenciando devidamente os dois marcos históricos que ali foram erguidos, em memória dos nossos bravos de 1893/95, não só por essa razão fundamental, mas também porque eles foram ali plantados evidentemente por maçons, já que ambos contêm o símbolo maçônico do esquadro e do compasso” (Fagundes, 1991, p.213).

O termo “posição forças” gravado nos dois marcos históricos, significa que a posição ocupada por cada um seria de ataque ao inimigo, respectivamente – federalistas contra republicanos – frente a frente, representada por dois monumentos.

Muitos monumentos e marcos históricos são construídos no decorrer dos tempos com a finalidade de rememorar acontecimentos na história dos homens. Alguns deles, com significados e influências distintas para cada grupo social ou pessoa. Estão aí para que a humanidade, ao olhá-los, possa refletir sobre os fatos do passado e o que eles representam, tomando-os por exemplos a serem seguidos ou a serem evitados.

Segundo Wolfgang Hardtwig, um historiador alemão, os monumentos condensam um determinado significado da história através da simbolização visual, trazem à recordação uma determinada forma que é produzida e organizada pelo saber social. O discurso do monumento tematiza a pergunta pela suficiência e utilidade do saber social e, com isso, a pergunta pelas oportunidades e carências de uma determinada ordem política e social. Por serem instituídos, na maioria das vezes, pelas elites de uma determinada sociedade, eles acabam exercendo o papel simbólico muito mais de legitimação do que de crítica, no interior de uma determinada sociedade. Desde sempre a memória do monumento está ligada a personalidades e grupos, os quais representam, com o próprio monumento, suas ações ou idéias de valor. Eles se

referem ao passado, mas eles dizem tanto sobre o passado como sobre a época em que o monumento é instituído. (1997, p.750-751).

Para pensar os marcos do Distrito de Pulador, temos que ter em mente não só o conflito, mas também o momento em que foram construídos para podermos entender sua significação. É de consenso entre os historiadores que a Guerra Federalista e, aqui em Passo Fundo, o Combate do Pulador, gerou, além da violência e das mortes, grandes conflitos e ressentimentos entre os representantes das duas facções. Conflitos até hoje ainda não sanados e evidentes quando se percebe pessoas visitando um, e não outro o marco (cfe. Entrevista feita ao



Pe. Moisés Mocellin).

Salmara Colussi, em artigo publicado por ocasião da data dos 100 anos da Revolução, cita o médico Jorge Armando Salton, autor do livro *Milan Miragem*. Este afirma que o momento serve para “refletir sobre as disputas humanas que devem ser sempre lembradas, para repensar o assunto e tentar criar como modelo de herói, não aquele que matou cem pessoas, mas sim, aqueles que superaram a crise (...). A geração pós-conflito é que foi a mais heróica” (O Nacional, 27/06/94).

Antonino Xavier, historiador, autor de várias obras sobre Passo Fundo e referência a outros historiadores, salienta que, terminada a Revolução Federalista, Passo Fundo parecia um deserto. Para o

historiador, após os combates a cidade ficou deserta e, nos lugares daquelas confortáveis fazendas, viam-se apenas destroços de uma devastação enorme.

Os dois “obeliscos” do Pulador, idealizados, segundo Calvet, pelos maçons, “revelam o impacto que a revolução exerceu sobre a maçonaria gaúcha, uma verdadeira guerra civil entre irmãos” (Colussi, 2003, p.246). Ao mesmo tempo que carregam consigo o objetivo de louvar aos heróis que lutaram por uma causa, encerram em si a idéia de minimizar os conflitos e apaziguar os ânimos entre as duas forças que, embora de facção política diferente, comungavam de ideais maçons comuns.

Delma Rosedo Gehm, ao se referir ao cinquentenário do movimento de 1893, transcreve o convite para os festejos. O mesmo chama a atenção para os ideais de heroísmo dos chefes das facções, quando descreve que se faz para homenagear, “a memória destes heróis, que souberam honrar e dignificar a virtude de um povo” (Gehm, 1977, p.134). Aqui está presente o ideal de heroísmo daquele que lutou em defesa do seu país ou estado.

É preciso se perguntar, no entanto, quem foram os heróis, nesse terrível e sangrento combate. Quem são os sujeitos que no geral são lembrados? Seriam apenas os chefes que defenderam determinadas facções políticas? Onde ficam aqueles anônimos que tiveram papel importante durante e depois da revolução?

Ao se referir aos federalistas, o médico Ângelo Dourado, nas suas narrativas sobre a guerra, afirma que os mesmos dispunham de poucos recursos e as mulheres tiveram papel importante. Eram elas que davam os socorros, fazendo ataduras e tratando os soldados necessitados. Assim descreve o médico: “(...) nada tínhamos para curá-los, recorri às mulheres e elas deram-me não só fazendas brancas que tinham, como alguma roupa branca, (sic) e eu encarreguei-as de fazerem ataduras” (Dourado, 1992, p. 250).

Além disso, as mulheres tiveram outros papéis ativos durante e no pós-guerra. Foram assumindo as incumbências antes desempenhadas exclusivamente por homens. Tiveram que assumir a proteção dos filhos, a produção e a administração geral da propriedade, enquanto seus maridos e filhos estavam na guerra. No pós-guerra, viúvas foram obrigadas a recolher e enterrar seus familiares



Descerramento da placa comemorativa dos cem anos da batalha (Lindolfo Kurtz em primeiro plano)

e prosseguir as lidas do dia-a-dia, sozinhas, com filhos menores para criar. Segundo Salton, terminada a guerra, “as mulheres da cidade, vítimas dos combatentes, reuniam-se para cumprir um ritual macabro”: enterrar seus mortos quase em estado de putrefação. “Muitas delas passaram a viver em grupos para poder criar e sustentar seus filhos” (O Nacional, 27/06/94).

Para a frente da batalha marchavam peões, ex-escravos e imigrantes aliciados à força pelas duas facções, tanto federalista como republicana, conduzidos para a batalha sob pena de terem suas propriedades destruídas e incendiadas e seus familiares mortos. Era morrer ou morrer. Em relato, Padre Mocellin afirma ter ouvido pessoas ligadas à batalha do Pulador dizerem que foram trazidos, por Gumercindo Saraiva, para lutarem no referido confronto, imigrantes de origem polonesa, recém chegados ao Brasil. Esses imigrantes eram colonos em Santa Catarina, na localidade de Mafra e não sabiam falar a língua portuguesa.

A grande maioria dos soldados envolvidos na batalha eram caboclos sem nenhuma instrução ou ideologia. Lutavam fielmente ao lado do chefe sem conhecer os ideais por que lutavam. Diante deste quadro, a Revolução Federalista de 1893 pode ser caracterizada

como um movimento de elite para elite. A elite federalista lutava com a elite governista por mais poder político. O exército de Júlio de Castilhos contra as tropas de Gaspar Silveira Martins lutavam por ideais políticos e interesses econômicos dos grandes latifundiários, dos quais a maioria dos soldados não tinha conhecimento.

A história não pode esquecer os muitos que sofreram nos embates da guerra. Os feridos transportados para outros locais de combate, “amontoados nas carretas, sem coberturas, sem poderem se mover. Gemidos e lamentos, e um frio intenso que cobria o campo de geadas, os caminhos maus, a noite (sic) escura, as carretas dando saltos e em cada salto os gritos dolorosos dos infelizes companheiros” (Dourado, 1992, p.254).

Ao final da Batalha do Pulador restaram, segundo Mocellin, muitos mortos para serem sepultados. Esta tarefa coube a “um caboclo, morador próximo ao rio da Várzea, pois os soldados não tinham tempo para perder” com a tarefa (cfe. Entrevista feita ao Pe. Moisés Mocellin).

Segundo o técnico agrícola Carlos Leandro Lacourt, proprietário da Fazenda Tropeiro Camponês e idealizador de um projeto turístico no Pulador, em entrevista concedida em 13/

06/2004, o local antes esquecido, hoje congrega pessoas vindas de todo o Brasil. Os visitantes querem ver onde seus antepassados perderam a vida, e pedem graças a esses heróis; são rezadas missas, velas são acesas e são feitos pedidos às almas de tantos que morreram em batalha.

Bibliografia

- COLUSSI, Eliane Lúcia. *A Maçonaria gaúcha no século XIX*. 3ª ed. Passo Fundo: UPF, 2003.
- COLUSSI, Salmara. *Cem Anos do combate sangrento*. O Nacional. Passo Fundo, junho de 2004.
- D'ÁVILA, Ney Eduardo Possap. *Os Marcos da Batalha do Pulador*. O Nacional, Passo Fundo, Fev. 1998.
- DOURADO, Ângelo. *Voluntários do Martírio: narrativa da revolução de 1893*. Ed. Fac. Similada de 1896. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1992.
- FAGUNDES, Morival de Calvet. *Os Maçons: vida e obra*. Rio de Janeiro: Aurora, 1998.
- GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo na revolução de 1893*. Passo Fundo: João B.M. Freitas, 1977.

_____. *Passo Fundo Através do tempo* (3ª vol.). *Diário da Manhã*, Passo Fundo: 1982.

GUIMARÃES, Antonio Ferreira Prestes. *A Revolução Federalista em cima da Serra*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987.

HARDTWIG, Wolfgang. *Denkmal*. In: Bergmann, et. Alli. *Handbuch Geschichtsdidaktik*. Hannover: Kallmeyersche, 1997.

MACEDO, Vera Lúcia Silveira. *A violência na Revolução Federalista de 1893 e a Batalha do Pulador*. 1994. Monografia (Especialização em História) – Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 1994.

OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier. *Anuário do Município de Passo Fundo* (Córd. Marília Mattos). Passo Fundo: Gráfica Ed. UPF, 1990.

Entrevistas

Pe. Moisés Mocellin, 11/06/2004.

Técnico Agrícola Carlos Leandro Lacourt, 13/06/2004.

(Dilse Piccin Corteze é mestra em história regional pela UPF. Professora da rede particular de ensino. Autora do livro *Ulisses na América: história, historiografia e mitos da imigração italiana no RS. – (1875 – 1914)*. Vera Lúcia Dalbosco é especialista em história regional pela UPF. Professora de rede municipal de ensino. Co-autora do livro *Visões da historiografia do Planalto Rio-grandense (1981-1995)*.)



Felipe schell Loureiro...João Cardozo (Janjão), início do século 20

O gaúcho serrano

VERÍSSIMO DA FONSECA

O fato folclórico é universal, por mais regional que se apresente. É resultante dos meios de produção que, por sua vez, são resultantes da formação geológica e do clima, determinantes da fauna e da flora.

Os usos e os costumes são funcionais. Modificam-se, quando os meios de produção se modificam. O tipo social gaúcho surgiu em função do gado chimarrão e dos campos sem limites e sem fronteiras definidas. Adaptou-se e evoluiu quando as fronteiras e os campos foram delimitados e o gado marcado.

Ao falarmos em gaúcho serrano, pensamos em solo profundo cultivável, capões de mato, rios de pequeno porte e o homem vivendo nesse meio. Não se pensa em cercas e mangueiras de pedra, cacimbas, petiços aguateiros.

Formação geológica

A impropriamente denominada Região Serrana fica situada no Planalto Médio do Rio Grande do Sul, e é formada por coxilhas de terra vermelha sem

pedras, recobertas de barba-de-bode. Descansa sobre o dorso da Coxilha Grande, de onde partem nascentes de rios que demandam às bacias do Jacuí e do Uruguai. Por isso, não possui rios de porte significativos. Protegem os rios as matas ciliares. Ao longo do curso, originam-se capões de mato nos pontos onde afloram as vertentes, formando os módulos de um sistema reticulado. As coxilhas formaram-se pela ação dos ventos e das águas sobre a poeira móvel resultante da decomposição da lava vulcânica, que ocorreu há duzentos milhões de anos, vinda da região de Cima da Serra. Assim como as matas nativas tiveram origem nas sementes trazidas da floresta do Iguaçu no bucho dos animais, a povoação vegetal das campinas deveu-se às sementes de barba-de-bode trazidas pelo vento, que se fixaram sobre o deserto vermelho e móvel fixando-o, e possibilitando o desenvolvimento de todas as demais vegetações do campo.

Vereda das Missões

Desde a descoberta do ouro em Minas Gerais, procurou-se um caminho que

ligasse o Brasil à região de criatório de mulas, na Argentina. Com a tomada das Missões por José Borges do Canto, 1801, e a vinda de D. João VI para o Brasil, 1808, retomou-se a iniciativa tão sonhada e não conseguida pelo Marquês de Pombal, a de abrir um caminho que ligasse por terra o continente de São Pedro aos demais estados do Brasil. Em 1814, D. João VI ordenou a formação da Real Expedição da Conquista dos Campos de Guarapuava. Conquistados os campos de Guarapuava, ordenou El Rey que a Expedição partisse rumo ao Rio Grande de São Pedro, em busca de um caminho para as missões. O comandante da Expedição, Diogo Pinto de Azevedo Portugal, em virtude de estar com a saúde precária, passou o encargo de cumprir a missão ao Alferes Athanagildo Pinto Martins, que se achava explorando as margens do rio Chopim.

Do rio Chopim, afluente da margem direita do rio Uruguai, Athanagildo rumou para leste descobrindo e explorando os Campos Novos, e de Campos Novos rumou para o sul, cruzou o rio Pelotas no passo do Pontão, ganhou a estrada geral de Santa Vitória e por ela

seguiu até atingir a Comandância Militar de São Borja, onde se apresentou.

Povoamento

O próprio Alferes Comandante da missão, “com sua numerosa família”, tomou posse e povoou as terras compreendidas entre o atual município de Santa Bárbara e Palmeira das Missões, à margem direita do rio Jacuí Mirim, braço mais longo do Jacuí.

Um seu irmão, Alferes Rodrigo Felix Martins, em 1824, requereu para sua “numerosa família” as terras à margem esquerda do Jacuí Mirim, compreendidas entre o Jacuizinho, afluente da margem esquerda do Jacuí Mirim, em Pinheiro Marcado, e o arroio da Glória, em Carazinho. Como uma cunha entre essas duas imensas propriedades, requereu 16 léguas de sesmarias entre Pinheiro Marcado, Carazinho, Santa Bárbara e Palmeira, Alexandre Luiz da Silva. Após estes pioneiros, numerosas outras famílias povoaram os campos do Rio Passo Fundo. Atentando-se bem, sempre se encontrará um laço matrimonial entre elas.

Os três nomes citados foram os patriarcas, embora a história registre petições com datas anteriores. Em resumo: o Planalto Médio foi povoado, em poucos anos, por grupos familiares vindos, principalmente, dos campos de Curitiba, Castro, Lapa, Ponta Grossa, Guarapuava. Por virem da terra dos pinheirais e assentar-se em terras de pinheirais foram apelidados de birivas, sinônimo de guaribas, bugios. As “numerosas famílias” incluíam agregados e escravos, além de parentes próximos. Os escravos foram trazidos, relativamente, em pequena quantidade. Quanto aos índios locais, com eles não houve nem miscigenação, nem participação nos trabalhos dos povoadores. Não se incorporaram, nem foram incorporados. Até os nossos dias os índios aqui encontrados mantêm-se puros de sangue e com vida própria.

O fazendeiro serrano

O fazendeiro serrano estabeleceu-se em coxilhas secas, com a família. Cavou poço próximo à cozinha, para o abastecimento da casa. Entaipou banhado formando lagoas, onde o gado pudesse beber da água amornada pelo sol. Ergueu morada com tábuas, esteios, baldrame de madeiras de lei falquejada a machado, cobertura com tabuinha de pinheiro de canjerana, falquejada a facão à sombra dos cinamomos. Cercou mangueira e lavoura com rachões de pi-



nho e palanques de guajuvira preta; horta e jardim. Na lavoura da casa, plantou milho, mandioca, batata doce, abóbora, mogangos e morangas para o consumo diário da família na roça, milho, feijão preto, abóboras para consumo da fazenda: cavalos, touros e vacas de leite no inverno, porcos de encerra e de chiqueiro, bem como para sustento das famílias dos peões e agregados. Fez na própria fazenda a farinha de milho e a farinha de mandioca; o beiju e a maiseina; o polvilho. Do pêssego fez pessegada, geléia, origones. Da laranja fez vinho; cortou-a com o cabinho e depositou-a sobre o forro da casa para comê-la no verão. Figada. Passa e geléia de uva. Toda a sorte de conservas e de frutas em caldas.

De carne, no diário, o serrano comia charque gordo. O charque era fervido aos pedaços para amolecer, e depois frito na banha de porco. Do charque magro faziam paçoca.

Nas tropeadas de mula e de gado vacum levavam bruacas cheias de alimentos: uma bruaca só de charque gordo para o arroz de carreteiro, outra só de paçoca para comer com café preto. No mais, arroz, feijão, toucinho, biscoitos duráveis.

O povoamento da região serrana não teve o caráter militar de conquista, incorporação e defesa do território, como na campanha. Os povoadores serranos receberam as terras de maneira mansa e pacífica, quase que como uma herança. Desconheceram as comandâncias militares e seus milicianos, e os núcleos habitacionais não se formaram em torno de igrejas e de acampamentos, e sim, em pousos de tropeiros de mula e de carreteiros. Não tiveram nem generais, nem padres, daí o caráter pacífico e familiar deles.

Estabeleceu-se em bocas de rincões, onde rios de pequenos portes faziam a cerca e forneciam a água para os potrei-

ros - A própria região de barba-de-bode constitui-se num imenso rincão circundado pela floresta do rio Uruguai e com a boca voltada para Cruz Alta e Missões. O capão de mato fornecia a lenha para o fogo, e frutas silvestres para sustento dos porcos criados soltos. Casa, arvoredo, horta, lavouras, galpões e estrebarias, encerra e chiqueiros de porcos, mais uns metros de cerca de taquaruçu ou de valos fechavam a boca do rincão até o dia em que o arame chegou.

As moradas eram modestas: casas de madeiras, paredes simples, vidraças de levantar a parte inferior. O carpinteiro caprichava um pouco nas portas, mas não muito. Portas e janelas sem fechaduras de segurança, apenas para a proteção contra a chuva, o vento e o frio, nada mais. Cozinha grande: o elemento feminino protegia-se do frio em roda do fogão e trabalhava na mesa da cozinha; o elemento masculino, próximo ao fogo do galpão.

Atividades na fazenda

O fazendeiro serrano fazia de tudo. No mato, cortava madeiras para palanques, tramas, moirões. Estas madeiras eram falquejadas à sombra dos cinamomos por todos. Todos os homens deveriam dominar a arte do falquejo, conhecer as espécies de madeiras e para que serviam.

Os campos de barba-de-bode eram queimados anualmente para fazer pasto. Muito pobres em pastagem, os brotos de barba-de-bode constituíam-se na principal fonte de alimento. Por meio de aceiros, isolava as partes a serem queimadas em cada invernação, de maneira que mantivesse igual quantia para a queima do próximo ano.

As lidas campeiras se davam em um ambiente de competitividade entre a comunidade masculina das fazendas próximas: sinalação, castração e marcação. Constituíam-se estas lidas em uma verdadeira festa campeira, onde as famílias participavam.

Os cavalos eram emangueirados durante dias para desaguaxar. Campo ruim, cavalo barrigudo, incapaz para o serviço. Normalmente usavam éguas para o serviço bruto. Em caso de acidentes que inutilizassem o animal, as éguas eram aproveitadas para cria.

Na véspera, carneavam uma novilha. Muitas famílias viriam das fazendas vizinhas assistir o serviço. Toda a carne era assada no forno de assar pão e salgada com sal fino. O resto era arroz,

feijão preto, abóbora, mandioca. Sobre-mesa, leite com canjica. O leite sempre foi servido de sobremesa, em prato fundo. No dia a dia, conforme a época, era servido com milho verde, mogango, moranga, pinhão, marmelada, pessegada, figada e até mesmo com farinha de mandioca. Mas quando era muita gente, cozinhava-se canjica. Para as famílias visitantes, doces variados feitos pela fazendeira e filhas. Debiam limonada de limão bergamota e água fresca do poço. O uso da tão cantada "caña" nunca foi permitido.

A sinalação era feita campo fora, no rodeio, laçando e pealando a cavalo, com o terneiro ainda ao pé da vaca para identificação do proprietário: fazendeiro, filhos, agregados. Todos tinham algumas cabeças de gado para ajudar no sustento. Na sinalação, era quando os mais jovens se adestravam no uso do laço, e adestravam cavalos. Não havia assistência.

A marcação era feita na mangueira. O novillo (a) era laçado dentro da mangueira e puxado porteira a fora. Ao sair porteira a fora era pealado e imobilizado. Muitas novilhas eram presenteadas a filhos, peões, agregados, afilhados e marcadas com a marca da fazenda em posições diferentes e locais diferentes: paleta, cara. Não havia necessidade de grande diferenciação, o homem do campo conhece o rebanho cabeça por cabeça.

Castravam os machos aos dois anos, quando já tinham caixa de corpo, e para não ficarem com cara de vaca. Castração também era na mangueira. Veranico de maio, para evitar a mosca varejeira, touritos rachando de gordos. Estas duas últimas lidas eram realizadas em frente à casa e assistidas por todos. Um verdadeiro festival de pealos na porteira da mangueira, com grande assistência. Laçar touros na mangueira era serviço para homens e cavalos adestrados.

Boleadeiras não faziam parte do uso campeiro do gaúcho serrano. Nas fugas, usavam-se cachorros treinados para pegar no focinho e sujeitar o vacum. As mordidas no focinho tornavam o gado vacum temente ao cachorro. Raramente fazia uso do laço.

A limpeza de carrapatos do gado era feita pelos gaviõeszinhos do campo. Os bernes entaboavam as paletas do gado vacum, local em que as moscas berneiras não eram espantadas pela cola do animal, nem pelos chifres, nem pelos movimentos rápidos dos matambres,

As bicheiras do gado vacum eram benzedas. As dos cavalos e das ovelhas, curadas com creolina. Só as bicheiras da bolsa dos cavalos eram curadas com simpatias.

O gado suíno era criado solto, em roda da casa, buscando o sustento nas frutas dos capões de mato mais perto. Sistemas trazidos dos planaltos de Curitiba.

Em grande quantidade se tornavam alçados e passavam a morar nos matos mais distantes. Na primavera comiam pitanga, cereja, sete-capote, guabiju, uvaia; no verão, as frutas da caneleira e no inverno o pinhão. Terminada a safra do pinhão, os porcos eram caçados a cachorros. Parte, enchiqueirada e engordada para o consumo da banha na fazenda; a sobra vendida, mais antigamente para os colonos e mais recentemente para os frigoríficos. As regiões de pinheirais criavam porcos alçados. Estes porcos eram caçados e emangueirados durante uns poucos dias, até se acostumarem com o tratador. Depois eram levados em tropa, ao reponte, a pé, ou até as colônias compradoras para engorde ou para os chiqueiros dos frigoríficos.

De hábito, não se consumia carne de porco na fazenda. Ela era aproveitada para fazer lingüiça, misturada à carne de vaca. Por isso, sempre que matavam uma vaca, matavam também um porco gordo. Nas latas de banha, guardavam pedaços de carnes nobres da vaca, previamente preparados, para visitas.

Todos os peões e agregados casados tinham porcos no chiqueiro e vacas de leite. Os campos de barba-de-bode não se prestam à criação de ovelhas. Os rebanhos eram pequenos: 200-300 ovelhas, quando muito, para o aproveitamento da lã. De vez em quando se matava uma para se ter carne fresca à mesa da casa, que todos comiam charque no dia-a-dia.

As galinhas eram criadas soltas, amarelas, grandes. Algumas fazendeiras se davam ao luxo de criarem galinhas rodes e carijós fechadas em pátios separados. O objetivo eram os ovos. Os ovos eram guardados no sal, para não se estragarem. Os agregados e peões criavam galinhas "fina" (de rinha) à beira do mato. Até hoje se vê muito cochino à beira de estradas. Estas aves dormem em árvores altas, fora do alcance dos predadores: graxaim e mão-pelada.

Organização social

Pode-se dizer que a fazenda serrana



Torilho dos Santos

era um matriarcado. Como tudo era feito em casa, a casa determinava o ritmo do trabalho diário, assim como as estações do ano e o tempo regiam os trabalhos campeiros. Antes do clarear do dia, fazendeiro, filhos e peões mateavam no galpão, aguardando a barra do dia. Mateando com os filhos, em cuia grande e erva mansa, o fazendeiro determinava as lidas do dia à peonada também mateando em silêncio. Ao clarear do dia, recolhiam-se os cavalos à mangueira e tirava-se leite das vacas. No verão, mais de 30 vacas de leite eram ordenhadas para se fazer queijo. Tratavam-se os porcos dos chiqueiros e da encerra. Para o trabalho de rotina havia ordem, cada peão sabia o que fazer. Para os serviços de campo, tropeada, doma, mato, roça, lavouras e transporte, sempre havia um mais apto. Na realidade, o fazendeiro comandava uma equipe de homens. A peonada era toda nascida e criada dentro da propriedade. Pretos e mulatos, nunca índiático.

Quanto ao suprimento da casa, a fazendeira mandava socar no pilão: arroz, trigo, canjica, erva, paçoca; fazer e assar no forno pão, biscoitos, roscas de polvilho, roscas de polvilho pequenas, duras, que a gente molhava no café para comê-las; e mandava carnear, varrer os pátios e limpar o arvoredado.

Não conheci o monjolo, que foi muito comum.

Ensinavam à criançada ler, escrever, fazer contas e rezar; às meninas, prendas domésticas.

A fazenda serrana era um mundo a parte, auto-sustentável. Comprava sal, açúcar refinado, café e fazendas. Vovó Carolina fazia enormes ponchos forrados de baeta vermelha sobre a mesa grande da varanda. E passava o dia inspecionando desde o quarto de costuras - que toda a roupa era feita em casa - até as lavouras.

(Pedro Ari Veríssimo da Fonseca é médico e pertence às Academias Passo-Fundense de Letras e de Medicina.)

Necrológico:

Álvaro Severo de Miranda (1921 – 2005)

OSVANDRÉ LECH

O “Dr. Álvaro Miranda”, como era conhecido por todos, nasceu no Alegrete, formou-se na UFRGS em 1948, e trabalhou em Ibiaçá e Sananduva até 1964, quando se fixou em Passo Fundo. Aqui desenvolveu uma vida intensa na atividade profissional, no convívio social e liderança. Foi casado 56 anos com a dona Silly, sua amada companheira até os momentos finais. De contato social amável e sempre disponível, o casal Álvaro e Silly desenvolveu um grande círculo de amizades, sendo admirados por isso. Os filhos Renato, Fernando, Helena e Mara lhes trouxeram alegrias e uma vida cheia de realizações familiares. No curso natural da vida, os netos Natália, Laura, Isabela e Álvaro acrescentaram encanto e jovialidade à família e foram o orgulho do vovô.

O Dr. Álvaro Miranda pertenceu à última geração de médicos que exerceu a profissão no sistema “particular ou gratuito” e no já esquecido rito da visita familiar, em que o médico ia até a casa do paciente. Com a inexistência de intermediários na saúde, ele exerceu, com critério ético e justiça social, o balanço entre esses dois extremos, auxiliando um grande número de pacientes que não tinham como arcar com as despesas médicas. Dedicado à ginecologia e obstetrícia, orgulhava-se de dizer que foi responsável por mais de 3.000 nascimentos. Marca difícil de alcançar. Foi sócio-fundador e presidente da Unimed Planalto Médio por dois mandatos, fundador do Lions Club de Sananduva, organizador do Serviço de Prevenção ao Câncer Ginecológico no



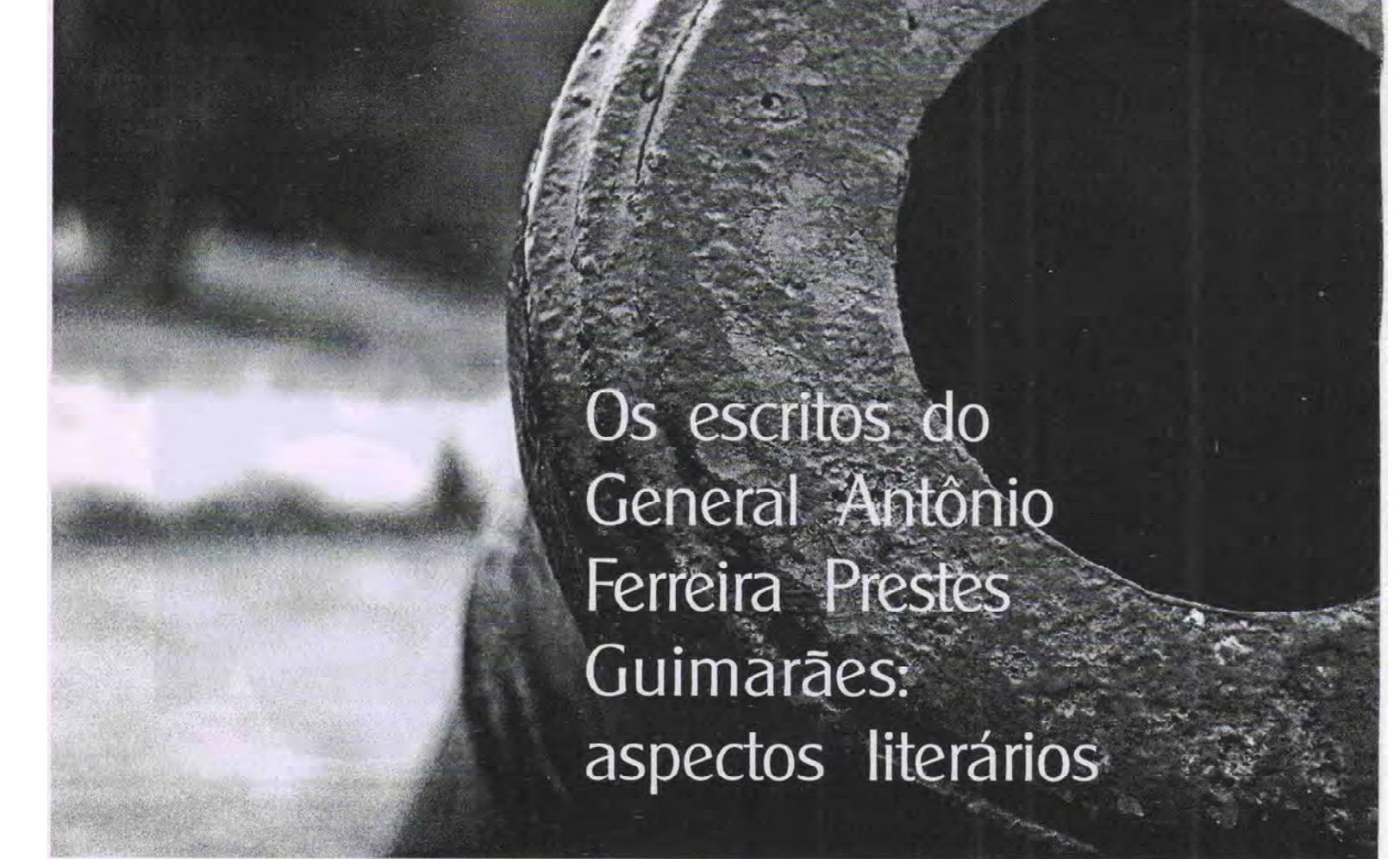
Centro de Saúde local, dentre outras importantes participações.

Os idealizadores da Academia Passo-Fundense de Medicina reconheceram a sua importância na comunidade médica, na cidade e região, e lhe prestaram merecida homenagem através de convite para ocupar uma cadeira, mesmo com suas condições físicas debilitadas. A sua posse, em caráter privado, foi emocionante para todos. De forma infeliz, foi a própria cadeira ocupada por ele a primeira a vagar na novel Academia.

“Ele sempre buscou a ética”, comentou Helena. “Foi um pai adorável e amoroso”, disse Mara. “Foi muito especial a viagem que fizemos pelo Canadá 5 anos atrás. Conheci-o de verdade”, filosofou Fernando. “Foi uma morte lenta e cheia de paz, a antítese da morte súbita”, analisou Renato. Cada filho expressando à sua maneira a admiração pelo pai-herói.

“Um dia bem empregado traz um sono feliz, da mesma maneira que uma vida bem vivida traz uma morte feliz” escreveu Leonardo da Vinci há 500 anos. Isto se aplica inteiramente ao Dr. Álvaro Miranda.

Resquiescat in Pace.



Os escritos do General Antônio Ferreira Prestes Guimarães: aspectos literários

ANA CAROLINA MARTINS DA SILVA

O presente trabalho foi apresentado em forma de comunicação, no “Seminário 111 Anos da Batalha de Passo Fundo”, que ocorreu no período de 27 a 29 de junho de 2005, no centro de eventos do Bourbon Shopping, em Passo Fundo, sob a coordenação do professor M.S. Ney Eduardo Possapp d’Ávila, diretor do Centro Regional III da UERGS. O Seminário teve como objetivo rememorar o fato histórico mais conhecido como “Batalha do Pulador” ou “Batalha de Passo Fundo”, acontecido durante a Revolução Federalista (1893-1895) e foi promovido pela Prefeitura Municipal de Passo Fundo, tendo como apoiadoras, entre outras, duas das entidades das quais faço parte: a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul e a Academia Passo-Fundense de Letras. No dia 27 de junho, tivemos a presença do reitor da UERGS, Prof. Dr. Nelson Boeira, que abordou “O positivismo no contexto da Revolução Federalista”. No dia 28 de junho, dois acadêmicos fizeram seus pronunciamentos: prof. Welci Nascimento, com o tema:

“Causas da Batalha” e o escritor Paulo Monteiro “Batalha do Pulador e os combates que a antecederam”. No dia 29 houve as falas dos professores da Universidade de Passo Fundo: Dr. Ricardo Henriques – Relato do acontecimento “Maragatos e Pica-Paus”, e profa. Isléia Rossler Streit – “Repercussões da Batalha no contexto político estadual”. Outro fator que para mim foi muito relevante no Seminário, além de todo o conhecimento adquirido, foi a presença da Escola em que trabalho, o NEEJA – Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos - durante todo o Seminário.

Sob o título de “Os escritos do General Antônio Ferreira Prestes Guimarães: aspectos literários”, pretendi dar a conhecer aspectos da biografia de Prestes Guimarães, destacando sua importância para as questões culturais de nossa região, bem como promover a análise de textos onde ele aborda a Revolução de 93, a batalha de Passo Fundo, suas idéias e convicções. Meu objetivo foi estudá-los sob alguns aspectos literários, entre outros, contribuindo para o enriquecimento dos estudos sobre a importância do General Antônio Ferreira Prestes Guimarães para Passo Fundo, para o

RS, e revelando a relevância de seu depoimento como registro de seu tempo.

O General Antônio Ferreira Prestes Guimarães nasceu em Passo Fundo, no dia 13 de junho de 1837. Era filho de José Ferreira Prestes Guimarães e Maria Nascimento Neves, portanto, neto do Cabo Neves. Segundo o historiador Ney d’Ávila (1996, p.121), em seu livro “Passo Fundo: Terra de Passagem”, nada se encontrou registrado sobre seus estudos, depois das primeiras letras, o que indica que deve ter sido autodidata. Em Passo Fundo, exerceu várias funções burocráticas: em 1874, secretário da Câmara Municipal, eleito vereador em 1881, foi presidente da Câmara (prefeito) entre 1882 e 1886, então no posto de Major da Guarda Nacional. Foi líder municipal do Partido Liberal, a partir de 1882, deputado provincial nas legislaturas de 1885, 1887 e 1889, e vice-presidente da Província, o que causou um certo deboche por parte dos intelectuais da época. D’Ávila, ao comentar este episódio, diz: “Como Serrano, o primeiro a presidir a província, e “rábula” (advogado sem curso jurídico), era considerado um “grosso” pelos bacharéis republicanos, sendo vítima de versos publicados no

jornal A Federação, que o censuravam e o ridicularizavam. Foi promovido a general pelo Estado Maior das forças federalistas e assumiu o comando de um dos exércitos revoltosos na Revolução de 1893. Após seu término, asilou-se na Argentina. Anos mais tarde voltou a Passo Fundo, reassumiu a liderança do Partido Federalista e sua banca de advocacia, vindo a falecer em 19 de setembro de 1911.

Alguns de seus escritos, resgatados pelo historiador Sérgio da Costa Franco e imortalizados por Martins Livreiro Editor, em 1987, com o título de “A Revolução Federalista em Cima da Serra”, refletem um homem de preocupações humanistas, um historiador que, talvez sem a noção exata da grande significação de seu trabalho, vai registrando, em diferentes vozes, os acontecimentos mais importantes daquele período, entre 1892 e 1895.

Com uma redação muito próxima às características gerais do Romantismo, estilo literário de época, que começava a ser superado, ressalta nos combates aspectos de heroísmo e valorização da natureza, que é apresentada como um refúgio, quase como um personagem da batalha; expressa as paixões e as emoções a partir do uso farto de adjetivos; e faz uma exaltação à liberdade humana, contrapondo-a aos horrores da guerra. Tudo é calcado numa profunda observação da influência da sociedade no espaço restrito do indivíduo, o que se pode notar quando cita os mortos, detalhando suas características pessoais, como profissão, número de filhos, condição matrimonial, entre outros. Werneck Sodré (2002, p. 230), em seu livro “História da Literatura Brasileira”, diz

que “A luta romântica não é mais do que o conflito entre o mundo novo que surge e o velho que declina depressa.” Em suas falas, Prestes lastima a exposição da família à violência, o roubo de gado, a fraude nas eleições e a banalização dos assassinatos sem uma aparente razão de justiça.

Ampliando as reflexões, o livro do General de Passo Fundo apresenta também características naturalistas, ora realistas, ora impressionistas, quando expõe os corpos em detalhes, aludindo às causas das mortes (cortes, estacas, tiros, ferimentos). Faz isso com palavras duras, coloridas de muito sangue, entre outros aspectos, escancarados pela barbárie humana na Revolução de 93.

Como exemplo, podemos citar a passagem em que o General se refere a algumas mulheres “processadas” pelos maragatos:

Da cadeia do Passo Fundo arrancaram-se míseros presos, inclusive algumas infelizes mulheres, processadas, para serem vítimas do punhal homicida – com prévio cortejo de cruéis torturas – em um sítio lúgubre nas proximidades do “Vallinho”, a 6 quilômetros da cidade. (Prestes Guimarães, 1987, p. 24-25)

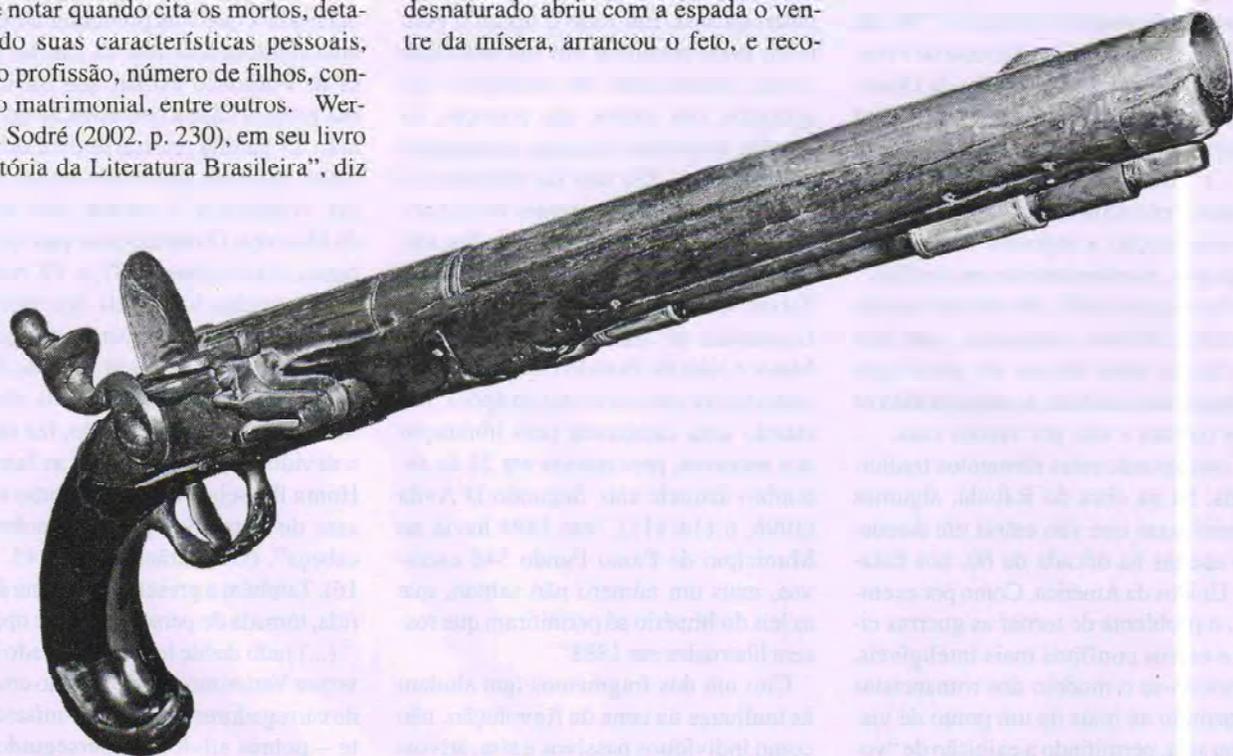
Ainda, em nota de rodapé, Prestes complementa esta informação, com uma pequena história:

Uma das vítimas, ainda mocinha, pediu ao principal algoz que não a matasse, pois estava grávida, e a mísera criança era seu neto. Desatendida! O avô desnaturado abriu com a espada o ventre da mísera, arrancou o feto, e reco-

nheceu que era seu neto – pelos cabelos cor de fogo. Então, humanizando-se, o sepultou decentemente!

Estas características de *Contador de histórias* e *Contador da História* se confundem na obra do autor. Burke (1992, p. 326 – 348), no livro “A escrita da história: novas perspectivas”, comenta uma discussão surgida na França, no início do século vinte, sobre as diferentes formas de se registrar fatos acontecidos na história da humanidade. Segundo ele, esta discussão se colocava em duas pontas diferentes: a narrativa, que seria considerada como superfície dos acontecimentos, a chamada “história dos acontecimentos”; e a estrutura, onde, ao invés de narrar, o historiador deveria analisar as estruturas em correntes mais profundas.

Ao verificar as características de um historiador tradicional, percebia-se a tendência a exprimir suas explicações de caráter e intenções individuais, passando por cima de aspectos importantes da estrutura econômico-social e até da experiência e do modo de pensar das pessoas comuns, em linha geral. Já os historiadores estruturais procuravam analisar o contexto para fazer suas narrativas, método que atualmente inclui duas partes: conjuntura e estrutura. Diante do exposto, podemos perceber, nos manuscritos do General Prestes, aspectos tanto de historiador tradicional, quanto de estruturalista, o que o coloca numa po-



sição à frente de seu tempo. Embora não contemple a totalidade das características de ambos, Prestes, sem dúvida, analisado sob a ótica de Burke, perde sua característica de cronista local, para atingir um *status* universalista. A saber:

Embora o General passe por cima da grande estrutura internacional, não fazendo referência alguma ao contexto mundial da época e faça uma pequeníssima referência à conjuntura nacional, que contempla com apenas um fragmento de frase: “depois da queda do império” (1987.p.14), no que tange ao Rio Grande do Sul, abre seu trabalho com o que ele chama de “Prodornos” da revolução civil em Cima da Serra”, fazendo uma descrição do momento político no Rio Grande do Sul, e restringindo, a meio texto, aos municípios de Passo Fundo, Soledade e Palmeira, na seqüência cronológica de junho a dezembro de 1892. Esses Prodornos são enriquecidos por notas de rodapé, onde ele vai reiterando suas informações com dados comprováveis por documentos e com a ilustração através de histórias pessoais dos envolvidos nos grandes acontecimentos. Esta atitude é extremamente tradicional, no que diz respeito à forma de narrar, e moderna, no sentido de valorizar as posições de pessoas comuns.

Apesar destas notas, o autor não consegue evitar enfatizar atos e decisões de líderes, o que obscurece as distinções entre os líderes e os seguidores, quando comenta aspectos da batalha. Cito como exemplo (1987.p.55): “No dia 17 de agosto, a Coluna Serrana de Prestes Guimarães e a Missioneira de Dinarte Dornelles, baldas de recursos para continuarem na santa cruzada, dividiram-se (...)”. Burke salienta que este tipo de postura “encoraja os leitores sem grande imaginação a suporem o consenso de grupos, freqüentemente em conflito”. Na Revolução de 93, deveria ter havido grandes conflitos, realmente, visto que as classes mais baixas da população entraram em combate, acompanhando os seus padrões e não por razões suas.

Contraopondo estes elementos tradicionais, há na obra do Rábula, algumas experiências que vão entrar em discussão apenas na década de 60, nos Estados Unidos da América. Como por exemplo, o problema de tornar as guerras civis e outros conflitos mais inteligíveis, seguindo-se o modelo dos romancistas – partindo de mais de um ponto de vista, ou seja, permitindo a exibição de “vozes variadas e opostas”, praticando a



Torquato Severo, um dos comandantes federalistas na Batalha do Pulador

heteroglossia. Em todo o texto, o bom leitor pode encontrar em sua descrição a fala diferenciada das mulheres, dos soldados, dos índios, das crianças, da família, do próprio inimigo, excetuando a dos negros. Ele não faz referência à cor da pele dos contingentes revolucionários, embora algumas fotos dos soldados, na ocasião, revelem suas etnias. Talvez isso se deva ao fato de Prestes Guimarães ter sido, em 1884, quando Major e líder do Partido Liberal, um dos importantes abolicionistas da época, iniciando uma campanha pela libertação dos escravos, proclamada em 28 de setembro daquele ano. Segundo D’Ávila (1996, p.114-115), “em 1884 havia no Município de Passo Fundo 546 escravos, mais um número não sabido, que as leis do Império só permitiram que fossem libertados em 1888”.

Cito um dos fragmentos que aludem às mulheres na cena da Revolução, não como indivíduos passivos e sim, ativos:

O aviso fora dado por minha incansá-

vel mulher que fora prevenida disso por uma afetuosa sobrinha. D. Emília, esposa de Francisco Miller, que ouvira em sua própria casa a combinação do atentado. D. Emília prestou muitos serviços dessa natureza, salvando outras cabeças, condenadas a caírem pelo punhal da Masorca. O marido pica-pau; ela maragata. (Guimarães, 1987, p. 19. Nota 6).

As atitudes louváveis dos inimigos também são citadas, dando margem às suas falas: “Em abono da verdade, é mister declarar que Santos Filho, durante sua estada em Passo Fundo, fez manter o devido respeito para com as famílias. Honra lhe seja... ao menos como atenuante de faltas que gravitam sobre sua cabeça”. (Guimarães, 1987, p. 41. Nota 16). Também a presença indígena é referida, tomada de personalidade e opinião:

(...) tudo desde logo arrecadado e salvo por Veríssimo, com o auxílio em parte de carregadores indígenas – mísera gente – pobres silvícolas, perseguidos pelos legalistas, sem dúvida por se mos-

trarem simpáticos para com os revolucionários. (Guimarães, 1987, p. 51).

Segundo o historiador passo-fundense, Prof. Ney D'Ávila, esta conduta dos habitantes do mato, ou Kaingangs, já havia sido percebida na Revolução Farroupilha, e depois, na Revolução de 23.

Prestes Guimarães ainda faz uso de suas notas de rodapé para corrigir distorções que cometeu quando redigiu o texto original, como no seguinte caso:

(...) nem Gervázio amanheceu a 21 de dezembro na cidade. (...) Engano. Melhor informado retifico. Pessoa competente, que se achava em Passo Fundo na ocasião, afirma que Gervázio estava por esse tempo ausente, não podendo assim ter disparado adiante, nem mesmo com os companheiros. Só a luz da verdade me guia nesses apontamentos. (Guimarães, 1987, p. 34. Nota 12).

Esta atitude faz parte de uma das soluções encontradas pelos historiadores atuais para resolver o problema da percepção dos limites de seu trabalho, dando ciência dos acontecimentos, mas percebendo que talvez não esteja contando a totalidade do que exatamente aconteceu. Em suas notas de rodapé, Prestes Guimarães, em 1895, faz o que Peter Burke cita, em 1992, como uma grande novidade, em termos de escrita de História. Com sua narrativa densa, o escritor consegue lidar não apenas com a seqüência dos acontecimentos, mas também com as estruturas, ou seja, com as instituições, modos de pensar, espaço geográfico, explicando se elas atuam como um freio ou um acelerador para aqueles.

Podemos detectar alguns tipos de freio, a julgar pelos critérios já citados. O tempo (1987- pág. 30): "O inverno tombara no abismo do passado. Voltavam os oprimidos às lides cruentas da guerra."; a igreja (1987 - pg. 21 - nota 8): "(...) Dizem que o vigário fizera preces



para moderar aqueles horrores, e que dali em diante já não tiravam em grupos da cadeia, mas nem por isso a matança deixou de ser contínua e progressiva."; a natureza, em especial a mata, é muito referenciada por Prestes, vê-se que realmente ela torna-se mais um, na batalha, à semelhança da citação que faço agora (1987, p.39): "Santos Filho, estratégico e tático, simulou ferir combate nesse ponto, do "Umbu", porém, oculto por colinas quebradas e capões de mato, conseguiu avançar(...)" ou "ao inimigo que, a esse tempo, já se aproximava do Vallinho", protegido por farto banhado, que nasce junto à estrada geral do Passo Fundo a Nonoai. Ou ainda (1987,p.40): "O corpo ao mando do denodado Veríssimo, tenazmente perseguido, mas sempre tiroteando a vanguarda inimiga, entranhou-se na Serra do "Capo-Erê", ocupando com seus piquetes as bocas das diversas picadas, e resguardando assim, nas sombras da vasta floresta, o depósito sagrado de tantas famílias honestas (...)"

Portanto, Antônio Ferreira Prestes

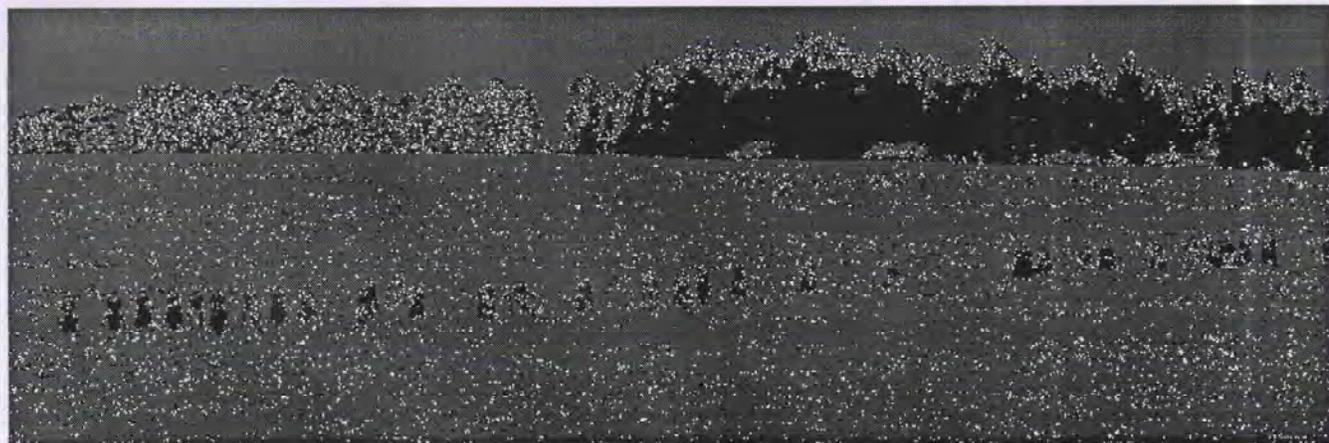
Guimarães pode vir a comprovar, 111 anos depois, o que seus inimigos desafiavam nos tais versos satíricos: *Não é pra qualquer do mundo/ ser delegado do paço/Precisa ter algum fundo/ Quem toma régua e compasso!*. Prestes Guimarães, independente de sua fama como General, tinha fundo, régua, compasso, dom, e poderia muito bem estar sendo conhecido como um grande escritor, historiador e até poeta. Segundo nota que me foi fornecida pelo Prof. D'Ávila, Ângelo Dourado, médico baiano e cronista da coluna revolucionária de Gomercindo, teria declarado, que depois da Batalha, nos arredores do Carovi, poucas horas antes do principal chefe revolucionário, Gomercindo, ser atingido mortalmente, havia encontrado Prestes Guimarães:

"Pouco adiante estava Prestes Guimarães à espera da coluna dele, e eu tinha que esperar a minha gente para mudar o meu cavalo. Deitamo-nos na grama e nossa conversa remontou às tristezas do exílio. Prestes Guimarães mostrou-me uns versos que escrevera no exílio, em Corrientes. Eu os lia quando chegou um ajudante de Gomercindo que mandava apressar a marcha, [...]".

Do livro "A Revolução Federalista em Cima da Serra" ainda faz parte o Diário de Campanha que, pela qualidade já exposta, de seu autor, merece uma análise profunda, em separado. Como isso não me é possível agora, em função do tempo, agradeço a todos e a todas, a atenção.

Obrigada!

(Ana Carolina Martins da Silva é professora de Língua Portuguesa e Literatura no NEEJA/ Passo Fundo, UERGS/Erechim/Vacaria / Veranópolis. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras, cadeira nº 17, de Ernani Guaragna Fornari.)



Batalha do Pulador



(FOTOS: ENCENAÇÃO DA BATALHA DO PULADOR, 2005 - ARQUIVO ON)

JABS PAIM BANDEIRA

O município de Passo Fundo foi palco da maior batalha já travada na Revolução Federalista de 1893, sendo uma das maiores e mais sangrentas registradas na história revolucionária do Brasil.

E quem nos diz isto, não são só os historiadores, mas também aqueles que participaram da Batalha do Pulador, como Ângelo Dourado, médico desta Revolução, nas páginas de seu diário que virou obra: *Voluntários do Martírio*.

Entre os historiadores que deram seu testemunho em suas obras, a moldura e o destaque do que a Batalha do Pulador representou em grandiosidade na Revolução Federalista, podemos citar, entre outros: Miro Vernalha, Ricardo Aldabo Lopes, Moacir Flores e Hilda Agnes Huber Flores, Jorge Salis Goulart, Wenceslau Escobar, Jonh Chasteen, Rossano Viero Cavallari, Sejanos Dornelles,

Carlos Reverbel e Arthur Ferreira Filho.

A Batalha do Pulador não foi só destacada pelo grande número de feridos e mortos, mas também pela estratégia desenvolvida por seus comandantes, quer do lado republicano, quer do lado federalista.

Foram exploradas pelos republicanos as geografias do terreno, a fim de dificultar e diminuir a eficácia da maior arma que dispunham os federalistas, comandados por Gen. Gumercindo Saraiva, que foi sua cavalaria, quase imbatível, a qual não pôde evoluir, em razão do banhado e da ponta de mato, tornado barreira intransponível e as posições dos picapaus, quase inexpugnáveis, pois os cavalos se atolavam nos banhados, obrigando os gaúchos a pelejarem a pé, munidos de suas lanças, e as armas de fogo, já com pouca munição.

O comandante pica-pau, Gen. Lima, organizou suas forças em quadrados, cada uma com um comandante, que ficaram quase monolíticas, de difícil enfrentamento. Tais quadrados eram dis-

postos em um aclave, protegidos pelos acidentes geográficos do terreno, dificultando a ação dos maragatos.

Não obstante a ênfase com que todos escreveram sobre a batalha, ela não teve à divulgação a popularidade necessária, em seus pormenores e particularidades, a fim de ser avaliada com justiça pela história. O mesmo acontece com a própria Revolução Federalista de 1893, a qual não teve o destaque que outros movimentos alcançaram, nem são conhecidos e reconhecidos seus heróis, entre os quais o grande General Gumercindo Saraiva que, em sua marcha, percorreu mais de 6 mil quilômetros, saindo do Rio Grande do Sul, indo até o Paraná, lutando por liberdade e por um ideal, numa situação por demais precária, quer em armas, indumentárias e alimentos, sendo obrigados seus soldados a comerem milho seco e pinhão, isso quando tinham. E mais interessante de tudo é que, não obstante esse estado famélico, lutavam e muitas vezes venciam tropa muito melhor preparada e articulada do Governo

da República. Por mais dificuldades que os soldados tivessem ou sofressem, sempre foram leais à Gumercindo, acatando suas ordens e devotando uma afeição por seu chefe supremo, cuja palavra era mais que uma lei, sendo acatada por todos, em quaisquer ocasiões.

É em razão de todos estes acontecimentos, sem precedentes em nossa história, bem como das razões já expostas, que, sensibilizado pela iniciativa da Prefeitura Municipal de Passo Fundo, em diversos governos, inclusive na Administração Airton Dipp e Adirbal Corralo, com a promoção da semana dedicada à Revolução e à Batalha do Pulador, ocorrida em 27 de junho de 1894, quando neste mês, todos os anos, trazem palestrantes para conscientizar a população da importância da Revolução e da grandiosidade da Batalha ocorrida em nosso município, que os Cavaleiros do Mercosul, com a parceria importante da Brigada Militar e outros segmentos que nos emprestaram apoio, resolvemos, já no ano passado, encenar pela primeira vez a Batalha do Pulador, no local onde aconteceram os fatos. Neste ano, também, lá estaremos encenando pela segunda vez, durante as festividades do aniversário de nosso município, nos preparando para a grande encenação, nos 150 anos de Passo Fundo, que ocorrerá no próximo ano, em 7 de agosto.

Passaremos a transcrever, sob a ótica de alguns escritores que narraram a Batalha do Pulador, primeiramente a derradeira e importante jornada das forças de Gumercindo Saraiva até chegar em Passo Fundo, inclusive suas primeiras palavras quando avistou nosso município.

Moacir Flores e Hilda Agnes Hubner Flores descreveram a chegada de Gumercindo, na obra "Rio Grande do Sul - Aspectos da Revolução de 1893", pág. 89:

"As colunas de Gumercindo e de Aparício Saraiva se uniram perto de Campos Novos, em longa marcha em pleno inverno, percorrendo caminhos acidentados, com deserções contínuas, perdendo animais e armas. Quando atravessaram o rio Pelotas, a 31.5.1894, foram alcançados por 500 homens do Sen. José Gomes Pinheiro Machado. Os federalistas deslocaram-se até Barracão onde descansaram por dez dias. Estavam no Rio Grande do Sul.

A 13.5.1894, as forças do Gen. Artur Oscar atacaram as de Torquato Severo, obrigando-a a recuar até o acampamento junto a Barracão. Com a chegada da noite, os Pica-Paus se retiraram.

Gumercindo Saraiva ordenou a retirada. Índios jês auxiliaram os federalistas a transporem o rio Forquilha, carregando munições e fornecendo milho. A marcha continuou com as travessias dos rios Ligeiro, Lajeado e Uruguai-Mirim. A 16.6.1894 encontraram as forças do Cel. Prestes Guimarães, somando às duas forças mais de 3.000 homens".

A chegada ao nosso município, na visão de Ângelo Dourado, médico que acompanhou Gumercindo, em seu diário transformado na obra já citada:

"Há dois mezes, 22 de Junho," (1894) "que caminhamos sem descanso, sem *allivio*, quasi sem ver o céu. Hoje *sahimos* nos campos de Passo Fundo. A chuva que nos perseguiu nas duas léguas de picada que tivemos que percorrer de manhã, cessou apenas *sahimos* no campo, e um sol esplendido se apresentou, como quem dizia: já que *estaes* alegres, *sahindo* no campo onde podereis lutar, eu vos venho saudar, *martyres heroes* dessa jornada *phantastica*! Venho enxugar vossos *andrajos*".

"Na manhã do dia 27 de junho ninguém se movia, como na eminência de uma grande batalha, certamente a mais sangrenta desta cruel guerra entre irmãos. Acabavam de chegar alguns companheiros e uma carreta com alguns cunhetes de munição. Gumercindo havia ido ao acampamento de Prestes Guimarães, cuja *columna* dava os piquetes para o serviço *d'aquelle* dia. Eu montei a *calvallo* para ir à barraca do coronel Brazil,



que era no alto junto da de Gumercindo e, apenas cheguei, avistei-o junto ao longe, correndo a todo o galope para nós, e apenas chegou ao alcance da voz gritou: O clarim que toque *apromptar* depressa. Dei a ordem e *imediatamente* todos os clarins deram *signal de apromptar acelerado*. Gumercindo chegou onde estávamos e disse: Vamos brigar, os bichos *ahi* vem, já um piquete tireote com *elles*...".

"...Eu estava com *elle* quando chegou a *columna* de Prestes Guimarães. À nossa direita havia um arroio marginado de *matto* serrado. Gumercindo falou a Prestes para mandar um corpo *atravesal-o*...". "... Bem, disse Gumercindo, então mande um corpo *collocar-se* em linha de atiradores aqui para não *deixal-os* procurar o passo.

Tendo chegado as forças, *elle* mandou deitar fogo *n'um* ponto para o inimigo não ver a manobra de nossas forças, mas entenderam tão mal a ordem, que em vez de lançarem o fogo do lado direito da estrada somente, porque iam marchar as forças pelo lado esquerdo, lançaram em ambos lados, de modo que em pouco, nem só o fogo como a fumaça nos *enncomodava*.

Eu *colloquei-me* ali para ver desfilar as forças. Nunca as vi marchar para o combate com tanta alegria".

"...Aparício brincava com o *calvallo* dando vivas que a sua infantaria respondia com *entusiasmo*.

Torquato Severo, o calmo e *silenciozo* Torquato, que por falta de *calvallos* transformara todos os seus lanceiros em atiradores ...".

"... Os bagageiros e as mulheres vieram para cima da *cochilha*, eu porém, ordenei-lhes que fossem para uma canhada, porque em pouco o inimigo deveria estar atirando do lado *opposto*, porque eu via galopar os vedetas em todas as *direcções*.

Não tardou em chegarem os feridos. Nada tínhamos para *cural-os*, recorri às mulheres e *ellas* deram-me não só fazendas brancas que tinham, como alguma roupa branca, eu encarreguei-as de fazerem ataduras. Já Aparício tinha perdido um *calvallo*, e seu ajudante major Pietro tinha morrido a seu lado.

Comtudo recebemos ordens de avançar.

Alguns se alegraram, julgando que o inimigo batia em retirada - Não se alegrem. *Elles* têm artilharia e *ella* ainda não trabalhou, portanto *elles* nos chamam para terreno apropriado, disse eu.

Realmente quem havia retirado, era a vanguarda, que deixava no campo um major. Íamos marchando quando ouvi o primeiro tiro de canhão. Presente *d'is*se eu, já vamos! Este dito provocou ditos *chistosos* dos que marchavam *commigo*.

Nossas forças não estavam completas. A brigada de Apparicio que era de 530 homens, só tinha ali 300. Torquato teria quando muito 200. Pahim 150. O batalhão do coronel Jesus e polacos 150.

Teríamos portanto no *maximo* 700 atiradores, e as munições poucas. As forças de Prestes Guimarães *quasi* todas de lanceiros poderia ter 800 homens *prontos* para combate. Com a nossa *aproximação* cessou artilharia.

A infantaria ao mando do jovem Antonio Nunes, ao subir a *cochi-*

lha avistou

uma pequena *columna*. Na mesma *ocasião* chegava Gumercindo...". "Gumercindo mandou que fizesse pontaria segura e calma porque temos poucas munições. Foram disparados os cinco tiros de um estojo de Manlicher pela linha. Quando se desfez o fumo a força tinha desaparecido, mas ficaram tantos mortos e feridos que Pedro Amaral que vinha *commandando* uma guerrilha, mudou de caminho julgando ver ali uma força deitada na macega. Só mais tarde notou-se que a *immobilidade d'elles* era para sempre. Depois disso surgiu na coxilha a força inimiga formando três quadrados; calculamos esses quadrados em mil homens cada um.

As nossas forças ficaram dispostas do seguinte modo:

Torquato Severo a direita, Apparicio e augusto Amaral no centro, Pahim a esquerda. Prestes Guimarães flanqueava-os pela direita procurando *logar* e esperando ordem para carregar.

Inconveniente horrível para forças sem *cavallaria*, que sendo ameaçadas de carga conservam-se sempre em quadrados, onde a fuzilaria faz destroços horríveis. Durante três horas seguidas a nossa infantaria fazia moverem-se *aque-lles* quadrados que apresentavam claros visíveis, porem que *immediatamente* eram fechados. Os *officiaes* inimigos mostravam uma bravura digna de *brazileiros*, senão fossem instrumentos de um

poder tão *tyranno*, de uma causa tão nefanda; Corriam de um lado para o outro, de espada desembainhada ordenando e organizando os quadrados e a chuva de balas que *cahia* sobre *elles* não lhes alterava a marcha nem a compostura. Essas vidas, que a Pátria tanto afagaria para os seus dias de luta honrosa, ali se expunham na mais cruel das guerras a favor dos *oppressores e oprimidos*".

"...Em vista das nossas condições, Gumercindo conferenciara com Prestes e combinaram um ataque simultâneo de infantaria e *cavallaria*. A infantaria marcharia sobre os quadrados inimigos, obrigando-os a se desdobrarem em linhas de batalha e a *cavallaria cahiria* sobre elas cujo desbarato seria *immediato*. Esse plano ousado de um recurso extremo, era exigido pela certeza da *aproximação* das forças de Arthur Oscar, que, desde as 10 horas da manhã, deviam ouvir as descargas, achando-se a quatro léguas de distancia, e portanto pondo-se logo em marcha não tardariam em atacar-nos a

retaguarda.

Depois dissera a Toquato Severo o que íamos fazer, cuja gente *enthuziasmada* ardia em desejo para atacar, e recebera a noticia com gritos de alegria, veio Gumercindo para a coxilha onde se achava Apparicio, já impaciente.

O dia declinava, nossas munições *escaseavam*. Arthur Oscar podia estar perto, e o inimigo continuava firme. Gumercindo mandou a Prestes Guimarães para que ordenasse carga, e os valentes seranos marcharam para isso.

Mas um profundo *vallado* privou-os de mostrar a bravura que tantas vezes provaram, ali. O fogo no campo *occultava* completamente o inimigo, a ponto de *elles* irem alem, mas ali era *matto* cerrado servindo-lhe de retaguarda. Gumercindo veio e disse a Nunes: Arthur Oscar deve estar perto. Ou rompemos estes quadrados, ou estamos mal. É preciso carregar, ao que Nunes respondeu: Carreguemos.

Gumercindo mandou tocar *signal* de chefe e sentido. A infantaria *apezar* do toque de sentido, conservou-se deitada, ao que Nunes disse-lhes: Não ouviram toque de sentido? Levante-se e vamos atacar. Guardada as proporções, a

phrase de Wellington em Waterloo, quando a *cavallaria* de Ney avançava: "Levantai-vos, guardas. E preparai", não tem mais valor do que estas palavras do jovem *brazileiro*.

Ao ouvir o sinal de carga eu corri para *cochilha* e vi o espetáculo mais *lugubremente* grandioso que só a presença e a vista podem dar *ideu*. Nossas forças marchavam calmas, *methodicas* contra os quadrados, como *sonnambuluses* que não vem o *abysmo* para onde se dirigem.

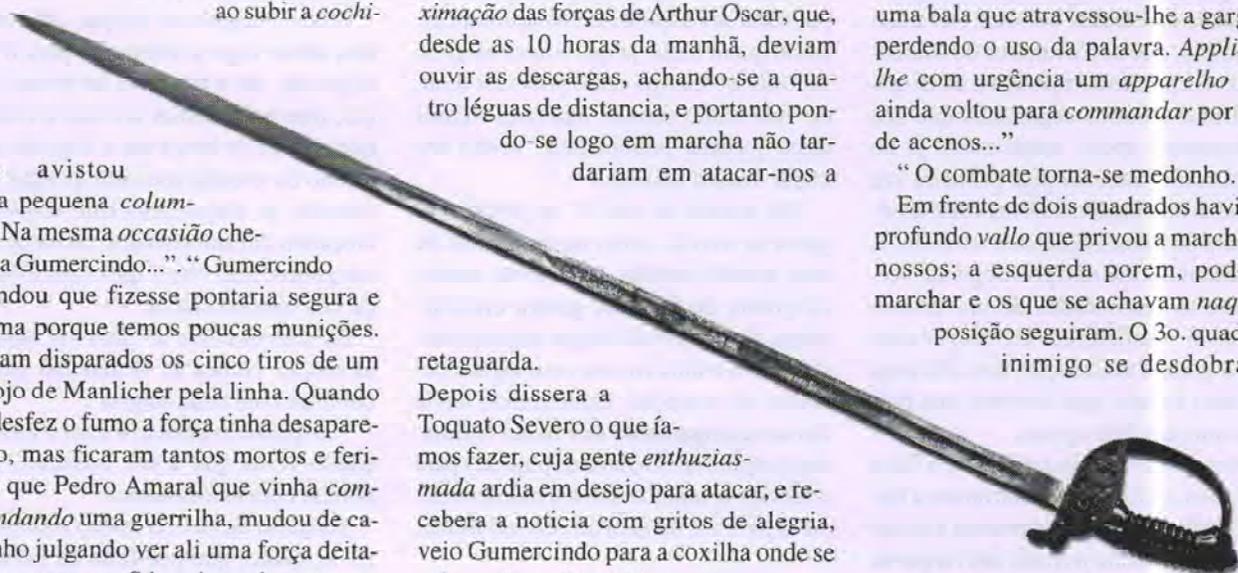
Dos quadrados *sahia* um fogo contínuo de fuzis e metralhadoras e o nossos caminhavam com a impavidez das ondas que vem do mar para se despedaçarem nos rochedos, que *immoveis* as esperam. Alguns feridos fizeram-me a voltar ao meu posto, entre eles Nunes com uma bala que atravessou-lhe a garganta perdendo o uso da palavra. *Appliquei-lhe* com urgência um *apparelho* e ele ainda voltou para *commandar* por meio de acenos..."

"O combate torna-se medonho.

Em frente de dois quadrados havia um profundo *vallo* que privou a marcha dos nossos; a esquerda porem, podia se marchar e os que se achavam *naquelle* posição seguiram. O 3o. quadrado inimigo se desdobrando

veio sobre os nossos e a luta se travou à faca e coice de armas, pelos nossos que não tinham sabres, e a sabres pelo inimigo; e essa *columna* perseguindo os nossos envolveria as forças de Apparicio e Torquato, se Gumercindo que ali chegara não tivesse uma de suas inspirações o guerreiras, mandando tocar carga e avançando com o seu estado maior, obrigando o inimigo a formar, de novo em quadrado".

"...*Emquanto* se procurava *organizar* uma retirada em ordem, a *cavallaria* que não tinha podido operar e que tinha tido três mortos, e muitos feridos, retirava-se em desordem. *Colloquei-me* ali e convidei aos que passavam a formarem uma linha *commigo*, por que os companheiros ainda estavam brigando, e a nossa presença ali conteria o inimigo sempre em quadrados. Nesta *ocasião* uma granaada que veio explodir junto de nos, e





as balas que sibilavam por nossos ouvidos, desfez a minha linha. Tratei de formar outra, e passando por mim o general França, pedi-lhe que contivesse os que iam adiante. Uma outra granada que nos matou um homem desfez de novo o que eu havia feito. Corri para *organisal-os* mais adiante. Ali estava Prestes Guimarães que já rouco, pediu-me para *ajudal-o a organizal-os* naquele ponto. Nisto porem, chegou Gumercindo que mandou que seguissem um pouco mais para se entenderem na *cochilha* próxima, e voltando-se para mim, disse: Apparicio está ferido, *vae vel-o*.

Voltei em procura de Apparicio. A fuzilaria inimiga continuava, e artilharia também.

Ao chegar mais perto ouvi musica. Julguei que fosse do inimigo. Felizmente não era. Era Jorge Cavalcanti que em cima da *cochilha* fazia tocar a banda de seu batalhão para reunir os companheiros despertos. Sabendo que Apparicio já tinha seguido voltei, indo *alcançal-o* já fora da zona das balas. Ali mesmo examinei a ferida. Por felicidade a bala resvalou por uma *costella* e foi se *collocar* no lombo. *Appliquei-lhe um aparelho* e fui falar a Gumercindo que esperavame *n'uma anciedade* cruel. - Não há perigo, disse-lhe eu, a ferida é *encomodativa*, mas não tem gravidade...".

"Se o dia tinha sido todo de trabalho

para mim, a *noute* não foi menos.

Quarenta e tantos feridos esperavam-me para *cural-os*, com os poucos elementos de que dispunha. Felizmente o coronel José Gomes e tenente Ribeiro, meus enfermeiros ajudaram-me n'essa triste missão.

Pouco depois veio Gumercindo procurar-me a titulo de saber onde estava Prestes Guimarães, para combinar o que devia fazer, mas ainda uma vez perguntou-me se era grave o ferimento de Apparicio. Respondi-lhe que não, que *elle* sabia quanto eu estimo Apparicio em que vejo um dos maiores elementos da revolução, e se julgasse o estado *d'elle*, o teria feito vir para perto de mim.

A's 11 horas da noite ainda trabalhávamos quando de novo *appareceu* Gumercindo. Veio dizer-me que vinha preparar *logar* nas carretas para Apparicio e que tinha resolvido que seguiríamos para a Soledade. Julgava que a força de Lima não tivesse ficado onde a deixamos, porque o corpo de Verrissimo, que ficara em frente do campo de batalha, não descobria fogos de acampamento".

"...A's tres horas *puzemo-nos* em marcha; eu portanto e meus auxiliares não tínhamos nem comido, nem dormido durante todo o dia da batalha e toda a *noute* que seguiu-se a *ella*. Uma viagem triste. Os feridos amontoados nas carretas, sem coberturas, sem se poderem

mover. Gemidos e lamentos, e um frio intenso que cobria o campo de geada..."

"...A' tarde finalmente podemos acampar, mas apenas eu dispunha-me a *apei-ar*, fui chamado para ir ao acampamento da brigada de Apparicio onde havia muitos feridos que não tinham sido curados. Estavam a meia légua de distancia. Quando terminei o trabalho eram 9 horas da *noute*..."

E assim a revolução continuou, até a morte de Gumercindo Saraiva, em Carovi, quando ela perdeu força e aos poucos, foram seus componentes se desmobilizando.

Primeiras palavras do Gal. Gumercindo Saraiva ao avistar os campos de Passo Fundo, registra sua empolgação e certeza de alcançar o triunfo. Transcrito do Livro Maragatos e Pica-Paus, pág. 338, de Milton Miro Vernalha, bradando o seguinte:

"No amanhecer do dia 22 de junho, Gumercindo avista os campos de Passo Fundo, então, grita para seus comandados: "*Vamos muchachos*, aqui *estoi* em mi tierra! Aqui es campo, aqui podemos ver o que se passa alrededor, aqui podemos lutar hasta el triunfo".

(Jabs Paim Bandeira é advogado, comandante do grupo Cavaleiros do Mercosul e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Jogos literários Erico Veríssimo: Clarissa e Música ao longe

(FOTOS: DIVULGAÇÃO)

ANA CAROLINA MARTINS DA SILVA

Participar das comemorações desenvolvidas pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul que, através do decreto n. 43288, de 11 de agosto de 2004, estabeleceu 2005 como o Ano de Erico Veríssimo, em celebração ao centenário de nascimento do escritor, foi como se voltasse aos bancos do curso de Letras, tal a responsabilidade que senti. Responsabilidade de dia de exame final. Estar envolvida com as atividades da UERGS e dos Centros Regionais, da TVE e das escolas, ajudando a divulgar a vida e a obra de Erico, em uma gincana cultural chamada “Jogos Literários Erico Veríssimo”, despertando o interesse pela leitura da sua obra e o conhecimento de sua vida, mais do que uma tarefa de trabalho, constituiu-se num desafio, tal a proporção e a magnitude deste escritor. Tal a quantidade de grandes pensadores que estudaram sua obra, bem como o próprio autor que releu e reestudou suas obras fazendo sua análise, num estilo antropológico que, foi para mim uma gratificante tarefa participar deste estudo.

Ao ser convidada para elaborar questões para os Jogos Literários Erico Veríssimo, escolhi duas obras: *Clarissa* e *Música ao longe*². Esses dois momentos da vida de uma mocinha do interior, repletos de encantos, mistérios, angústias, representam o que muitas de nós, também mocinhas do interior, sentimos,

à medida que vamos crescendo. Pode a alegria da vida surgir em meio a um ambiente hostil à ternura? O que rima com sofrimento, desilusão, decadência e morte? Angústias de uma garotinha que não é mais criança, mas também ainda não é adulta, e que tem de ser mãe e pai de si mesma, num mundo onde quem paga o preço dos erros dos adultos são os mais jovens. Os romances “*Clarissa*” e “*Música ao longe*” representam um registro grandioso do momento histórico mais significativo do Rio Grande do Sul: o início da decadência do latifúndio rural, que no caso de “*Música ao Longe*” é simbolizado pelo momento em que João de Deus hipoteca o casarão aos Gambas, seus maiores desafetos (*Música ao longe*, 1997, pp. 159-160) e o início dos latifúndios urbanos: “Eles não de se convencer de que a tradição, o nome, os fumos da valentia não valem nada. Ainda não de ficar sem teto para morar. Os gringos ficarão donos do quarteirão inteiro, da cidade, do município” (*Música ao Longe*, 1997, p. 230). Esse fragmento registra a troca da posse da terra a partir da mão e da força dos imigrantes. Em *Clarissa*, podemos ter o prenúncio deste impasse nas figuras do Tio Couto – que se vangloria de vir de uma família de muitos generais (associando isso à imagem de vitória), apesar de viver às custas da esposa e do Major – que também se orgulha de seus familiares generais, mas vive uma vida pacata e simplória na pensão (1997, p. 57).

Essa condição de vitória, ou pelas

posses ou pela aura da guerra é transformada em declínio e enfraquecimento por Veríssimo.

Segundo Vieira e Boschi (1986, p. 09.)³, a literatura gaúcha tem a tendência à epopéia, ou seja, uma literatura de ação ou de uma série de ações heróicas. Essa tendência tem traçado uma identidade particular para o homem do Rio Grande do Sul. Para as autoras, as questões de fronteira, onde o que os portugueses e espanhóis discutiam acabava se refletindo na vida do homem sulino, a ocupação das terras, as contendas com os índios, fizeram com que o binômio pastoreio-guerra acabasse sempre presente nas obras. Essa presença quase que “natural” da identidade “partoril-guerreira” beira a imagem tradicionalista cultivada em ambientes folcloristas. Porém, para o pesquisador, Dr. Tau Golin (2004, p.8)⁴, as características de sociedade ou de identidade tradicional não correspondem ao que temos no Sul. Para o autor:

A primeira característica dominante de uma identidade “tradicional”-folclórica em uma sociedade moderna é a diluição da noção de tempo histórico. Cria-se o “tempo vago”, ao qual se remete a origem de seus elementos. Ao se instituir como movimento cultural organizado, essa gauchidade se apresenta como se estivesse credenciada a reproduzir valores pretensamente imutáveis forjados pelos antepassados. Melhor dizendo, há uma reelaboração do passado como o lugar de uma sociedade de tipo tradicional”.

Diz Golin (2004, p.8) que a nossa sociedade não corresponde a esse tipo, pois foi uma sociedade implantada em forma de classes sociais, onde havia a figura do escravista e da propriedade privada. Para ele, os movimentos que valorizam as "tradições" gaúchas, nos moldes criados em 1947, estabeleciam um perfil gauchesco para o homem sulino, reforçado depois, em 1954, com a criação do IGTF – Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, em 1961 com a Carta de Princípios e em 1968 pelo Manual do Tradicionalista. Todos documentos de manipulação ideológica com o objetivo básico de "estimular e incentivar o processo aculturativo do elemento imigrante e seus descendentes", e fizeram com que os ruralistas perpetuassem a idéia de que são as bases construtoras do estado. Segundo o historiador:

A sociedade riograndense (e sua representação cultural) é conservadora e não tradicional. Os elementos da tradição reforçam e reificam ontologicamente seu conservadorismo. Ou seja, o movimento cultural tradicionalista e seus sucedâneos não se caracterizam como uma extensão de uma sociedade tradicional, mas como uma invenção totalizante de um civismo retrógrado no interior da sociedade moderna de classes.

No caso das obras - objetos desse estudo, a guerra é de um tipo onde os tiros não explodem para fora, explodem por dentro dos seres humanos a partir de suas capacidades, ou falta delas, por sua adaptação ou não aos ventos dos novos tempos. E a sociedade de classes é algo a ser quebrada, repensada, discutida, construída sobre uma diversidade cultural rica. Talvez por ter escrito seus livros antes do advento da "construção" da identidade gaúcha, Erico Veríssimo consegue forjar personagens livres, em busca de suas verdades, sejam elas dignas de serem cultuadas ou não. Em "Clarissa" e "Música ao longe", o mundo moderno luta para se compreender e para vencer o passado (representado pelos personagens dos jovens) e o mundo antigo percebe que perdeu suas chances. Percebe que seus papéis, anteriormente estabe-

lecidos e sustentados sobre sistemas de capital, de descaso e de luxúria, estão em desuso, e que suas personalidades tão bem alicerçadas sobre a opressão e mantidas à base de compra de amizade, já não existem mais.

Irei aprofundar meu estudo em "Música ao Longe", por ser meu predileto, mas irei complementando os comentários com aspectos de Clarissa. Segundo o próprio autor, "Música" foi escrito especialmente para concorrer ao "Prêmio de Romance Machado de Assis", tendo seu objetivo alcançado: o roman-



ce foi premiado. Na obra, Veríssimo insere uma espécie de explicação para o título do Romance, em forma de poema, nas palavras do poeta predileto de Clarissa: "O amor que ainda não se definiu é como uma melodia do desenho incerto (...) e tem o encanto fugidivo e misterioso de uma música ao longe...". Porém, nele, Veríssimo vê mais do que o amor, que é seu cerne de narração. Ele retoma aspectos históricos como a Revolução Farroupilha, a ascensão financeira dos colonos, a modernidade dos serviços que as cidades oferecem, como os bailes, os cinemas, a padaria. Sem alimentar

linguajares regionalistas gauchescos, o autor escreve em Língua Portuguesa urbana (não totalmente padrão), intermediando com palavras típicas da zona rural do Rio Grande do Sul, como nomes de pessoas: "Amâncio", "Olivério", "Jovino"; como nome de bichos: "João-de-barro", "rabo-de-palha"; ou como "Micumim", que retoma uma expressão indígena tupi "u-ím": família de ácaros que em sua fase larval costumam atacar o homem e os animais, causando fortes comichões. Ainda observando, os aspectos Semânticos, percebe-se o uso de alguns pronomes de forma característica: "Me, conte homem... (p.19)", "como le vai, seu Vittorino... (p.19)", Encontramos gauchismos também em alguns xingamentos: "bisca!" Ou expressões: "bota-se ele lá em riba" (p.66), "tudo vai à gaita" (p.68) "tome um mate" (p.68), "Eera, boi, eera boi" (p.208). Resgata ainda brincadeiras que vão se perdendo em nome, uso e construção: "diabo rengo" (p.13), "pandorga" (p.128), "balão" (p.150).

No que tange aos aspectos ideológicos, Erico Veríssimo abre diversas frentes de discussão em "Música". A saber:

1. A visão do Rio Grande do Sul como parte do Brasil e não como um país à parte: o hino nacional é entoado na escola de Clarissa, vinculado a imagens positivas, como beleza, liberdade, céu azul. (Esta alusão ao hino também aparece no Romance Clarissa em duas ocasiões (1997, p.2 e p. 15), sempre ligada a fatos afetivos). No caso do hino do Rio Grande do Sul, a sensação é de mágoa, pois ele é cantado pelas crianças depois de toda uma preleção de Vasco sobre os horrores da guerra à Clarissa, e sobre as reflexões dela mesma, na sala de aula, ao explicar para as crianças o que foi a Revolução Farroupilha (1997, p. 221):

Olha para os alunos. Hoje eles são meninos. Amanhã serão homens e mulheres adultos, esquecidos de que estiveram juntos no mesmo banco. (...) Amanhã cada qual terá seu partido político, haverá uma guerra civil e Pedro e Heitor se encontrarão no campo, e se espicarão a lanças e a tiros, e lutarão com coragem e ferocidade, porque um dia, quando eles eram crianças, uma professora inconsciente lhes ensinou que ma-

tar é bonito quando se mata pela pátria, que morrer pela sua bandeira é a coisa mais sublime, a suprema glória da vida. Clarissa não vê mais os meninos. Só vê os homens. E agora na sua frente os homens se estraçalham.

Apesar dessas reflexões, Clarissa é fiscalizada pela diretora da escola e se obriga a entoar o hino com as crianças. Entretanto, quando é entoado o hino, o "20 de setembro" soa como morte e dor, não como algo para se ter orgulho.

A idéia de que o Rio Grande do Sul está dentro do Brasil, que por sua vez está dentro do mundo, não como o centro dele, mas como algo que faz parte, se espalha pelas diversas falas de Vasco, quando fala sobre seus sonhos de viagem à China, a Nova York, entre outras.

2. Visibilidade às diferentes classes sociais e as diferentes etnias que formaram nossa sociedade, mostrando o quanto ela se engrandece quando se observa e questiona pensamentos diferentes dos nossos, ao invés de simplesmente rejeitá-los: Ao irem levar mantimentos para Conca, Clarissa percebe que Vasco está pensativo. Ela pergunta a ele o que foi, ele fala que está desiludido. Ela pergunta com o quê. Ele cita alguns exemplos e se detém no caso da "pobre negrinha" (1997, p. 208):

- Você se lembra como ela era? Alegre, levada, vivaracha! Que olho brilhante, que dentuça branca, sempre arreganhada... Cresceu, casou, teve filhos e agora está aí, atirada. Qualquer dia morre, a gente bota ela num caixão barato, manda de carroça pro cemitério... e adeus, Conca! Ninguém mais fala nela. É como se tivesse morrido um cachorro sem dono... (...) - A troco de que nós estamos morando numa casa boa e a negrinha está apodrecendo num rancho do Barro Vermelho?

Esta questão da negritude é um pouco complexa nas obras de Erico Veríssimo. Em Clarissa, por exemplo, percebe-se que a maior parte dos trabalhadores é afro-descendente, como Belmira (p. 06), a babá das crianças do vizinho (p. 109), que o autor descreve da seguinte forma: "No rosto de fuligem, as jabuticabas graúdas e lustrosas dos olhos se agitam, mais escuras ainda"; e há até um carregador de gelo (p. 13) que Clarissa encontra quando vai para a escola. O rosto de uma criança comparado com a fuligem e imagens como as seguintes: "(...) as crianças da casa vizinha. São quatro. Com Luzia seriam cinco. Mas negro não entra na conta. (p. 109)", po-

dem dar margem a comentários de que as obras de Veríssimo eram racistas. Entretanto, se encararmos seus relatos como depoimentos, visões particulares da realidade, que podem servir como algo que não se quer mais, talvez estas passagens possam ser úteis para a discussão do tema.

Quanto às etnias, tanto em "Música ao Longe" quanto em "Clarissa", a figura do imigrante é tratada com respeito. Os italianos e os judeus em especial. Os primeiros são colocados como trabalhadores e empreendedores. Os últimos como inteligentes, estudiosos, cultos e misteriosos, como o personagem Maurício Levinsky, morador da pensão, judeu que está estudando um livro de Marx (Clarissa, 1997, p. 107).

3. Os aspectos de valentia e heroísmo ligados ao "aprender a ser gente" e não ao "parecer ser gente":

Esse aspecto de "parecer ser" é observado como uma violência, pelo Dr. Golin (2004, p. 10.), quando avalia a identidade do indivíduo que se desenvolve num ambiente de dominação ideológica, onde as diferenças procuram ser abafadas para que a classe dominante continue em seu status. Segundo ele:

Nesse quadro complexo, o tradicionalismo é uma extensão de cultura de massa, e não o prolongamento de uma sociedade tradicional. A sua força cultural, agregando elementos da pós-modernidade, como a centralidade da imagem na representação da identidade – a exterioridade volátil – potencializa ainda mais o seu comportamento estilístico, no qual o "parecer" se converteu em um dos aspectos predominantes da dimensão do ser. A escolha de "parecer-ser", conforme o arquétipo conveniado recentemente, é a condição que conecta o conservadorismo à pós-modernidade.

Embora absolutamente atuais, os comentários do pesquisador dialogam com a postura dos personagens de Veríssimo, construídos em 1933/34. Os mais antigos esforçam-se para manter a pose, inclusive à custa de mentiras, como no caso do heroísmo que permeia a família dos Albuquerque na história repetidamente contada de que: "Nesta sala já esteve D. Pedro II." (1997, p.10), desmentida mais tarde quando os jovens invadem a casa de Seu Leocádio, personagem que faz uma ponte entre o antigo e o moderno, através de suas pesquisas e achados. Ele, por ocupar o espaço da Ciência na história é quem acaba desvelando o segredo: Nunca D. Pedro II esti-

vera naquele lugar. Há ainda o caso do tio morto por degola na Revolução de 1893, o bisavô, herói do Paraguai, e a suposta descendência da D. Urraca, rainha de Portugal. Já Clarissa e Vasco estão o tempo todo se procurando. Procurando entender as atitudes e os pensamentos dos outros, praticando a alteridade. Alguns pensamentos de Clarissa (1997, p. 201):

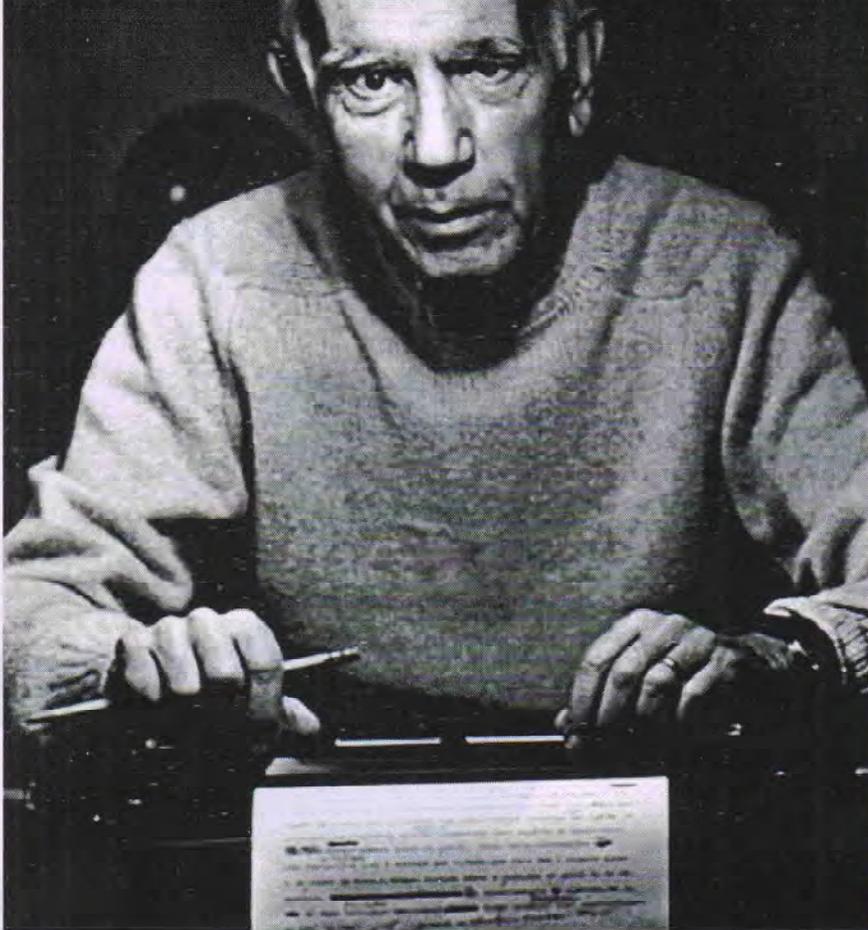
Mas eu ainda não compreendo bem aquele diabo. Vasco conversa comigo, fala em livros, expõe as suas idéias, mas ainda há nele um mistério qualquer. (...) Papai olhou para mim e disse: "Eu já reparei que vocês andam agora muito amigos. Que história é essa?" (...) Papai é um homem incompreensível. Que mal faz eu conversar com o Vasco? Ele não pode ser tão ruim como dizem.

Também o Gato do Mato tenta contemplar aquilo em que ela acredita, tenta entendê-la, mudando algumas atitudes em função dela e esse testemunho transforma a sua vida. Ela se sente acompanhada, importante. Alguém que a vê, que percebe que suas opiniões são importantes (1997, p. 230):

- Fiquei fervendo de raiva, com vontade de despejar a verdade na cara dele. Mas me contive... – a voz de Vasco aqui fica mais macia. – Me contive por tua causa... Surpresa no rosto de Clarissa. "Por tua causa". Palavras tão naturais... Pois eles não são primos, amigos, velhos companheiros? "Por tua causa". No entanto ela fica vermelha, toda perturbada. As palavras têm para ela um som estranho. São como música cariciosa que ele cantasse baixinho bem no ouvido, "Por tua causa". Clarissa olha para o casarão e tem a impressão de ver na parede caiada, estas palavras em letras maiúsculas: "Por tua causa".

Essa busca por uma identidade a partir da compreensão do outro e de si próprio e não uma adaptação a identidades pré-concebidas, e o destaque das figuras femininas sempre se contrapondo às masculinas, no sentido de afirmação como pessoa que se constrói homem e se constrói mulher, porque ninguém nasce pronto, vêm representadas por Clarissa e Vasco que ressignificam a esperança e traduzem o que mais se espera que seja o amor. Delineando um novo modo de vida para os Albuquerque, a partir de uma análise crítica da vida do clã, os dois protagonistas tomam atitudes diferenciadas e conseguem mapear sua felicidade.

No romance Clarissa, a questão da



identidade se faz presente: na angústia do morador da pensão, Zezé, que está sempre tenso e pálido porque detesta fazer autópsias e está cursando Medicina (1997, p. 68); em Amaro que vive se questionando, apesar de tomar poucas atitudes; nas mulheres que vão ao cinema e tentam se identificar com o mundo de sonhos da fita; em Dudu, uma das amigas especiais de Clarissa, que lhe traz muitas informações estupefacentes, como quando lhe contou que “uma amante é uma mulher que vive com ele, como se fossem casados... quase todos os homens têm amantes” (1997, p. 80).

Segundo Loureiro⁵ (1997, p.VII) o romance de Érico Verissimo demonstra um gosto do autor pela descrição de ambientes, detalhes, personalidades, sempre se mostrando fiel à vida como ela é. Trata-se de uma posição realista que assegura a veracidade do cenário retratado e dos seres que nele se movimentam. Para o estudioso (1997, p. IX):

A naturalidade do relato guarda esse atributo indispensável à grande ficção de onde nasce o verdadeiro mundo das personagens: a possibilidade de, existindo como fantasia, também poder ter existido na realidade. Esse segredo do romancista é a prova da sua sensibilidade diante do assunto extremamente complexo que se escolheu – o nosso mundo

banal e opaco de todas as horas, redescoberto através da perspectiva (meio lógica, meio fantástica) da adolescência.

Ditando poesia em prosa, como quando descreve o apito da locomotiva, em Música ao Longe: “já-te-pegue-já-te-largo” ou qualificando o cigarro de Sia Ambrósia, acorada “em seu canto”, no escuro, como um “apaga-e-acende” de vaga-lume, ou apenas proseando, Erico Verissimo continua emocionando com seu retrato de época, mais importante agora, talvez, que à época, visto que ainda não grassavam os condicionamentos culturais que transformaram todo cidadão sul-rio-grandense em gaúcho ou não-gaúcho. Como um Manual de Sobrevivência, deveria ser estudado nas escolas, para que as pessoas lembrassem que ser livre é só ser. Se a literatura é o espelho da sociedade e se a sociedade se espelha na literatura, talvez os espelhos que Erico traçou em suas obras-canções, inteiros ou estilhaçados como neste ensaio, possam ser sentidos e explicados apenas por outro grande escritor do Rio Grande do Sul, cujo centenário será comemorado em 2006, Mário Quintana⁶:

Vidas

Nós vivemos num mundo de espelhos,
Mas os espelhos roubam

nossa imagem...

Quando eles se partirem
numa infinidade de estilhas
Seremos apenas pó
tapetando a paisagem.

Homens virão, porém,
de algum mundo selvagem
E, com estes brilhantes destroços
de vidro,
Nossas mulheres se adornarão,
seus filhos
Inventarão um jogo
com o que sobrar dos ossos.

E não posso terminar a visão
Porque ainda não terminou o soneto
E o tempo é uma tela
que precisa ser tecida...

Mas quem foi que tomou agora
o fio da minha vida?
Que outro lábio canta,
com a minha voz perdida,
Nossa eterna primeira canção?

Encerro minha análise, consciente de que o objeto é muito maior do que o pesquisador, de que uma obra literária é plurissignificativa, permitindo diferentes interpretações, portanto, e que eu, daqui a um certo tempo, também serei outra, podendo voltar a ele e redescobri-lo com olhares de comoção e “pálida de espanto”.

Notas

- 1 VERÍSSIMO, Erico. Clarissa.-51 ed.-São Paulo: Globo:1997.
- 2 _____. Música ao longe. Erico Verissimo; prefácio do autor. - 39.ed. - São Paulo: Globo, 1977.
- 3 VIEIRA, Juçara Maria Dutra. BOSCHI, Marina Brito. Gaúcho: espaço & Argumento: ARTEXTO, 1986.
- 4 GOLIN, Tau. Identidade: questões sobre as representações socioculturais no gauchismo. Passo Fundo: Clio, Méritos, 2004.
- 5 Releitura de Clarissa. Flávio Loureiro Chaves In VERÍSSIMO, Erico. Clarissa.-51 ed.-São Paulo: Globo:1997. p. VII.
- 6 Quintana, Mário. In Prosa e Verso. SP: Globo, 1989.

(Ana Carolina Martins da Silva é professora de Língua Portuguesa e Literatura no NEEJA/ Passo Fundo, UERGS/Erechim/Vacaria / Veranópolis. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras, cadeira nº 17, de Ernani Guaragna Fornari.)

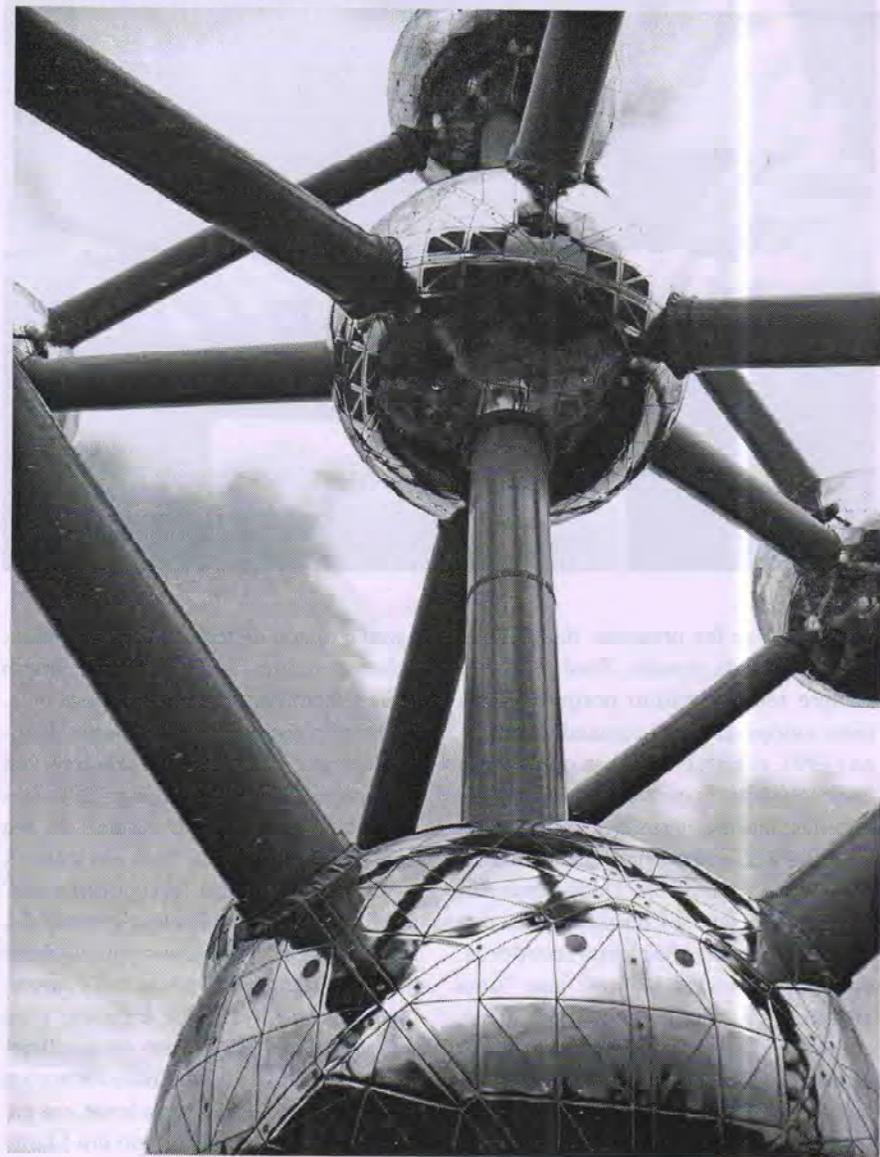
Um mundo surpreendentemente pequeno

GILBERTO R. CUNHA

Richard Feynman (1918-1988), em 1959, na palestra “Há mais espaço lá embaixo”, proferida na Reunião da Sociedade Americana de Física, surpreendeu o mundo, ao afirmar que, na cabeça de um alfinete, mais que gravar a oração do “Pai Nosso” (fato que muitos, na época, já consideravam um exagero), era possível escrever os 24 volumes inteiros da Enciclopédia Britânica (em uma de suas vetustas e clássicas edições). Começava a surgir aí uma área do conhecimento científico e suas aplicações que, hoje, se convencionou chamar de nanociência e nanotecnologia.

De fato, Feynman sugeriu que chegaria um dia em que o homem seria capaz de manipular objetos em escalas atômicas e assim construir estruturas de dimensões nanométricas, segundo o seu livre arbítrio (isso se tornou realidade nos anos 1980, com a invenção do microscópio de varredura por sonda, entre os quais se incluem o de tunelamento e o de força atômica).

Os termos nanociência e nanotecnologia (este último cunhado por Norio Taniguchi, em 1974) referem-se, respectivamente, ao estudo e às aplicações tecnológicas de objetos e dispositivos que tenham ao menos uma de suas dimensões físicas menor que, ou da ordem de, algumas dezenas de nanômetros (um nanômetro corresponde a um bilionésimo de um metro, sendo representado pelo símbolo nm). Nano (do grego “anão”) é um prefixo usado nas ciências para designar uma parte em um bilhão. Assim: a nanociência procura entender a razão e a nanotecnologia busca se aproveitar dessas novas propriedades que surgem na escala nanométrica (também conhecida como nanoscópica) para desenvolver produtos e dispositivos para vários tipos de aplicações tecnológicas. As expressões nanociência e nanotecnologia estão, hoje, entre palavras as mais freqüentemente usadas na área



de alta tecnologia (high-tech). Dessa forma, é um dever da comunidade científica informar e educar a população de maneira geral sobre o significado e o alcance desse novo ramo da ciência, sem desconsiderar os riscos e as incertezas inerentes.

Richard Feynman chamou a atenção para o fato de que, na dimensão atômica, se trabalha com outras leis físicas (a lei gravitacional, por exemplo, não é dominante) e, assim, se deve esperar também eventos diferentes, com a manifestação de propriedades que não são ob-

servadas no mundo macroscópico: novos tipos de efeitos e novas possibilidades de desenvolvimento de tecnologia. Na escala nanométrica, os materiais não se comportam exatamente da forma como os conhecemos e utilizamos no dia-a-dia. Surgem novas e raras propriedades físicas e químicas, que estão ausentes para o mesmo material, quando de tamanho microscópico ou macroscópico.

No Brasil, a nanotecnologia começou a ganhar, de fato, visibilidade, em 2001, quando da criação da Iniciativa Brasilei-

ra em Nanotecnologia, para a formação de uma rede de pesquisa sobre o tema (CNPq/MCT). Hoje, no mundo todo, este ramo do conhecimento faz parte das chamadas áreas "portadoras de futuro", que podem contribuir para o desenvolvimento, tanto de setores considerados "de ponta" (nanoeletrônica: transistores, chips, processadores, etc.), quanto para os mais tradicionais, caso do agronegócio. Especialmente, neste último segmento: no aumento da produtividade da agricultura. Na Medicina, por exemplo, vislumbra-se uma revolução, atrelada a uma nova geração de fármacos, produzindo-se medicamentos constituídos de macromoléculas nanométricas, com capacidade de armazenar no seu interior a molécula de uma droga ou princípio ativo, liberando-o lentamente, ou apenas nos tecidos-alvo; além de uso no diagnóstico de doenças. Há ainda a questão da "fotossíntese artificial", com vistas a permitir a produção de energia de modo ecológico e o desenvolvimento de nanotubos de carbono, material com resistência mecânica 400 vezes maior que a do aço.

Especificamente no agronegócio, destacam-se o desenvolvimento de novas ferramentas para biotecnologia e para manipulação de genes e materiais biológicos, em agroenergia (catalisadores mais eficientes para a produção de biodiesel), na nutrição e na proteção de plantas (nanopartículas para a liberação controlada de nutrientes e pesticidas) e em tecnologia de alimentos (embalagens biodegradáveis e/ou comestíveis). Como produto da marca Embrapa, na área de nanotecnologia, cita-se o sistema sensor conhecido por "língua eletrônica", desenvolvido pela Embrapa Instrumentação Agropecuária, com aplicações na análise sensorial (sensibilidade 10.000

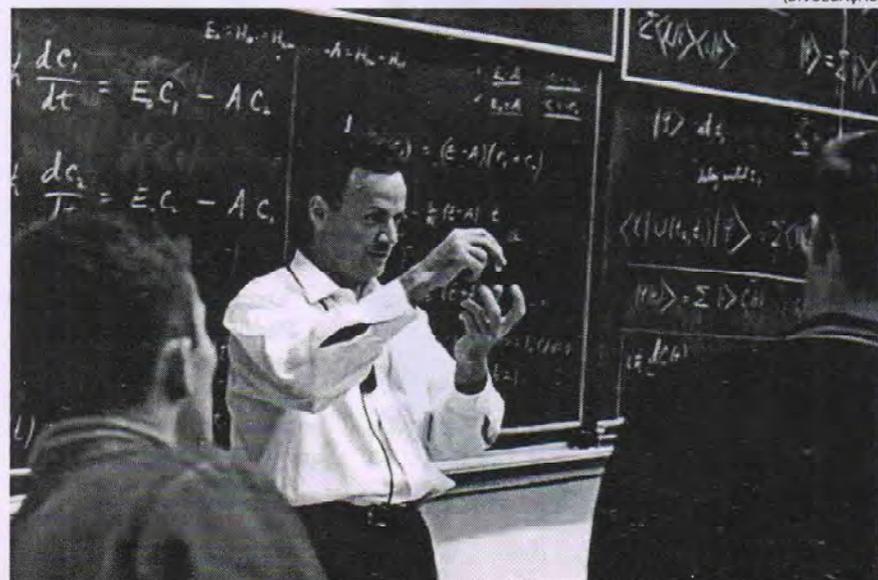
vezes maior que a do ser humano) da qualidade de bebidas, especificamente café e sucos, mas com possibilidade de extensão de uso para outros produtos (leite, vinho e água, por exemplo).

Como tudo o que é novo, a nanotecnologia não está imune aos riscos e às incertezas (embora, em tempos de debate sobre OGMs, este assunto tenha permanecido relativamente à margem das discussões). A ficção científica popularizou a nanotecnologia e ajudou a difundir temores, alguns reais e outros não. O livro de Eric Drexler, *Engines of Creation* (Engenhos da Criação, de 1986), é uma referência neste particular. A visão de que princípios do mundo macroscópico possam permanecer dominantes na escala nanoscópica não parece ser a mais adequada (a operacionalidade no mundo nanométrico não é a mesma). Entram nesta seara, a construção de nanorrobôs autoreplicantes e dotados de inteligência própria.

Ainda suscita dúvidas o fato de que nanopartículas possam difundir-se de maneira não controlada no ambiente, passando para a cadeia alimentar e servindo de vetores para patógenos desconhecidos. Há também questões éticas ligadas à possibilidade de desenvolvimento de armas de destruição em massa, ou o risco de que cientistas venham a escrever seqüências de DNA e colocá-las em prática, nos moldes em que se escreve um programa de computador.

Nanociência e nanotecnologia não é uma questão de ser pequeno (tampouco de pensar pequeno), mas sim de um tipo especial de pequeno.

(Gilberto R. Cunha é pesquisador da Embrapa Trigo, Bolsista do CNPq-PQ e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



(DIVULGAÇÃO)

Poesia

LEONILA VERZELETTI GASPARETTO

Jardim

Se as flores dos jardins
fossem crianças,
Ninguém iria somente tocá-las,
Mas conservá-las sempre
Nos canteiros de suas casas.

Quando cuidamos das crianças,
Estamos cuidando de flores
Que espalharão pelo ar
O seu suave perfume.

Para fazer uma criança feliz,
Não basta amá-la,
É preciso acariciá-la
E ajudá-la a crescer.

Amemos as crianças
Como Deus nos ama!
Façamos bela a sua infância,
Assim como os anjos
Que velam por nós.

Primícias

ALINE D'ARISBO

Mentira x Verdade

A mentira está no ar
Além da fumaça dos carros
Das usinas e dos cigarros.
Está impregnada em minha roupa.
Eu quero a verdade.
Não me omitam
Não me mintam
Não me tirem
Por mais que ela seja cruel
Por mais que ela seja tirana.
Eu quero a verdade
Na minha vida
Como lema
Como bandeira.
Eu quero a verdade
Para mim.

(Aline D'Arisbo é aluna da 3ª série da Escola Cecy Leite Costa.)

Pioneirismo em Passo Fundo

MARCONI DE CÉSARO

Ninguém quer guerra. Ela é execrada, pelo sofrimento e destruição que causa, mas tem o seu lado útil, e, na minha opinião, a Segunda Grande Guerra, iniciada em setembro de 1939, despertou o “gigante deitado eternamente em berço esplêndido”.

Naquele tempo, o país importava tudo ou quase tudo no âmbito industrial: automóveis, petróleo, aço, máquinas, e uma infundável gama de elementos necessários ao desenvolvimento do país. Em Passo Fundo, na indústria, destacava-se a firma “Biazus Irmãos”, um enorme artesanato, de mistura com oficina de conserto.

O maquinário se resumia ao convencional de uma carpintaria. As forjas da ferraria eram acionadas por folles manuais; a fundição obsoleta contava com apenas um pequeno forno.

E por aí afora.

Tanto se fabricava carrocerias para caminhões (de acordo com a época), charretes e correames para as mesmas, pequenas máquinas para matar formigas, quanto outras tantas pequenas utilidades condizentes com a época. E de mistura, consertava-se praticamente de tudo.

O carro-chefe da fabricação era a trilhadeira que vinha a ser a colhedora de cereais da época. Fabricada de maneira artesanal, era acionada por um motor estacionário movido a gasolina.

Com a vinda dos irmãos Menegaz, de Caxias do Sul, que se associaram aos Biazus, na parte de fundição e mecânica, trazendo seu maquinário daquela cidade, a firma sofreu um grande impulso, passando a fabricar maquinário pesado: máquinas para serrarias e outras afins, como britadores para pedra, moínhos coloniais e outros tipos de máquinas. Ocorreu que com o advento da guerra, insumos industriais começaram a escassear, entre estes os motores estacionários que eram importados.

Essa escassez passou a dificultar a venda de trilhadeiras,

porquanto o motor era parte integrante da máquina. Vai daí que os irmãos Mário e Armando Menegaz e Guerino Biazus, este o gerente da firma, passaram a questionar a possibilidade de fabricar os motores estacionários. Armando Menegaz, com sua proverbial franqueza, expôs as dificuldades na fundição de algumas peças, mas neste particular o velho Germano Goellner, fundidor consumado, se propôs a enfrentá-las.

Faltava um mecânico experiente. Entendimentos com Willy Knack, um grande expert na profissão, levaram-no a aceitar o desafio. Exigiu apenas um torno mecânico novo, e uma pequena seção separada dos demais para trabalhar.

Não entrando em maiores detalhes, o resumo desta empreitada é que, lá pelos idos de 1942, na seção de mecânica da firma Biazus e Irmãos & Cia Ltda., um motor estacionário estava assentado sobre dois cavaletes, à espera de ser acionado. Eu estava presente, e a seção de mecânica, praticamente parada, aguardava ansiosa o resultado. Lembro bem que, enquanto Willy dava os retoques finais, Guerino Biazus, com o indelével charuto na boca, sorriu satisfeito e disse:

- “Porco dindio!” Se funcionar até a quinta manivelada, pago meia dúzia de “cerveza”.

Willy Knack retribuiu o sorriso em silêncio, manuseou a manivela e, na terceira manivelada, o ronco da descarga do motor foi abafado pela alegria dos circundantes. O velho Guerino sorriu satisfeito, bateu palmas e completou:

- Pago uma dúzia!

Ali se iniciou, empiricamente, a fabricação de motores a explosão, na antiga firma Biazus Irmãos & Cia. Ltda. Motores com a marca “ORBI”, que significava Oficinas Reunidas Biazus Irmãos. Partindo dessa premissa, atrevo-me a dizer que Passo Fundo foi pioneira, naquela época, na fabricação de motores a explosão, se não no Brasil, pelo menos aqui no Rio Grande do Sul.



Desejos

Corpos adormecidos,
almas libertas,
infinitos desejos
de encontros ansiosos
e, a realização
na escuridão do infinito.
(19/08/2005)

Segredos e verdade

A luz desnuda
os mistérios dos quartos secretos,
que nunca deveriam ser revelados.
Ela invade recintos escuros
assustando as sombras,
espalhando sua luz
até encontrar mais luz,
tornando-se a verdade.
(20/08/2005)

Segurança

Ele era simples.
Simples sua vida
e seu trabalho.
Grande seu corpo
e sua alma.
Amou com a pureza de uma criança.
Abraçava com a suavidade
de quem abraça uma rosa.
De seus braços fortes,
das suas mãos calosas,
do seu corpo desajeitado
desprendia-se um grande amor
que oferecia segurança.
(29/06/83)

Planando na paz

Estou planando
na paz.
Numa paz
sem desejos
ou busca
só espera.
Na espera
do que a vida me negou
ou na espera de outra vida?
Não importa a resposta.
Estou planando na paz.
(17/11/83)

Querer viver

Ah! Quis tanto viver!
Na ânsia e alegria,
do tudo é possível,
da menina que em mim vivia
e hoje sinto
em agonia.
Ah! Se ela morrer,
só restará uma forma,
uma mulher vazia.
(09/09/86)

Revolta

A vida não é perfeita,
programada, planejada.
Ela fere, dói e mata.
Doem os sonhos destruídos.
Dói o amor não correspondido.
Dói a luta perdida.
Dói ver os erros dos outros
destruir os nossos ideais
e ter que reconstruir tudo
ou aceitar a derrota,
e viver com a revolta.
(27/10/80)

Juventude do amor

Fenece a beleza
como murcha a flor.
Jovens são,
Porém,
os sentimentos;
vibrantes seus devaneios
e desejos,
no interior da face murcha
que guarda a eterna
juventude do amor.
(24/05/83)

Creio em Ti

Acreditei tanto em Ti.
Tudo que pedi
recebi aos pedaços.
Mas ainda creio em Ti.
Ceifas vidas de pessoas
jovens e felizes.
Mas eu ainda creio em Ti.
Eu a ver aumentar a dor,
o lixo,
a loucura
em minha volta.
Teus filhos estão jogados
num mundo sem rumo,
Tu nos ama,
e aquele que ama
não abandona o ser amado.
Eu ainda creio em Ti.
(21/10/80)

Acadêmico Camillo Leôncio Ribeiro

SANTINA RODRIGUES DAL PAZ

Camillo Leôncio Ribeiro foi membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Nasceu no município de Curaçá, na Serra do Chorochó, no dia 14 de maio de 1908. Filho de Domiciano Lúcio dos Santos Ribeiro e de dona Maria Linda das Virgens Ribeiro. Seus avós maternos foram Floriano Ribeiro dos Santos e dona Tibúrcia Maria da Conceição Ribeiro, e os maternos João Lúcio dos Santos e dona Clara Vidal dos Santos.

As dificuldades no interior do sertão era muitas. Sua escola, onde aprendeu as primeiras letras, foi à sombra de árvores amigas e copadas, tendo como professor um preto, dotado de rara inteligência, chamado Antonio Gualberto Abade. Os métodos pedagógicos da época, adotados por Antonio, eram severos; não dispensava a "palmatória" de madeira de puro cerne, usando da violência com seus educandos.

Camilo viveu lá, nos confins do sertão baiano, em sua terra natal, até os 17 anos, quando então passou a residir no Estado de Sergipe, na fazenda Jacoca, localizada próximo do litoral, de propriedade de seu tio, coronel José Ribeiro. Em seguida conquistou a confiança de seu tio, pelo excelente trabalho apresentado, o que fez com que imediatamente fosse contratado como administrador da fazenda, que produzia, em suas extensas lavouras, algodão, milho, mandioca, fumo, etc.

Sua caminhada da Bahia até Sergipe, foi um tanto difícil, mas muito rica em detalhes e paisagens. Presenciou a atuação trágica do cangaço, fato histórico que trouxe tanta infelicidade, ensanguentando o sertão nordestino, onde sua família estava empenhada em guerrilhas ferozes contra o célebre Lampião (Virgolino Ferreira da Silva – 1900-1938, que ingressou no bando com 18 anos) e seus comandados, que espalhavam o terror na região da Bahia, Sergipe e Ceará. A luta começou em 26 de agosto de 1926, quando dois tios de Camillo foram



Camillo Leôncio Ribeiro (terceiro a partir da esquerda)

assassinados pelos cangaceiros, na localidade de Chorochó e se prolongou por alguns anos, sempre violenta, até que foi eliminado o último implicado no crime de seus tios.

Passado algum tempo, Camillo, homem inteligente, começou a interessar-se pela cultura. Entusiasmado e deslumbrado pelo novo mundo que desbravara, além dos trabalhos na Fazenda Jacoca. Seu tio, homem político bem sucedido, de grande influência no interior sergipano, chegou a ocupar uma cadeira de deputado estadual. Era amigo pessoal do governador do Estado de Sergipe, coronel Manuel Correa Dantas. Por isso não foi difícil conseguir um cargo federal para o jovem Camillo. Não tardou e foi admitido no ministério da Agricultura, no dia 12 de junho de 1928, em Aracaju, onde viveu um período brilhante de sua vida. Realizou seus estudos com mais tranquilidade e se encantou com a vida social. Ainda jovem, com sonhos a realizar, com etapas para vencer, sempre almejava mais. E as forças se atraem. Conviveu com escritores, poetas, jornalistas e outros. Sua vida foi se transformando e seus sonhos se realizando. A nova sociedade tinha outro sabor. Sempre gostou de boas leituras e leu muito, daí a razão de ser autodidata.

Após a Revolução de 1930, foi dispensado do cargo por falta de verba e

por não ser efetivo. Pensou em retornar a sua terra, mas era impossível, pois o bando de Lampião ainda espalhava o terror.

Camillo resolveu embarcar para o Rio, no dia 13 de fevereiro de 1931, a fim de pleitear a sua reintegração no cargo que ocupava no ministério da Agricultura. Seu pedido foi aceito e, imediatamente, readmitido, porém, com uma condição – vir para ao Sul do País. E ele aceitou, rumando para Porto Alegre e dali para servir em Sant'Ana do Livramento.

Mas a saudade da terra natal e de Aracaju, a "Capital Sorriso", onde conquistou um bom círculo de amizades, lhe torturava o coração. Mas tinha de enfrentar até o minuano da terra dos pampas. Teve muitas dificuldades, mas tudo passou graças à generosa hospitalidade daquela boa gente gaúcha. Com o passar do tempo foi se tornando mais fácil e agradável. Mais tarde, passados dois anos, foi designado para organizar inspeções federais junto às pequenas fábricas de produtos suínos, na região colonial italiana.

Camillo, realizando seu trabalho no interior do Rio Grande do Sul, em especial na cidade de Alfredo Chaves, hoje Veranópolis, conheceu uma moça que lhe chamou a atenção, a senhorita Suely Borges de Castilhos, que representou no momento a beleza da mulher gaúcha.

Seu encanto foi tanto que acabou casando-se com Suely. As núpcias realizaram-se no dia 29 de maio de 1934. Com o casamento a vida do jovem baiano tomava novos rumos. Desta união tiveram dois filhos: o dr. Eronilde Ribeiro, formado em Odontologia e professor da Universidade de Passo Fundo, e a senhora Yara Ribeiro Müller.

Residindo em Passo Fundo desempenhou, inicialmente, atividades durante 8 anos, junto à Inspetoria Federal da Indústria Zeferino Demétrio Costi (Z. D. Costi & Cia. Ltda.) e depois, durante dez anos, também junto à Inspetoria Federal das Indústrias Reunidas Planaltina S.A. Ao deixar suas funções que vinha desempenhando com zelo e eficiência recebeu louvor todo especial de seus superior hierárquico, pelos excelentes serviços prestados à comunidade, conquistando assim, merecidamente, sua aposentadoria.

Camillo guardava gratas recordações do sertão onde nasceu e onde passou a sua infância e parte da juventude. Sentia saudade de seus parentes, de sua extremosa mãe, numa ausência de vinte anos. E o baiano não esperou mais, partiu para Macambira, no sertão de Sergipe, para abraçar sua mãe que, na época, tinha 98 anos de idade.

Quando de sua volta dessa maravilhosa viagem, embora um pouco chocado com a pobreza da região, estava muito emocionado em abraçar sua mãe, rever seus parentes e amigos, após tantos anos afastado de sua terra.

O acadêmico Camillo Leôncio Ribeiro, após servir em várias cidades gaúchas, aqui chegou pelos idos de 1950, fixando residência com a família. Não tardou em demonstrar seu grande amor às letras, escrevendo para os jornais da cidade, tornando-se conhecido e muito estimado na localidade de Passo Fundo.

Em maio de 1966 é empossado como novo acadêmico, na Academia Passo-Fundense de Letras, e é saudado pelo acadêmico Antônio Oliveira, cirurgião-dentista: "Foi com a maior satisfação, porque não dizer com vivo orgulho, que recebi do presidente da APL a incumbência de saudar o Sr. Camillo Leôncio Ribeiro, como novo acadêmico que toma posse em nosso sodalício". Segue relatando seu *curriculum vitae* com muita riqueza de detalhes, atividades realizadas e, como indivíduo, a soma de atributos morais.

Camillo Ribeiro, nas letras, era um sentimental, orgulhoso de sua amada

Meu Sertão

CAMILO RIBEIRO

(Dedicado aos seus filhos
Dr. Eronilde Ribeiro e Yara Ribeiro Müller)

Oh! Deus que tudo o que pedi me deste,
Eis-me aqui, novamente, te implorando,
Com a alma triste e o coração sangrando.
De tantas mágoas que meu viver reveste!

Dai-me, Senhor, o meu sertão agreste,
Para rever as aves revoar em bando,
Nas manhãs, cedinho, quando o sol é brando,
Sob as rajadas frescas do sudeste!

Dai-me as plagas em que vivi pequeno,
Dias distantes do meu viver sereno,
E lá, me dêis o sono derradeiro!

Quero morrer assim num dia ameno,
No adusto solo que não produz feno,
Em que o mirado cardo é o seu celeiro!

(Jornal O Nacional - 13 de outubro de 1964.)



terra, a lendária e histórica Bahia de Todos os Santos. Sendo sentimental, trazia na alma o calor e a angústia de seu povo que teimava em viver no solo agreste. É por isso que as crônicas de Camillo têm respingos de melancolia. Além de cronista vigoroso era poeta e orador de grandes recursos. Político ardoroso, foi figura de proa do extinto Partido Trabalhista Brasileiro, na época, no diretório local.

Escolheu para seu patrono na cadeira que iria ocupar o insigne escritor Euclides da Cunha, tragicamente desaparecido. Ninguém melhor do que ele escreveu obras magníficas, uma delas versada em várias línguas. *Os Sertões*, soube sentir a vida do sertanejo, perdido nas caatingas do sertão baiano, onde viveu uma parcela de sua vida como engenheiro dos mais brilhantes. O baiano Camillo fez parte desse sertão inclemente, vivendo alguns anos entre seus contemporâneos destemidos, analfabetos, mas inteligentes, sempre prontos a uma chacota mordaz ou improvisando versos acompanhados de suas violas. É esse homem que a Academia Passo-Fundense de Letras incluiu em seu quadro de sócios, orgulhosamente. Teve um período fértil em suas apresentações, discursos, poesias e artigos, escritos para vários jornais, inclusive de Passo Fundo, sempre enaltecendo sua terra, nos-

sa cidade e nossa pátria. E para marcar sua passagem por esta terra existe uma rua no Bairro São Cristóvão, que leva o seu nome: Rua Camillo Leôncio Ribeiro.

Em 1973, exatamente no dia 9 de fevereiro, às 2 horas e 30 minutos, lamentavelmente, nosso acadêmico Camillo Ribeiro partiu para a morada do Pai, após um período de enfermidade, sendo infrutíferos os recursos da ciência para salvá-lo.

Sua morte ecoou sentidamente em todos os círculos sociais, nos meios intelectuais, na população em geral, pois era uma pessoa conhecida e bem relacionada, tendo conquistado numerosos amigos.

Seu corpo foi velado na sala da Academia Passo-Fundense de Letras. A acadêmica Delma Rosendo Gehn, presidente da APL, usou da palavra e fez o panegírico do extinto, salientando suas virtudes como cidadão e membro destacado da Academia Passo-Fundense de Letras.

Deixou a prantejar sua morte, esposa, filho, filha, nora, genro e netos. Deixou, também suas irmãs Altina e Joana Ribeiro, residentes no Estado de Sergipe.

(Santina Rodrigues Dal Paz é professora, pesquisadora e membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Etiqueta

Veio lá dos fundões da costa do rio Uruguai, aquela adolescente cheia de cacoetes, morar conosco para estudar e ter noções de boas maneiras. Passei a assistir da manhã à noite a dona Zélia malhando em ferro frio. Eram repetições do tipo:

- Não senta que nem guri, com as pernas abertas. Não dá esses gritos. Não segura o garfo como quem agarra ferro de marcação. Não fala mais "me cago de medo". Que feio, se diz "flatulência", e "se ele fizer de novo vai apanhar". Não diz "calça", é calcinha e não anda mostrando para esse guri maroto.

Eu já andava cansado daquilo, tanto ensinamento, a gurria não apresentava progresso e, seguidamente, de graça, sobravam recomendações para o meu lado também. Passei a implicar, inventando coisas que muitas vezes eram minhas.

- Essa gurria estava se coçando, metendo os dedos no nariz e foi mexer nas panelas sem lavar as mãos. Peguei-a bebendo água no bico da jarra. Deu um coice no pobre do gatinho que quase o matou.

A permanência da mesma se tornou assim insuportável, foi embora. Sinto hoje pesar pelo egoísmo, embora a tenra idade, se ao invés de implicar eu a tivesse apoiado e tivesse sido mais paciente, certamente, teríamos, efetivamente, contribuído, já naquele tempo, para a inclusão social, o que era intenção dos meus pais, apesar dos nossos poucos, e põe pouco nisso, recursos materiais.

O fiscal do banco

Tempos bons eram aqueles. Sempre o gerente trazia uma boa nova. Desta vez tinha um financiamento subsidiado para manter o gado no pasto na entressafra. Não bastasse subsídio, tinha carência de dois anos para começar a ser pago.

Manhoso era aquele fazendeiro. Bom pagador, mas nunca perdia uma oportunidade de prosperar. Dinheiro era o mais importante e a fonte era aquela. Não pensou duas vezes, pleiteou o máximo que seu limite cadastral permitia. Dinheiro na conta, tratou de comprar mais uns alqueires de terra, reformar cercas e comprar um tobatinha para ajudar nas lavouras de pasto.

Quando menos espera, o fiscal do banco manda recado que sexta-feira irá conferir o gado, objeto do financiamento. Aí o gaudério deu-se conta do fato que aquele dinheiro se não aplicado no objeto do contrato deveria ser devolvido na hora. Chamou o capataz e os peões e ordenou:

- Quero que percorram essas encostas de morro, taipas, barrancas de rio e capturem cobras. Não voltem de mãos abanando. Preciso para amanhã de meia dúzia para mais, sem falta. O que aparecer com a maior pode escolher uma terneira e pôr a sua marca. Tragam-nas mortas, só não acabem com elas, aí não me servem.

Aí pelas dez da manhã aparece na porteira da fazenda a Rural Willys do fiscal. Cuiã na mão desde as sete, garrafão de vinho, braseiro esperto, ovelha já carneada e devidamente espetada encostada ao fogo, sem apuro, às esperas.

- Homem velho de Deus, é luta das brabas essa de fiscal, reconheço. Andar por esse interiorzão comendo poeira e amassando barro, correndo risco de vida com bicho peçonhento e alguma peonada bandida, mas aqui, é o costume da casa, sentar banco, porque fiscal não é de ferro. Antes de mais nada um chimarrão. Enquanto aprontamos esse assado já vamos vendo esse vinho que enco-

mendei em Flores da Cunha, especialmente para visita importante.

Conversa vai, conversa vem, e o nosso cliente passou às queixas. Ultimamente sua propriedade fora infestada por cobras venenosas, até vinha perdendo gado e peões. Poucos aceitavam trabalhar para ele, dado aqueles riscos.

A cascavel e a cruzeira mordiam e ficavam olhando para ver onde o bicho ia cair, a urutu mordida e saía ligeiro de baixo, para o bicho não lhe cair em cima. As jararacas deram para atacar as pessoas assim de frente, mordiam e mordiam repetidas vezes como se estivessem enlouquecidas. Mas fazer o quê! Quem não estudou tem que viver assim, nas adversidades.



Após o churrasco o fiscal puxa sua pasta, localiza a ficha e propõe as vistorias.

- Como lhe disse, até acho bom voltarmos em casa, quero trazer na mão a seringa e um vidrinho de soro que tenho em reserva para garantir sua integridade. Enquanto voltavam, o fiscal indaga se tem mesmo gado.

- Para lá da conta, doutor, apesar das perdas com essas desgraçadas o rebanho é lindão.

- Eu vou assinalar aqui, então, que está tudo de acordo, pois já roubei bastante o seu tempo e tenho uns relatórios para hoje sem falta.

Só aí o pessoal entendeu por que todas aquelas cobras foram deixadas em locais demarcados pelo fazendeiro, ao longo do caminho até a divisa com a fazenda do vizinho, coberta de gado.

A cavalhada



Na época não entendi aquela pantomina toda. Anos depois o Daltro, já estudioso da História, me contou sobre essas desavenças sérias entre mouros e cristãos. Então associei os fatos e concluí que daí tiraram a idéia de montarem aquele espetáculo.

Era um grupo de cavalaria de azul e outro de vermelho, ambos com detalhes em branco. Uns tinham uma cruz, outros uma meia-lua como emblema. Trajes todos de cetim com bonés tipo Dragões da Independência. Ensaíram muito, demarcaram assim, para mais de dois hectares, numa coxilha na entrada do povoado.

Mandaram carregar em Caxias cartuchos de revólver trinta e oito de festim, pois envolvia tiro, duelos de lança e espadas, era uma coisa nunca vista pelo povo. Só falavam naquela cavalhada por onde se andasse. Era uma expectativa só.

Discretamente, mas muito sorrateiramente mesmo, subtraí um cartucho daqueles e na certeza de que não oferecia perigo, como falavam, coloquei sobre uma pedra e baixe o martelo com tudo. Foi um estouro e tanto e um extravio de guri, coisa de louco. Teve mais bocó, que se abaixou para ver bem de perto e teve a testa toda chamuscada de pólvora. Até foram fazer queixas lá em casa, o que me deu muito incômodo.

Chegado o dia, nunca se viu tanta gente. Nem a visita do Senhor Bispo reuniu tanto povo.

Sei que deveria terminar com uma das equipes seqüestrando uma moça, que era objeto das disputas. Essa moça, lá com seus quinze anos, uns sete a mais que eu, desde os ensaios, era só para quem eu olhava, se perfila para o início dos festejos.

Olhei para os lados; não vi nenhum conhecido; estudei uma rota de fuga; reuni toda a minha coragem; aproximei-me e falei com firmeza: "Coisa linda". Ela me olhou assim com meiguice; então dei mais uma pegada, tirando as mãos dos bolsos da bombacha para dar no pé, e mandei-lhe: "Paixão da minha vida". Acreditem, ela sorriu, abanou para mim e atirou-me um beijo. Pasmem, saí de fino no sentido contrário e passei a olhá-la só de longe, até o final das batalhas. Quanta insegurança!

(Alori Castilhos é advogado e membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Poesia

LUÍS MARCELO ALGARVE

Sinto a ausência...

Caminhar na avenida é saudável
Ouvir Renato é bom
Assistir Chaplin é divertido
Ler Vinícius é poético.
E ver as crianças no parque
Enaltece, fascina, gratifica
Nossos dias carentes de amor.

Mas hoje eu não consigo
Nada disso eu consigo
Tento me concentrar serenamente
Percebo a inquietação constante.
São os tempos difíceis!
Três manhãs, três tardes, três longas noites
E essa distância, minha querida,
Que me tortura o espírito.

A amulheta parece imóvel
Você, na Boca do Monte
Eu, na agitada Metrôpole
Explica, minha flor, como é possível,
Sentir tanto a tua falta?

No ônibus...
Quero a tua calma.
Na sorveteria...
A tua companhia.
Nos sonhos...
Quero-te presente.
E no meu coração
Lembranças, eternamente.

Solidão

Durante a neblina do dia
Você decidiu ir para longe
Você estava me deixando
Para arrancar minha alma.

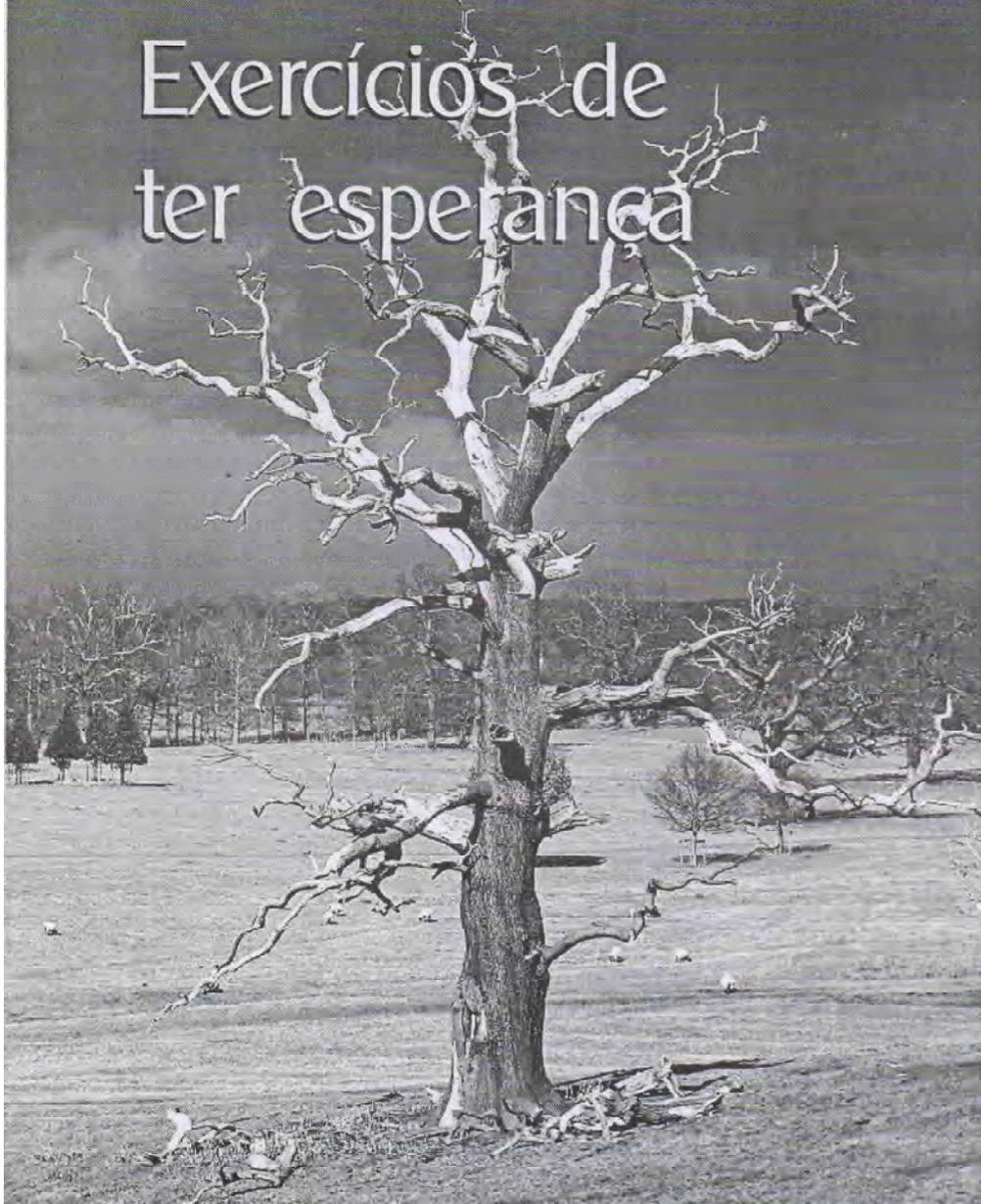
Eu estou andando em círculos.
Justamente quando eu parei de abrir portas
Você vai idolatrar luas e noites de inverno.
Alguma coisa tem levado você para longe de mim.

Outro tempo e vez
Eu quero tentar dizer
E o pensamento atravessa minha mente.
Então eu desligo as luzes e deito lá na escuridão.

Amor é uma mente confundida
Você me pegou.
Amor é uma espada desenhada
Eu pensei que você queria o que eu quero.

Algum dia, em alguma parte
Nós encontraremos uma nova maneira de viver:
Paz e tranquilidade e ar livre
E eu levarei você lá.

Exercícios de ter esperança



PABLO MORENNO

Um galho qualquer enterrado num pote. Foi um menino do prédio que me chamara para ver sua árvore plantada. Pensei, mas não disse, “menino, um galho enterrado não tem futuro de árvore!”. Ele o regou por dias, três vezes em cada, até secar completamente. Depois, elaborou explicações: a árvore perecera por falta de água. Então, me lembrei do tempo em que plantávamos mandioca em galho. Os galhos, ramas, guardam-se durante o inverno. Na primavera, são enterrados. Quase secos. Nascem as raízes e os brotos. Com o menino do galho ressecado e com o menino da memória reaprendi exercícios de ter esperança.

Manoel de Barros tem um poema-história, “O menino que carregava água na

peneira”. A mãe desencoraja, a princípio. “A mãe disse que carregar água na peneira era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos. A mãe disse que era o mesmo que catar espinhos na água. O mesmo que criar peixes no bolso”. Com o tempo, a mãe descobre o menino poeta. Carregar água na peneira pode não ser um despropósito. A mãe repara o menino com ternura e lhe diz: “Meu filho, você vai ser poeta. Você vai carregar água na peneira a vida toda”.

Ninguém consegue viver sem meninos e meninas fazendo peraltagens por dentro. Jesus - de quem tudo o que sabemos da infância é “crescia em sabedoria, estatura e graça” - põe a chave de entrada ao Reino dos Céus no coração infantil. Não me parece adequada a interpretação por ingenuidade ou inocência. Os meninos do Reino são bendi-

tos por exercitar esperanças. Se o galho não brotou, não foi incapacidade dele; é culpa das regas poucas.

A razão é insuficiente para manter a vida. O amor também. Reinterpretei Jesus e me atrevo a reescrever, em parte, o poema ao amor, de Paulo aos Coríntios. O amor será o mais importante depois. Agora, aqui no mundo, tudo se enraíza na esperança. Sem esperança o amor é infecundo. A esperança é a primeira vivente e última sobrevivente. Sem ela não sobrarão amor para depois. Nem fé. Porque o amor e a fé só brotam em corações palpitações. E só a esperança desfibrila.

Há séculos, rezamos pela paz, e a paz não vem. Acreditamos no governo, e decepçiona. Cremos na justiça, e ela falha. Confiamos na polícia, e ela mata. Amamos, e não somos amados. Estudamos, e somos ignorantes. Investimos na medicina, e velamos amigos mortos por males incuráveis. Criamos os filhos, e eles assassinam. Somos homens, e envergonhamos os bichos.

Só mesmo meninos e meninas para resgatar exercícios de esperança. A filhinha de um casal de amigos ganhou um canário. Um dia, o pássaro desapareceu. Contaram-lhe em meias verdades. Não chorou. Ele foi passear lá na casa da vó dele - disse para os pais -, ele volta. E fez os pais manterem comida e água na gaiola durante semanas. Numa manhã, ao tomar o café antes da escolinha, falou: - “Não precisam mais colocar água e comidinha para o Piu-piu. Ele me disse que vai morar com a vizinha dele. Lá a comida é bem mais gostosa”.

Se um galho seco não criar raízes, deve ser por pouca rega. Algo imprescindível deixou de ser feito. Usar peneira como balde, roubar um vento e criar peixes nos bolsos são coisas de criança. Sempre estamos à janela esperando a volta de um pássaro. Caso se demore, tomamos um barro e vamos fazendo explicações. Apenas meninos e meninas nos propõem exercícios de ter esperança. Apesar dos pesares, seguimos rezando pela paz, acreditando no governo, confiando na polícia, amando, estudando, tomando remédios, tendo filhos, apostando nos homens.

Como são invencíveis esses meninos e meninas dentro da gente!

(Pablo Morenno é escritor, autor de *Por que os homens não voam?* e *Um Menino Esquisito*. Membro da APL.)

Ícone desfeito

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Só depois de bem crescida... Não no sentido literal do termo, que isso nunca aconteceu. Mas no sentido metafórico, que evoca uma outra dimensão. Aquela do intelecto; do veio d'água copioso; das vertentes múltiplas, profundas.

Falô do dia em que fui flagrada pela lâmina de um punhal traiçoeiro e extremamente cruel. Um dia de luto. Pois a morte da ilusão é a mais dolorosa e irremediável das perdas.

A vida já dera voltas e meias-voltas. Volvera de uma ribanceira à outra. Trocara de rumo. Arrancara pedaços de esperança agarrada a ilhas verdes, no derradeiro desespero da preservação.

Então eu vi. Não só isso. Ouvei. Senti. E amadureci minhas reflexões na vigília melancólica da descoberta.

De concreto, foi uma jogada imoral, horrendamente feia. Sem uma gota de caráter. Crivada de intenções delituosas.

Toda a grande família brasileira postou-se à mesa das imagens, bebeu os impropérios, digeriu, estupefata e a contragosto, o indigesto e malcozido cardápio.

É nisso que dá confiar em amadores, acreditar em milagres.

Em política, não vale deixar-se seduzir. De uma vez por todas, aprendi a lição amargosa da frustração.

Era pra ser o salvador da pátria, o paladino da decência. E o que vi foi a re-

lidação da sem-vergonhice, com firma reconhecida em cartório. A transação mais torpe. Mais obtusa. Mais nojenta que tive o infortúnio de avaliar.

Como pode alguém chafurdar, sem nenhum pudor, na pocilga da vilania? Emborcar no esgoto da corrupção e beber de sua água fétida, com sofreguidão e prazer? E ainda posar de bom moço, jurar inocência, jogar a pecha de idiota na cara do mundo?

Nesse momento, bateu-me no peito a sensação de que era melhor não ter crescido, se o preço da evolução é tão ácido e vil.

Como poderei, de hoje em diante, encarar meus filhos com dignidade? Olhar no poço de seus olhos? Confessar-lhes que me enganei e enganei a eles?

Ó desilusão! Afasta este cálice de mim! Já estou crescida demais pra ser envenenada dessa forma, injusta e calhordamente. Agora eu sei que meus ídolos eram todos de barro. Entupidos de moedas falsas. De projetos indecentes. De mentiras adulteradas.

Me alcancem, por favor, um balão de oxigênio! A asfixia é terrível. Não me deixem morrer catatônica, desiludida, traída! Ah, se eu pudesse adivinhar o futuro, teria permanecido criança, sem título eleitoral, sem esperança de dias melhores, sem sonhos de contemplar o Brasil radiante, na mão de homens sérios, dignos e verdadeiros!

Ver spatifar-se o ícone: como isso fragiliza e dói!

Primícias

ALINE D'ARISBO

Devaneios da juventude

Por que, quando olho
Para o espelho, não vejo
A mim mesma, não reconheço
O que ele reflete?
Simples. Porque espelhos
Só mostram a imagem.
Espelhos não refletem a
ALMA.

Identidade

Pontos de interrogação
São o que identificam nossa vida.
São o que somos de verdade
O que fomos
E o que vamos ser.
Um mero ponto de interrogação.

A vida

As músicas fazem a vida
Parecer fácil.
Na verdade ela é mais difícil.
É um labirinto
Um furacão
Um dilema.
Um poema não consegue expressar.
Pois a vida é inexplicável.

Minha resposta

Por que escrevo?
Porque não tenho
Forças para gritar
Para matar
Para sofrer
Para chorar
Para rir.
Escrever
É meu modo
De enlouquecer
O enlouquecido...

Ponto final

Ih! Viajei!
Será que viajei
gramaticalmente correto?

(Aline D'Arisbo é aluna da 3ª série da Escola Cecy Leite Costa.)

Poesia

GETULIO VARGAS ZAUZA

Buscando a si mesmo

Postado no presente imponderável,
Em vertiginosas transições,
Debruça-te à beira do inconsciente abismal,
Contempla teu passado sem contornos.
E avança no futuro improvável.

Se olhares nas duas direções
De tudo quanto vives, sentirás medo.
O passado tem fantasmas tenebrosos
E o futuro é insondável.



Mesmo inseguro, segue resolutivo
Na direção do infinito,
Reúne as partes de ti perdidas,
Mergulha-as em sol e lodo
E desse amálgama de luz e barro bruto
Te empenha para criar um todo
Que seja BOM, VERDADEIRO e BONITO.

O acadêmico que escreveu números

GILBERTO R. CUNHA

Não foi em prosa ou verso, mas em números, que se notabilizou a obra de um dos fundadores do Grêmio Passo-Fundense de Letras (atual Academia Passo-Fundense de Letras). Estou me referindo a Oscar Kneipp, cujo nome consta na relação dos intelectuais que assinaram a sua ata de fundação, datada de 7 de abril de 1938, sob a presidência de Arthur Ferreira Filho; bem como a de reestruturação dessa entidade, um ano depois, sob a direção de Antonino Xavier e Oliveira. Por mais que se busque nos documentos e atas de reuniões do Grêmio Passo-Fundense de Letras, não se encontra nada além de uma mera presença “discreta” de Oscar Kneipp, no dia-a-dia do sodalício das letras locais, nos anos 1940. Quando, em 7 de abril de 1961, o antigo Grêmio Passo-Fundense de Letras, sob o comando de Celso da Cunha Fiori, assumiu a personalidade da atual Academia Passo-Fundense de Letras, Oscar Kneipp não mais integrava os seus quadros. Tanto é assim, que seu nome não consta nas obras seminais da história da Academia Passo-Fundense de Letras, escritas pelo Professor Sabino Santos: *Os Imortais de Passo Fundo* (1963) e *Academia Passo-Fundense de Letras* (1965). Todavia, nos registros das observações meteorológicas em nossa cidade, o nome de Oscar Kneipp se sobressai como um dos mais importantes protagonistas da história da meteorologia local.

Oscar Kneipp nasceu em Itaqui, em 1905, e morreu em Passo Fundo, em 1984. Em 1930, deixou Uruguaiana para completar seus estudos no Instituto Educacional (IE), em Passo Fundo. Por influência do diretor daquele estabelecimento, Professor Schisler, conseguiu uma colocação de observador na estação meteorológica que funcionava junto ao IE. Acabaria, oficialmente, admitido na

função, em 5 de agosto de 1942, vindo a se aposentar no cargo de auxiliar de meteorologia, em 21 de outubro de 1977. Foram mais de 35 anos ininterruptos de trabalho como observador meteorológico em Passo Fundo. Uma função que exige disciplina e responsabilidade, seguindo uma rotina de leituras em instrumentos e de preparação e envio de mensagens meteorológicas três vezes ao dia. Por dever de ofício, posso dizer que “li



(ARQUIVO APL)

toda a obra” de Oscar Kneipp. Quando da preparação do Atlas Agroclimático do RS, que viria a ser publicado em 1989, coube a mim - iniciando a trabalhar no serviço de meteorologia agrícola do Instituto de Pesquisas Agrônomicas, em Porto Alegre, em setembro de 1978 - digitar a série histórica de dados meteorológicos do estado, entre as quais se incluíam os manuscritos assinados por Oscar Kneipp. Nessa época sequer imaginava que um dia eu viria viver em Passo Fundo, e que muitos anos depois iria fazer parte dos quadros da APL e, muito menos ainda, que, tomado de surpresa, nos documentos da entidade, encontra-

ria o nome de Oscar Kneipp na relação dos seus fundadores. Por isso, mais que qualquer outro, sou testemunha da obra monumental “escrita em números” por Oscar Kneipp.

Ligado à comunidade metodista, Oscar Kneipp teve toda uma vida dedicada ao IE. Foi professor de Geografia (durante 35 anos), diretor do internato (por 45 anos) e presidente do “Grêmio Literário Castro Alves” ao longo de 17 anos.

Oscar Kneipp foi casado com Cecília Borges Kneipp. Tiveram dois filhos: Oscar e Leda. Em 1962, recém-formado arquiteto, Oscar Kneipp (o filho) foi para Brasília, onde mora até hoje, para trabalhar na Companhia Urbanizadora da Nova Capital, a Novacap. Leda seguiria a carreira dos pais e, hoje, professora aposentada e viúva, reside em Passo Fundo. Do seu casamento com o advogado Atílio Giaretta nasceram cinco filhos (Mirian, Mariane, Rafacl, Juliana e Maurício).

Na visão da família, Oscar Kneipp era um grande apreciador das lides literárias e educacionais. As netas Mirian e Juliana caracterizam Kneipp como um homem calmo, sereno, diplomático, dedicado à família e religioso. Nas lembranças delas, sobressaem-se as de um avô que compartilhava as tarefas domésticas com Dona Cecília, sempre acompanhado de livros, revistas e jornais, e que tinha por hábito, após os cultos religiosos dos domingos, levá-las para comer doces na confeitarias da cidade.

Os ex-alunos do IE, caso de Antônio Carlos Homrich, lembram de Oscar Kneipp como um excelente professor de Geografia (“sabia o nome de todos os países e suas capitais”), envolvido com as olimpíadas das escolas metodistas (controlador da tarefa do desenho do mapa do Brasil) e com os cursos bíblicos da instituição.

Não há dúvida de que Oscar Kneipp, com o seu trabalho e prática de vida, dignificou o compromisso que assumiu ao assinar a ata de fundação do Grêmio Passo-Fundense de Letras, em 1938.

Paulo.
Funcionário do SARLE.

Júlia. Uma das milhares de
consumidoras que tem a
segurança de beber o leite
analisado pela UPF.

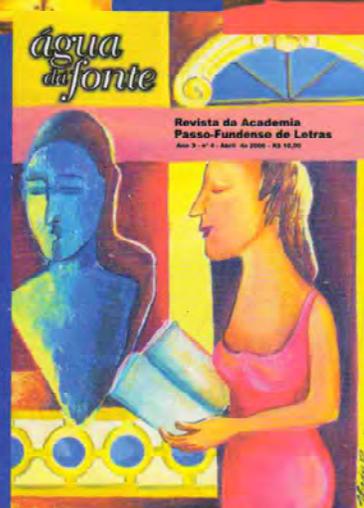
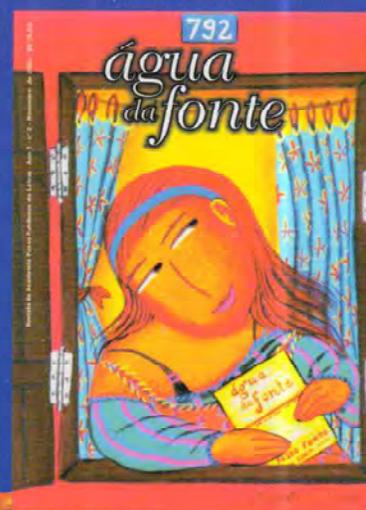
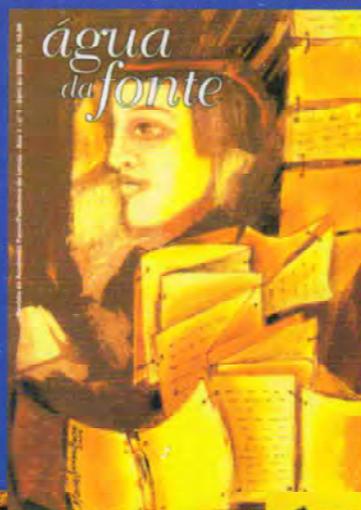
Grandes profissionais.
Grandes pessoas.

A UPF, uma das universidades mais completas do Brasil, referência em ensino, pesquisa e extensão, destina boa parte de sua receita para programas sociais e culturais. Porque o nosso compromisso é maior do que o campus.



GRANDES CONQUISTAS
PASSAM POR AQUI.

água ^{3º ano} da fonte



*Promovendo a
literatura local.*



Av. Brasil Centro, 792 - Sede Própria
CEP 99010-001 Passo Fundo, RS

Fundada em
7 de Abril de 1938